

PUBLICAÇÕES DIVERSAS

A-PDF Merger DEMO : Purchase from www.A-PDF.com to remove the watermark

PORTARIA Nº 0598/2013 - GFES

I - JULIANA DE CASTRO FERREIRA E SILVA - UM CAREIRO
CANTANHO
VALOR: R\$ 25.000,00 (vinte e cinco mil reais); 339030 - 25.000,00.

APLICAÇÃO: 60 dias PRESTAÇÃO DE CONTAS: 30 dias

PORTARIA Nº 0597/2013 - GFES

I - WALDERINA FEITOSA DA ROCHA - UM CARAUARI
VALOR: R\$ 70.400,00 (setenta mil e quatrocentos reais); 339030 - 56.400,00; 339039 - 14.000,00.

APLICAÇÃO: 60 dias PRESTAÇÃO DE CONTAS: 30 dias

PORTARIA Nº 0598/2013 - GFES

I - GIOVANNINO GRISI DA SILVA PESSOA - UM MARAA
VALOR: R\$ 54.000,00 (cinquenta e quatro mil reais); 339030 - 54.000,00.

APLICAÇÃO: 60 dias PRESTAÇÃO DE CONTAS: 30 dias

PORTARIA Nº 0639/2013 - GFES

I - MARIA IZETE DA SILVA FERREIRA - UM IRANDUBA
VALOR: R\$ 54.000,00 (cinquenta e quatro mil reais); 339030 - 46.000,00; 339039 - 8.000,00.

APLICAÇÃO: 30 dias PRESTAÇÃO DE CONTAS: 30 dias

PORTARIA Nº 0640/2013 - GFES

I - MARIA IZETE DA SILVA FERREIRA - UM IRANDUBA
VALOR: R\$ 54.000,00 (cinquenta e quatro mil reais); 339030 - 54.000,00.

APLICAÇÃO: 30 dias PRESTAÇÃO DE CONTAS: 30 dias

PORTARIA Nº 0641/2013 - GFES

I - JESSICA PEREIRA BENTO - UM CODAJAS
VALOR: R\$ 45.000,00 (quarenta e cinco mil reais); 339030 - 45.000,00.

APLICAÇÃO: 60 dias PRESTAÇÃO DE CONTAS: 30 dias

Manaus, 10 de Maio de 2013

Coliveira
GEILANE EVANGELISTA DE OLIVEIRA
SECRETÁRIA EXECUTIVA ADJUNTA DO FES

006536**AVISO DE LICITAÇÃO**

A EMPRESA ESTADUAL DE TURISMO - AMAZONASTUR, através da Comissão Permanente Interna de Licitação - COPIL, torna pública a abertura do seguinte procedimento licitatório:

PREGÃO Nº 010/2013

Objeto: Contratação de pessoa jurídica de Direito privado para aquisição de móveis planejados (painéis de madeira MDP formicado revestido nas faces superior e inferior, com acabamento em laminado melamínico madeirado ou padrão aproximado com acabamentos e bordas em ABS) com execução e montagem na Sede da Empresa Estadual de Turismo- AMAZONASTUR, tudo em conformidade com as especificações dos serviços constantes do Termo de Referência.
Data: 27/05/2013 às 9:00h.

O certame será realizado na Sala da COPIL, NOVA SEDE DA AMAZONASTUR - Av. Djalma Batista - nº 200-B, 2º andar - Edifício Roldão Gomes - Bairro Nossa Senhora das Graças - CEP 69053-000 - Manaus/AM. O Edital e seus anexos poderão ser examinados sem ônus na sede da COPIL e adquiridos mediante depósito de R\$ 20,00 (vinte reais). Conta 633.409-1, Ag. 0482-0, Bco Bradesco, em nome da Empresa Estadual de Turismo - Amazonastur. (Trazer Pen drive formatado ou CD-Rom). Os editais estarão disponíveis a partir do dia 15 de maio de 2013.

Manaus, 10 de maio de 2013.

Bruno Monteiro Lobato
Presidente COPIL
006537

ORGÃO: SECRETARIA DO ESTADO DO MEIO AMBIENTE E
DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL - SDS

ASSUNTO: DECLARAÇÃO DE BENS

SERVIDOR (a): PAULO ROBERTO RIBEIRO DE LIMA

CARGO: GERENTE II SIMBOLOGIA: AD-2

> 1 AUTOMÓVEL FORD K, 2009/2010, NO VALOR DE R\$:
15.000,00

Declaro que não possuo qualquer outro bem que não os mencionados neste Formulário e responsabilizo-me pela autenticidade das declarações aqui prestada

Manaus, 7/05/2013

Paulo Roberto Ribeiro de Lima
Chefe da Assessoria RH

Paulo Roberto Ribeiro de Lima
Assinatura do Declarante

006538

ORGÃO: SECRETARIA DO ESTADO DO MEIO AMBIENTE E
DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL - SDS

ASSUNTO: DECLARAÇÃO DE BENS

SERVIDOR (a): PAULO ROBERTO RIBEIRO DE LIMA

CARGO: GERENTE II SIMBOLOGIA: AD-2

> 1 AUTOMÓVEL FORD K, 2009/2010, NO VALOR DE R\$:
15.000,00

Declaro que não possuo qualquer outro bem que não os mencionados neste Formulário e responsabilizo-me pela autenticidade das declarações aqui prestada

Manaus, 7/05/2013

Paulo Roberto Ribeiro de Lima
Chefe da Assessoria RH

Paulo Roberto Ribeiro de Lima
Assinatura do Declarante

006539

ORGÃO: Secretaria de Estado de Meio Ambiente e
Desenvolvimento Sustentável do Amazonas - SDS

RESENHA 35/2013-ASSRH/SDS 09 DE MAIO DE 2013 - A
Secretaria Executiva de Gestão, autorizou o(s) seguinte(s) deslocamento (s)
de servidor (es) conforme a Lei, 1.762, de 14 de novembro de 1968 (diárias):

PCD	Nome	Cargo	Destino	Período
71	Valeide Moreno Barbosa	Gerente	Manaus/ Nhamundá	01/05 a 05/05/2013

Objetivo: Realizar um curso de Georreferenciamento para servidores das
secretarias municipais de Nhamundá.

77	Edson Pinheiro da Silva	Motorista	Manaus/ Maracápurú	25/04/2013
----	-------------------------	-----------	-----------------------	------------

Objetivo: Transportar o Sr. Lázaro de Almeida para realizar inspeção de Tomada
de Contas Especial na Prefeitura do referido município.

Kamilla Botelho do Amaral
KAMILLA BOTELHO DO AMARAL
Secretária Executiva de Gestão

006540

ORGÃO: Secretaria de Estado de Meio Ambiente e
Desenvolvimento Sustentável do Amazonas - SDS

PORTARIA/SDS/N.º 071/2013

A Secretaria de Estado do Meio Ambiente e
Desenvolvimento Sustentável - SDS, no uso de suas
atribuições legais, e

CONSIDERANDO o disposto na Lei nº 2.783 de 31 de janeiro
de 2003 que instituiu a Secretaria de Estado do Meio
Ambiente e Desenvolvimento Sustentável, cuja reestruturação
organizacional foi feita pela Lei Delegada nº 66 de 06 de maio
de 2007, reeditada em 18 de maio de 2007 como também o
Regimento Interno aprovado na forma do Decreto Estadual nº
23.275 de 11 de março de 2003;

CONSIDERANDO ainda o que consta no Decreto nº 4.340 de
22 de agosto de 2002 que regulamentou a Lei nº 9.985 de 18
de julho de 2000 a qual instituiu o Sistema Nacional de
Unidades de Conservação da Natureza - SNUC;

CONSIDERANDO as disposições do parágrafo único do art.
40 da Lei Estadual complementar nº 053/2007 de 05 de junho
de 2007 que estabelece o Sistema Estadual de Unidade de
Conservação - SEUC;

CONSIDERANDO o Decreto Estadual nº 26.586 de 25 de
abril de 2007 que cria a Reserva Extrativista, com área de
aproximadamente 477.042,30 hectares, localizada nos
municípios de Ipixuna e Eirunepé, tendo seus limites alterados
após a ampliação do estado do Acre, cuja fronteira avançou
sobre o estado do Amazonas, alterando a área da UC para
305.268,47 ha.

CONSIDERANDO o disposto no Decreto nº 5.758 de 13 de
abril de 2006 que institui o Plano Estratégico Nacional de
Áreas Protegidas;
CONSIDERANDO a Portaria nº 069/2007 que aprova o
Roteiro Metodológico para a Elaboração de Plano de Gestão
para as Unidades de Conservação do Estado do Amazonas;

RESOLVE:

I - **APROVAR O PLANO DE GESTÃO** da Reserva Extrativista
do Rio Gregório, nos municípios de Eirunepé e Ipixuna.
Espécie: Reserva Extrativista do Rio Gregório, unidade de
conservação estadual de uso sustentável;

Objetivo: "Proteger os meios de vida e a cultura das
populações ali residentes; Assegurar o uso sustentável dos
recursos naturais da Unidade". Missão: "Aproximar as
populações tradicionais do rio Gregório do poder público para
consolidação de um projeto de desenvolvimento baseado no
uso sustentável de recursos naturais e no respeito à natureza,
apoio na organização e na união dos moradores, garantindo
assim o direito à terra, o acesso aos recursos naturais e a
manutenção dos modos de vida da população local". Visão:
"A visão de futuro para as comunidades do rio Gregório
pressupõe uma vida com dignidade, bem como o acesso a
direitos básicos, conquistados a partir da organização social e
do desenvolvimento sustentável". Vigência: cinco (5) anos;
Estrutura: O Plano de Gestão da RESEX do Rio Gregório é
dividido em dois volumes, cujas informações estão dispostas
na seguinte estrutura:
VOLUME I

1. INTRODUÇÃO

- HISTÓRICO DE PLANEJAMENTO
- CONTEXTO ATUAL DO SISTEMA DE UNIDADES DE
CONSERVAÇÃO NO AMAZONAS
- INFORMAÇÕES GERAIS
- CARACTERIZAÇÃO DOS FATORES ABIÓTICOS
- CARACTERIZAÇÃO DOS FATORES BIÓTICOS
- CARACTERIZAÇÃO SOCIOECONÔMICA DA
POPULAÇÃO RESIDENTE E DO ENTORNO DA
RESEX
- ASPECTOS INSTITUCIONAIS
- ANÁLISE E AVALIAÇÃO ESTRATÉGICA
- DECLARAÇÃO DE SIGNIFICÂNCIA

VOLUME II

- MISSÃO E OBJETIVOS DA UNIDADE DE
CONSERVAÇÃO
- VISÃO DE FUTURO
- ZONEAMENTO
- REGRAS DE USO DA RESEX DO RIO GREGÓRIO
- ESTRATÉGIA GERAL DE GESTÃO
- PROGRAMAS DE GESTÃO
- SISTEMA DE MONITORAMENTO E AVALIAÇÃO
- REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

II - **DETERMINAR** o prazo máximo de CINCO anos para a
sua revisão;

III - **ESTA Portaria** entra em vigor na data de sua publicação.

CIENTIFIQUE-SE, PUBLIQUE-SE E CUMPRE-SE.
GABINETE DA SECRETÁRIA DE ESTADO DO MEIO
AMBIENTE E DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL - SDS,
em Manaus, 13 de maio de 2013.

Nádia Cristina d'Ávila Ferreira
Nádia Cristina d'Ávila Ferreira
Secretária de Estado do Meio Ambiente
e Desenvolvimento Sustentável - SDS

006541

ORGÃO: SEMGRH - SECRETARIA DE ESTADO DE MINERAÇÃO, GEODIVERSIDADE E
RECURSOS HÍDRICOS

RESENHA Nº 024/2013-SEMGRH de 13/05/2013 - A Secretaria Executiva da
SEMGRH, autorizou o(s) seguinte(s) deslocamento de servidor(es) e colaborador(as) a
concessão das respectivas diárias.

PCD	Nome	Cargo	Destino	Período
056	Jane Freitas de Góes Crespo	Secretária Executiva	Brasília	16/05/13

Objetivo: Participar da reunião em que representara o Governo do Estado do
Amazonas, com apresentação o Programa de Apoio à Elaboração dos
Planos Municipais de Saneamento e Gestão Integrada dos Resíduos Sólidos
dos Municípios do Estado do Amazonas.

057	Luciani Aguiar Pinto	Chefe de Departamento	Brasília	21 a 22/05/13
058	Jane Freitas de Góes Crespo	Secretária Executiva		22/05/13
062	Miguel Martins de Souza	Chefe de Departamento		

Objetivo: Trata sobre o Programa Nacional de Avaliação da Qualidade das
Águas - PNQA e participar da Reunião da Comissão Técnica de
Acompanhamento e Fiscalização CTAF

059	Alfonso Nascimento do Vale	Assessor	Itapiranga	13 a 24/05/13
060	Cleerson Paes Araújo	Agente Portuário - SNPH		

Objetivo: Elaborar levantamento da logística e reconhecimento das
estruturas de apoio para realização do Show das águas.

061	Suzamar da Silva Santos	Chefe de Departamento	Autazes	15 a 18/05/13
-----	-------------------------	--------------------------	---------	------------------

Objetivo: Participar da reunião com produtores de todas as localidades na
busca de informações e soluções para os problemas que estão enfrentando
no que diz respeito à energia, abastecimento de água, agropecuária,
transporte, saúde, educação.

Jane Freitas de Góes Crespo
JANE FREITAS DE GÓES CRESCO
Secretária de Executiva

006547

ORGÃO: SEMGRH - SECRETARIA DE ESTADO DE MINERAÇÃO, GEODIVERSIDADE E
RECURSOS HÍDRICOS

RESENHA Nº 025/2013-SEMGRH de 13/05/2013 - com autorização da CGE no
exercício da delegação conferida pelo Decreto nº 25.063 de 13/06/2005.

PCD	Nome	Cargo	Destino	Período
054	Daniel Borges Navea	Secretário de Estado	Brasília	03 a 05/05/13

Objetivo: Participar de uma agenda positiva no Ministério da Integração
Nacional.

Jane Freitas de Góes Crespo
JANE FREITAS DE GÓES CRESCO
Secretária Executiva

006547

PLANO DE GESTÃO DA RESERVA EXTRATIVISTA DO RIO GREGÓRIO



Foto: Gtz / Márcia Lederman



OMAR ABDEL AZIZ
Governador do Amazonas

NÁDIA CRISTINA D'AVILA FERREIRA
Secretária de Estado do Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável do Amazonas - SDS

RUTH LÍLIAN RODRIGUES DA SILVA
Secretária Executiva de Gestão da SDS

DOMINGOS SÁVIO MOREIRA DOS SANTOS MACEDO
Coordenador do Centro Estadual de Unidades de Conservação do Amazonas – CEUC

NATALIE UNTERSTELL
Coordenadora do Centro Estadual de Mudanças Climáticas – CECLIMA

JOSÉ ADAILTON ALVES
Secretária Executiva Adjunta de Compensação Ambiental - SEACA

ADENILZA MESQUITA VIEIRA
Secretária Executiva Adjunta de Florestas e Extrativismo - SEAFE

ALEXSANDRA BIANCHINI
Secretário Executivo Adjunto de Gestão Ambiental - SEAGA

DANIEL BORGES NAVA
Secretário Executivo de Geodiversidade e Recursos Hídricos - SEGEORH

GRACO DINIZ FREGAPANE
Presidente do Instituto de Proteção Ambiental do Amazonas – IPAAM

RAIMUNDO VALDELINO CAVALCANTE
Presidente da Agência de Desenvolvimento Sustentável – ADS

DANIEL JACK FEDER
Presidente da Companhia do Gás do Amazonas – CIGÁS

Av. Mário Ypiranga Monteiro, 3280, Parque Dez de Novembro, Manaus/AM – CEP 69050-030 Fone/

fax.: 3642-4607 <http://www.ceuc.sds.am.gov.br/>

Série Técnica Planos de Gestão

PLANO DE GESTÃO DA RESERVA EXTRATIVISTA DO RIO GREGÓRIO

Volume I - Diagnóstico
Volume II - Planejamento
Versão Final



SDS
Secretaria de Estado do Meio Ambiente e
Desenvolvimento Sustentável



MANAUS,
MAIO DE 2010

APRESENTAÇÃO DA SDS

Para facilitar a informação ao público sobre todos os Planos de Gestão que permitiram a implementação destas Unidades de Conservação, o governo do Amazonas, por meio da Secretaria de Estado do Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável do Amazonas e do Centro Estadual de Unidades de Conservação, coloca à disposição da sociedade a Série Planos de Gestão.

É uma grata satisfação apresentar mais uma obra da nossa secretaria produzida para consulta da sociedade. É importante destacar que as Unidades de Conservação são instrumentos legais no processo de conservação e recuperação da biodiversidade, das funções ecológicas, da qualidade ambiental e da paisagem natural, além de ser um instrumento fundamental para a realização de pesquisas científicas, visitação pública, recreação e atividades de educação ambiental.

A Série Técnica Planos de Gestão é fruto do trabalho de construção coletiva entre a Secretaria de Estado do Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável e o Centro Estadual de Unidades de Conservação, e desenvolvida com os comunitários, usuários e interessados de cada Unidade de Conservação que contribuem com a gestão das áreas protegidas do Amazonas.

Uma boa leitura a todos!

Nádia Cristina d'Avila Ferreira

Secretária de Estado do Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável -
SDS

APRESENTAÇÃO DO CEUC

Os Planos de Gestão das Unidades de Conservação são uma ferramenta fundamental para assegurar a efetividade de implementação destas áreas. Além de ser um elemento obrigatório previsto pela legislação dos Sistemas Nacional e Estadual de Unidades de Conservação configuram-se como referência para os gestores, moradores, associações comunitárias e demais entidades governamentais e não governamentais que estão direta e indiretamente envolvidas nos processos de gestão das unidades.

O Plano de Gestão é um importante instrumento para orientar tomadas de decisão, visando a conservação e o uso dos recursos naturais, a solução de conflitos, a geração de conhecimento, a proteção e a administração, dentre outros aspectos que possam afetar o bem estar das populações e a manutenção destes espaços protegidos ao longo do tempo. Tem o desafio de incorporar, de forma participativa, conhecimento tradicional e técnico, com qualidade e confiabilidade em favor da conservação da natureza, do provimento de serviços ambientais, das demandas sociais e dos direitos coletivos das comunidades envolvidas com a Unidade de Conservação.

O Centro Estadual de Unidades de Conservação criou a Série Técnica Planos de Gestão em 2009, com o objetivo de disponibilizar para a sociedade, as informações contidas em cada um dos Planos de Gestão das Unidades de Conservação Estaduais. Essa iniciativa demonstra nosso compromisso em envolver a sociedade na implementação das áreas protegidas, bem como, o compromisso de relacionar conservação e desenvolvimento sustentável com a melhoria da qualidade de vida das comunidades que habitam as florestas em nosso Estado.

Domingos S. Macedo

Coordenador do Centro Estadual de Unidades de Conservação - CEUC

FICHA TÉCNICA DO PLANO DE GESTÃO DA RESERVA EXTRATIVISTA DO RIO GREGORIO

Governador do Estado do Amazonas

Omar Abdel Aziz

Secretária Estadual do Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável

Nádia Cristina d'Avila Ferreira

Coordenador do Centro Estadual de Unidades de Conservação

Domingos Sávio Macedo

Coordenador do Departamento de Populações Tradicionais (DPT)

Wilde Itaborahy

**Coordenador do Departamento de Pesquisa e Monitoramento
Ambiental(DPMA)**

Sinomar Ferreira da Fonseca Junior

Coordenador do Departamento Manejo e Geração de Renda (DMGR)

Guillermo Moises Bendezú Estupinán

Coordenador do Departamento de Proteção e Vigilância (DP)

Regina Gloria Cerdeira

Coordenador do Departamento de Infraestrutura e Finanças (DIF)

José Antonio Farré

Gestor da Reserva Extrativista do Rio Gregorio

Walben Junior Santos Ferreira

EQUIPE TÉCNICA DE ELABORAÇÃO DO PLANO DE GESTÃO DA RESERVA EXTRATIVISTA DO RIO GREGÓRIO

Coordenador da Elaboração do Plano de Gestão

Romulo Fernandes Batista

Consultora responsável pela elaboração do documento

Mary Allegretti

Equipe técnica de planejamento e revisão

Iranildo Siqueira - SEAFE/SDS

Gerson Serrão - CEUC/SDS

Romulo Fernandes Batista - CEUCz/SDS

Marcia Regina Lederman - GTZ

Walben Junior Santos Ferreira - CEUC/SDS

Wilde Itaborahy - CEUC/SDS

Lidiane Silva - CEUC/SDS

Equipe Técnica dos Diagnósticos Socioeconômico, Ambiental, Potencial Madeireiro e não madeireiro, do Mapeamento Institucional da Reserva Extrativista do Rio Gregório

Paula Pinheiro - SDS - Mastofauna

Ricardo Sampaio - INPA - Mastofauna

Carlos Eduardo Marinelli - SDS - Ictiofauna

Rômulo Fernandes Batista - SDS - Avaliação de paisagens

Ana Flávia Ceregati Zingra - SDS - Levantamento socioeconômico e mapeamento participativo

Filipe Mosqueira - SDS - Levantamento socioeconômico e mapeamento participativo

André Luis Ravetta - SAPUCAIA - Levantamento de primatas

Claudeir Ferreira Vargas - INPA - Avifauna

Thiago Vernaschi Vieira da Costa - INPA - Levantamento Avifauna

Davi Pantoja - biólogo - Herpetofauna

Rafael de Fraga - INPA - Herpetofauna

Geise De Góes Canalez - CEUC/SDS - Levantamento dos Produtos Florestais Não Madeireiros

Giuliano Guimarães Piotto - INPA - Levantamento do Potencial Madeireiro

José Adailton da Silva Correia - INPA - Escalador/Identificador

José Edmilson da Costa Souza - INPA - Pré-identificação Botânica in situ

Silvia Patrícia Trindade Flores - INPA - Levantamento Botânico

Cooperação Técnica

GTZ - Agencia de Cooperação Técnica Alemã

Apoio Financeiro

Programa Áreas Protegidas da Amazônia do Ministério do Meio Ambiente (ARPA/MMA)

SUMÁRIO

Volume I Diagnóstico

1.	INTRODUÇÃO	20
2.	HISTÓRICO DE PLANEJAMENTO	23
3.	CONTEXTO ATUAL DO SISTEMA DE UNIDADES DE CONSERVAÇÃO NO AMAZONAS	26
4.	INFORMAÇÕES GERAIS	30
4.1	Ficha Técnica	31
4.2	Localização	31
4.3	Acesso à Unidade de Conservação	32
4.4	Histórico de Criação e Antecedentes Legais	32
4.5	Histórico de Implementação	36
4.6	Origem do Nome	38
4.7	Situação Fundiária	41
5.	CARACTERIZAÇÃO DOS FATORES ABIÓTICOS	45
5.1	Aspectos Geológicos	46
5.2	Relevo e Solos	49
5.3	Clima e Hidrologia	53
6.	CARACTERIZAÇÃO DOS FATORES BIÓTICOS	56
6.1	Vegetação	57
6.1.1	Mata de Várzea	60
6.1.2	Mata de Terra Firme	63
6.1.3	Matas "Monodominadas"	63
6.1.4	Áreas Alteradas	70
6.2	Fauna	73
6.2.1	Mastofauna	73
6.2.2	Herpetofauna	75
6.2.3	Avifauna	81
7.	CARACTERIZAÇÃO SOCIOECONÔMICA DA POPULAÇÃO RESIDENTE E DO ENTORNO DA RESEX	89
7.1	Caracterização Socioeconômica do Entorno da Resex	90
7.1.1	Informações Socioeconômicas dos Municípios de Eirunepé e Ipixuna	90
7.1.2	Florestas Estaduais do Rio Gregório e do Mogno	100
7.1.3	Terra Indígena Kulina do Médio Juruá	103
7.2	Caracterização e Distribuição Espacial da População Residente	103
7.2.1	Distribuição Espacial e Demográfica: 2005	105
7.2.2	Distribuição Espacial e Demográfica: 2007	108
7.2.3	Distribuição Espacial e Demográfica: 2010	112
7.3	Organização Comunitária, Educação, Saúde e Infraestrutura Social em 2005 e 2010	113
7.3.1	Núcleo Lago Grande	113
7.3.2	Núcleo Ubim	115
7.3.3	Núcleo Muchila	117
7.4	Padrão de Uso dos Recursos, Atividades Econômicas e Potencialidades	118
7.4.1	Mapeamento do Uso dos Recursos Naturais em 2005	119
7.4.1.1	Uso do solo - agricultura	121

7.4.1.2	Extrativismo	123
7.4.1.3	Caça	125
7.4.1.4	Pesca	126
7.4.2	Características dos Uso dos Recursos Naturais em 2010	128
7.4.3	Potencial Florestal, Extrativista Não-Madeireiro e Madeireiro	132
7.4.3.1	Inventário Botânico	132
7.4.3.2	Potencial Extrativista Não-Madeireiro	135
7.4.3.3	Potencial Extrativista Madeireiro	142
7.5	Comunicação	145
7.6	Transporte	145
7.7	Programas de Apoio aos Moradores	145
7.8	Percepção dos Moradores sobre a Unidade de Conservação	147
8.	ASPECTOS INSTITUCIONAIS	149
8.1	Recursos Humanos e Infraestrutura	150
8.2	Estrutura Organizacional	150
8.2.1	AMARGE - Associação de Moradores Agroextrativistas do Rio Gregório.	150
8.2.2	Conselho Deliberativo da Resex do Rio Gregório	151
9.	ANÁLISE E AVALIAÇÃO ESTRATÉGICA	153
10.	DECLARAÇÃO DE SIGNIFICÂNCIA	156
Volume II Planejamento		
11	INTRODUÇÃO	160
12	MISSÃO E OBJETIVOS DA UNIDADE DE CONSERVAÇÃO	162
13	VISÃO DE FUTURO	165
14	ZONEAMENTO	168
15	REGRAS DE USO DA RESEX DO RIO GREGÓRIO	179
16	ESTRATÉGIA GERAL DE GESTÃO	189
17	PROGRAMAS DE GESTÃO	192
17.1	Programa de Conhecimento	193
17.1.1	Subprograma de Pesquisa	194
17.1.2	Subprograma de Monitoramento	196
17.2	Programa de Uso Público	197
17.2.1	Subprograma de Educação Ambiental	198
17.2.2	Subprograma de Divulgação	199
17.3	Programa de Manejo do Meio Ambiente	199
17.3.1	Subprograma de Manejo de Recursos	200
17.3.2	Subprograma de Proteção	203
17.4	Programa de Apoio às Comunidades	204
17.4.1	Subprograma de Apoio à Organização Social	205
17.4.2	Subprograma de Qualidade de Vida	206
17.5	Programa de Operacionalização	208
17.5.1	Subprograma de Reforma Agrária e Regularização Fundiária	209
17.5.2	Subprograma de Infraestrutura e Equipamentos	210
17.5.3	Subprograma de Cooperação e Articulação Interinstitucionais	211
18	SISTEMA DE MONITORAMENTO E AVALIAÇÃO	212
19	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS DO VOLUME II	223

Figura 34. População total segundo a faixa etária, em Eirunepé, em 1991 e 2000.	92
Figura 35. Índice de Desenvolvimento Humano em Eirunepé, em 1991 e 2000.	95
Figura 36. Contribuição para o crescimento do Índice de Desenvolvimento Humano em Eirunepé, entre 1991 e 2000.	95
Figura 37. População total em Ipixuna, em 1991 e 2000.	97
Figura 38. Índice de Desenvolvimento Humano em Ipixuna, em 1991 e 2000.	99
Figura 39. Contribuição para o crescimento do IDH em Ipixuna, entre 1991 e 2000.	100
Figura 40. Mapa de localização da Floresta Estadual do Rio Gregório	101
Figura 41. Mapa de localização da Floresta Estadual do Mogno, Acre.	102
Figura 42. Mapa indicando modificação nos limites da Resex do Rio Gregório e comunidades excluídas em 2007.	104
Figura 43. Moradores do rio Gregório antes da criação da Resex, em 2005.	105
Figura 44. Distribuição espacial da populacional do rio Gregório, em 2005	107
Figura 45. Número de famílias e de pessoas, por setor, Resex do Rio Gregório, em 2005.	107
Figura 46. Núcleo Lago Grande da Resex do Rio Gregório.	108
Figura 47. Núcleo Ubim da Resex do Rio Gregório	109
Figura 48. Núcleo Muxila da Resex do Rio Gregório.	110
Figura 49. Mapa com a distribuição espacial da população residente na Resex do Rio Gregório em 2007.	111
Figura 50. Comunidades do Lago Grande.	113
Figura 51. Comunidades do Ubim.	115
Figura 52. Comunidade do Muchila.	117
Figura 53. Trabalho participativo de mapeamento das áreas de uso das comunidades da Resex do Rio Gregório em 2005.	120
Figura 54. Atividades econômicas nas comunidades da Resex do Rio Gregório.	121
Figura 55. Chalana utilizada pelos agentes comerciais dentro da Resex do Rio Gregório.	131
Figura 56. Exemplar de Sumaúma na Resex do Rio Gregório.	131
Figura 57. Ambiente de terra firme, Comunidade São João Batista.	133
Figura 58. Ambiente de várzea, Comunidade Santo Amaro.	134
Figura 59. Massa de semente de andiroba (<i>Carapa</i> sp.) na fase do processo de extração do óleo fino; A) Técnica de extração do óleo de andiroba da massa das sementes; B) Detalhe do processo.	136
Figura 60. O Açaizeiro. A) Indivíduo de açaí (<i>Euterpe precatória</i> Mart). B) Frutos do Açaí; C) Processo artesanal de extração do vinho de açaí.	137
Figura 61. Jarina (<i>Phytelephas</i> sp.); A) Indivíduo da Palmeira; B) Fruto e Sementes; C) Fruto da Jarina.	138
Figura 62. Árvore de <i>Hevea brasiliensis</i> (Seringueira-verdadeira). A) Marcas na casca após vários ciclos de extração do látex; B) Exudação do látex (borracha).	140
Figura 63. Detalhe das etapas do inventário florestal realizado na RESEX do Rio Gregório: (A) orientação e medição; (B) abertura da picada principal; (C) piquete de marcação; (D) medição do diâmetro; (E) identificação e anotação dos dados; (F) coleta de material botânico para identificação.	142
Figura 64. Reunião realizada na Comunidade Ubim em abril de 2007 com o objetivo de discutir o estatuto da Associação dos Moradores da Resex do Rio	150

Figura 34. População total segundo a faixa etária, em Eirunepé, em 1991 e 2000.	92
Figura 35. Índice de Desenvolvimento Humano em Eirunepé, em 1991 e 2000.	95
Figura 36. Contribuição para o crescimento do Índice de Desenvolvimento Humano em Eirunepé, entre 1991 e 2000.	95
Figura 37. População total em Ipixuna, em 1991 e 2000.	97
Figura 38. Índice de Desenvolvimento Humano em Ipixuna, em 1991 e 2000.	99
Figura 39. Contribuição para o crescimento do IDH em Ipixuna, entre 1991 e 2000.	100
Figura 40. Mapa de localização da Floresta Estadual do Rio Gregório	101
Figura 41. Mapa de localização da Floresta Estadual do Mogno, Acre.	102
Figura 42. Mapa indicando modificação nos limites da Resex do Rio Gregório e comunidades excluídas em 2007.	104
Figura 43. Moradores do rio Gregório antes da criação da Resex, em 2005.	105
Figura 44. Distribuição espacial da populacional do rio Gregório, em 2005	107
Figura 45. Número de famílias e de pessoas, por setor, Resex do Rio Gregório, em 2005.	107
Figura 46. Núcleo Lago Grande da Resex do Rio Gregório.	108
Figura 47. Núcleo Ubim da Resex do Rio Gregório	109
Figura 48. Núcleo Muxila da Resex do Rio Gregório.	110
Figura 49. Mapa com a distribuição espacial da população residente na Resex do Rio Gregório em 2007.	111
Figura 50. Comunidades do Lago Grande.	113
Figura 51. Comunidades do Ubim.	115
Figura 52. Comunidade do Muchila.	117
Figura 53. Trabalho participativo de mapeamento das áreas de uso das comunidades da Resex do Rio Gregório em 2005.	120
Figura 54. Atividades econômicas nas comunidades da Resex do Rio Gregório.	121
Figura 55. Chalana utilizada pelos agentes comerciais dentro da Resex do Rio Gregório.	131
Figura 56. Exemplar de Sumaúma na Resex do Rio Gregório.	131
Figura 57. Ambiente de terra firme, Comunidade São João Batista.	133
Figura 58. Ambiente de várzea, Comunidade Santo Amaro.	134
Figura 59. Massa de semente de andiroba (<i>Carapa</i> sp.) na fase do processo de extração do óleo fino; A) Técnica de extração do óleo de andiroba da massa das sementes; B) Detalhe do processo.	136
Figura 60. O Açaizeiro. A) Indivíduo de açaí (<i>Euterpe precatória</i> Mart). B) Frutos do Açaí; C) Processo artesanal de extração do vinho de açaí.	137
Figura 61. Jarina (<i>Phytelephas</i> sp.); A) Indivíduo da Palmeira; B) Fruto e Sementes; C) Fruto da Jarina.	138
Figura 62. Árvore de <i>Hevea brasiliensis</i> (Seringueira-verdadeira). A) Marcas na casca após vários ciclos de extração do látex; B) Exudação do látex (borracha).	140
Figura 63. Detalhe das etapas do inventário florestal realizado na RESEX do Rio Gregório: (A) orientação e medição; (B) abertura da picada principal; (C) piquete de marcação; (D) medição do diâmetro; (E) identificação e anotação dos dados; (F) coleta de material botânico para identificação.	142
Figura 64. Reunião realizada na Comunidade Ubim em abril de 2007 com o objetivo de discutir o estatuto da Associação dos Moradores da Resex do Rio	150

Gregório.	
Figura 65. Reunião de criação do Conselho Deliberativo da Resex do Rio Gregório, em 2007.	151
Figura 66. Organizações que compõem o Conselho Deliberativo da Resex do Rio Gregório.	152
Figura 67. Oficina de Planejamento Participativo e Definição da missão da Resex pelos moradores, em 2010.	163
Figura 68. Moradores durante Oficina de Planejamento Participativo imaginando como desejam estar em 2020.	166
Figura 69. Etapas do zoneamento participativo da Resex entre 2005 e 2010.	170
Figura 70. Zoneamento da Resex do Rio Gregório.	173
Figura 71. Representação da zona de uso intensivo feita por moradores da Resex do Rio Gregório durante Oficina de Planejamento Participativo.	174
Figura 72. Área de uso para moradia e agricultura (à esquerda) e área de pastagem (à direita), ambas inseridas na zona de uso intensivo.	175
Figura 73. Representação da zona de uso extensivo feita por moradores da Resex do Rio Gregório.	175
Figura 74. Produtos oriundos do extrativismo e áreas de coleta na zona de uso extensivo.	176
Figura 75. Área de extração madeireira com potencial comercial (à esquerda) e levantamento do potencial madeireiro da zona de uso extensivo especial (à direita).	176
Figura 76. Representação da zona de preservação feita por moradores da Resex do Rio Gregório.	177
Figura 77. Área de floresta em ótimo estado de conservação.	178
Figura 78. Representação da zona de amortecimento feita por moradores da Resex do Rio Gregório.	179

LISTA DE ANEXOS

Anexo I Lista preliminar (nome vulgar) de espécies arbóreas identificadas na região do rio Gregório em 2005	228
Anexo II Lista das espécies de primatas registradas durante a expedição ao rio Gregório em 2005.	231
Anexo III Espécies de mamíferos de médio e grande porte registradas no rio Gregório através de observação direta (OD) e indireta (OI), entrevistas (E) e/ou literatura (L) em 2005.	231
Anexo IV Lista de espécies de herpetofauna registradas na Resex do Rio Gregório, com respectivos ambientes de ocorrência, métodos de registro e número de espécimes coletados por espécie (N), entre 07 e 21 de abril de 2009.	234
Anexo V Lagartos registrados na Resex do Rio Gregório. A) <i>Anolis nitens tandai</i> , B) <i>Kentropyx altamazonica</i> , C) <i>Gonatodes humeralis</i> , D) <i>Iguana iguana</i> , E) <i>Alopoglossus angulatus</i> , F) <i>Anolis nitens nitens</i> , e G) <i>Bachia peruana</i> . Créditos: Davi L. Pantoja, 07 a 21 de abril de 2009.	237
Anexo VI Serpentes registradas na Resex do Rio Gregório. A) <i>Bothriopsis bilineata</i> , B) <i>Micrurus spixii</i> , C) <i>Dipsas catesbyi</i> , D) <i>Xenoxybelis argenteus</i> , E) <i>Corallus hortulanus</i> , F) <i>Micrurus surinamensis</i> , G) <i>Liophis</i> aff. <i>poecilogyrus</i> , H) <i>Helicops angulatus</i> . Créditos: Davi L. Pantoja, 07 a 21 de abril de 2009.	238
Anexo VII Anfíbios registrados na Resex do Rio Gregório. A) <i>Rhinella</i> gr. <i>margaritifera</i> , B) <i>Ameerega trivittata</i> , C) <i>Chiasmocleis bassleri</i> , D) : <i>Hypsiboas punctatus</i> , E) <i>Rhinella margaritifera</i> , F) <i>Engystomops petersi</i> , G) <i>Leptodactylus rhodomystax</i> , H) <i>Allobates</i> sp. Créditos: Davi L. Pantoja, 07 a 21 de abril de 2009.	239
Anexo VIII Lista das espécies de aves registradas na Resex do Rio Gregório, entre os dias 6 e 24 de abril de 2009.	240
Anexo IX Relação das espécies botânicas identificadas nas parcelas de 20 x 125 metros na Reserva Extrativista Rio Gregório, Amazonas e seus respectivos nomes vulgares.	255
Anexo X Relação das espécies botânicas identificadas nas parcelas de 10 x 10 metros na Reserva Extrativista do Rio Gregório, Amazonas, e seus respectivos nomes vulgares.	263
Anexo XI Relação das espécies botânicas identificadas nas parcelas de 2 x 2 metros na Reserva Extrativista do Rio Gregório, Amazonas, e seus respectivos nomes vulgares.	266
Anexo XII Família botânica, gênero, nome científico e nome vulgar das espécies de produtos florestais não madeireiros encontradas na Resex do Rio Gregório.	271
Anexo XIII. Número de espécies de palmeiras por hectare na Resex do Rio Gregório.	273
Anexo XIV Ocorrência das espécies, espécies exclusivas e espécies comuns para áreas de terra firme e de várzea na Resex do Rio Gregório.	274
Anexo XV Espécies de produtos florestais não madeireiros inventariadas na Reserva Extrativista do Rio Gregório.	277
Anexo XVI Listas de espécies madeireiras inventariadas na Resex do Rio Gregório em 2009.	280

LISTA DE TABELAS

Tabela 1. Número e área das Reservas Extrativistas e de Desenvolvimento Sustentável, estaduais e federais, no Estado do Amazonas, 2009.	28
Tabela 2. Propriedades tituladas totalmente ou parcialmente inseridas na Resex do Rio Gregório no limite antigo.	41
Tabela 3. Propriedades tituladas originalmente na área da Resex do Rio Gregório que ficou fora após a mudança de limites.	43
Tabela 4. Propriedades tituladas totalmente inseridas no limite atual da Resex do Rio Gregório.	43
Tabela 5. Caracterização geológica da Resex do Rio Gregório.	46
Tabela 6. Caracterização geomorfológica da Resex do Rio Gregório	49
Tabela 7. Caracterização dos solos na Resex do Rio Gregório.	52
Tabela 8. Tipologias de vegetação presentes na Resex do Rio Gregório.	58
Tabela 9. Área ocupada por classe de paisagem e porcentagem em relação à área total proposta para a criação da unidade de conservação.	60
Tabela 10. Desmatamento na Resex do Rio Gregório até 2008.	70
Tabela 11. População segundo a zona e taxa de urbanização de Eirunepé entre 1991 e 2000.	91
Tabela 12. População segundo a faixa etária e razão de dependência em Eirunepé, em 1991 e 2000.	92
Tabela 13. Indicadores de Longevidade, Mortalidade e Fecundidade em Eirunepé, em 1991 e 2000.	93
Tabela 14. Nível Educacional da população jovem em Eirunepé, em 1991 e 2000	93
Tabela 15. Nível Educacional da população adulta (25 anos ou mais) em Eirunepé, em 1991 e 2000.	93
Tabela 16. Indicadores de renda, pobreza e desigualdade em Eirunepé, 1991 e 2000.	94
Tabela 17. Porcentagem da Renda Apropriada por Extratos da População em Eirunepé, 1991 e 2000.	94
Tabela 18. Acesso a Serviços Básicos em Eirunepé, em 1991 e 2000	94
Tabela 19. Indicadores de Vulnerabilidade Familiar em Eirunepé, em 1991 e 2000.	94
Tabela 20. Índice de Desenvolvimento Humano em Eirunepé, em 1991 e 2000.	95
Tabela 21. População por situação de domicílio em Ipixuna, 1991 e 2000.	96
Tabela 22. Estrutura etária em Ipixuna, em 1991 e 2000.	97
Tabela 23. Indicadores de longevidade, mortalidade e fecundidade em Ipixuna, em 1991 e 2000.	97
Tabela 24. Nível educacional da população jovem em Ipixuna, em 1991 e 2000.	97
Tabela 25. Nível educacional da população adulta (25 anos ou mais) em Ipixuna, em 1991 e 2000.	98
Tabela 26. Indicadores de renda, pobreza e desigualdade em Ipixuna, em 1991 e 2000.	98
Tabela 27. Porcentagem da renda apropriada por extratos da população em Ipixuna, em 1991 e 2000.	98
Tabela 28. Acesso a serviços básicos em Ipixuna, em 1991 e 2000.	99
Tabela 29. Indicadores de vulnerabilidade familiar e Ipixuna, em 1991 e 2000.	99
Tabela 30. Índice de Desenvolvimento Humano em Ipixuna, em 1991 e 2000.	99
Tabela 31. Distribuição espacial e demográfica da população residente na Resex do Rio Gregório, em 2005.	106

Tabela 32. Distribuição das famílias por setor da Resex do Rio Gregório, em 2005	107
Tabela 33. Comunidades, famílias e pessoas residentes na Resex do Rio Gregório, em 2010.	112
Tabela 34. Características da infraestrutura social da Resex do Rio Gregório - Setor Lago Grande, em 2010.	114
Tabela 35. Características da Infraestrutura social da Resex do Rio Gregório - Setor Ubim, em 2010.	116
Tabela 36. Características da infraestrutura social da Resex do Rio Gregório - Setor Muxila, em 2010.	118
Tabela 37. Espécies agrícolas cultivadas pelas comunidades por ordem de importância.	122
Tabela 38. Preferência na utilização de recursos extrativistas pelo moradores da Resex do Rio Gregório, ordenados do maior para o menor uso, em 2006.	124
Tabela 39. Preferência na utilização da fauna silvestre pelas comunidades da Resex do Rio Gregório, ordenada do maior para o menor uso, em 2006.	126
Tabela 40. Preferência na utilização dos recursos pesqueiros pelos moradores na Resex do Rio Gregório, ordenada do maior para o menor uso, em 2006.	127
Tabela 41. Atividades econômicas dos moradores da Resex do Rio Gregório em 2010	129
Tabela 42. Tabela de espécies criadas pelos moradores da Resex do Rio Gregório.	130
Tabela 43. Relação das espécies de interesse madeireiro, sua utilidade e tipologia de ocorrência na Reserva Extrativista do Rio Gregório.	143
Tabela 44. Zonas da Resex do Rio Gregório segundo nível de intervenção e finalidades.	170
Tabela 45. Zonas da Resex do Rio Gregório, limites, caracterização e critérios de escolha das áreas.	171
Tabela 46. Objetivos gerais do programa de conhecimento de acordo com subprogramas e resultados esperados.	193
Tabela 47. Matriz do Programa de Conhecimento – Subprograma de Pesquisa	194
Tabela 48. Matriz do Programa de Conhecimento – Subprograma de Monitoramento.	196
Tabela 49. Objetivos específicos do Programa de Uso Público de acordo com subprogramas e resultados esperados.	197
Tabela 50. Matriz do Programa de Uso Público – Subprograma de Educação Ambiental.	198
Tabela 51. Matriz do Programa de Uso Público – Subprograma de Divulgação.	199
Tabela 52. Objetivos específicos do Programa de Manejo de Recursos de acordo com subprogramas e resultados esperados	200
Tabela 53. Matriz do Programa de Manejo de Recursos – Subprograma de Manejo de Recursos de acordo com resultado 1a.	200
Tabela 54. Matriz do Programa de Manejo de Recursos – Subprograma de Manejo de Recursos de acordo com resultado 1b.	201
Tabela 55. Matriz do Programa de Manejo de Recursos – Subprograma de proteção de acordo com resultado 2.	203
Tabela 56. Objetivos específicos do Programa de Apoio às Comunidades de acordo com subprogramas e resultados esperados.	205
Tabela 57. Matriz do Programa de Apoio às Comunidades – Subprograma Apoio à Organização Social de acordo com o resultado 1.	205
Tabela 58. Matriz do Programa de Apoio às Comunidades – Subprograma Qualidade de Vida de acordo com o resultado 2.	206
Tabela 59. Objetivos específicos do Programa de Operacionalização de acordo com subprogramas e resultados esperados.	209

Tabela 60. Matriz do Programa de Operacionalização - Subprograma Regularização Fundiária de acordo com o resultado 1.	209
Tabela 61. Matriz do Programa de Operacionalização - Subprograma Infraestrutura de acordo com o resultado 2.	210
Tabela 62. Matriz do Programa de Operacionalização - Subprograma Cooperação e Articulação Interinstitucional de acordo com o resultado 3.	211
Tabela 63. Exemplo de preenchimento dos campos de monitoramento das ações	214
Tabela 64. DE MONITORAMENTO - ANO 1	214
Tabela 65. DE MONITORAMENTO - ANO 2	215
Tabela 66. DE MONITORAMENTO - ANO 3	218
Tabela 67. DE MONITORAMENTO - ANO 4	220
Tabela 68. DE MONITORAMENTO - ANO 5	221
Tabela 69. DE MONITORAMENTO DAS AÇÕES CONTÍNUAS	221

LISTA DE QUADROS

Quadro1. Etapas de elaboração do Plano de Gestão da Resex do rio Gregório.	25
Quadro2. Unidades territoriais especiais no entorno da Resex do Rio Gregório, Estados do Amazonas e Acre.	32
Quadro3. Unidades territoriais no entorno da Resex do Rio Gregório, Estados do Amazonas e Acre.	90
Quadro4. Divisão dos setores em núcleos da Resex do Rio Gregório, em dezembro de 2007. Setor 1	108
Quadro5. Divisão dos setores em núcleos da Resex do Rio Gregório, em dezembro de 2007. Setor 2	109
Quadro6. Divisão dos setores em núcleos da Resex do Rio Gregório, em dezembro de 2007. Setor 3	110
Quadro7. Benefícios do Programa Bolsa Floresta para a Resex do Rio Gregório	147
Quadro8. Organizações que compõem o Conselho Deliberativo da Resex do Rio Gregório	152

LISTA DE SIGLAS

AAVs	Agentes Ambientais Voluntários
ADA	Agente de Desenvolvimento Ambiental
ADS	Agência de Desenvolvimento Sustentável
AFEAM	Agência de Fomento do Estado do Amazonas
AFLORAM	Agência de Florestas e Negócios Sustentáveis do Amazonas
AMARGE	Associação de Moradores Agroextrativistas do Rio Gregório
AMPAESAM	Associação dos Moradores do Projeto de Assentamento Agroextrativista Santo Antônio-Mourão
ANATEL	Agência Nacional de Telecomunicações
ARPA	Programa Áreas Protegidas da Amazônia
CDRU	Concessão de Direito Real de Uso
CEAM	Companhia de Energia Elétrica do Amazonas
CEFET	Centro Federal de Educação Tecnológica
CEMAAM	Conselho Estadual de Meio Ambiente do Estado do Amazonas
CEUC	Centro Estadual de Unidades de Conservação
CITES	Convenção sobre o Comércio Internacional de Espécies da Fauna Selvagem em Perigo de Extinção
CMA	Comando Militar da Amazônia
CNPT	Centro Nacional para Desenvolvimento Sustentável das Populações Tradicionais
CNS	Conselho Nacional dos Seringueiros
CPMA	Coordenação de Pesquisas e Monitoramento Ambiental
CPT	Comissão Pastoral da Terra
DAP	Diâmetro à altura do peito
DGR	Departamento de Geração de Renda
DMGR	Departamento de Manejo e Geração de Renda
DPVDPV	Departamento de Proteção e Vigilância
DPT	Departamento de Populações Tradicionais
DPMA	Departamento de Pesquisa e Monitoramento Ambiental
DMGR	Departamento de Manejo e Geração de Renda
DIF	Departamento de Infraestrutura e Finanças
EJA	Educação para Jovens e Adultos
FAPEAM	Fundação de Amparo a Pesquisa do Estado do Amazonas
FAS	Fundação Amazonas Sustentável
Fetagri	Federação dos Trabalhadores na Agricultura
FERG	Floresta Estadual do Rio Gregório
FMPES	Fundo de Apoio às Micro e Pequenas Empresas e ao Desenvolvimento Social do Estado do Amazonas
FUNAI	Fundação Nacional do Índio
GESAC	Programa Governo Eletrônico e Serviço de Atendimento ao Cidadão
GPD	Grupo de Preservação e Desenvolvimento
GTA	Grupo de Trabalho Amazônico
GTZ	Agência de Cooperação Técnica Alemã
IBAMA	Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis

IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
ICMBIO	Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade
IDAM	Instituto de Desenvolvimento Agropecuário do Estado do Amazonas
IDSM	Instituto de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá
INCRA	Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária
INPA	Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia
INPE	Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais
IPAAM	Instituto de Proteção Ambiental do Estado do Amazonas
ITEAM	Instituto de Terras do Amazonas
IUCN	União Internacional para a Conservação da Natureza e dos Recursos Naturais
MEB	Movimento de Educação de Base
MEC	Ministério da Educação
MC	Ministério das Comunicações
MMA	Ministério do Meio Ambiente
PMA	Polícia Militar Ambiental
PNRA	Programa Nacional de Reforma Agrária do INCRA
POAs	Planejamentos Orçamentários Anuais
ProBUC	Programa de Monitoramento da Biodiversidade e do Uso de Recursos Naturais em Unidades de Conservação Estaduais do Amazonas
PRODES-INPE	Projeto Povoamento das Bases de Dados da Amazônia do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais
PROFOCO	Programa de Fortalecimento Comunitário em Gestão das Unidades de Conservação
REDD	Redução de Emissões de Carbono por Desmatamento e Degradação
RESEX	Reserva Extrativista
SDS	Secretaria de Estado do Meio Ambiente e do Desenvolvimento Sustentável do Amazonas
SEDUC	Secretaria de Estado de Educação do Amazonas
SEFAZ	Secretaria de Estado da Fazenda
SEMED	Secretaria Municipal de Educação
SEUC	Sistema Estadual de Unidades de Conservação do Amazonas
SIVAM	Sistema de Vigilância da Amazônia
SSP/AM	Secretaria de Segurança do Estado do Amazonas
SNUC	Sistema Nacional de Unidades de Conservação .
UC	Unidade de Conservação
UEA	Universidade do Estado do Amazonas
UFAM	Universidade Federal do Amazonas

Série Técnica Planos de Gestão

PLANO DE GESTÃO DA RESERVA EXTRATIVISTA DO RIO GREGÓRIO

Volume I - Diagnóstico



SDS

Secretaria de Estado do Meio Ambiente e
Desenvolvimento Sustentável



MANAUS,
MAIO DE 2010

1. INTRODUÇÃO



Foto: Gtz / Márcia Lederman

Este documento apresenta os Volumes I e II do Plano de Gestão da Reserva Extrativista Rio Gregório nos quais foram consolidadas informações ambientais, econômicas e sociais levantadas por especialistas, com participação dos moradores da Reserva Extrativista (Resex), em diferentes expedições realizadas durante os anos de 2005 a 2009 e em consultas às comunidades durante oficinas de planejamento.

O trabalho é parte do esforço do Governo do Estado do Amazonas de implementar o Sistema Estadual de Unidades de Conservação do Estado do Amazonas (SEUC), aprovado em 04 de julho de 2007. De acordo com o SEUC, uma unidade de conservação é um "espaço territorial com características naturais relevantes [...] legalmente instituído pelo Poder Público com objetivos de conservação *in situ* e de desenvolvimento sustentável das comunidades tradicionais, com limites definidos, sob regime especial de administração, ao qual se aplicam garantias adequadas de proteção".

O SEUC define 15 diferentes categorias de Unidades de Conservação, divididas em dois grupos: I - Unidades de Proteção Integral: onde o objetivo básico é preservar a natureza e se admite apenas o uso indireto dos recursos naturais dentro de seus limites, com exceção apenas para casos específicos previstos em Lei. II - Unidades de Uso Sustentável: onde o objetivo básico é compatibilizar a conservação da natureza com o uso sustentável de parte de seus recursos naturais.

Na definição do SEUC, a Reserva Extrativista (Resex) é uma unidade de conservação (UC) utilizada por comunidade tradicional, cuja subsistência se baseia no extrativismo e, complementarmente, na criação de animais em pequena escala. Tem por objetivos básicos proteger os meios de vida e a cultura dessas populações, assegurando o uso sustentável dos recursos naturais da unidade. A Resex é de domínio público, com uso concedido às populações extrativistas tradicionais conforme o disposto no artigo 75 desta lei e em regulamentação específica, devendo as áreas particulares incluídas em seus limites ser desapropriadas, na forma da lei.

A administração e o funcionamento das Resex devem se pautar no respeito às seguintes regras:

I - A área utilizada para agricultura familiar e criação de animais domésticos deverá estar prevista no Plano de Gestão e não poderá exceder a 5% da área total da Unidade.

II - É proibida a introdução ou criação de búfalos, javalis, e outras espécies exóticas que ameacem os ecossistemas, *habitat* ou espécies nativas.

III - A visitação pública é permitida, desde que compatível com os interesses locais e de acordo com o disposto no Plano de Gestão da área.

IV - Todas as modalidades de pesca, exceto a de subsistência, somente poderão ser exercidas mediante aprovação de projetos específicos pelo Conselho Deliberativo da RESEX e pelas autoridades competentes.

O Plano de Gestão é um "documento técnico e gerencial, fundamentado nos objetivos da Unidade de Conservação, que estabelece o seu zoneamento, as normas que devem regular o uso da área e o manejo dos recursos naturais, inclusive a implantação da estrutura física necessária à gestão da Unidade" (SEUC, 2007). Com o intuito de garantir o mesmo entendimento sobre os procedimentos e metodologias de elaboração dos Planos de Gestão, a Secretaria de Estado do Meio Ambiente e do Desenvolvimento Sustentável do Amazonas (SDS) criou um "Roteiro para a Elaboração de Planos de Gestão de Unidades de Conservação Estaduais" (AMAZONAS, 2005), que orienta a elaboração deste documento.

O Plano de Gestão atende às exigências do artigo 33 do SEUC (Lei complementar n.º 53, 2007) e tem o objetivo de subsidiar as ações a serem desenvolvidas na Resex do Rio Gregório, pela equipe do Centro Estadual de Unidades de Conservação (CEUC), pela Associação de Moradores Agroextrativistas do Rio Gregório (AMARGE) e pelas instituições parceiras do Governo do Estado que apoiam a Resex e seus moradores por meio do Conselho Deliberativo.

A Reserva Extrativista do Rio Gregório está localizada na bacia do rio Juruá no Estado do Amazonas e foi criada pelo Decreto Estadual n.º. 26.586 de 25 de abril de 2007 com uma área de 305.268,47 hectares. A região é coberta por Florestas Ombrófilas/Tropical densas e abertas e Florestas Inundáveis e, sob o ponto de vista da biodiversidade, é caracterizada por uma natureza exuberante, com alta diversidade e endemismo. A paisagem é formada por áreas pouco alteradas, protegidas pelo isolamento em que se encontra a região e pela presença, por gerações, de famílias de descendentes dos seringueiros que ocuparam o rio durante o período de expansão da economia da borracha na região e hoje formam pequenas comunidades distribuídas ao longo do curso do rio Gregório, tendo a agricultura, caça, pesca e extrativismo como principais atividades de subsistência.

2. HISTÓRICO DE PLANEJAMENTO



O Plano de Gestão da Resex do Rio Gregório foi elaborado com base em subsídios produzidos em diferentes momentos, no período de 2005 a 2009, tendo como orientação técnica o "Roteiro para a Elaboração de Planos de Gestão para as Unidades de Conservação Estaduais do Amazonas" e contando com a participação de técnicos do CEUC/SDS SEAFE/SDS e pesquisadores, sempre sob a supervisão do CEUC.

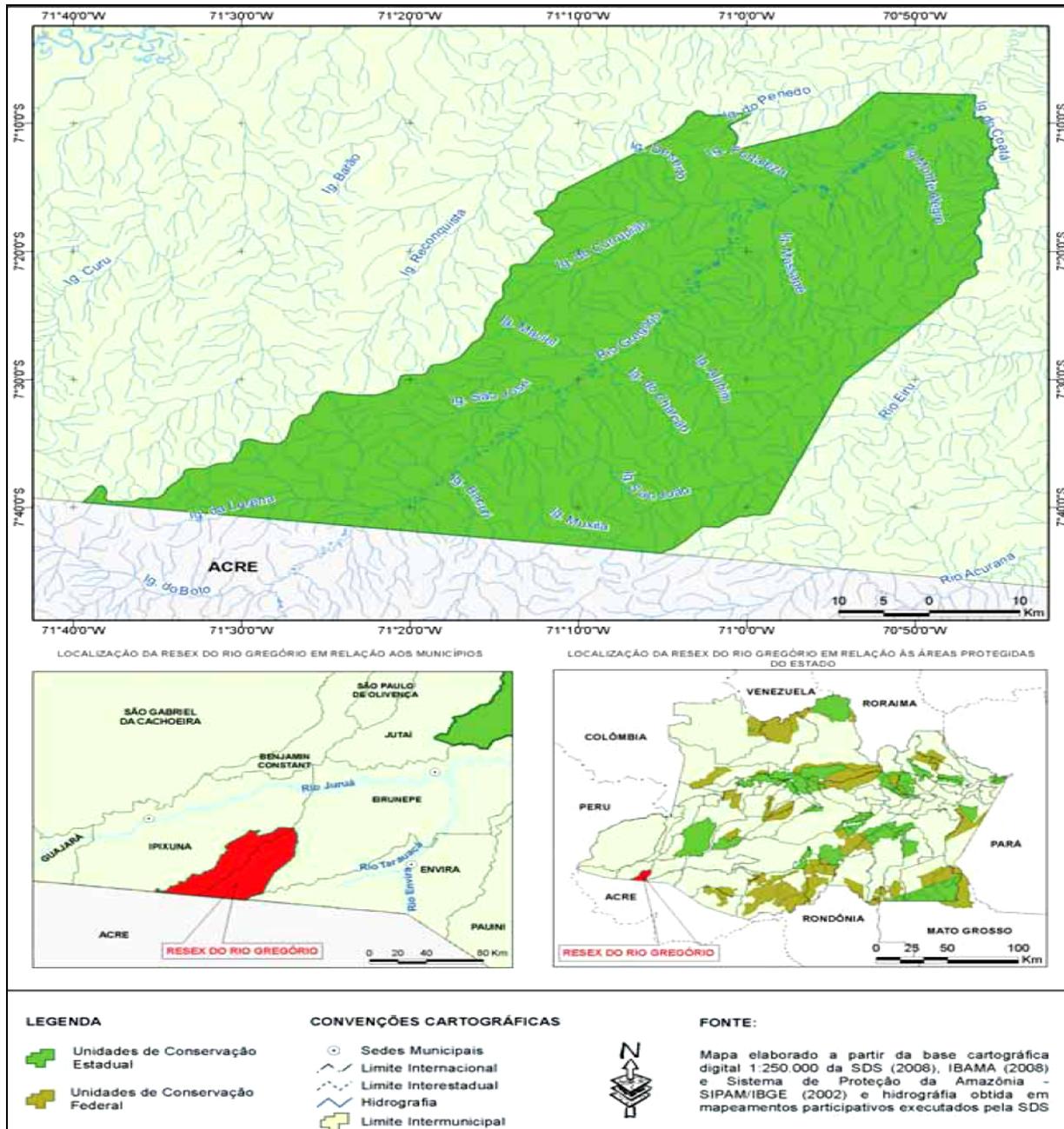


Figura 1. Mapa de localização da Resex do Rio Gregório, 2008.
Fonte: SDS/CEUC 2009.

Após a criação de uma unidade de conservação tem início o processo de planejamento dos instrumentos voltados para a gestão da área. O Estado do Amazonas adota o Plano de Gestão (equivalente ao Plano de Manejo do Sistema Nacional de Unidades de Conservação-SNUC) o qual, de acordo com o SEUC, tem um prazo de cinco anos para sua elaboração.

O Roteiro mencionado estabelece cinco etapas para a elaboração dos planos de gestão: 1) Organização do Plano de Gestão; 2) Diagnóstico da Unidade de Conservação; 3) Análise e Avaliação Estratégica da Informação; 4) Identificação de Estratégias e 5) Aprovação do Plano.

O Plano de Gestão da Resex do Rio Gregório é resultado de seguintes atividades desenvolvidas visando iniciar o planejamento para a implantação da UC, como pode-se visualizar no Quadro 1:

Quadro 1. Etapas de elaboração do Plano de Gestão da Resex do Rio Gregório.

ETAPAS	ATIVIDADES	PERÍODO
1. Organização do Plano de Gestão	Planejamento	2005 a 2010
2. Diagnóstico da Unidade de Conservação	Expedição de Diagnóstico Socioeconômico, Fundiário, Florestal e Biológico.	Dezembro 2005
	Expedição de Diagnóstico Biológico Complementar. Foram realizados inventários rápidos visando complementar informações relacionadas aos seguintes grupos temáticos: Avifauna, Herpetofauna, Mastofauna, Florestal - Madeireiro, Não Madeireiro e Botânica.	Abril 2009
3. Análise e Avaliação Estratégica da Informação	Oficinas de Planejamento Participativo com os seguintes objetivos: revisão do diagnóstico socioeconômico e ambiental; identificação preliminar da missão e visão da Resex; definição do zoneamento; identificação das expectativas de futuro das comunidades para os programas de gestão; e elaboração das regras de uso e de convivência da UC.	Fevereiro de 2010
4. Identificação de Estratégias	Elaboração da 1ª versão do Plano de Gestão.	Março 2010
	Reunião da Equipe Técnica para revisão.	
5. Aprovação do Plano	Consultas Públicas na RESEX e em Eirunepé.	Abril 2010
	Apresentação do Plano ao Conselho Deliberativo.	Abril 2010
	Consolidação da Versão Final do Plano de Gestão.	Agosto 2010
	Aprovação do Plano de Gestão pela SDS.	Setembro 2010
	Divulgação do Plano de Gestão.	Novembro 2010

3. CONTEXTO ATUAL DO SISTEMA DE UNIDADES DE CONSERVAÇÃO NO AMAZONAS



O Sistema Nacional de Unidades de Conservação (SNUC) é regulado pela Lei 9.985, de 18 de junho de 2000 que agrupou, padronizou e normatizou, para todo o território nacional, dois conjuntos de unidades de conservação: as de proteção integral e as de uso sustentável. No caso do primeiro grupo, o SNUC consolidou diferentes modalidades existentes até então em um conjunto coerente de unidades que se complementam visando a proteção integral dos ecossistemas e de seus componentes tendo como referência padrões adotados internacionalmente.

No caso das unidades de conservação de uso sustentável o processo apresenta algumas peculiaridades. O SNUC incorporou duas modalidades de unidade de conservação que somente existem no Brasil: Reserva Extrativista e Reserva de Desenvolvimento Sustentável. A primeira, foi originalmente criada pelo Decreto Presidencial 98.897 de 30.01.1990, por demanda do Conselho Nacional dos Seringueiros (CNS) que permitiu a criação de 39 unidades antes do SNUC; a segunda existia como modalidade estadual a partir da criação da RDS Mamirauá pelo Decreto Estadual 12.836 de 09.03.1990 do Governo do Amazonas; antes de 2000 foram criadas outras duas RDS estaduais, no Amazonas e no Amapá (Allegretti 2010).

Estas modalidades de unidade de conservação de uso sustentável, além de proteger os recursos naturais, também reconhecem os direitos fundiários das populações tradicionais ali residentes e devem promover o bem estar destas comunidades.

As Reservas Extrativistas e Reservas de Desenvolvimento Sustentável existentes hoje na Amazônia Legal, de responsabilidade dos governos federal e estaduais, totalizam 89 unidades, cobrem uma área de 24.867.510 hectares, representando 4.8% do território, 19% das UCs e 8% das florestas existentes na região.

As legislações estaduais seguem os mesmos princípios e adotam as mesmas modalidades de proteção do sistema nacional, ajustando a regra geral às peculiaridades locais. Em 05 de junho de 2007 a Assembleia Legislativa do Estado do Amazonas promulgou a Lei Complementar Nº 53, que instituiu o Sistema Estadual de Unidades de Conservação (SEUC). O Sistema estabelece normas e critérios para criação, implantação e gestão das unidades de conservação e as infrações e penalidades nessas áreas, complementarmente à Lei do SNUC.

A Secretaria de Estado do Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável do Amazonas, como determina o Capítulo IV, artigo 14, do Decreto 4.340, de 22 de agosto de 2002, que regulamenta Lei do SNUC, elaborou o "Roteiro Metodológico para Elaboração de Planos de Gestão para as Unidades de Conservação no Estado do Amazonas", ferramenta imprescindível para a uniformização de conceitos e metodologias.

O Estado do Amazonas tem hoje 49,14% (excluindo todas as sobreposições) de seu território protegido por terras indígenas, unidades de conservação federais e estaduais. O Sistema Estadual de UCs é responsável por 41 unidades, somando 19.007.032,62 milhões de ha. O histórico de crescimento do SEUC é recente, avançando de 12 em 2003 para 41 unidades de conservação em dezembro de 2009 (Figura 2), sendo 9 de proteção integral e 32 de uso sustentável, refletindo a política voltada ao desenvolvimento associado à conservação das

florestas, ao uso sustentável dos recursos naturais e à inclusão social (Figura 3)¹. As unidades de conservação do Estado do Amazonas representam 11,6 % do total de áreas protegidas criadas no mundo nesse período (calculado a partir de dados apresentados em Jenkins & Joppa, 2009).

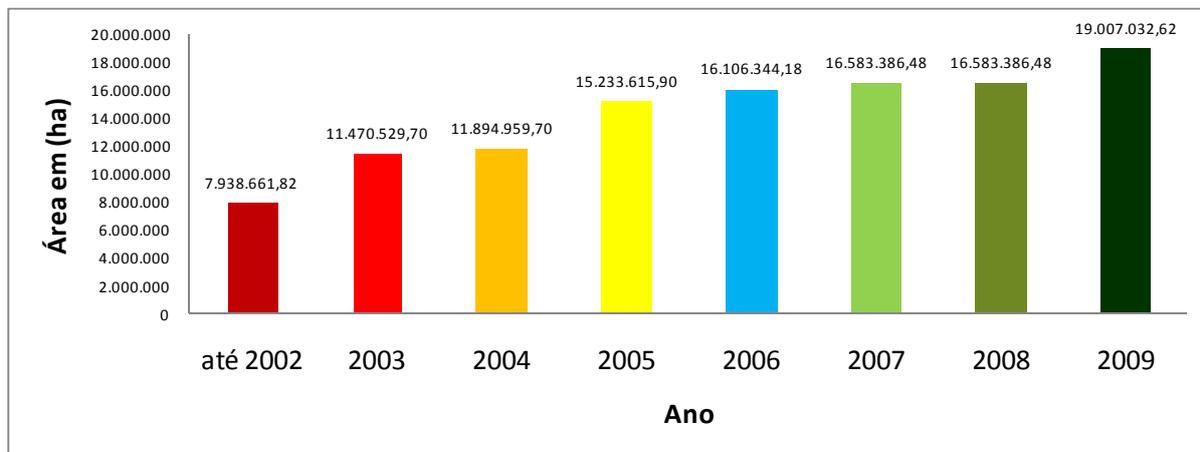


Figura 2. Incremento de área do Sistema Estadual de Unidades de Conservação do Estado do Amazonas entre 2002 e 2009. Fonte: CEUC/SDS.

A Tabela 1 sintetiza as informações sobre o total de Reservas Extrativistas e de Desenvolvimento Sustentável, federais e estaduais, existentes no Estado do Amazonas, em 2009.

Tabela 1. Número e área das Reservas Extrativistas e de Desenvolvimento Sustentável, estaduais e federais, no Estado do Amazonas, 2009.

UNIDADES	N.	ÁREA
Reservas Extrativistas Federais	9	3.505.976,94
Reservas Extrativistas Estaduais	4	872.851,82
Reservas de Desenvolvimento Sustentável Estaduais	15	10.081.636,29
TOTAL	28	14.460.465,05

Fonte: Governo do Amazonas 2009.

De acordo com a Tabela 1, existem 28 unidades de conservação de uso sustentável nas modalidades Reserva Extrativista e de Desenvolvimento Sustentável no Estado do Amazonas, ocupando uma área total de mais de 14 milhões de hectares.

Pode-se observar o peso significativo das RDS: elas representam 54% do número total de unidades e 70% da área total protegida por essas modalidades de proteção.

O conjunto formado por unidades de conservação estaduais, federais e pelas terras indígenas, como pode ser visualizado na Figura 3, assegura ao Estado do Amazonas uma posição única no cenário nacional e internacional, não somente pela importância de cada unidade mas também pela composição de mosaicos que harmonizam diferentes modalidades de proteção e de uso sustentável dos recursos naturais e das comunidades locais.

¹ Uma lista completa das unidades de conservação do Estado do Amazonas, da legislação estadual e decretos de criação está em Governo do Estado do Amazonas – Secretaria de Estado de Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável, 2009. "Coletânea de Unidades de Conservação: Leis, Decretos e Portarias". Manaus.

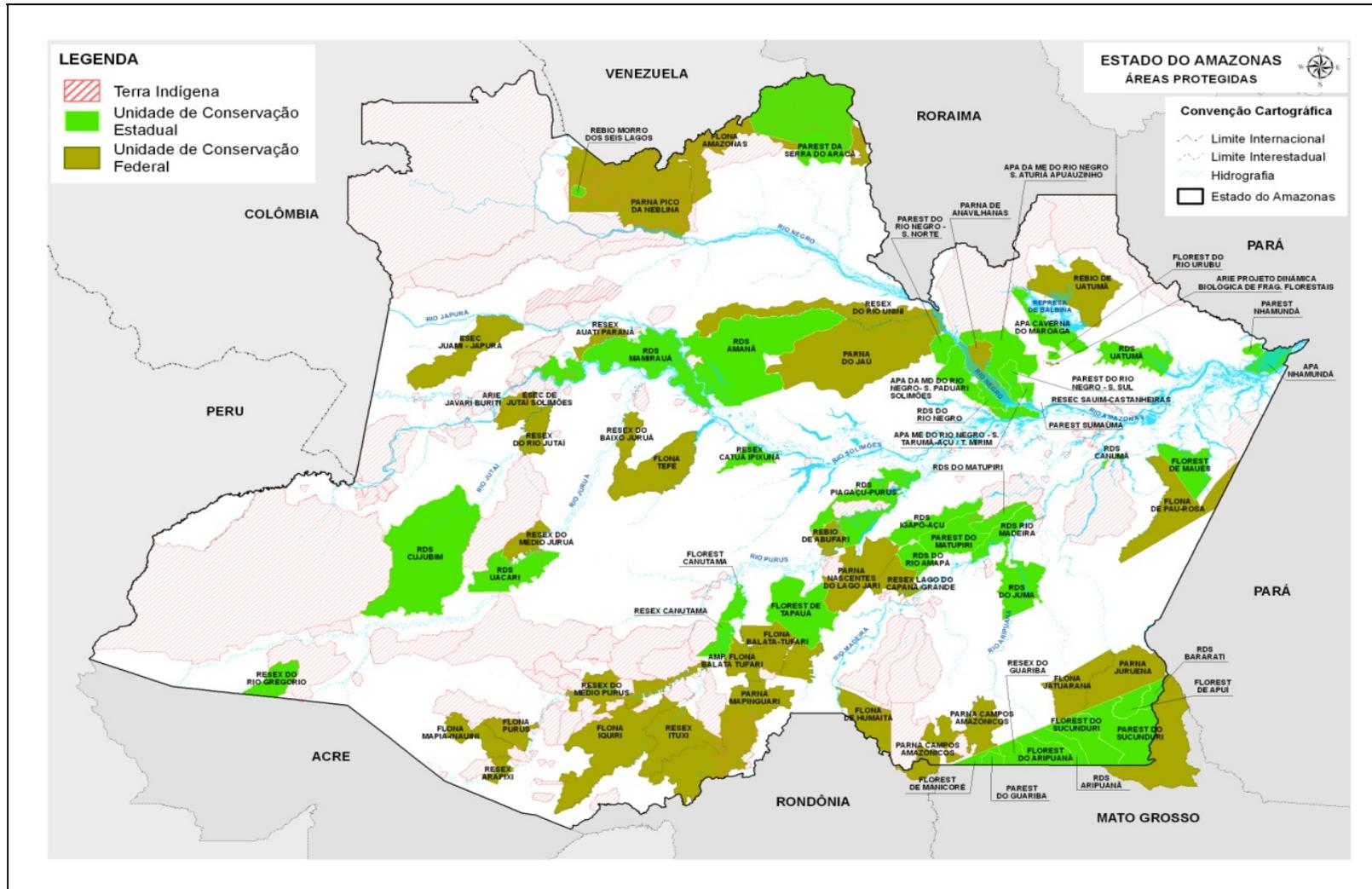


Figura 3. Mapa das terras indígenas e unidades de conservação estaduais e federais no Amazonas em 2009. Fonte: CEUC/SDS

4. INFORMAÇÕES GERAIS



Foto: GZ / Márcia Lederman

4.1. Ficha Técnica

Nome	Reserva Extrativista do Rio Gregório
Área	305.268,47 hectares
Município	Ipixuna e Eirunepé
Unidade gestora	CEUC - SDS - Governo do Amazonas
População	181 famílias agroextrativistas e cerca de 1100 pessoas.
Entidade representativa da população	AMARGE - ASSOCIAÇÃO DE MORADORES AGROEXTRATIVISTAS DO RIO GREGÓRIO
Coordenadas geográficas dos vértices poligonais da área	Ponto 01: 71°11'14" WGR 07°15'28" S Ponto 02: 70°58'40" WGR 07°40'30" S Ponto 03: 71°14'34" WGR 07°56'54" S Ponto 04: 71°48'51" WGR 07°49'02" S Ponto 05: 71°38'19" WGR 07°38'16" S Ponto 06: 71°21'45" WGR 07°31'08" S Ponto 07: 71°15'10" WGR 07°24'34" S
Decreto	Decreto Estadual Nº 26.586 de 25 de abril de 2007
Limites	A área é delimitada ao norte pelo Igarapé Coatá e a Terra Indígena Kulina do Médio Juruá, ao sul pela fronteira do Estado do Acre, a leste pelo divisor de águas entre as bacias do Rio Gregório e do Rio Eirú e a oeste pelo divisor de águas entre as bacias do rio Gregório e do Rio Juruá.
Bioma	Floresta Amazônica.
Ecosistemas (vegetação)	Florestas Ombrófila/Tropical densas e abertas e Florestas Inundáveis
Corredor Ecológico	Ausente, porém existe Áreas Protegidas em seu entorno direto
Atividades em desenvolvimento	Agricultura, caça, pesca, criação de animais domésticos e coleta de produtos extrativistas para subsistência.
Atividades potenciais	Extrativismo: seringa, óleo de copaíba e murumuru, fruto de buriti, semente de jarina, cipós, frutos do açaí, andiroba e patauí. Manejo florestal comunitário.
Atividades conflitantes	Extração ilegal de madeira, comércio de fauna e pecuária não comunitária.
Atividades de uso público	Ausente
Zona populacional	Área utilizada pelas comunidades: 2.133,45 hectares, 0,7% do total da área. Densidade populacional: 0,003 hab./Km ² .

4.2. Localização

A Resex do Rio Gregório está localizada em dois municípios do Estado do Amazonas: Eirunepé e Ipixuna e está no centro de uma área com diferentes modalidades de organização territorial, como pode-se visualizar no Quadro 2.

O município de Eirunepé, criado em 1894 tem uma área de 15.832 km² e uma população de 30.901 habitantes. Desmembrado de Eirunepé, o município de Ipixuna foi criado em 1955, tem uma área de 13.566 km² e uma população de 18.202. Ambos fazem parte da 4ª sub-região, denominada Região do Alto Juruá.

Ao norte da Resex está a Terra Indígena Kulina do Médio Juruá, com 730.142 hectares; ao sul, no Estado do Acre, existem duas Florestas Estaduais, do Rio Gregório, com 216.062 hectares e do Mogno, com 143.897 hectares. Estas florestas localizam-se entre a Resex e a Rodovia BR 364, principal eixo de conexão do Estado do Acre com o sul do Brasil.

Quadro 2. Unidades territoriais especiais no entorno da Resex do Rio Gregório, Estados do Amazonas e Acre.

UNIDADE TERRITORIAL	AREA (ha)	MUNICÍPIOS	ESTADO
TI Kulina do Médio Juruá	730.142	Envira, Tarauacá, Ipixuna e Eirunepé	Amazonas
Floresta Estadual Rio Gregório	216.062	Tarauacá	Acre
Floresta Estadual Mogono	143.897	Tarauacá	Acre

Fonte: Acre em Números 2009 e IBGE/Cidades.

A área sul da Resex do Rio Gregório faz fronteira com o Estado do Acre e seu limite sul foi alterado após a criação. A área originalmente proposta para a Resex totalizava 477.042,30 hectares e foi reduzida para 305.268,47 hectares em decorrência de Acórdão lavrado pelo Supremo Tribunal Federal, em 4 de dezembro de 1996, cumprido pelo IBGE em 2006, que alterou os limites dos dois Estados. Pelos novos limites, uma área de 1.228.936,05 hectares, antes pertencente ao Amazonas, foi anexada ao Acre, levando em consequência à diminuição da parcela do território da Resex do Rio Gregório incidente sobre território acreano.

4.3. Acesso à Unidade de Conservação

Existem duas formas de acesso à Resex do Rio Gregório:

- De avião de Manaus para Cruzeiro do Sul, no Estado do Acre, de lá por via terrestre pela BR-364, por 80 km, até a ponte do rio Gregório. Existem ônibus regulares saindo de Cruzeiro do Sul duas vezes por dia que fazem esse percurso. Da ponte do rio Gregório em diante deve-se seguir de barco pelo rio.

Duração da viagem: 3 hs de avião, 3h30 de estrada. O tempo da viagem de barco pode variar de acordo com a potência da embarcação.

- De avião até Eirunepé e de lá segue de barco pelo rio Juruá até alcançar a foz do rio Gregório, seguindo pelo rio até alcançar a reserva. Duração da viagem: 3 hs de avião e 3 dias de barco, tempo que pode variar de acordo com a potência da embarcação.

4.4. Histórico de Criação e Antecedentes Legais

O histórico de criação e antecedentes legais foi elaborado com base nos documentos que subsidiaram a criação da Resex do Rio Gregório e também nos subsídios fornecidos pela construção da linha do tempo, atividade realizada com moradores e gestores da Resex durante a Oficina de Planejamento, em fevereiro de 2010.

A indicação para a criação de uma unidade de conservação de uso sustentável na região do rio Gregório surgiu em 1999 durante o "Seminário Consulta de Macapá"², incluído na lista de áreas consideradas como de extrema importância e alta vulnerabilidade. O rio Gregório também foi inserido em áreas propostas para criação de UCs de uso sustentável no seminário "Biodiversidade na Amazônia Brasileira" realizado em 2001.

A região do alto rio Juruá é considerada uma das áreas de floresta tropical mais biodiversas do mundo. Ao longo de suas margens são encontrados dois tipos de ecorregiões: Florestas do Sudoeste Amazônico e Várzeas de Iquitos, sendo esta última de ocorrência bastante restrita na Amazônia. Em ambas as margens do rio Gregório, ao longo da área proposta para criação da UC, foram identificados dois polígonos (JU 012 e JU 013) de extrema importância para a biodiversidade (Seminário de Consulta, Macapá 1999), principalmente para répteis, anfíbios e mamíferos, assim como muito alta importância para flora e biota aquática.

O processo para a criação desta unidade de conservação teve início em abril de 2005 e foi concluído em abril de 2007 e cumpriu as seguintes etapas até a publicação do Decreto.

◆ 2004-2005 – Solicitação ao IPAAM

Em 2004, dois netos do antigo dono do seringal Santo Amaro, Francisco Iranês da Silva e Artemisia Souza do Vale, nascidos no rio Gregório e trabalhando em órgãos públicos do Estado, tomaram as primeiras iniciativas para a criação de uma Reserva Extrativista naquele rio.

Em 2005, Iram, então presidente do assentamento do INCRA no rio Eirú, ao sul do território atualmente contemplado pela UC, solicitou ao IPAAM, por intermédio de Artemisia, a criação de uma Reserva Extrativista no Rio Gregório.

A proposta foi formalizada pela Associação dos Moradores do Projeto de Assentamento Agroextrativista Santo Antônio–Mourão (AMPAESAM) junto à SDS em 14 de abril de 2005.

O interesse manifestado pelos moradores estava associado aos benefícios que poderiam receber a partir da criação da Resex, em termos de aproveitamento e extração de recursos naturais (látex, óleos de andiroba e copaíba e outros) de maneira sustentável, assim como de incentivos do Programa Zona Franca Verde.

◆ Dezembro 2005 – Primeiros levantamentos

Entre 6 e 19 de dezembro de 2005 uma equipe da SDS e pesquisadores de outras instituições realizaram os primeiros levantamentos socioeconômicos, fundiários, mapeamento do uso dos recursos, estudo do potencial extrativista e diagnósticos biológicos para fundamentar

·
·
·

² Projeto "Avaliação e identificação de ações prioritárias para a conservação, utilização sustentável e repartição de benefícios da biodiversidade da Amazônia Brasileira".

a proposta de criação da UC. Também foram realizadas reuniões de sensibilização para criação da Resex.

Os estudos indicaram que a proteção da área iria contribuir para a conservação de uma biodiversidade única do alto rio Juruá, com destaque para espécies de primatas endêmicas da região bem como as características socioeconômicas dos moradores do local, tanto quanto o histórico extrativista e as suas relações com a floresta. A reserva iria beneficiar as 181 famílias com 1077 pessoas que residem na área, organizadas em quatro comunidades, 10 localidades (6 a 23 residências) e 7 colocações (2 a 5 residências).

◆ **Março de 2006 – Consulta pública**

No dia 15 de março de 2006, no auditório da Câmara Municipal do município de Eirunepé, foi realizada consulta pública que aprovou a criação de uma UC de Uso Sustentável tendo o rio Gregório como eixo. Foram apresentados os argumentos a favor da criação e posteriormente foram ouvidas as opiniões dos principais atores interessados, tais como representantes das populações residentes na área e entorno, prefeitura de Eirunepé e de Ipixuna, secretarias municipais, entre outras instituições. Participaram 55 lideranças das comunidades localizadas ao longo do rio Gregório: Lago Grande (09), Ubim (19), Muxila e colocação do Bacuri (24), e Havre (3), além de representantes do poder público local e de movimentos sociais, como o presidente do Conselho Nacional dos Seringueiros, Manoel Cunha. Foram realizados esclarecimentos sobre os objetivos da reserva, os limites, as possibilidades, alternativas e restrições a partir da criação da UC.

Ao final da reunião os comunitários apresentaram posicionamento favorável à criação da UC, desde que seja assegurada a viabilização de recursos financeiros para a realização de atividades extrativistas, assim como o escoamento da produção. Após a audiência pública, um abaixo-assinado das comunidades solicitou ao governo do Estado a criação da reserva.

◆ **Maio de 2006 – Início das atividades de organização comunitária.**

Entre 05 e 19 de maio de 2006 foi realizada uma expedição de campo com o objetivo de dar um retorno às comunidades sobre o processo de criação da reserva, bem como iniciar atividades de organização comunitária, mapeamento dos produtos prioritários para a geração de renda, monitoramento dos planos de manejo da área e campanha de vacinação contra a aftosa. Foram realizadas reuniões com comunitários em 03 comunidades estratégicas: Lago Grande, Ubim e Muxila e também vistoriados os planos de manejo da Agência de Florestas e Negócios Sustentáveis do Amazonas (AFLORAM) já existentes na área. Nas reuniões foram trabalhados os temas de educação ambiental, potencial extrativista e madeireiro e foram dadas explicações sobre o SNUC.

◆ **Maio de 2006 - Abaixo-assinado contra a criação da UC**

A demora na criação da UC, desde sua aprovação na consulta pública, criouoportunidade para contestação por parte de comerciantes que exploram madeira e pecuária

ilegalmente em algumas comunidades, que enviaram ao IPAAM e à SDS um abaixo-assinado contra a criação da reserva.

◆ **Junho de 2006 – Recomendação do IPAAM.**

Em 21 de junho de 2006, após análise e observação em campo, o IPAAM recomendou a criação da unidade de uso sustentável do rio Gregório como forma de garantir a melhoria de vida das populações tradicionais ali residentes, bem como a conservação do imenso patrimônio natural da área.

◆ **Julho de 2006 – Tensão no rio Gregório.**

Em julho de 2006 foi organizada uma expedição do Departamento de Gestão Territorial (DEGET), do Instituto de Proteção Ambiental do Estado do Amazonas (IPAAM), em parceria com a Federação dos Trabalhadores na Agricultura (Fetagri) e CNS ao rio Gregório com o objetivo de dar um parecer sobre o documento contra a criação da unidade. Reuniões foram realizadas para esclarecer os moradores sobre a importância da Reserva Extrativista e entender os motivos que os levaram a assinar o referido documento.

Depoimentos dos moradores exemplificam o clima de tensão criado na área:

Morador da comunidade do Ubim: "Passaram por aqui dizendo que a reserva seria muito ruim para nós e que nós deveríamos assinar um abaixo-assinado contra a criação. Eu não assinei, mas outras pessoas assinaram porque trabalham para ele, aí ou assina ou fica sem trabalho, daí a pessoa colocava o nome... Acho que essa pessoa tá preocupado, pois com criação da reserva ele não vai continuar fazendo as atividades com a madeira.... Queremos a reserva, a nossa comunidade foi para a consulta e lá nos aceitamos a criação porque sabemos que é o melhor para nossa comunidade."

Liderança da comunidade do Ubim: "Não é mais possível viver desta forma, a pessoa vem e tira toda a madeira e vai embora... os bichos de casco está cada vez mais difícil de achar... creio que com a criação da reserva poderemos guardar melhor nossas riquezas."

Morador da Colocação do Bacuri: "Estou aqui há mais de cinquenta anos e sempre sonhamos com a criação da reserva, pois é um modelo que vai dar certo, temos muitas esperanças... nasci no Acre e lá já existe reserva, acredito que aqui vai dar certo também."

Após consultar os moradores concluíram que o abaixo-assinado foi forjado por um grupo de pessoas da sede do município em associação com madeireiros que vem explorando madeira ilegalmente dentro rio Gregório; muitas assinaturas foram forjadas e algumas foram dadas "sob ameaça". O parecer foi favorável à criação da reserva.

◆ **Outubro de 2006 – Treinamento sobre gestão da Resex.**

Entre 3 e 4 de outubro de 2006 foi realizada em Eirunepé uma Oficina de Organização Comunitária dos Moradores do Rio Gregório. Participaram 105 moradores em atividades

voltadas para informar e qualificar os moradores a respeito do sistema de gestão de uma UC de uso sustentável, principalmente o mapeamento de instituições parceiras que poderiam compor o Conselho Deliberativo da Reserva.

◆ **Dezembro de 2006 – Preparação para criação da Associação de Moradores.**

De 5 a 9 de dezembro de 2006 outra expedição foi realizada na área com o objetivo de iniciar o processo de esclarecimento para a criação de uma associação de moradores do rio Gregório, em parceria entre os órgãos públicos e os representativos das comunidades rurais e tradicionais, STR de Eirunepé e CNS. A reunião mobilizou 43 pessoas das comunidades de Santo Amaro, Ubim, Lago Grande, Futuro e Fortaleza.

◆ **Abril de 2007 – A Resex do Rio Gregório foi criada.**

No dia 25 de abril de 2007 a unidade de conservação foi criada na modalidade Reserva Extrativista, conforme havia sido a escolha da comunidade na consulta pública. O ato oficial de criação, publicado no Diário Oficial, é o Decreto Estadual nº. 26.586 de 25 de abril de 2007.

4.5. Histórico de Implementação

É preciso ressaltar a mudança de limites que ocorreu na Resex do Rio Gregório após a sua criação. A área total de referência da Reserva, quando foi realizado o mapeamento em 2005 e que consta do decreto de criação era de 477.042,30 hectares. O território da Resex foi reduzido posteriormente para 305.268,47 hectares, em consequência do novo limite territorial do Estado do Acre. A principal consequência para a análise aqui apresentada é o fato de que comunidades incluídas no mapeamento, residentes nos seringais Havre, Santa Fé e parte do Lorena, ficaram fora da Resex.

As seguintes atividades principais foram desenvolvidas depois da criação da Resex e que antecedem a elaboração do Plano de Gestão: a criação do Conselho Deliberativo e da Associação de Moradores da Resex. Foram também realizadas pesquisas especializadas a respeito das potencialidades da reserva. Todas as atividades envolveram capacitação e treinamento de representantes das comunidades da reserva.

Uma cronologia das atividades realizadas é apresentada a seguir:

Outubro 2007	Equipe da SDS retornou ao rio Gregório para auxiliar na criação de uma Associação de Moradores da Resex.
	Oficina de formação e composição do Conselho Deliberativo da Resex em Eirunepé.
	A fiscalização do IPAAM foi à Resex para suspender todos os planos de manejo madeireiro em andamento no rio Gregório devido ao não cumprimento das regras do manejo. Alguns planos eram de moradores e outros de usuários externos.
	Foram distribuídos 10 (dez) kits sangria para produção da borracha. Naquele ano alguns moradores voltaram a trabalhar com extrativismo do látex.
Dezembro 2007	A SDS e o CNS organizaram uma oficina com o objetivo de finalizar os processos de criação da Associação, aprovação do estatuto e registro da entidade.
	Eleição para escolha da diretoria e o Sr. Sebastião da comunidade Santo Amaro foi eleito presidente da Associação dos Moradores Agroextrativistas do Rio Gregório - AMARGE.
	Equipe da SDS trabalhou na sensibilização das comunidades para a criação do Conselho Deliberativo da Resex.
	Equipe de filmagem passou cerca de 14 dias realizando filmagens para produção de um vídeo institucional sobre o Rio Gregório.
	Equipe do INCRA realizou cadastro dos moradores para recebimento dos benefícios do Programa Nacional de Reforma Agrária (PNRA) (alimentação e fomento).
Abril 2008	Mobilização dos Moradores para participar do processo de formação do Conselho Deliberativo: eleição dos representantes da AMARGE no Conselho; eleição da Diretoria da AMARGE; eleição dos representantes dos setores (Lago Grande, Ubim e Muchila) na UC.
	Colocação das placas de sinalização em pontos estratégicos da Resex.
Outubro 2008	Em 7 de outubro foi criada a AMARGE e empossada a diretoria.
	Contratação do gestor da unidade de conservação.
Dezembro 2008	O gestor da UC, acompanhado por representantes da Fundação Amazonas Sustentável (FAS) e do Instituto Nacional da Colonização e Reforma Agrária (INCRA) realizaram novo cadastro para recebimento dos benefícios do PNRA/INCRA e do Programa Bolsa Floresta (FAS). O novo cadastro foi necessário devido ao fato dos moradores terem escolhido como aquisições de fomento, utensílios domésticos ao invés de equipamentos, instrumentos de trabalho e insumos para produção.
	Foi constituído o Conselho Deliberativo da Reserva Extrativista do Rio Gregório.
Abril 2009	Entre 6 e 24 foi realizada expedição para elaborar o Diagnóstico Biológico da Resex organizada pelo CEUC/SDS e INPA. Foram pesquisados quatro grupos temáticos: avifauna, herpetofauna, mastofauna, florestal e botânico.
Mai 2009	Representante do Instituto de Terras do Amazonas (ITEAM) realizou

	medições nas comunidades para emissão do Contrato de Concessão de Direito Real de Uso (CDRU).
Junho 2009	Entrega dos cartões do Programa Bolsa Floresta da Fundação Amazonas Sustentável.
Julho 2009	Reunião ordinária do Conselho Deliberativo da Resex.
	Reunião com os moradores para discutir a reativação dos entrepostos de comercialização.
Setembro 2009	Reunião do Conselho Deliberativo da Resex para revisão e aprovação do regimento interno.
Out/Nov 2009	Novo levantamento socioeconômico por comunidade.
	Entrega do kit-associação: notebook, impressora, máquina fotográfica e materiais de escritório.
Dezembro 2009	Entrega de parte dos benefícios do INCRA para 69 famílias em Eirunepé. O valor do benefício é de 2.400 reais para os moradores cadastrados sendo R\$600 para alimentação e R\$ 1.800 para fomento.

A criação da reserva permitiu a regularização das questões fundiárias e a dinamização da utilização dos recursos naturais, ressaltando que este processo foi realizado com a participação da comunidade em todas as etapas desde a criação até a implementação da UC. A criação da reserva é vista como uma iniciativa que vem trazendo muitos benefícios para as comunidades.

4.6. Origem do Nome

A Resex do Rio Gregório ocupa 54% da área total da bacia hidrográfica do mesmo rio e, por isso, recebeu o nome do rio ao longo do qual estão as localidades e comunidades beneficiadas pela UC.

Diferentemente da maioria dos rios amazônicos que têm denominações indígenas a eles atribuída pelos seus moradores originais, em função das características específicas que apresentam, o rio Gregório recebeu um nome ocidental, de origem grega, que significa "vigilante" e que é muito comum entre os católicos.

O nome foi dado pelo geógrafo inglês William Chandless em homenagem a um trabalhador de sua tripulação. Chandless percorreu o rio Juruá nos últimos cinco meses de 1867 e foi o primeiro não indígena a entrar no Gregório (Chandless 1869: 304-305), como pode-se ver do seu relato³:

“Cerca de 5 milhas acima da boca do Tarauacá um igarapé grande (Goabyru-paraná) (rio do rato) entra no Juruá do mesmo lado. Como sua água é branca, eu deveria ter achado que era outra boca, mas a temperatura estava quase 5 graus Fahr. mais baixa“.

Este é o último nome sobre o qual eu poderia obter qualquer relatório. Nenhum dos Conibos estava familiarizado com o alto Juruá; nem coletores de drogas, pelo menos em tempos recentes, tem sido substancialmente mais alto, materialmente mais elevados, principalmente de medo dos Nauas – um medo que logo começou a crescer em vários dos meus homens."

³ Tradução da autora do relatório.

"Duas vezes os remos foram jogados fora à noite, na esperança de, assim, interromper a viagem, ou talvez provocar um retorno. Na primeira vez, no entanto, todos, e, na segunda, dois deles se desviaram para a terra no final do barranco onde tínhamos dormido. Depois disso, como eu não tinha mais remos de reserva para perder, à noite eu sempre coletava todos que estavam em uso e os colocava na popa e dormia sobre eles. Em seguida uma panela de acampamento desapareceu; mas eu disse que poderia viver muito bem com assados e a restante foi poupada. Felizmente não é fácil maltratar uma canoa de madeira dura sem fazer ruído. Seria injusto generalizar que todos os homens seriam capazes de atos como estes: três estou certo de que não foram e talvez esteja errado com outro; somente um, no entanto, foi corajoso e teve boa vontade. Em sua honra (*si qua est ea cura*) chamei o afluente de rio Gregório."

Outra referência à descoberta e denominação do rio Gregório, por Chandless, está em Tastevin (1928: 205)⁴:

"Os dois maiores afluentes do Juruá depois do Tarauacá são o Gregório e o Riozinho da Liberdade, dois rios gêmeos que saem do mesmo núcleo de colinas de onde descem em direção oeste-noroeste os afluentes diretos do Tejo, tributário do alto Juruá; e, em direção leste-nordeste o São Salvador e o seu afluente, o Ouro Preto, tributários do Tarauacá e em direção Norte, o Liberdade e o Gregório. Chandless foi o primeiro a assinalar estes dois últimos rios em 1867. Ao Gregório ele deu o nome de seu cozinheiro, o único homem de sua equipe de quem não tinha reclamação [...]"

⁴ O texto de referência é uma tradução anônima para o português.

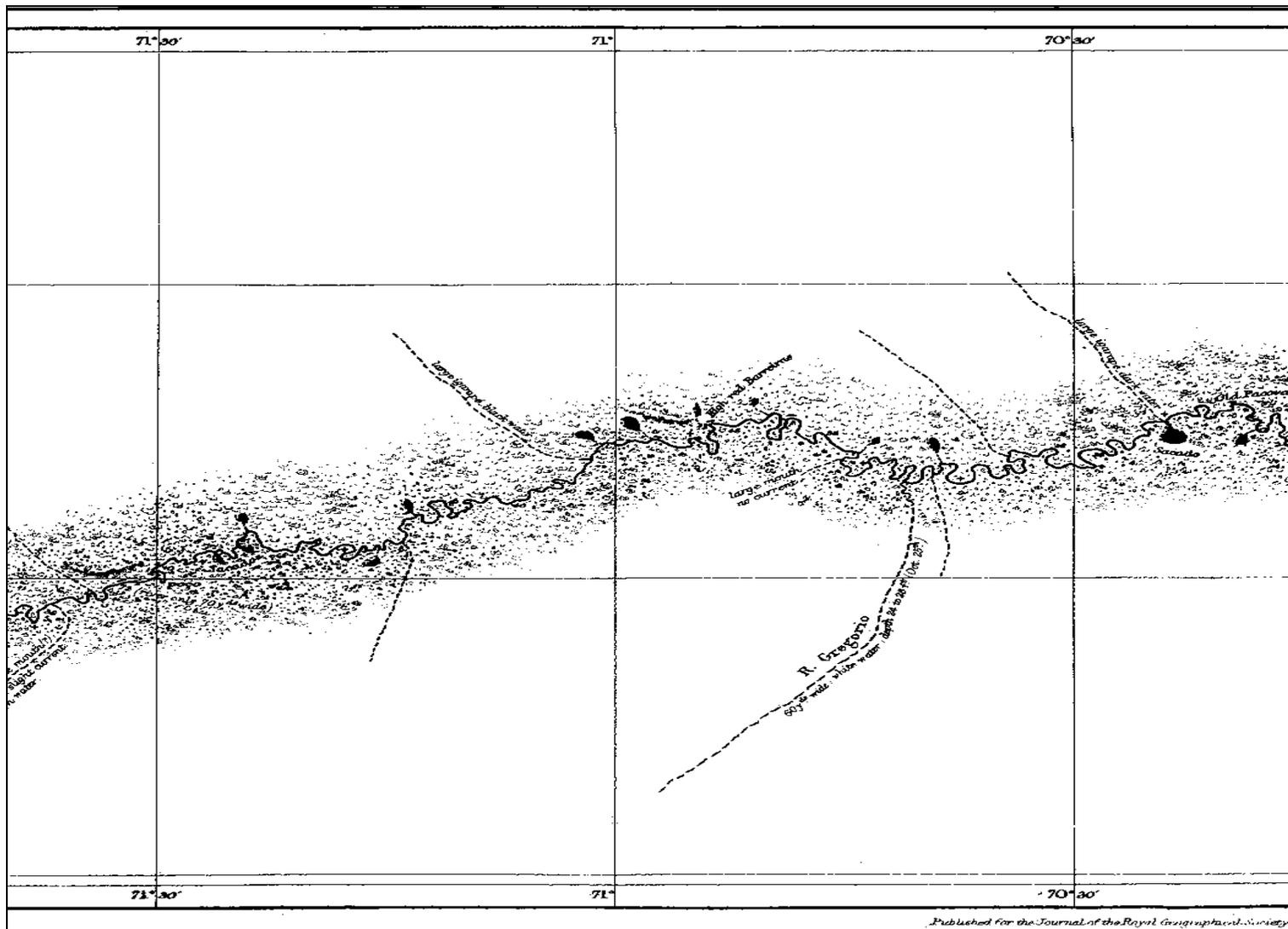


Figura 4. Mapa do rio Gregório elaborado por William Chandless, 1867. Fonte: Chandless 1869.

4.7. Situação Fundiária

A análise fundiária da área fundamentou parecer favorável à criação de uma Reserva Extrativista pelos seguintes fatores: em primeiro lugar, devido ao caráter e ascendência extrativista dos moradores locais e ao potencial extrativista da região; em segundo lugar, pela baixa concentração de títulos definitivos existentes na área; em terceiro lugar, pelos diagnósticos feitos junto à população local.

De acordo com o mapa fundiário elaborado pelo governo do Estado, a Resex do Rio Gregório está contida em terras de domínio do Estado do Amazonas, entre os municípios de Ipixuna e Eirunepé. São três glebas - Professor Manoel Corrêa, devidamente arrecadadas; glebas Araçatuba e Rio Tarauacá, em fase de arrecadação e terras de particulares.

Os moradores do rio Gregório, que no passado trabalharam como fregueses dos seringalistas e, depois da desativação dos seringais permaneceram no local, são considerados posseiros, mas não detêm nenhum tipo de documento relacionado à terra, tais como Título Definitivo, Cadastro do INCRA ou ITR.

O levantamento fundiário identificou a existência de 09 títulos definitivos, referentes a quatro proprietários, como mostram a Tabela 2 e a Figura 5, que permite a visualização das propriedades no mapa original da Resex.

Tabela 2. Propriedades tituladas totalmente ou parcialmente inseridas na Resex do Rio Gregório no limite antigo.

PROPRIETÁRIO	ÁREA (HA)	DENOMINAÇÃO	PERÍMETRO	DATA
Manoel Vicente Carioca	8.877,8425	Havre	55.570,00	20.02.1906
Manoel Vicente Carioca	6.250,1245	Havre	42.969,00 m	20.02.1906
Manoel Vicente Carioca	11.397,1425	Lorena	69.154,00 m	20.02.1906
Manoel Vicente Carioca	3.626,6100	Atalaia	37.828,00 m	25.07.1904
Manoel Vicente Carioca	11.080,4450	Lorena	63.190,00 m	20.07.1904
Manoel Vicente Carioca	4.316,5825	Atalaia	34.428,00 m	25.07.1904
Antonio Souza Rodrigues	5.528,2100	Independência	25.645,00 m	14.02.1907
Pedro de Paula Avelino	2.819,9200	Monte Alegre	29.625,00 m	05.01.1905
Sebastião Gurgel do Amaral	2.806,6325	Recreio	25.780,00 m	06.05.1905

Fonte: CEUC/SDS

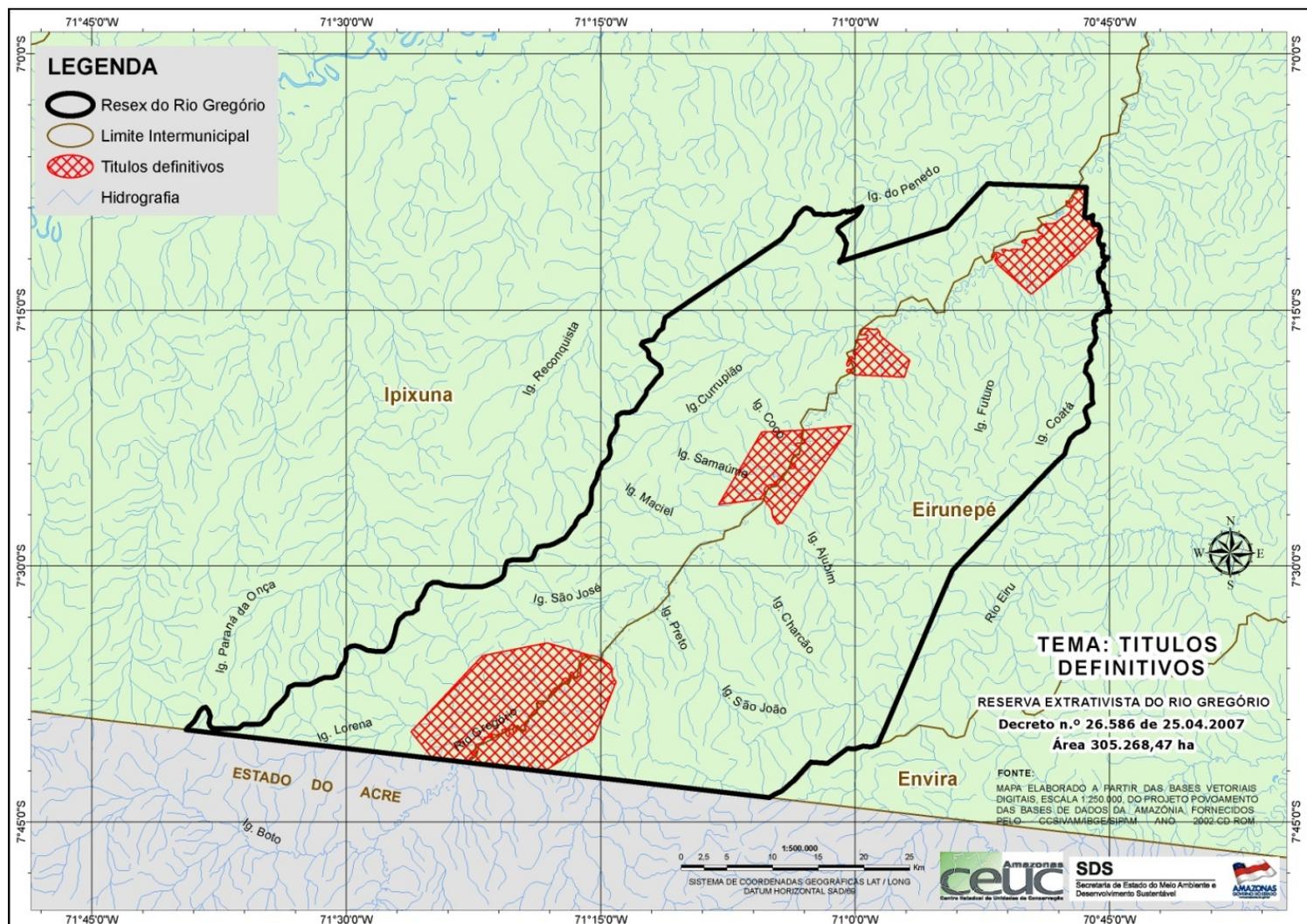


Figura 5. Propriedades tituladas incidentes sobre a Resex do Rio Gregório, em 2007. Fonte: SEUC/SDS.

Estes imóveis cobrem uma área particular de aproximadamente 384.189m de perímetro, cujos proprietários abandonaram o local tão logo houve o enfraquecimento do comércio da borracha, por volta de 1980. Importante salientar que 303.139m, ou seja, cerca de 80% dos títulos, pertenciam a um único seringalista, Manoel Vicente Carioca e os demais, todos com a mesma extensão, a outros três proprietários.

O levantamento realizado em 2007 mapeou a situação fundiária até a BR 364, então entendida como o limite entre os Estados do Acre e do Amazonas. No entanto, desde 2005, o Supremo Tribunal Federal confirmou uma nova demarcação da linha Cunha Gomes, que faz a divisa entre os dois Estados. Com a nova linha, o Acre aumentou em 1,2 milhão de hectares seu território e incorporou parte de municípios amazonenses como Guajará, Ipixuna, Eirunepé, Lábrea e Boca do Acre.

Após a mudança dos limites quatro títulos ficaram fora da área da Resex (Tabela 3), seis ficaram inseridos totalmente nos limites atuais e um ficou parcialmente inserido (Lorena) (Tabela 4):

Tabela 3. Propriedades tituladas originalmente na área da Resex do Rio Gregório que ficaram fora após a mudança de limites.

PROPRIETÁRIO	ÁREA (HA)	DENOMINAÇÃO	DATA
Manoel Vicente Carioca	8476,627	Havre	20.02.1906
Manoel Vicente Carioca	4296,793	Havre	20.02.1906
Manoel Vicente Carioca	3134,226	Lorena	20.02.1906
Manoel Vicente Carioca	409,0318	Lorena	20.07.1904

Fonte: CEUC/SDS.

Tabela 4. Propriedades tituladas totalmente inseridas no limite atual da Resex do Rio Gregório.

PROPRIETÁRIO	ÁREA (HA)	DENOMINAÇÃO	DATA
Manoel Vicente Carioca	8945,649722	Lorena	20.02.1906
Antonio Souza Rodrigues	2275,587194	Independencia	14.02.1907
Pedro de Paula Avelino	3150,202727	Monte Alegre	05.01.1905
Sebastião Gurgel do Amaral	1661,835649	Recreio	06.05.1905
Manoel Vicente Carioca	3595,54709	Atalaia	25.07.1904
Manoel Vicente Carioca	12108,67347	Lorena	20.07.1904
Manoel Vicente Carioca	3728,975231	Atalaia	25.07.1904

Fonte: CEUC/SDS.

Em consequência dessa mudança, a área originalmente definida como Resex do Rio Gregório, de 477.042,30 ha (Decreto Estadual N° 26.586 de 25 de abril de 2007) foi reduzida para 305.268,47 ha, tendo ficado fora as comunidades residentes nos seringais Havre, Santa Fé e parte do Lorena (Figura 6).

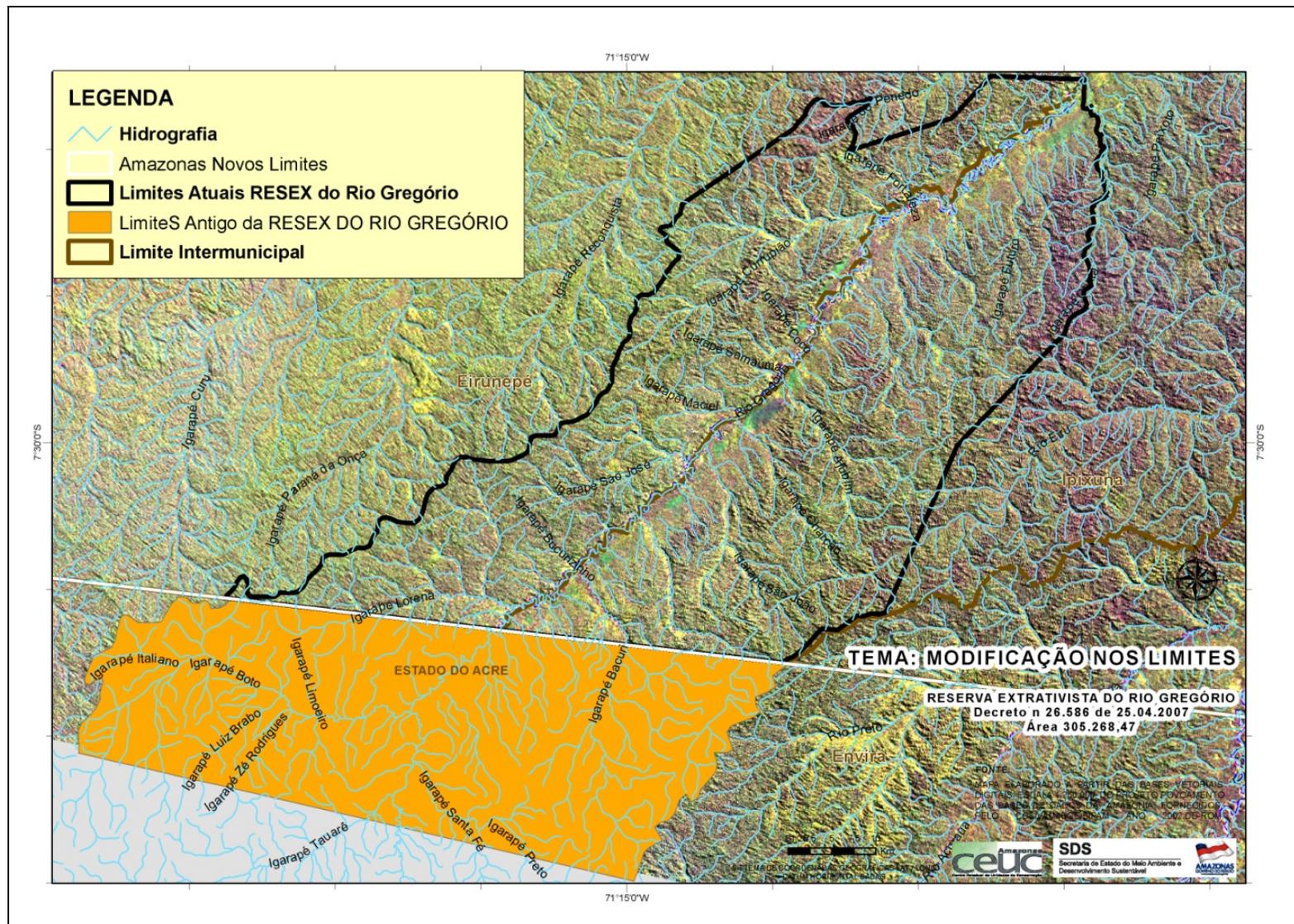


Figura 6. Limites original e atual da Resex.. Fonte: CEUC/SDS.

5. CARACTERIZAÇÃO DOS FATORES ABIÓTICOS



A caracterização dos aspectos geológicos, relevo, solo, clima e hidrologia da UC, que compõem os fatores abióticos da Resex do Rio Gregório, está baseada no “Levantamento de Recursos Naturais, Vol. 15, Folha SB 19 Juruá”, do Projeto Radambrasil, do Ministério das Minas e Energia, publicado em 1977, e na pesquisa realizada pelo CEUC/SDS para subsidiar a criação da Resex.

O rio Gregório corta a área da reserva no sentido sul-nordeste e tem como característica principal a grande quantidade de “curvas”, meandros que vão aumentando de tamanho e quantidade conforme se dirige à sua foz no rio Juruá.

5.1. Aspectos Geológicos

Três categorias de estratificação geológica estão presentes na área: Formação Solimões - que ocupa em torno de 80% da área - Aluviões Holocênicos e Terraços Holocênicos, descritos resumidamente a seguir (Tabela 5 e Figura 7).

Tabela 5. Caracterização geológica da Resex do Rio Gregório.

GEOLOGIA		
Tipologia	Extensão (ha)	Proporção (%)
Formação Solimões	254476,513	83
Aluviões Holocênicos	29912,84187	10
Terraços Holocênicos	22582,997	7

Fonte: CEUC/SDS

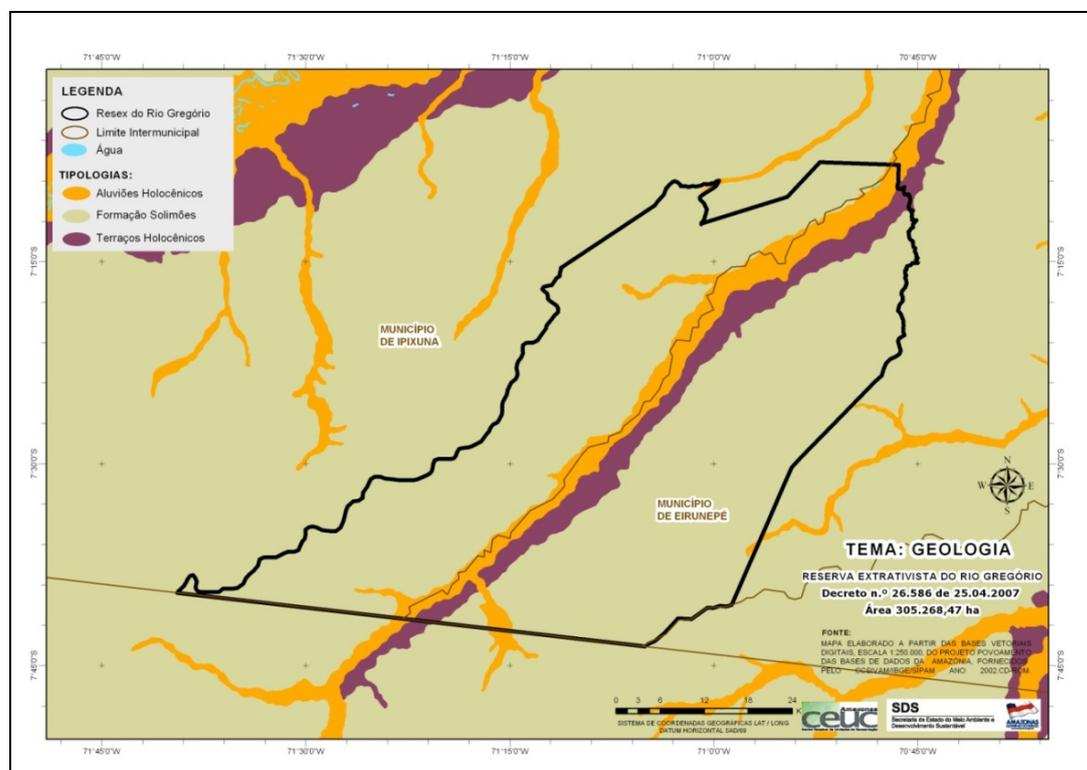


Figura 7. Tipologias geológicas na Resex do Rio Gregório. Fonte: CEUC/SDS

Formação Solimões

Constitui depósitos de barra em pontal e canal, como se verifica na região e em grande parte da Amazônia Ocidental, incluindo na sua constituição arenitos muito finos a médios e matriz argilosa. Ocorre em toda a área mapeada, sendo localmente recoberta, discordantemente, pelas aluviões oriundas da rede de drenagem

As seções da Formação Solimões observadas ao longo dos rios da região mostram dois tipos de depósitos principais: os de barra em pontal e de canal e os de transbordamento, representando, geralmente, partes de ciclos fluviais. Os primeiros caracterizam-se por sedimentos predominantemente arenosos, com granulometria decrescente da base para o topo, variando de areia grosso a silte e argila.

Os depósitos de barra, em especial, mostram, frequentemente, cores avermelhadas e são encontrados em barrancas com até 40 metros acima do nível da água, no período de estiagem, expostas em extensões de até mais de 300 metros (Figura 8).

Os depósitos de transbordamento expostos ao nível da água, no período de maior estiagem, e sobrepostos ou não por depósitos de barra em pontal e de canal de um ciclo posterior são observados em seções de até dez metros de altura. São constituídos, predominantemente, por argilitos e siltitos de cores acinzentadas a esverdeada, com estrutura maciça.

Aluviões e Terraços Holocênicos

Aluviões Holocênicos são depósitos ainda recentes inconsolidados, constituindo planícies e baixos terraços fluviais na região, formados por argilas, siltes e areias predominantemente finas. Terraços Holocênicos são formas de relevo planas ou levemente inclinadas, que ocorrem nos vales dos rios da região, nos quais predominam sedimentos aluviais de constituição variável, incluindo areias, siltes e argilas, bem como seixos

Os terraços são superfícies elaboradas por correntes fluviais que ali impuseram suas planícies de inundação, posteriormente abandonadas. Exibem, algumas vezes, uma cobertura sedimentar, indicando a deposição de antigos aluviões. Na realidade, o que se supõe é que mesmo tendo sido deixado algum depósito aluvionário sobre esses terraços, talvez grande parte ou mesmo a totalidade tenha sido removida durante a implantação de nova planície de inundação.

Na região da Resex, as faixas inundáveis são constituídas de depósitos aluvionários, resultantes do retrabalhamento das terras firmes que a limitam. Os rios cortam essas áreas trabalhando o material erodido e depositando em seguida, num processo contínuo, que se prolonga até os dias de hoje. Em consequência disso, são comuns os lagos de meandro, nos quais, à medida que o tempo passa, desenvolvem-se sobre os mesmos processos de assoreamento. Nessas faixas inundáveis, usualmente chamadas de várzeas, são encontrados dois tipos de depósitos: depósitos de canais, incluindo os sedimentos das barras em pontal, e os residuais de canal; os depósitos de transbordamento, compreendendo a carga em suspensão transportada pelo rio e espalhada na planície de inundação, durante épocas de enchente.

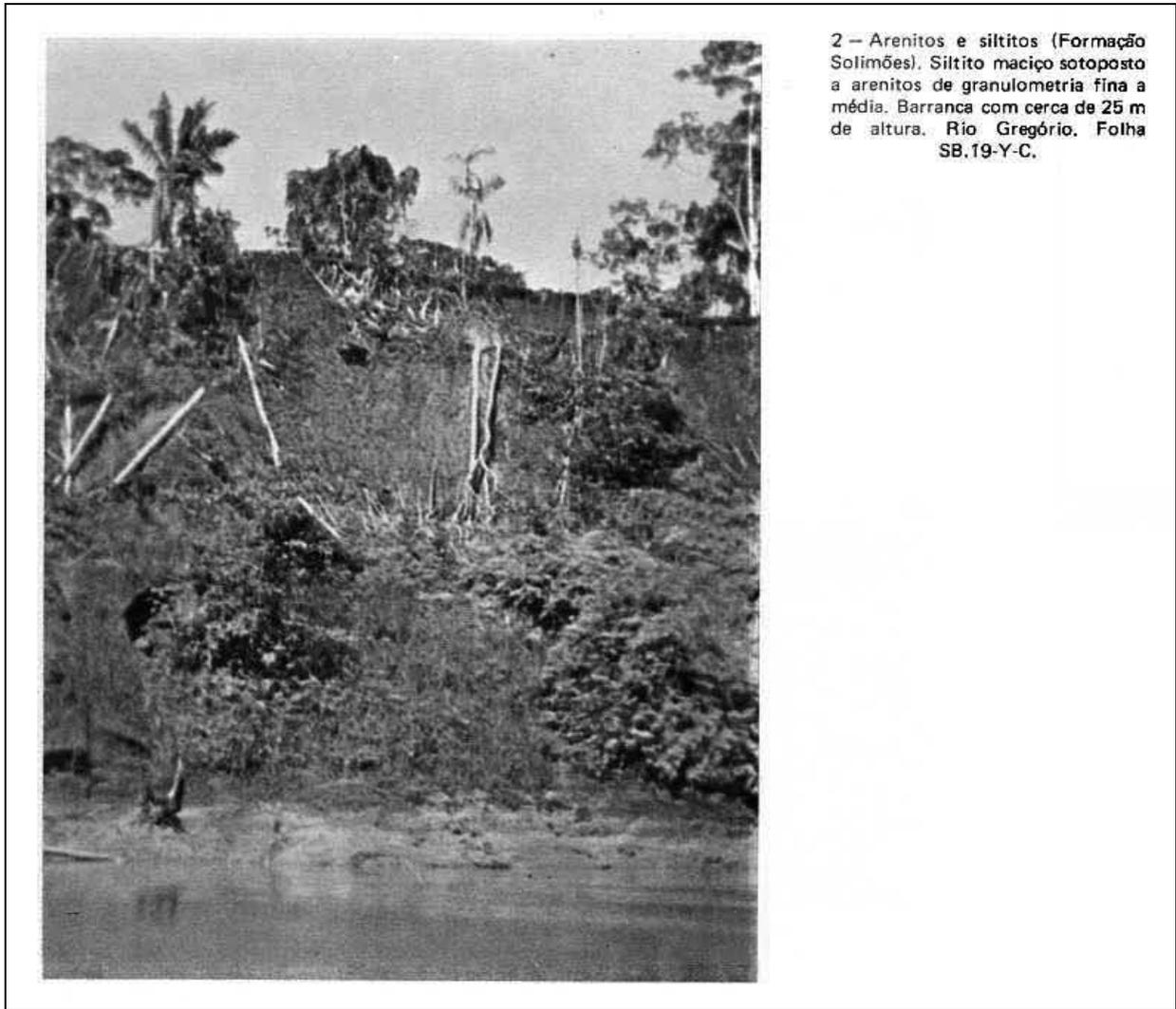


Figura 8. Arenitos e siltitos (Formação Solimões). Siltito maciço sotoposto a arenitos de granulometria fina a média. Barranca com cerca de 25 m de altura. Rio Gregório. Fonte: Projeto Radambrasil, Vol 15, Folha SB 19 Juruá - 1977.

A planície de inundação da área apresenta barrancos de até quatro metros de altura, vistos na época de maior estiagem, constituídos de argilas, siltes, de coloração cinza claro a cinza chumbo, mosqueados de vermelho ou mesmo vermelhos, quando mais próximos do topo.

5.2. Relevo e Solos

Relevo

O relevo da planície do rio Juruá, onde se encontra o rio Gregório, é formado por terraços fluviais e planície fluvial. Os terraços são áreas mais baixas localizadas no entorno dos principais rios e igarapés e periodicamente inundadas.

Três fisionomias geomorfológicas dominam essa região: Planície Amazônica, Depressão do Tarauacá - Itaquai e Depressão do Juruá - Iaco (Tabela 6 e Figura 9).

Tabela 6. Caracterização geomorfológica da Resex do Rio Gregório

GEOMORFOLOGIA		
Fisionomia	Extensão (ha)	Proporção (%)
Depressão do Juruá - Iaco	15332,89493	17
Planície Amazônica	52205,2884	78
Depressão do Tarauacá - Itaquai	237730,2867	5

Fonte: CEUC/SD

Planície Amazônica

Descrição do Padrão: meândrico; anastomosado.

Descrição do Processo: Colmatagem de sedimentos em suspensão. Construção de planícies e terraços orientada por ajustes tectônicos e acelerada por evolução de meandros. Em geral graduais, mas com ressaltos nítidos nos contatos das planícies com as formas de dissecação mais intensas das unidades vizinhas. Os contatos com os terraços mais antigos podem ser disfarçados.

Características: Vários níveis de terraços e as várzeas recentes contêm diques e paleocanais, lagos de meandro e de barramento, bacias de decantação, furos, canais anastomosados e trechos de talvegues retelinizados por fatores estruturais. Níveis de argilas, siltes e areias muito finas a grosseiras, estratificadas, localmente intercaladas por concreções ferruginosas, e concentrações orgânicas, resultando em solos Aluviais, Hidromórficos, Gleyzados e Orgânicos.

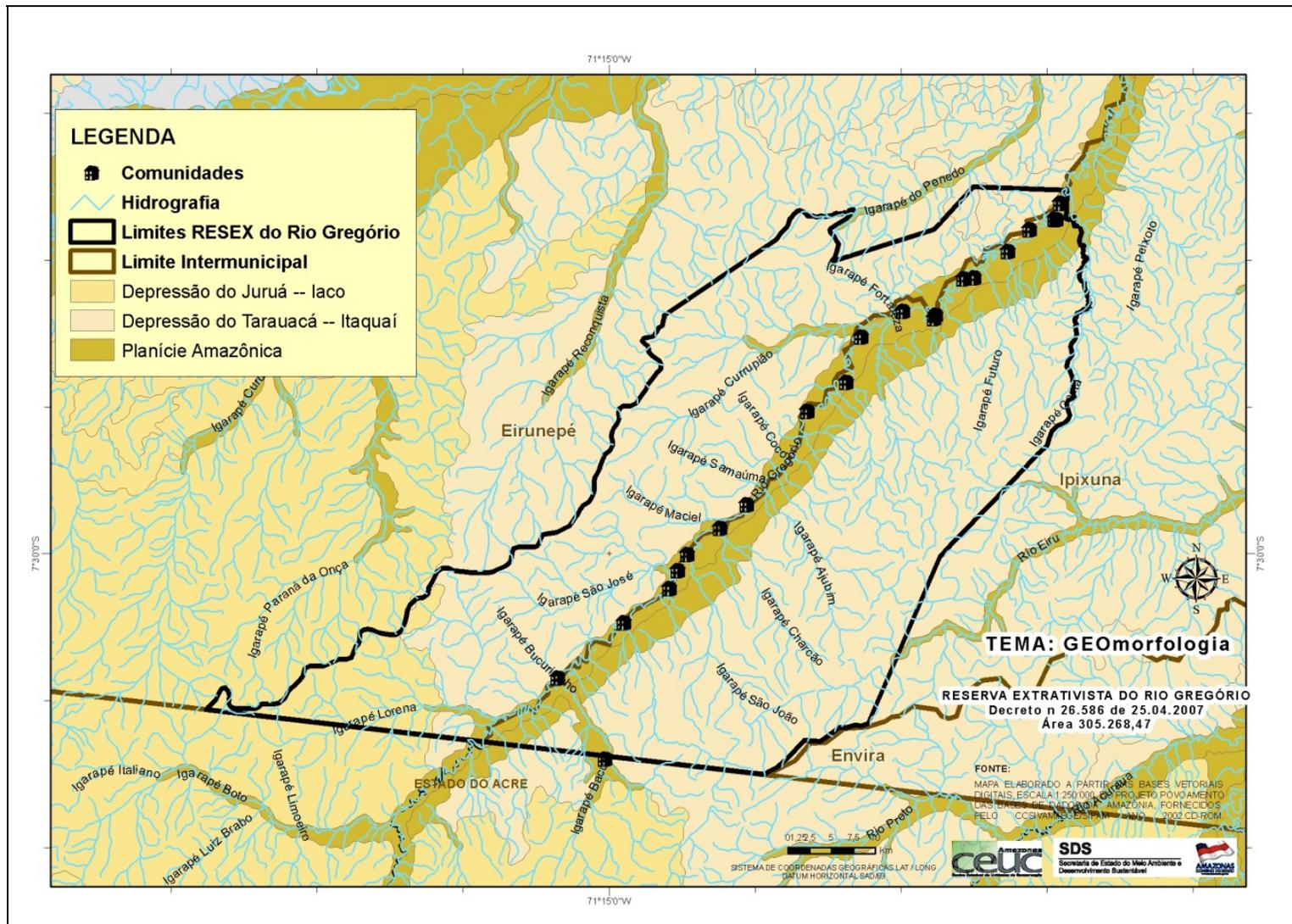


Figura 9. Geomorfologia da Resex do Rio Gregório. Fonte: CEUC/SDS

Depressão do Juruá-Iaco

Descrição do Padrão: dendrítico.

Descrição do Processo: Área nivelada por pediplanação pós-terciária e provavelmente afetada por tectônica tardia. A erosão descaracterizou o aplainamento resultando em modelados de dissecação.

Características: De um modo geral, os contatos com as depressões do Purus-Juruá e do Iaco-Acre são graduais e por diferença altimétrica, mas sem gerar linha de ruptura marcante. Superfície dissecada com elevada densidade de drenagem de primeira ordem. Apresenta modelados de topos convexos, por vezes aguçados, com declives que variam de medianos a fortes. Dominam os sedimentos siltico-argilo-arenosos, com a presença de material carbonático, da Formação Solimões.

Depressão do Tarauacá-Itaquai

Descrição do Padrão: sub-dendrítico.

Descrição do Processo: A abertura das depressões circunvizinhas deixou relevos residuais de uma topografia mais elevada que constituem os relevos mais característicos da unidade.

Características: Os contatos são nítidos e bem marcados com os relevos em posição altimétrica mais baixa das depressões do Javari ~ Juruá e Juruá ~ Iaco. Destacam-se relevos de topos aguçados alongados ocorrendo também formas convexas, com alta densidade de drenagem de primeira ordem. Apresenta descontinuidade espacial pela planície do Juruá e pelos relevos mais baixos das unidades vizinhas. Os siltitos e argilitos da Formação Solimões deram origem a Podzólicos álicos e, secundariamente, a Podzólicos eutróficos.

Solos

Dez tipos de solos ocorrem na região da RESEX do Rio Gregório: Brunizém Avermelhado, Cambissolo, Gleissolo, Gleissolo Húmico, Plintossolo, Podzólico Vermelho-Amarelo, Podzólico Vermelho-Escuro, Latossolo Vermelho Amarelo, Latossolo Vermelho Amarelo Podzólico e Solo Aluvial, sendo que apenas três encontram-se nos limites da mesma. (Figura 10 e Tabela 7).

Cambissolo

Este solo ocorre de forma subdominante associado ao Podzólico Vermelho Amarelo Eutrófico e Álico. Ocorre em relevo que varia de plano a ondulado e sob cobertura florestal aberta e densa. O material originário é constituído por sedimentos diversos da Formação Solimões, de constituição bastante diversificada, proporcionando variabilidade da fertilidade natural. É um solo de profundidade mediana, drenagem de boa a moderada e ácidos a moderadamente ácidos. Possui relativa pegajosidade, influenciando o aumento da susceptibilidade à erosão

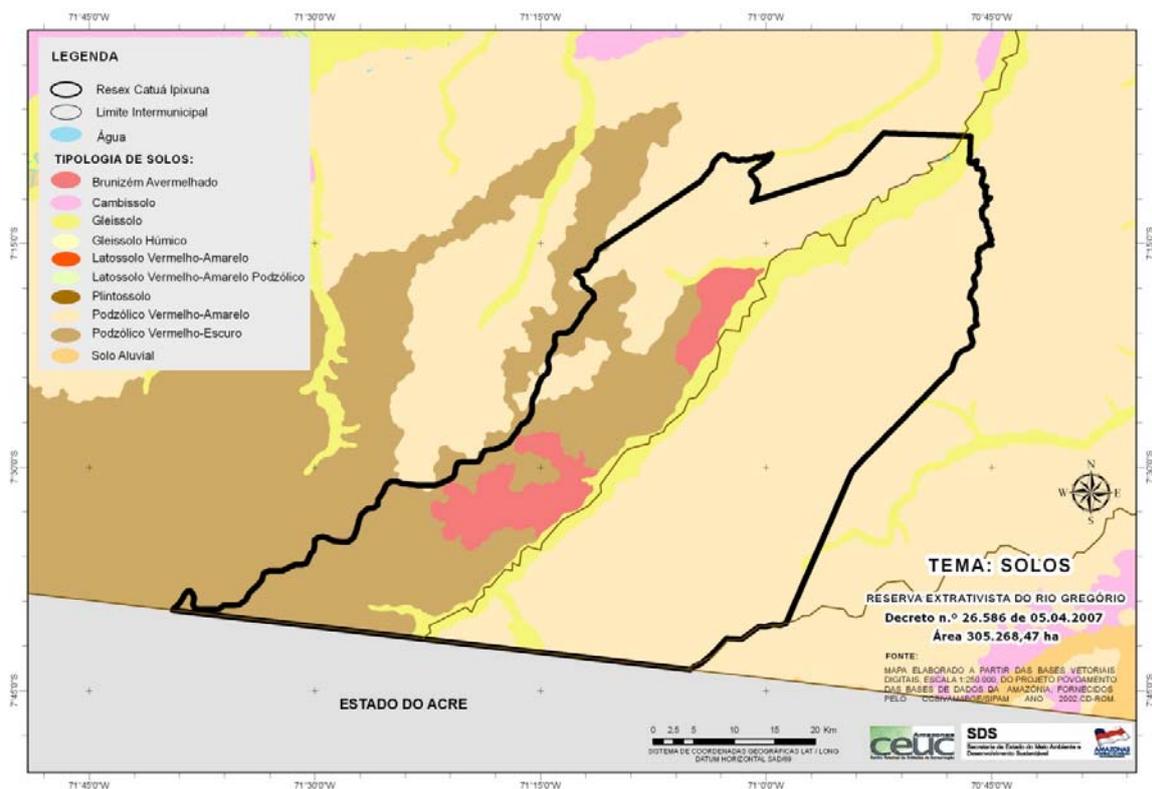


Figura 10. Solos na Resex do Rio Gregório. Fonte: CEUC/SDS

Tabela 7. Caracterização dos solos na Resex do Rio Gregório

PEDOLOGIA		
Solo	Extensão (ha)	Proporção (%)
Cambissolo	111676,09	36,58
Podzólico Vermelho-Escuro	163685,30	53,62
Solo Aluvial	29907,08	9,8

Fonte: CEUC/SDS

Podzólico Vermelho Escuro

Na área mapeada, este solo aparece associado ao Podzólico Vermelho Amarelo Álico, Brunizém Avermelhado e Cambissolo Eutrófico, formando uma considerável extensão de solos férteis. Ocorre em relevo de suavemente ondulado a ondulado, sob domínio de Floresta Aberta e, às vezes, também de Floresta Densa.

A textura deste solo varia de muito argilosa a medianamente argilosa, sua estrutura é fracamente desenvolvida e muitas vezes prejudicada pelo alto teor de umidade, podendo parecer maciça. Sua profundidade é muito variável, indo de média e baixa (solo raso).

Os resultados da relação silte/argila deste solo apresentam valores considerados elevados, o que é considerada uma característica marcante do Podzólico Vermelho Amarelo. O grau de floculação, com valores geralmente de médio a baixo, confere a esse solo também uma acentuada plasticidade e pegajosidade, influenciando o aumento da susceptibilidade à erosão.

Solo Aluvial

Dominantemente, este solo aparece nas planícies de inundação do Solimões. Nos demais rios, se apresenta associado de forma subdominante a outros solos comuns das áreas de várzea, sob o domínio de Floresta Tropical Densa e Floresta Tropical Aberta de áreas aluviais ou, ainda, em áreas de contato da Floresta Tropical Densa com Campinarana.

Como o material de origem é fator que define a formação de solos férteis e não férteis, na área mapeada os sedimentos depositados no processo de enchente e vazante apresentam características e físicas bastante variáveis, dando origem a solos eutróficos (férteis) ou álicos (muito ácidos e não férteis).

O relevo característico deste solo é o plano, apresentando limitações mais sérias somente quanto a riscos de inundações e drenagem deficiente, pois, em geral, são imperfeitamente drenados ou mal drenados.

5.3. Clima e Hidrologia

A principal característica climática da região em que está inserida a Resex do Rio Gregório é apresentar dias curtos e uma diminuição do período seco no sentido sudeste-noroeste, com dois meses de seca no sudeste da área e a inexistência de período seco na sua porção noroeste.

A pluviosidade na área em que está inserida a Resex é bastante elevada, chovendo de 2.250 mm a 2.750 mm por ano. As temperaturas médias anuais apresentam variações limitadas pelas isotermas de 24° e 26° e umidade relativa entre 90% a 95%. O quadrimestre de menor pluviosidade (junho, julho, agosto e setembro) é comum em toda a área mapeada e apresenta precipitação de 380 mm em Eirunepé, município em que se insere boa parte da Resex. No quadrimestre chuvoso, que se estende de dezembro a março, a precipitação em Eirunepé chega a 1.272 mm.

São os seguintes os sistemas atmosféricos que atuam na região em que está inserida a Resex: Massa de Ar Equatorial Continental, Convergência Intertropical, Massa Polar Tropicalizada, Massa de Ar Equatorial Atlântica e Tropical Atlântica, Massa de Ar Tropical Continental Baixa de do Chaco e Frente Polar Atlântica.

A Massa de Ar Equatorial Continental, que tem como região de origem a superfície florestada da Amazônia Centro-Occidental, atua com dominância na área mapeada, promovendo instabilidade diurna sob a forma de fortes aguaceiros, devido às elevadas temperatura e umidade e ao alto teor convectivo.

A Massa de Ar Tropical Atlântica e Equatorial Atlântica, originária da superfície do Oceano Atlântico, setor centro-sul, atinge a área já com pouca umidade, promovendo dias estáveis no inverno e primavera.

A Massa Polar Tropicalizada, seguida da Frente Polar Atlântica, tem atuação esporádica e limitada ao outono e inverno. Neste último, por vezes, sua atuação se faz mais intensa, promovendo o fenômeno popularmente conhecido como "friagem".

As Florestas Densas e Abertas que revestem o relevo dissecado e, respectivamente, terraço e planície do rio Juruá, ocorrem, predominantemente, sob clima Eutermaxérico (ausência de período seco e temperaturas médias mensais acima de 20°). As florestas Densa e Aberta dos baixos platôs ocorrem, dominantemente, sob clima Subtermaxérico Brando (temperatura média do mês mais frio acima de 15°, apresentando de 1 a 20 dias biologicamente secos), e sob clima Subtermaxérico Severo (temperatura média do mês mais frio acima de 15°, apresentando de 20 a 40 dias biologicamente secos) observa-se, ainda, a ocorrência das Florestas Densas dos baixos platôs e Densa e Aberta dos terraços do rio Purus (Ver Figura 11 com o mapa bioclimático).

Quanto à hidrografia, a Resex do Rio Gregório foi criada tendo o rio Gregório como eixo central e cerca de 80% das nascentes do rio Gregório estão protegidas pela Resex. Foram mapeados 174 corpos d'água - 122 lagos e 52 igarapés utilizados pelos moradores e identificados no primeiro levantamento amostral realizado em 2005 (Figura 12).

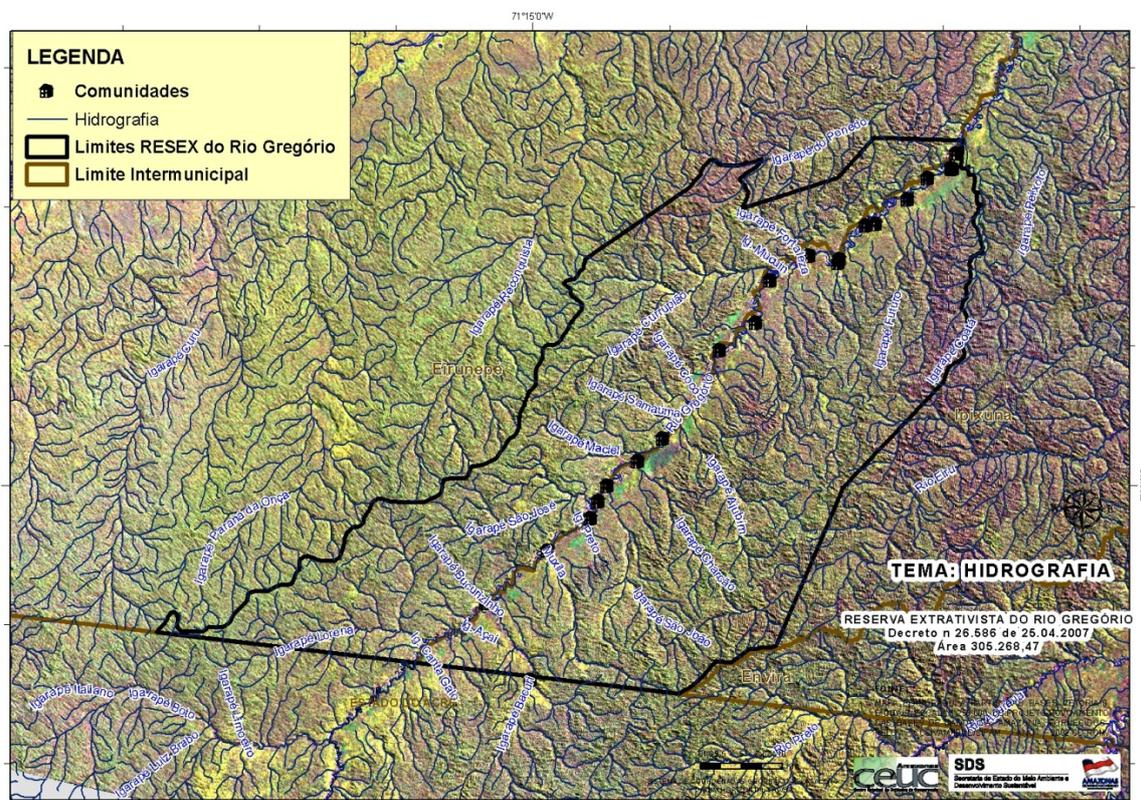


Figura 12. Mapa da hidrografia regional. Fonte: CEUC/SDS

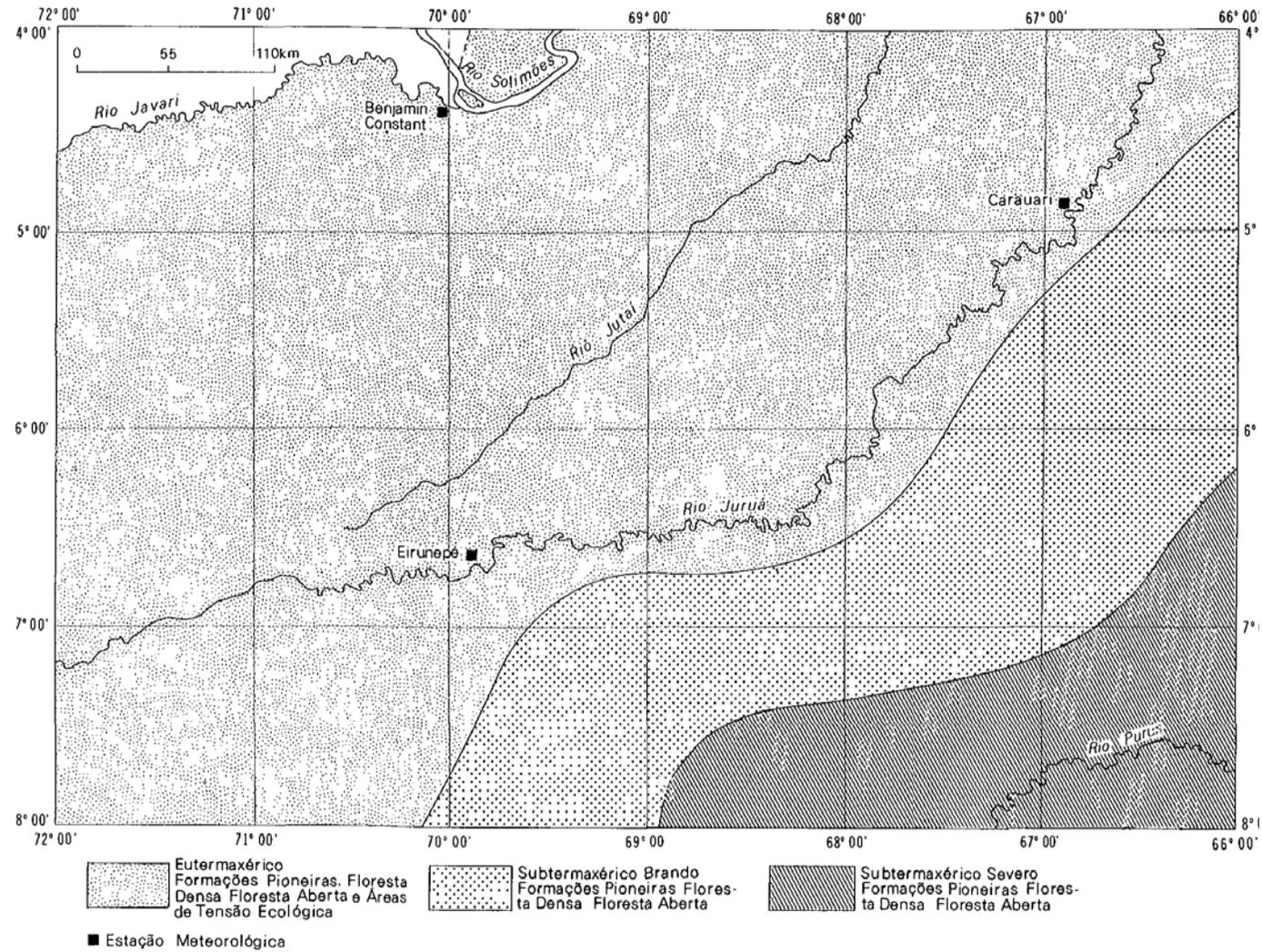


Figura 11. Mapa bioclimático da região. Fonte: Projeto Radambrasil, Vol 15, Folha SB 19 Juruá - 1977.

6. CARACTERIZAÇÃO DOS FATORES BIÓTICOS



Foto: Gtz / Márcia Lederman

A caracterização dos fatores bióticos (vegetação) da Resex do Rio Gregório está fundamentada em relatórios técnicos sobre paisagens (Batista, 2006); potencial extrativista (Zingra, 2006) e mapeamento do uso dos recursos naturais (Mosqueira, 2006) produzidos para o estudo de criação; e diagnósticos biológicos complementares para subsidiar a elaboração do Plano de Gestão: inventário botânico (Trindade *et al.* 2009); potencial madeireiro (Guimarães, 2009) e potencial não madeireiro (Canalez, 2009).

A caracterização dos fatores bióticos (fauna) da Resex do Rio Gregório está fundamentada em relatórios técnicos sobre ictiofauna, primatas (Ravetta, 2006) e mamíferos de médio e grande porte (Pinheiro, 2006) produzidos para o estudo de criação; e inventários biológicos complementares para subsidiar a elaboração do Plano de Gestão: herpetofauna (Pantoja e Fraga, 2009) e avifauna (Vieira da Costa *et al.* 2009).

Todos os exemplares coletados durante os estudos de criação e diagnóstico para elaboração do plano de gestão, sendo eles animal ou vegetal, foram depositados nos respectivos museus do Instituto nacional de Pesquisa da Amazônia - INPA.

6.1. Vegetação

Dentro dos limites da Resex do Rio Gregório é possível diferenciar cinco tipologias florestais: Floresta Ombrófila Aberta Aluvial com palmeiras; Floresta Ombrófila Aberta Terras Baixas com bambus; Floresta Ombrófila Aberta Terras Baixas com palmeiras; Floresta Ombrófila Densa Aluvial Dossel emergente; Floresta Ombrófila Densa Terras Baixas Dossel emergente. A Floresta Ombrófila Densa Terras Baixas Dossel uniforme, que aparece no mapa mas não na tabela ocorre no entorno da Resex (Figura 13 e Tabela 8). Mais de 80% da Resex é formada por Floresta Ombrófila Aberta Terras Baixas com palmeiras e Floresta Ombrófila Densa Terras Baixas Dossel emergente.

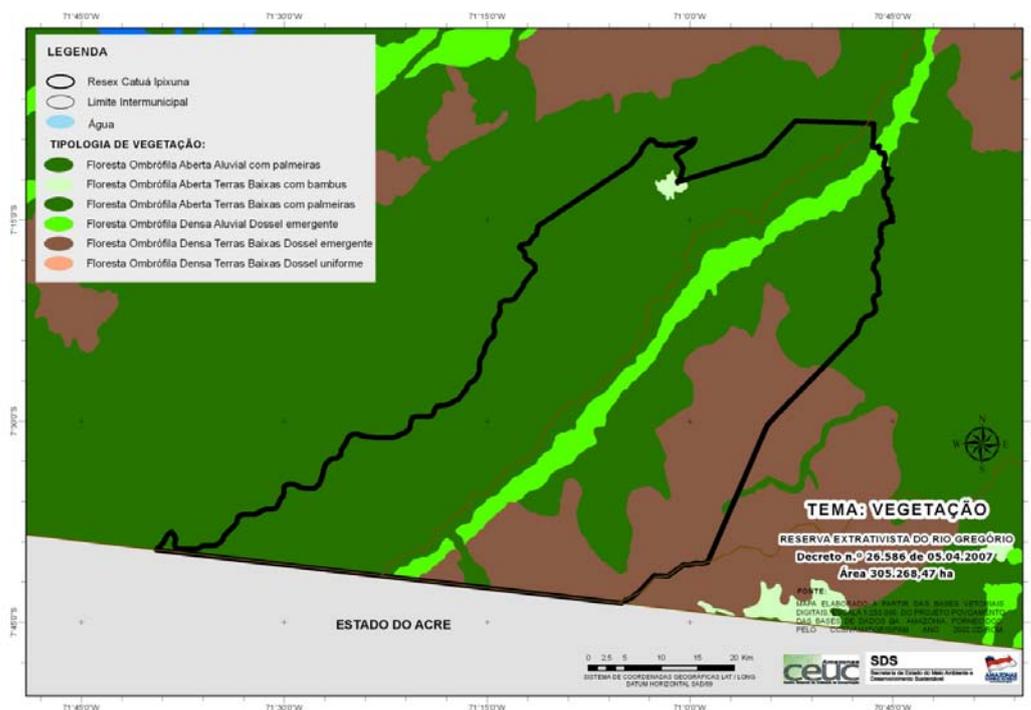


Figura 13. Mapa das principais tipologias de vegetação da Resex do Rio Gregório.
Fonte: CEUC/SDS

Tabela 8. Tipologias de vegetação presentes na Resex do Rio Gregório.

Classe	Áreas (ha)	Participação (%)
Floresta Ombrófila Aberta Aluvial com palmeiras	29.611,04	9,7
Floresta Ombrófila Aberta Terras Baixas com bambus	915,80	0,3
Floresta Ombrófila Aberta Terras Baixas com palmeiras	186.213,76	61
Floresta Ombrófila Densa Aluvial Dossel emergente	22.284,59	7,3
Floresta Ombrófila Densa Terras Baixas Dossel emergente	66.243,25	21,7
Total	305.268,47	100

Fonte: CEUC/SDS

As Paisagens do Rio Gregório

Inicialmente a paisagem foi caracterizada com a análise de imagens do satélite Landsat-5 para localizar as principais unidades da paisagem e os ecótonos. Para se caracterizar qualitativamente as paisagens existentes ao longo do rio Gregório foram realizadas oito saídas a campo percorrendo 160 km de trilhas com a maior variação de paisagens possível. Também foram realizadas entrevistas ao longo do rio para coletar informação a respeito das espécies arbóreas e sua utilização. No total foram coletados 80 pontos distribuídos pelas diferentes paisagens existentes (Figura 14).

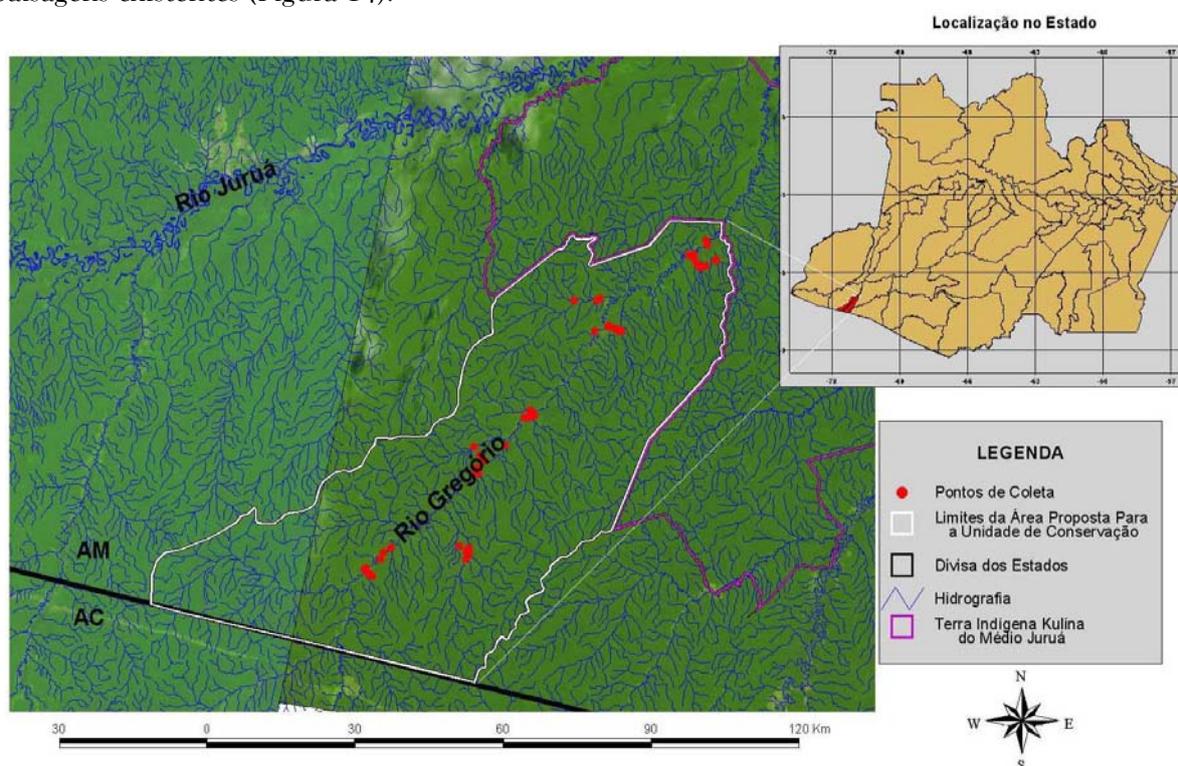


Figura 14. Pontos de coleta de avaliação de paisagens sobre os limites da Resex do Rio Gregório definidos em 2005. Fonte: CEUC/SDS

As paisagens foram classificadas utilizando a altitude para diferenciar entre mata de terra firme e várzea e a estrutura da vegetação para caracterizar as matas densas ou abertas. Com base nesses classificadores foi possível a identificação de oito diferentes classes de paisagens, sendo que três delas são “manchas” de fisionomias vegetacionais monodominadas, causadas possivelmente por diferenças pedológicas.

A Resex do Rio Gregório apresenta dentro de seus limites oito diferentes tipos de paisagem: mata de várzea densa; mata de várzea aberta; mata de terra firme densa; mata de terra firme aberta; matas monodominadas (buritizais, bananal e jarinais); campina e áreas alteradas devido à ação antrópica.

A vegetação apresenta um padrão de distribuição norte-sul, as matas de várzea concentram-se principalmente na margem direita do rio Gregório e foi a que sofreu maior ação antrópica, enquanto as matas de terra firme encontram-se bem preservadas e com baixa pressão de exploração.

Dentro de florestas de terra firme (Figura 15a-b), foram observadas áreas com ocorrência de taboca *Guadua* sp. nas regiões mais ao sul da reserva, próximo à Comunidade 1º de junho (Figura 15d) e uma área com predominância de jarina *Phytelphas macrocarpa* foi amostrada em uma área de transição terra firme-várzea próximo à Comunidade Ubim (Figura 15c).



Figura 15. Mata de terra firme (a, b), com jarinal no sub-bosque na transição com mata de várzea (c) e com taboca (d). Fonte: CEUD/SDS

A área ocupada por classe de paisagem e a participação de cada classe na área total da Resex do Rio Gregório estão apresentadas na Tabela 9. Mais de 80% do total se concentra na mata de terra firme densa e aberta.

Tabela 9. Área ocupada por classe de paisagem e porcentagem em relação à área total proposta para a criação da unidade de conservação.

Classe da Paisagem	Extensão (ha)	Participação (%)
Mata de Várzea Densa	22.486,63	4,87
Mata de Várzea Aberta	36.468,86	7,89
Mata de Terra Firme Densa	138.891,40	30,07
Mata de Terra Firme Aberta	251.297,30	54,40
Buritizais e Campinas	7.344,45	1,59
Capoeiras	1.783,08	0,39
Áreas de Uso	3.671,28	0,79
Total	461.943,00	99,96

Fonte: CEUC/SDS.

As principais características da estrutura da vegetação, as fotos e o recorte da imagem de satélite que melhor representam cada uma das paisagens estão apresentados a seguir. Uma lista de espécies arbóreas encontradas na região do rio Gregório está no Anexo 1.

6.1.1. Mata de Várzea

As matas de várzea se caracterizam por ocuparem os terraços fluviais, que são as áreas mais baixas do relevo no entorno dos rios e igarapés principais, sendo periodicamente inundadas. O solo encontrado nas matas de várzeas é mais metamorfozido em geral com uma grande porcentagem de areia, com um teor de umidade muito grande, permanecendo inundado em grande parte do inverno. Ao longo do rio Gregório foi possível identificar dois tipos de mata de várzea que caracterizaram duas classes de paisagens.

Mata de várzea densa

Além das características acima citadas apresenta os estratos inferiores (arbustivos e o sub-bosque) com uma estrutura vegetacional mais densa com a presença de bambus e muitas palmeiras, provavelmente devido à menor dinâmica das águas, proporcionando um sombreamento quase total do solo. O dossel apresenta poucas árvores emergentes que vão aumentando de número e tamanho conforme a altitude vai se elevando. A altitude dessa classe varia de 170 a 248 metros e ocupa um total de 22.486 hectares (Tabela 9). A Figura 16 mostra as fotos, localização das áreas visitadas e a imagem de satélite das áreas de mata de várzea densa.

Mata de várzea aberta

Além das características acima citadas essa vegetação apresenta apenas quatro substratos, sem dossel emergente e com baixa densidade dos estratos inferiores, provavelmente pela maior dinâmica das águas. É muito comum a existência de palmeiras baixas bem adaptadas às cheias periódicas. O solo apresenta-se muito úmido e é periodicamente inundado durante o inverno ficando muitas vezes encharcado. O número de espécies é aparentemente menor e essa classe de paisagem é a que ocupa a porção mais baixa do relevo, cota 141 a 227 metros acima do mar e ocupa 36.468 hectares (Tabela 9). A Figura 17 mostra a foto, localização dos pontos visitados e a imagem de satélite das áreas de mata de várzea aberta.

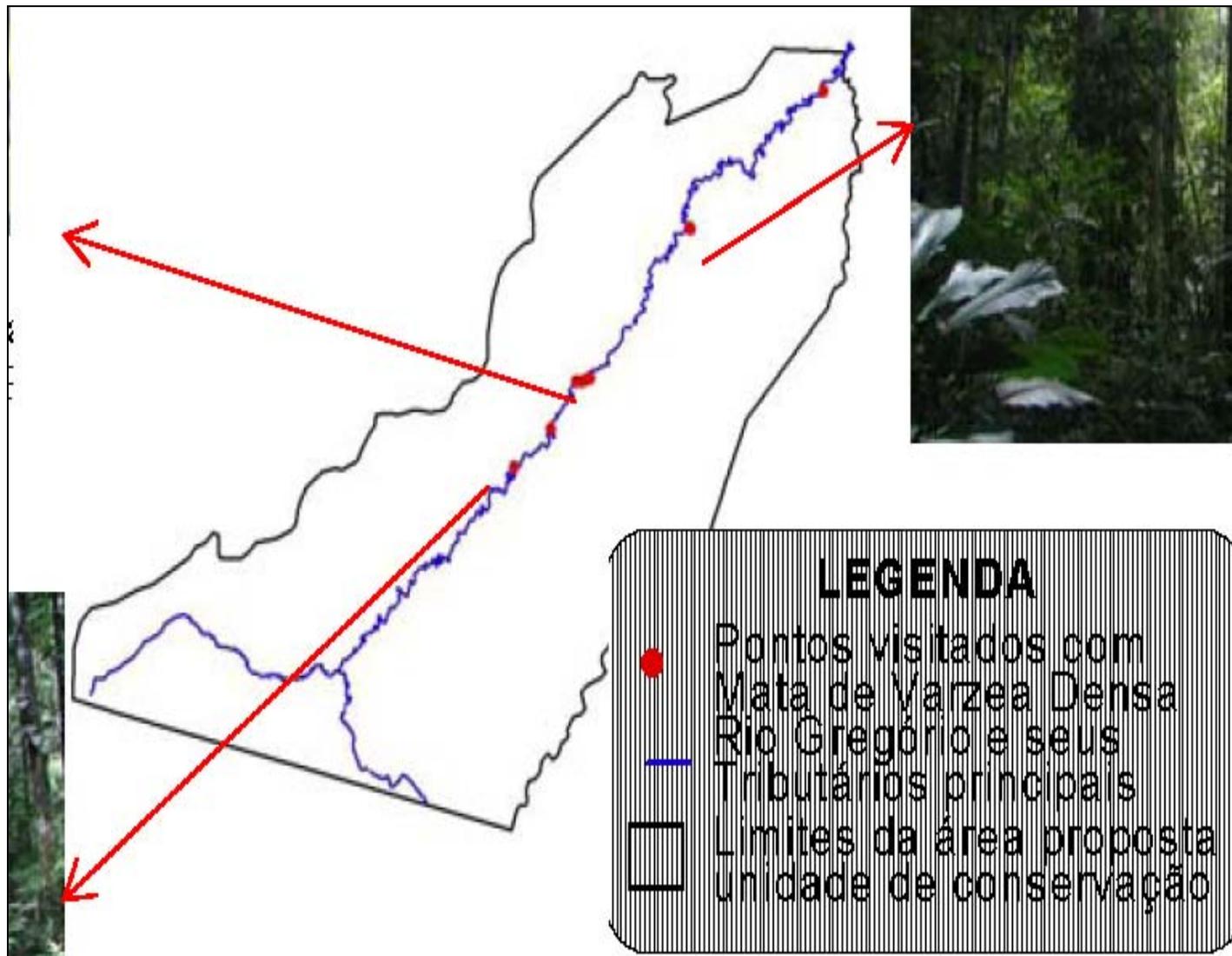


Figura 16. Áreas de mata de várzea densa da Resex do Rio Gregório em 2005. Fonte: CEUC/SDS

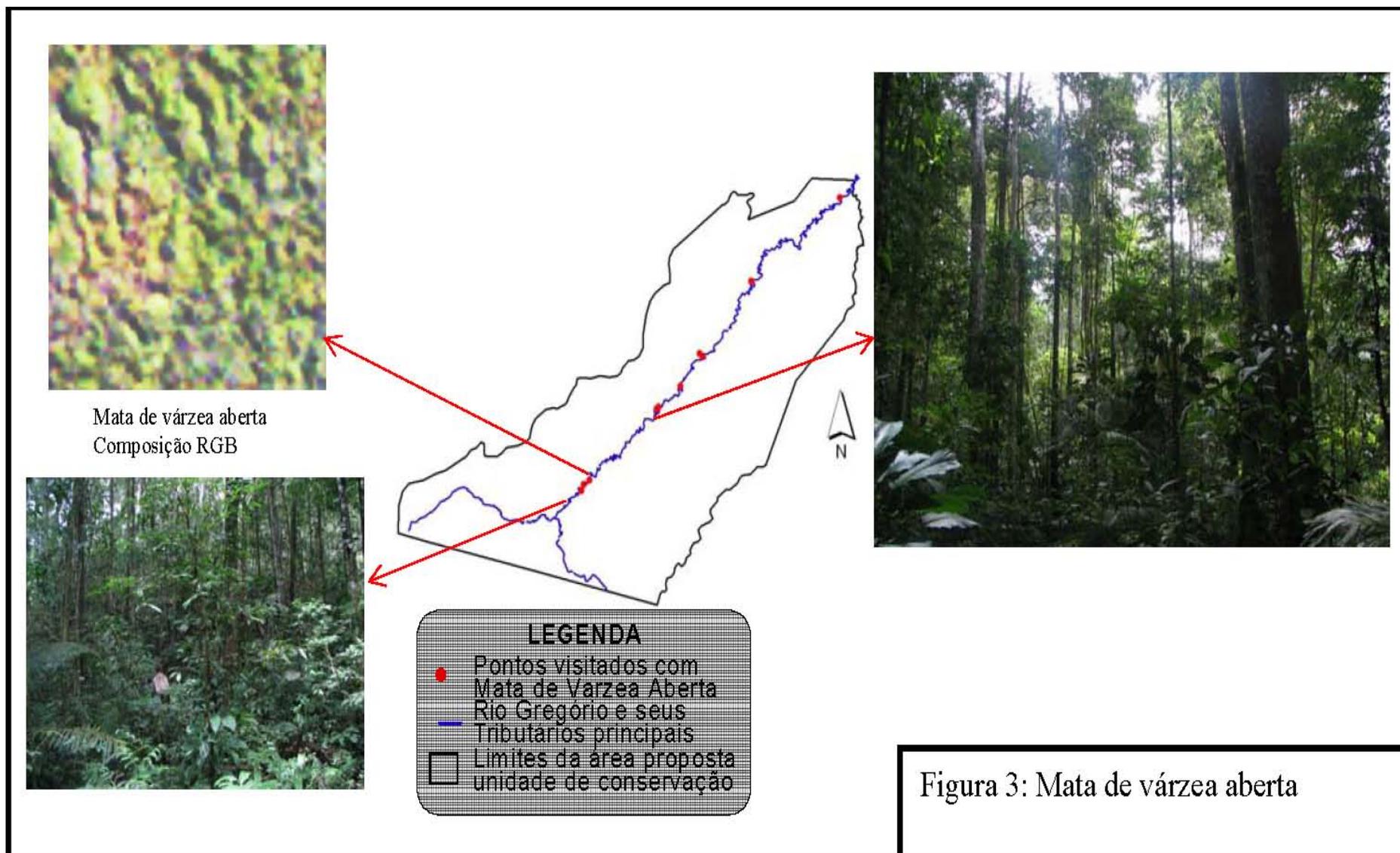


Figura 17. Áreas de mata de várzea aberta na Resex do Rio Gregório. Fonte: CEUC/SDS

6.1.2. Mata de Terra Firme

A mata de terra firme ocorre nas parte mais altas do relevo, em áreas não sujeitas às inundações sazonais dos rios e igarapés. Apresenta uma heterogeneidade maior que as matas de várzea, sofrendo influência altitudinal, variação no tamanho e tipo de horizonte dos solos. Ao longo do rio Gregório foi possível identificar dois tipos de mata de terra que caracterizaram duas classes de paisagens.

Mata de terra firme densa

Além das características acima citadas conta com os estratos inferiores (arbustivos e o sub-bosque) com uma estrutura vegetacional mais densa e/ou uma grande quantidade de bambus (taboca) que, segundo os mateiros, aumenta a quantidade quanto maior for a altitude. Apresenta cinco estratos bem definidos e o dossel não raramente apresenta-se emergente. O solo da mata encontra-se amplamente sombreado, a serrapilheira é farta e o ambiente é bastante úmido. Nessa mata encontra-se a maior variedade de espécies sendo comum a ocorrência de madeiras de lei como o angelim, maçaranduba, agoureiro (mogno), cumaru ferro e cerejeira. Essa classe ocupa as cotas 180 a 320 metros acima do mar e ocupa 138.891 hectares (Tabela 9). A Figura 18 mostra a foto, localização dos pontos visitados e a imagem de satélite das áreas de mata de terra firme densa.

Mata de terra firme aberta

Além das características acima citadas essa vegetação apresenta apenas quatro substrato, sem dossel emergente e com baixa densidade dos estratos inferiores e/ou ausência de bambus (tabocal). Esse tipo de mata também é característico dos topos ou cristas de morros onde encontra-se horizonte de solos menores, baixa diversidade de espécies e uma estrutura mais pobre. Essa classe de paisagem ocupa as cotas 160 a 320 metros e totaliza 251.297 hectares (Tabela 9). A Figura 19 mostra a foto, localização dos pontos visitadas e a imagem de satélite das áreas de mata de terra firme aberta.

6.1.3. Matas “Monodominadas”

Essas três classes de paisagens encontradas no rio Gregório são caracterizadas pela predominância de uma espécie vegetacional, podendo ser resultante de fatores que demandam maiores estudos para serem explicados.

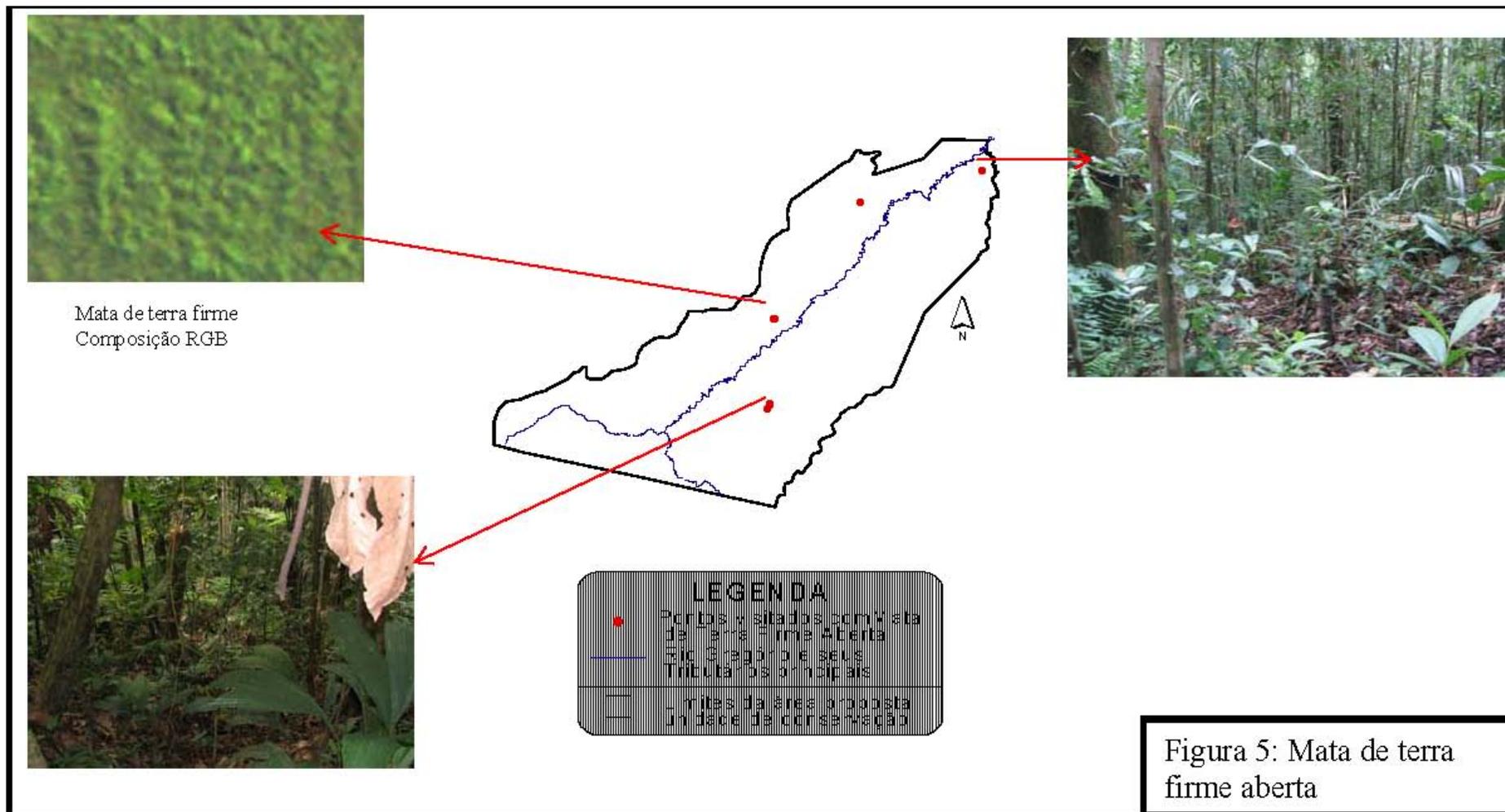


Figura 18. Áreas de mata de terra firme densa na Resex do Rio Gregório. Fonte: CEUC/SDS

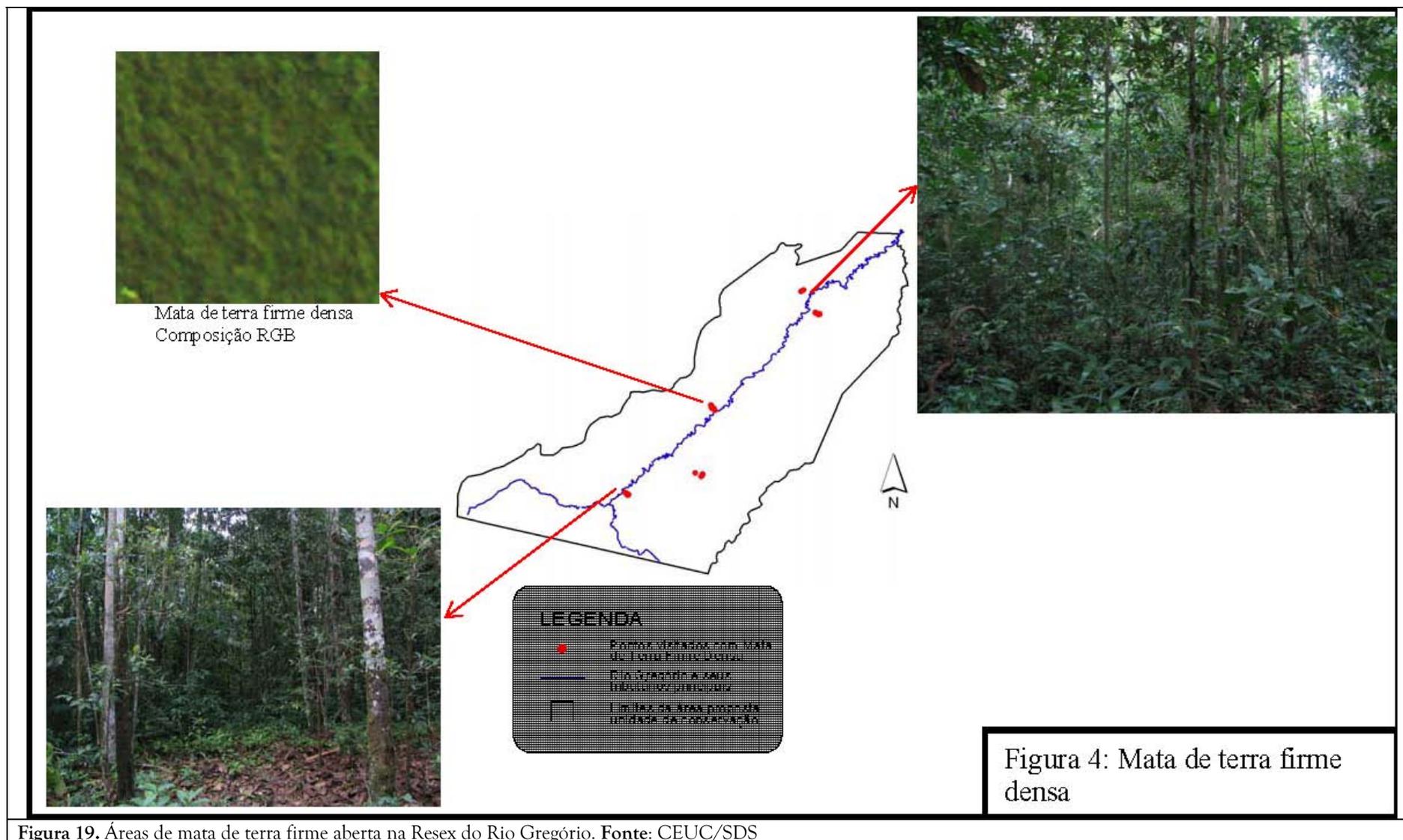


Figura 19. Áreas de mata de terra firme aberta na Resex do Rio Gregório. Fonte: CEUC/SDS

Jarinais *Phytelephas macrocarpa*

A distribuição dos jarinais é irregular, manchas aparentemente não relacionadas à distância de rios e tipo de solo. Por ser uma palmeira de sub-bosque a jarina apresenta maior densidade nas matas de terra firme abertas, sendo essa a única característica comum aos três jarinais visitados. Durante conversas informais e entrevistas os comunitários relataram a existência de extensos jarinais ao longo de todo o rio Gregório. Por estarem dispostos de forma irregular e devido à baixa quantidade de pontos visitados não foi possível recolher uma “assinatura spectral” o que impossibilitou a definição das cotas ocupadas bem como a área dessa classe. A Figura 20 mostra a foto e a localização dos pontos visitados e a imagem de satélite das áreas de jarinais visitados em terra firme aberta.

Buritizais *Mauritia flexuosa*

Apresentam-se distribuídos de forma regular, geralmente com um disposição sul-norte e associados à “campina”, em baixios e áreas com solo muito encharcados, metamorfizados com grande porcentagem de areia e exclusivamente no domínio das matas de várzeas abertas. São comumente encontrados associados ao buriti: a banana brava *Phenakospermum guyanense*, o açaí euterpe precatoria e a mão de onça pteridófito.

“Campina”

Trata-se de uma área de charco, com solo muito metamorfizado permanecendo alagado durante quase o ano inteiro ou então na forma de “lama”. Nesse solo deságuam inúmeros igarapés, a paisagem é dominada por poucas espécies, tais como buriti, mão de onça e mais alguns arbustos.

Essas classes de paisagens ocupam as cotas 143 a 220 metros acima do nível do mar e ocupam 7.344 hectares (Tabela 9). A Figura 21 mostra a foto, localização dos pontos visitados e a imagem de satélite das áreas de buritizais e “campinas”.

Bananal *Phenakospermum guyanense*

Estão distribuídos de forma regular, associados às matas de terra firme, nas vertentes leste e oeste dos morros e nos topos de morros mais altos. O solo é aparentemente menos profundo e com uma porcentagem média de areia chamada pelos mateiros de “areiusca”. Devido à baixa quantidade de pontos visitados não foi possível recolher uma “assinatura spectral” o que impossibilitou a definição das cotas ocupadas bem como a área dessa classe. A Figura 22 mostra a foto e a localização dos pontos visitados de bananais.

A análise da vegetação evidencia que a Resex do Rio Gregório tem uma área muito preservada e grande parte dessa conservação se deve ao fato de ser uma região muito isolada geograficamente. Além disso, a área florestal alagada da UC é uma tipologia peculiar (“hot-spot”), pois além de apresentar uma maior influência na composição local, apresenta também características diferentes das demais várzeas do Estado.

A vegetação apresenta um padrão de distribuição norte sul, sendo que as matas mais densas e que sofreram menos pressão antrópica encontram-se no sul da área. A ausência de espécies de alto valor comercial na região norte da área, pode ser explicada em parte pelo relato dos moradores de que uma grande madeireira já explorou essa área.

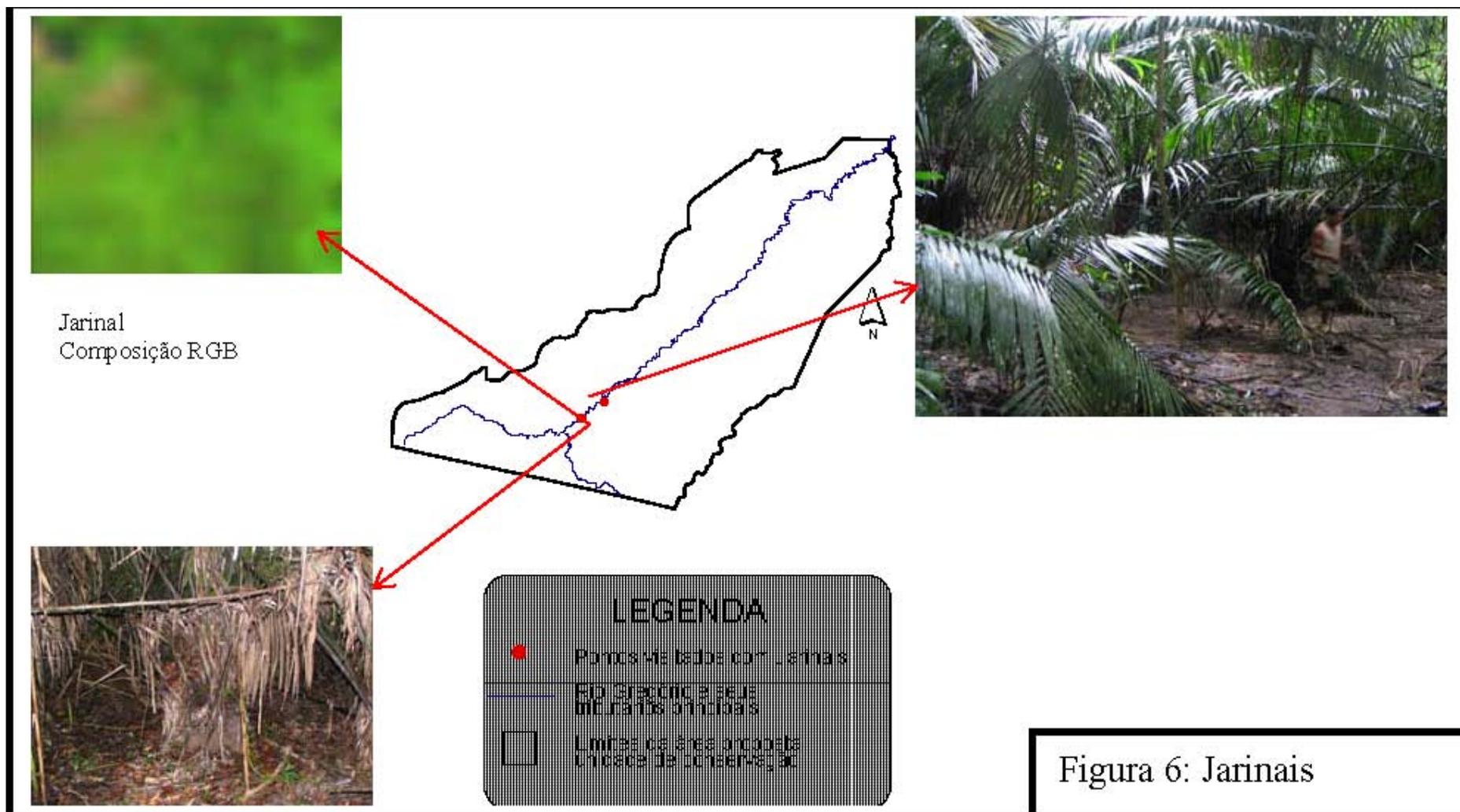


Figura 20. Áreas de jarinais em terra firme aberta na Resex do Rio Gregório. Fonte: CEUC/SDS

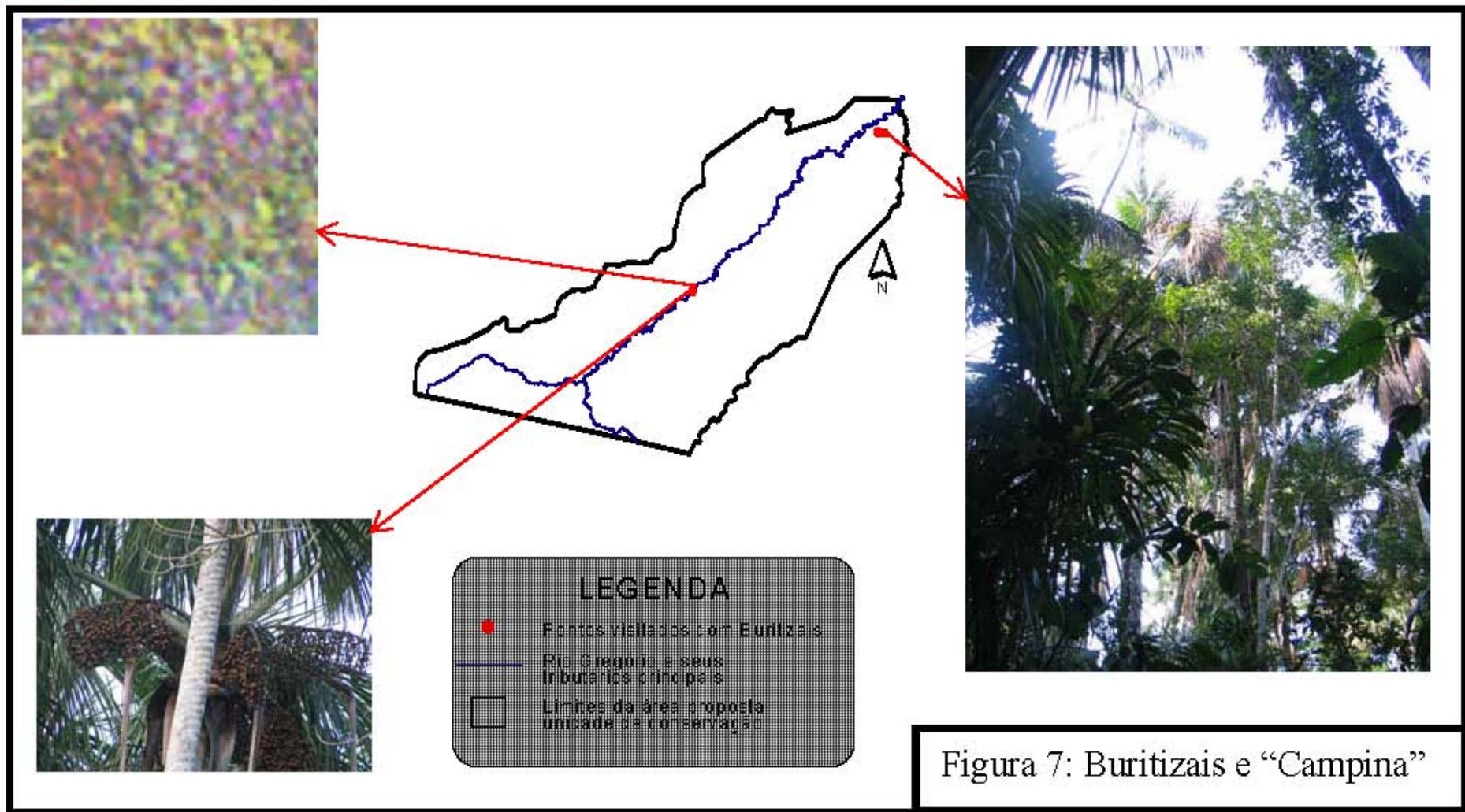


Figura 21. Áreas de buritizais e “campinas” na Resex do Rio Gregório. Fonte: CEUC/SDS

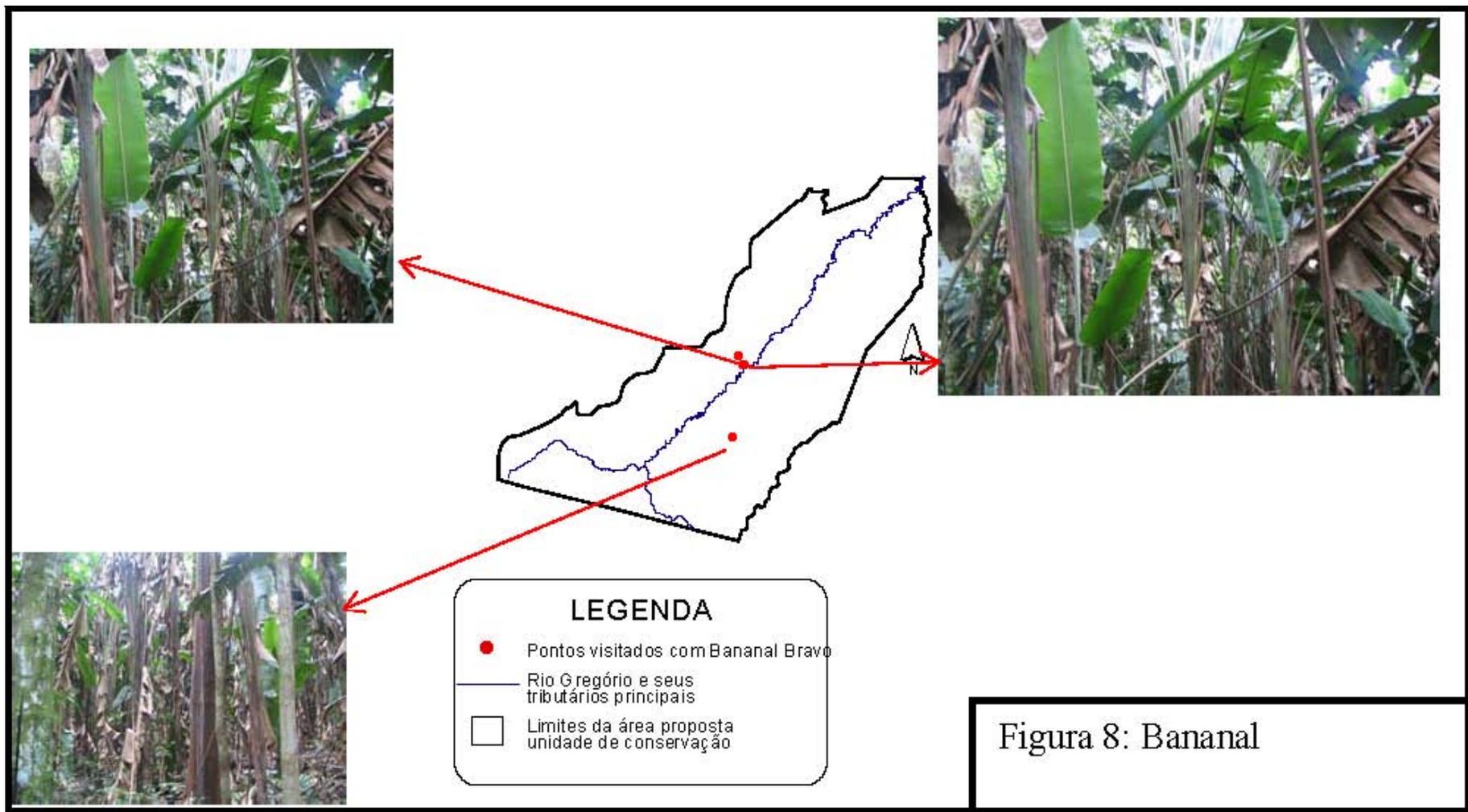


Figura 22. Bananais na Resex do Rio Gregório. Fonte: CEUC/SDS

As margens do rio Gregório apresentam diferenças: a área de várzea da margem direita é muito maior que da margem esquerda devido à diferença altitudinal e à dinâmica do rio. Por estas razões, como foi detalhado, as diferentes classes de paisagens estão distribuídas de forma irregular, sendo que a campina e o buritizal se concentram na margem direita.

6.1.4. Áreas Alteradas

Com base na informação de desmatamento gerada pelo projeto PRODES-INPE (2003-2004) e na classificação visual da imagem foi possível identificar duas classes distintas de áreas que sofreram ação antrópica: capoeiras e áreas de uso.

Áreas em sucessão secundária (Capoeira)

A sucessão secundária é o processo pelo qual a floresta se regenera naturalmente, num local anteriormente ocupado por comunidades bem desenvolvidas, que por qualquer razão foram destruídas (fogo, cheias, pastoreio excessivo, desmatamento).

Essa classe ocupa as cotas 156 a 240 metros e tem uma extensão de 1.783 hectares (Tabela 9), estando distribuída principalmente ao longo do rio Gregório e dos igarapés principais localizados próximos às comunidades. A Figura 23 mostra a foto, localização dos pontos visitados e a imagem de satélite das áreas em sucessão secundária, que foram realçadas para melhor visualização no mapa.

Áreas de uso

Áreas de uso são locais utilizados pelos comunitários para agricultura e pecuária. Essa classe ocupa as cotas 141 a 234 metros acima do nível do mar e totaliza 2.133,45 hectares estando sempre localizada próxima às comunidades. Devido à escala de análise, as áreas de uso e capoeiras podem estar subestimadas.

Tabela 10. Desmatamento na Resex do Rio Gregório até 2008.

ANO	HECTARES	%
1997 - 2007	2.085,94	
2008	47,51	
TOTAL	2.133,45	0.7

Fonte: CEUC/SDS.

A área desmatada na Resex do Rio Gregório representa 0.7% do total e está diretamente associada ao uso para agricultura familiar. Estes dados indicam que a área encontra-se bastante preservada devido ao difícil acesso e, como será apresentado no item seguinte, ao baixo impacto das atividades econômicas.

Deve-se atentar para a proximidade com a Rodovia BR-364/163 (50 km aproximadamente), na fronteira do Estado do Amazonas com o Estado do Acre, e à exploração madeireira, atividade praticada com fins comerciais até poucos anos atrás.

A criação da Resex é uma ação eficiente para mitigar os potenciais efeitos negativos da rodovia, da exploração madeireira predatória, uma vez que alia a conservação de uma biodiversidade única da região ao uso sustentável dos recursos naturais pelas comunidades locais.

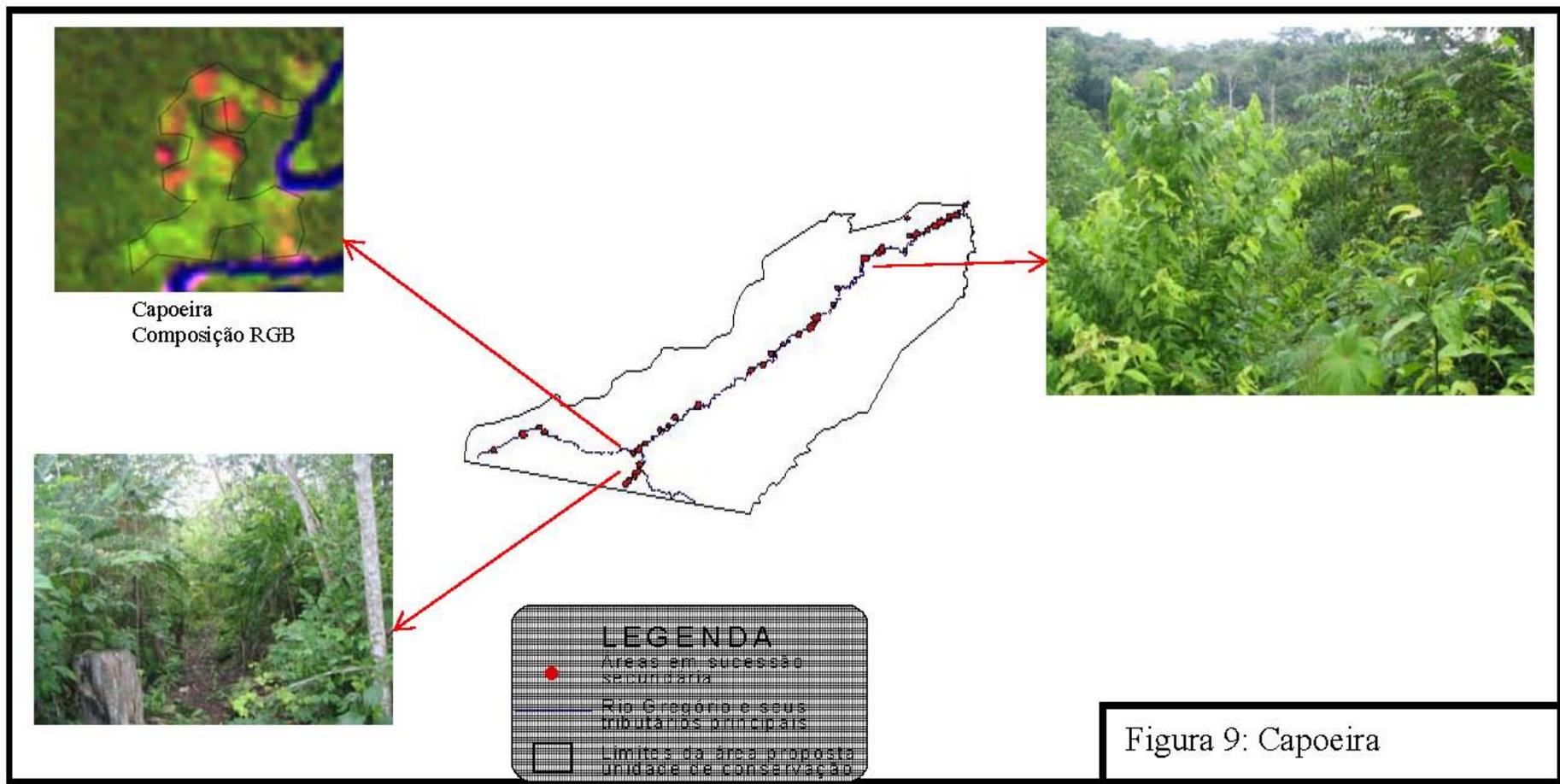


Figura 23. Áreas em sucessão secundária na Resex do Rio Gregório. Fonte: CEUC/SDS

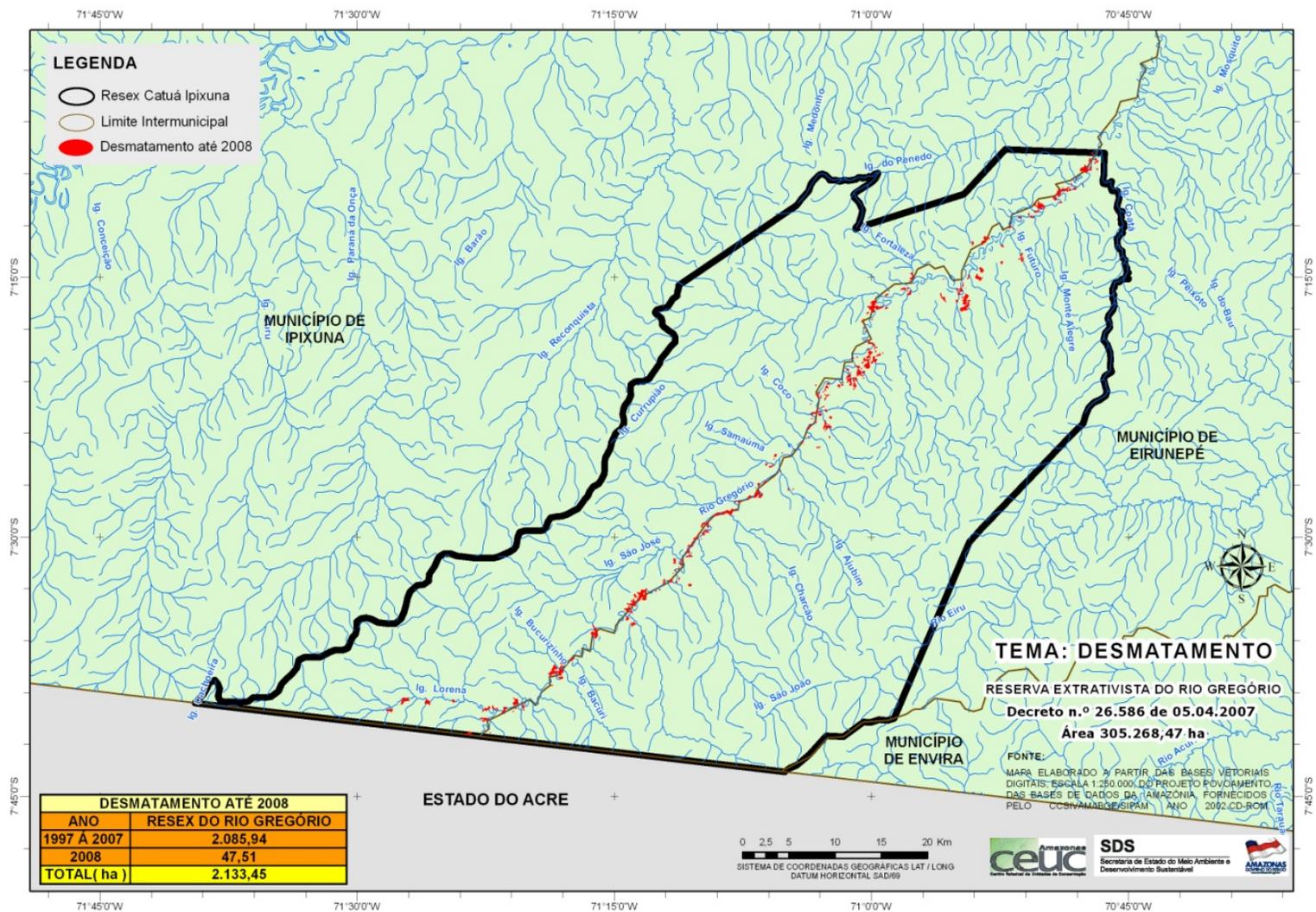


Figura 24. Desmatamento na Resex do Rio Gregório até 2008. Fonte: CEUC/SDS

6.2. Fauna

O conhecimento da riqueza e composição de espécies são os parâmetros mais fundamentais para descrever e compreender as comunidades biológicas presentes em uma área legalmente protegida, e acessar essa informação possui importância decisiva na elaboração de um plano de gestão dos recursos naturais. O esforço de inventariar áreas ainda desconhecidas é um importante direcionamento para fundamentar ações estratégicas de conservação (Pantoja *et al.*, 2008).

Contudo, não seria possível, nesta fase dos estudos, identificar a riqueza total da fauna da Resex do Rio Gregório. Por esta razão, foram mapeados apenas alguns grupos taxonômicos que integram o ambiente, na tentativa de construir uma visão geral sobre a biota local. Levantamentos complementares serão necessários no futuro, considerando diferentes estações do ano, áreas com riqueza de espécies e aquelas nas quais se registra maior ação humana e, inclusive, no entorno da Resex uma vez que algumas espécies têm ampla área de deslocamento.

6.2.1. Mastofauna

Em 2005 foi realizado um inventário de primatas com o objetivo de identificar qualitativamente as espécies presentes na área. Foram selecionados 20 pontos de amostragem entre trilhas de caçadores (n=13) e igarapés (n=5). O “censo” adaptado foi baseado no método de levantamento populacional por transecção linear e realizado a pé nas trilhas e em canoa nos igarapés. Informações complementares foram coletadas em entrevistas informais sobre a utilização como fonte de proteína animal na dieta e em visitas às casas dos moradores.

Foram realizados 41 registros e a confirmação de 10 espécies de primatas (Anexo 2). Segundo relato dos moradores, ocorrem duas espécies (*Aotus* sp e *Lagothrix* sp), que não foram avistadas, e o uacari de Novaes *Cacajao calvus novaesi* é a única espécie de primata que ocorre apenas na margem direita do rio Gregório. Foram registrados endemismos como o soium branco *Saguinus fuscicollis melanoleucus*, o bigodeiro *Saguinus imperator subgriscenses*, o parauacu de Vanzolini *Pithecia irrorata vanzolini* e o uacari de Novaes *Cacajao calvus novaesi*, este considerado vulnerável à extinção (Lista Oficial da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção - IBAMA, *RedList* - IUCN). Algumas espécies (uacaris, guaribas, macaco prego e coatás) fazem parte do cardápio dos moradores e sofrem certa pressão de caça.

A região do rio Gregório, no alto Juruá, apresenta uma diversidade menor que a região do médio Juruá (17 até 22 taxa para a RDS Uacari); porém, apresenta alguns endemismos que atribuem uma importância biológica para a área que pode até ser considerada de relevante interesse ecológico.

Para identificação da mastofauna de médio e grande porte foram percorridos cerca de 100 km de trilha em ambas as margens do rio Gregório. Nestes trajetos foram registradas 17 espécies de médio e grande porte, de um total de 47 identificadas nas entrevistas. Foi relatada ainda a presença de mais seis espécies que não foram observadas nos transectos visuais e que podem representar variações ontogenéticas/populacionais de espécies conhecidas e que são percebidas pelos comunitários como “qualidades” distintas; estes registros devem ser melhor investigados no futuro (Anexo 3).

Em 2009 foram realizados levantamentos biológicos complementares, agregando novos conhecimentos técnicos para subsidiar a elaboração do Plano de Gestão da Resex do Rio Gregório.

A nova pesquisa sobre mastofauna de médio e grande porte do rio Gregório salientou as semelhanças em termos de riqueza e composição de espécies àquelas presentes no rio Juruá, confirmando a menor densidade de primatas em relação a outras áreas do mesmo rio, como salientado em 2005, destacando porém a ausência do macaco barrigudo *Lagothrix cana* e do peixe-boi *Trichechus inunguis*.

Por outro lado, esse levantamento confirmou os resultados obtidos em 2005 no que se refere aos endemismos salientando a presença de cinco táxons endêmicos da região: os primatas *Cacajao calvus novaesi* (uacari-de-novaes), *Pithecia irrorata vanzolinii* (parauacu), *Saguinus fuscicollis melanoleucus* (soim) e *Saguinus imperator subgriseus* (bigodeiro). Estas subespécies, que encontram-se em processo de diferenciação, possivelmente têm sua distribuição geográfica restrita ao pequeno interflúvio Gregório-Tarauacá (Auricchio, 1995) e tem um papel importante na conservação das espécies de primatas do alto Juruá.

As entrevistas com os moradores locais indicaram a presença de 56 espécies de mamíferos de médio a grande porte, distribuídas em 8 ordens, na Resex do Rio Gregório. Durante as amostragens da ocorrência de espécies, foram feitos 55 registros de 27 espécies de mamíferos, distribuídos em 8 ordens. Sobre o peixe boi, poucos moradores relataram já ter visto o animal. Esclarecem que aqueles mamíferos existem na área indígena (TI Kulina do Médio Juruá) e raramente vêm ao território da reserva para se alimentar.

A pesquisa reconheceu a ocorrência de 11 espécies de primatas na área, exatamente as mesmas identificadas durante o inventário realizado para a criação da reserva por A. Ravetta (2006). Como citado pelo pesquisador, os moradores locais apontam a não ocorrência de macaco-barrigudo *Lagothrix cana cana* na reserva.

A única espécie não visualizada pelos pesquisadores foi o macaco-da-noite *Aolus nigriceps*, o qual teve sua ocorrência confirmada na pesquisa de 2009, por meio de dois avistamentos realizados, ambos em área de várzea.

Sobre os mamíferos de médio e grande porte, excetuando-se primatas, alguns registros e coletas, feitos em 2009, foram extremamente importantes e complementaram o levantamento preliminar realizado por P. S. Pinheiro (2006) na pesquisa para a criação da reserva; incluem os seguintes dados: Cachorro-do mato, Cachorro-vinagre e Cachorro/Furão (ambos registrados por entrevistas); Porco espinho (evidência direta); Catipuru-anão ou mandigueiro *Sciurillus pusillus* - entrevistas; Paca (evidência indireta); Pacarana (entrevista e evidência direta); Queixada (evidência direta); Lontra (entrevista); Jupará (evidência direta); Gatiara (entrevista e evidência direta).

Com base na lista vermelha da IUCN (IUCN, 2009) pode-se constatar endemismos evidentes para o catipuru-mandigueiro *Sciurillus pusillus*, cuja distribuição geográfica pode ser ampliada se registrado de fato na Resex do Rio Gregório; a pacarana *Dinomys branickii*, que é considerada um animal vulnerável, segundo os mesmos critérios da IUCN (Tirira et al., 2009) e, finalmente, para a gatiara *Bassaricyon aliam*, mamífero arborícola e noturno que tem a distribuição geográfica totalmente desconhecida no Brasil (ver Reid e Helgen, 2008).

Além disso, todos estes registros e a coleta de material biológico são importantes, pois estes dois animais (pacarana e gatiara) são muito pouco representados nas coleções zoológicas brasileiras e suas ocorrências na Resex ampliam a distribuição geográfica conhecida para estas espécies.

Uma preguiça-real foi coletada *Cbotoepus* spp. e, aparentemente, por sua morfologia externa fica extremamente difícil categorizá-la entre as duas espécies existentes, *C. didactylus* ou *C. hoffmani*, de acordo com os critérios de Emmons (1999) e/ou Eisenberg e Redford (1999). Análises genéticas estão sendo realizadas para determinar especificamente esta classificação. Caso o espécime coletado seja classificado como *C. hoffmani* a reserva pode contemplar mais um endemismo além de ampliar a distribuição geográfica da espécie (Meritt et al., 2008).

Durante as amostragens noturnas foram avistados os seguintes mamíferos de pequeno porte não voadores (roedores e marsupiais): *Mesomys* cf. *hispidus* (evidência direta); *Proechims* spp. (evidência direta); *Oactyomys* cf. *dactylinus* (entrevista); *Didelphis marsupialis* (evidência direta); e *Micoureus* spp. (evidência direta). Esta informação, oportunamente, incrementa a lista e, por conseguinte, a diversidade de mamíferos nesta UC. Alguns indivíduos foram coletados como testemunho desta região, mas a maioria necessita de uma identificação mais precisa via análises morfométricas e/ou genéticas, pois vários gêneros podem ter espécies simpáticas nesta área da Amazônia (alto Juruá), e é provável que o material coletado seja constituído de espécies endêmicas desta região.

Riscos à biodiversidade

Embora a região da Resex do Rio Gregório apresente relativamente baixa densidade populacional humana e alta integridade ambiental, uma ameaça para a mastofauna da Resex pode advir da caça de subsistência. Moradores locais utilizam proteína de animais silvestres para subsistência, principalmente grandes roedores, ungulados e grandes primatas e, em alguns casos, os filhotes dos animais abatidos são criados nas comunidades. Estudos adicionais seriam necessários para dimensionar o real impacto da caça de subsistência sobre a população das espécies-alvo de mamíferos e definir diretrizes de gestão.

6.2.2. Herpetofauna

Este tópico analisa a riqueza e composição de espécies de répteis e anfíbios em diferentes fisionomias e ambientes presentes na Reserva Extrativista do Rio Gregório, de forma a subsidiar a construção do plano de gestão da RESEX e orientar decisões no gerenciamento desta unidade de conservação.

A calha do baixo rio Gregório, onde se localiza a Resex do Rio Gregório, foi indicada por especialistas como uma das áreas prioritárias para a conservação da diversidade de répteis e anfíbios (Capobianco et al., 2001). A sobreposição entre essa área prioritária (RA027) e a Resex é extremamente oportuna para a conservação da herpetofauna da região do alto Juruá e da Amazônia como um todo (Pantoja et al., 2008).

O levantamento registrou 87 espécies no total, sendo 48 sapos (Lissamphibia, Anura), uma cobra-cega (Lissamphibia, Gymnophiona, Caeciliidae, *Osaecilia* sp.)[#], uma cobra-de-duas-cabeças (Squamata, Amphisbaenidae, *Amphisbaena fuliginosa*), 15 lagartos e 18 serpentes (demais Squamata), dois jacarés (Crocodylia) e dois quelônios (Testudines) (Anexos 5 a 8).



Figura 25. *Iguana iguana*. Foto: Davi L. Pantoja.

A maior riqueza observada se refere aos anuros, seguido pelas serpentes e os lagartos (Figura 25). Quanto aos anfíbios, este resultado encontra-se dentro do esperado, uma vez que a bacia do rio Juruá abriga altíssima riqueza e diversidade de sapos, rãs e pererecas (e.g. Bernarde *et al.*, 2009a; Carvalho *et al.*, 2006; Souza, 2003; Waldez e Souza, 2008). Por outro lado, contrariamente ao esperado, foi registrado um número de espécies de serpentes relativamente alto a despeito do curto tempo de amostragem. Levantamentos rápidos como este geralmente não são suficientes para estimar riqueza de espécies, sobretudo de animais crípticos, de baixa detectabilidade, como são as serpentes.

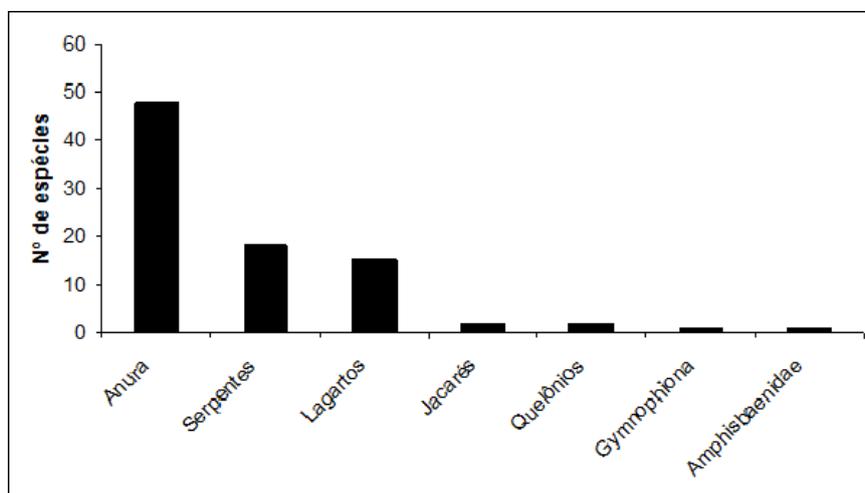
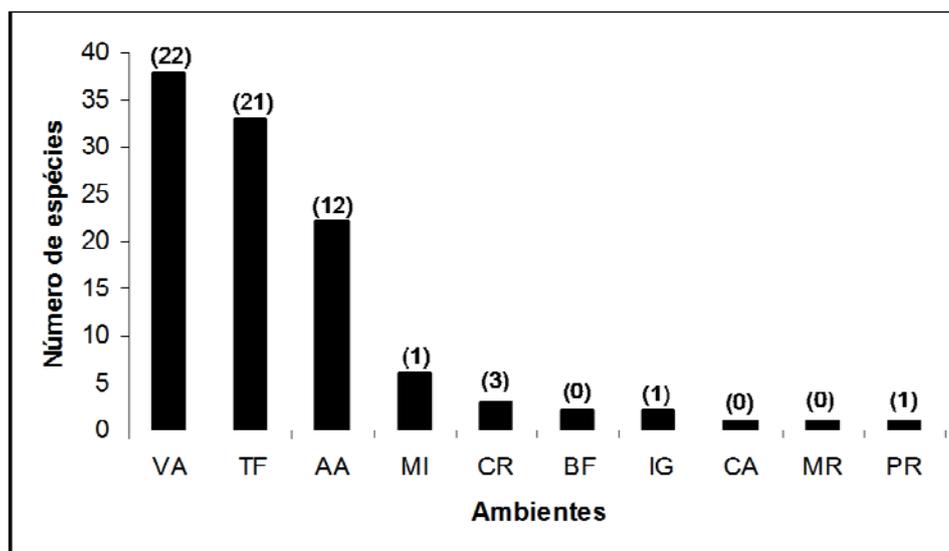


Figura 26. Número de espécies de répteis e anfíbios registradas por grupo taxonômico na Resex do Rio Gregório, abril de 2009. Fonte: CEUC/SDS

Para os anfíbios a família mais representativa foi Hylidae (20 espécies), confirmando a expectativa. Essa família, constituída por espécies arborícolas, é a mais diversificada no Brasil e usualmente domina a classificação de anuros. Para lagartos, as famílias mais representativas foram Polychrotidae e Gymnophthalmidae, com quatro espécies cada. Para as serpentes, a família mais representativa foi Dipsadidae com seis espécies, sendo as outras famílias (Boidae, Colubridae e Viperidae) representadas por 3 espécies cada.

Considerando o pouco tempo de amostragem, o número de espécies encontradas neste estudo demonstrou diversidade alta para a Resex do Rio Gregório. Isso é bem representado para anfíbios anuros, especificamente, considerando as 48 espécies registradas, em comparação a estudos anteriores. A riqueza de lagartos (15) encontra-se possivelmente subamostrada neste estudo, sobretudo considerando-se a variedade de espécies conhecidas para outras localidades na Amazônia. As serpentes constituem significativo montante da riqueza dos Squamata amazônicos. Contudo, métodos de amostragem rápida geralmente são ineficientes para acessar satisfatoriamente a fauna de serpentes. Estudos que revelam altas riquezas locais de espécies na Amazônia são sempre de longo prazo, com a participação de grandes equipes e complementação com material depositado previamente em coleções científicas. Os jacarés, quelônios, cobras-de-duas-cabeças Amphisbaenidae e cobras-cegas Gymnophiona apresentam baixa riqueza de espécies na maior parte dos estudos de inventariamentos realizados.

O ambiente com maior riqueza de espécies foi várzea (N=38), seguido de terra firme (N=33), como pode-se ver na Figura 27. A diferença aparentemente não é significativa e deve ser descartada por conta de maiores esforços de amostragem. O número relativamente alto de espécies registradas em áreas antrópicas (N=21), tanto répteis quanto anfíbios, se deve à presença de espécies aparentemente resilientes.



.....**Figura 27.** Número de espécies registradas por tipo de ambiente amostrado.
Entre parênteses aparece o número de espécies encontradas exclusivamente em cada
ambiente. VA=várzea (22), TF=terra firme (21), AA=área antrópica (12), MI=margem de
igarapé (1), CR=calha de rio (3), BF=borda de floresta (0), IG=igapó (1), CA=capoeira,
MR=margem de rio (0) e PR=praia (1). **Fonte:** CEUC/SDS.

As diferenças de riqueza de espécies entre floresta de terra firme e várzea não foram significativas, mas a composição sim. Três agrupamentos bastante distintos de espécies foram detectados pela NMDS⁵, sendo um proveniente de áreas de terra firme, outro de várzea e o terceiro é uma área de transição, onde possivelmente os nichos das espécies se sobrepõem. Isso significa que as fisionomias presentes na Resex do Rio Gregório não são igualmente adequadas para todas as espécies; existem fatores ambientais contemporâneos ou restrições históricas atuando sobre as distribuições das espécies. Vinte e uma espécies foram registradas

⁵ O NMDS é uma técnica de ordenação que tem por objetivo descrever a estrutura de uma matriz complexa.

apenas em ambientes de terra firme, sendo 16 anfíbios e cinco répteis, enquanto 22 espécies, sendo 14 anfíbios e oito répteis, foram exclusivamente registradas em ambientes de várzea. Ainda, apenas oito espécies compartilharam os dois tipos de hábitat.

De fato, floresta de terra firme e várzea são ambientes bastante distintos em relação à estrutura física, especialmente no que diz respeito às formações vegetacionais e influência dos corpos d'água. Alguns estudos têm demonstrado que a organização espacial de comunidades herpetofaunísticas pode resultar da influência de características locais da paisagem.

Espécies novas, raras e/ou indicadoras

A bacia do rio Juruá é extensa e a despeito dos estudos existentes ela abriga, conhecidamente, diversas espécies ainda não descritas pela ciência. Para a Resex do Rio Gregório, os indícios mais vívidos indicam ao menos três espécies novas de anfíbios e uma serpente.

O gênero *Allobates* é problemático com relação à taxonomia na Amazônia. Diversas localidades, incluindo algumas bem estudadas, como a Reserva Adolpho Ducke (Manaus), abrigam espécies ainda tratadas como sp. (ver Lima *et al.*, 2005). A encontrada na Resex do Rio Gregório possui características que aparentemente não permitem enquadrá-la em nenhuma espécie conhecida. Possivelmente se trata de uma espécie ainda não descrita.

Os sapos da família Bufonidae referidos como *Rhinella* do grupo *margaritifera* representam um complexo de espécies que necessita de revisão taxonômica mais detalhada, especialmente em nível molecular. Possivelmente a Resex do Rio Gregório abriga mais de uma espécie deste grupo, ainda não descritas.

O gênero *Pristimantis* Strabomantidae conhecidamente apresenta várias espécies ainda não descritas para a bacia do rio Juruá e o Estado do Acre. Para a Resex do Rio Gregório, duas espécies registradas ainda não foram descritas.

A serpente identificada como *Liophis* aff. *poecilogyrus*, popularmente conhecida como buritizeira entre os comunitários da Resex, apresenta algumas características do grupo *poecilogyrus*, mas com padrão de coloração corpórea diferente de qualquer espécie conhecida. Acredita-se que se trata de uma espécie ainda não descrita, hipótese corroborada por outro especialista (Paulo Sérgio Bernardes, com. pess., Universidade Federal do Acre - UFAC).

A jararaca-verde, ou cobra-papagaia *Bothriopsis bilineata* é uma espécie marcada por raros encontros. Embora isso possa estar associado aos hábitos estritamente arborícolas da espécie, acredita-se que suas populações subsistam em baixa densidade (Campbell e Lamar, 2004). Devido ao alto grau de exigência quanto à estrutura do ambiente e sua baixa densidade acredita-se que as populações sejam altamente sensíveis a perturbações ambientais. O registro dessa espécie na Resex do Rio Gregório demonstra que existem áreas em ótimo estado de conservação na região, ao menos dentro dos limites da reserva.

Alta relevância para conservação: micro-bacia do Igarapé Bacuri II

Um destaque deve ser dado para a área de influência da micro-bacia do Igarapé Bacuri II, nas proximidades da Comunidade 1º de Junho, pois apresentou riqueza de espécies significativamente mais alta ($R^2=1,0$ $p<0,0001$), em comparação às outras localidades amostradas na Resex do Rio Gregório. Esse resultado também reflete, em parte, as diferenças de esforços amostrais empregados nas diferentes localidades. As áreas próximas às Comunidades Muxila e Santo Amaro, bem como aquelas próximas aos igarapés Charcão e Veado foram menos amostradas e não contaram com armadilhas de interceptação e queda.

Contudo, a área de influência do Igarapé Bacuri II e as áreas próximas à Comunidade Ubim tiveram esforços de amostragem praticamente equivalentes, incluindo a utilização de armadilhas e a comparação dessas duas localidades em separado confirma o padrão de riqueza superior do Bacuri II.

Além da alta riqueza de espécies que dá destaque à micro-bacia do Bacuri II, observa-se ali a jararaca-verde arborícola *Bothriopsis bilineata*, espécie rara e, aparentemente, bastante sensível a alterações ambientais, o que pode ser considerado um indicativo da integridade das matas dessa localidade.

Muitas espécies de anfíbios foram registradas apenas na área do Bacuri II (e.g. *Phyllomedusa palliata*, *Ameerega hahneli*, *Ameerega trivittata*, *Rhaebo guttatus*, *Dendropsophus leucophyllatus* e *Hypsiboas punctatus*). É possível que se trate de um artefato de amostragem, mas a presença de espécies exclusivas e a abundância de anfíbios usualmente está relacionada à disponibilidade de sítios reprodutivos adequados, e que provavelmente são mais abundantes na região do Bacuri II. De qualquer maneira, e a despeito da presença de algumas capoeiras resultantes de roças de mandioca abandonadas, a micro-bacia do igarapé Bacuri II é uma área de altíssima relevância para a conservação dos répteis e anfíbios da região.

Resultados encontrados para a herpetofauna

Alguns destaques relativos aos resultados encontrados para a herpetofauna na Resex do Rio Gregório devem ser salientados:

- A Resex do Rio Gregório abriga altíssima riqueza de espécies herpetofaunísticas, e pode estar entre as áreas de maior riqueza de espécies de anfíbios da Amazônia brasileira. No entanto, seriam necessários pelo menos mais 38 dias de amostragem para que a riqueza acessada fosse mais próxima à realidade.
- A utilização de armadilhas de interceptação e queda foi essencial para o registro de espécies que utilizam a camada de liteira no solo, porque apresentam baixa detectabilidade, e dificilmente são encontradas por meio de procura visual.
- Os lagartos possivelmente foram sub-amostrados, necessitando de maiores esforços para melhor representatividade da taxocenose. As serpentes também ainda não constituem uma amostra representativa, no entanto, mesmo com pouco tempo de amostragem a abundância foi impressionantemente alta, pois assinalamos uma taxa de captura de dois indivíduos por dia.

- Ambientes de floresta de terra firme e várzea não apresentaram diferença significativa na riqueza de espécies, mas na composição sim. Isso pode estar relacionado a diferenças estruturais entre esses dois tipos de habitat, como vegetação e influência de corpos d'água, e demonstra a necessidade de medidas de conservação específicas para cada tipo de ambiente.
- Áreas antrópicas, tais como casas de farinha e lavouras de mandioca, favorecem espécies mais tolerantes a alterações ambientais, bem como a lagartos heliófilos.
- Pelo menos três espécies de anfíbios e uma de serpente residentes na RESEX ainda não foram descritas pela ciência. Isso demonstra a importância da área como habitat de espécies ainda desconhecidas. Ambiente que deve ser conservado e que necessita de estudos mais detalhados.
- A micro-bacia do Igarapé Bacuri II, nas proximidades da Comunidade 1º de Junho, próximo à divisa com o Acre, possui peculiaridades que imprimem altíssima relevância para conservação de anfíbios e répteis.
- As ameaças à herpetofauna detectadas ainda ocorrem em escalas muito pequenas. Mas, medidas de controle e monitoramento são importantes e desejáveis, especialmente no que diz respeito ao consumo de tracajás.
- Os dados obtidos na região fazem jus à classificação de “Área de extrema importância”, e confirmam porque a Resex do Rio Gregório faz parte de uma das áreas prioritárias para conservação da Herpetofauna da Amazônia brasileira. Essa indicação deve ser seriamente considerada pelos gestores ambientais e políticos durante a avaliação das ações e tomada de decisão.

Riscos à biodiversidade

Algumas áreas presentes na Resex apresentam trilhas antigamente utilizadas por seringueiros e caçadores, hoje acessadas por gado e porcos domésticos. Pode-se constatar drástica compactação do solo nessas áreas, o que pode gerar consequências para espécies que utilizam o solo, como anfíbios que reproduzem em poças (e.g. *Leptodactylus andreae*) e de hábitos subterrâneos (e.g. Gymnophiona), squamatas que utilizam a camada de liteira (e.g. *Alopoglossus angulatus* e *Arthrossaura reticulata*) e galerias subterrâneas (e.g. *Micrurus* spp., e os Amphisbaenidae), serpentes que se alimentam no solo (*Bothrops atrox* e *Boa constrictor*), etc.

Foi possível constatar ainda a caça e o consumo de quelônios e seus ovos pelos comunitários, especialmente tracajás *Podocnemis unifilis*, que se forem praticados em grande escala certamente causarão impacto às populações locais destes bichos-de-cascos. Além das espécies relacionadas no diagnóstico, os comunitários relacionaram também: tartaruga do igapó, perema, matatá, iacá e anori.

As serpentes são invariavelmente perseguidas e mortas por serem consideradas todas peçonhentas e perigosas por parte populações ribeirinhas. A imensa maioria das serpentes não é venenosa e não apresenta qualquer perigo real às populações humanas, porém, o desconhecimento e as lendas sobre as serpentes amedrontam os comunitários de forma generalizada, e os mesmos reagem combatendo-as. Contudo, é possível que as ameaças ainda ocorram em escalas muito pequenas e atualmente não gerem impacto às populações desses animais, mas como as populações humanas têm crescido dentro da Resex, essa questão deve ser acompanhada e melhor avaliada no futuro.

6.2.4. Avifauna

A região sudoeste da Amazônia está incluída na área de endemismo Inambari (Cracraft, 1985), caracterizada por alta heterogeneidade de habitats e de grande interesse ecológico e biogeográfico para o entendimento dos padrões de distribuição de aves amazônicas. Tem sido demonstrado que o rio Juruá desempenha um importante papel como zona de contato para muitos táxons amazônicos de aves e mamíferos (Haffer, 1978; Patton *et al.* 1994), inclusive com muitos que se substituem geograficamente tanto em margens opostas como ao longo do curso do rio. No entanto, mais surpreendente nessa região é o padrão de substituição de espécies e de endemismo que não corresponde aos lados opostos de nenhum rio, sem nenhuma barreira evidente.

No entanto, são raros os estudos sobre a avifauna daquela região e pouco se sabe sobre sua história natural, distribuição e biogeografia. A primeira contribuição ao conhecimento da avifauna da bacia do Juruá foi feita por H. Von Ihering (1904), em um estudo com espécimes coletados por Ernst Garbe na região da atual cidade de Eirunepé, Estado do Amazonas.

Após o trabalho de Ihering, uma grande publicação sobre a avifauna da bacia do rio Juruá foi apresentada por Gyldenstolpe (1945), com muitas informações sobre espécimes coletados por A. M. Ollala na bacia e posteriormente depositados no museu de Estocolmo, na Suécia. Cerca de uma década depois, Novaes (1957 e 1958) reportou os registros feitos em anos anteriores durante expedição ao Estado do Acre, com muitos registros importantes e incluindo informações sobre taxonomia, biologia e comportamentos das aves daquela região.

Mais recentemente, a primeira expedição a utilizar levantamento auditivo para o registro de aves na bacia do Juruá foi conduzida por Whittaker & Oren (1999) realizados durante três expedições para o alto Juruá, no Estado do Acre, realizadas entre 1991 e 1996, incluindo algumas espécies novas para o Brasil e informações sobre outras pouco conhecidas daquela região. No ano de 2006, alguns membros da equipe de aves do INPA realizaram expedição ao médio Juruá, na RDS Uacari, fazendo importantes registros, inclusive muitas extensões de distribuição e registros de espécies pouco conhecidas.

Especificamente no rio Gregório, o único trabalho sobre a avifauna local é uma lista de aves preliminar com pouco mais de duzentas espécies apresentada por Guilherme (2007). Este autor menciona alguns registros para esse rio no Estado do Acre, feitos basicamente por meio de redes de captura e registros visuais.

A Resex do Rio Gregório encontra-se em um lugar estratégico para o entendimento da distribuição das aves no sudoeste Amazônico, uma vez que está inserida justamente em uma região pouco conhecida, onde ocorrem muitas substituições de espécies de aves sem uma barreira geográfica evidente, além de espécies endêmicas e ameaçadas. No entanto, muito pouco ainda se sabe a respeito da avifauna daquela região e, especificamente ao longo do rio Gregório, na porção incluída no Estado do Amazonas, nenhum trabalho havia sido feito acerca de sua avifauna antes deste inventário.

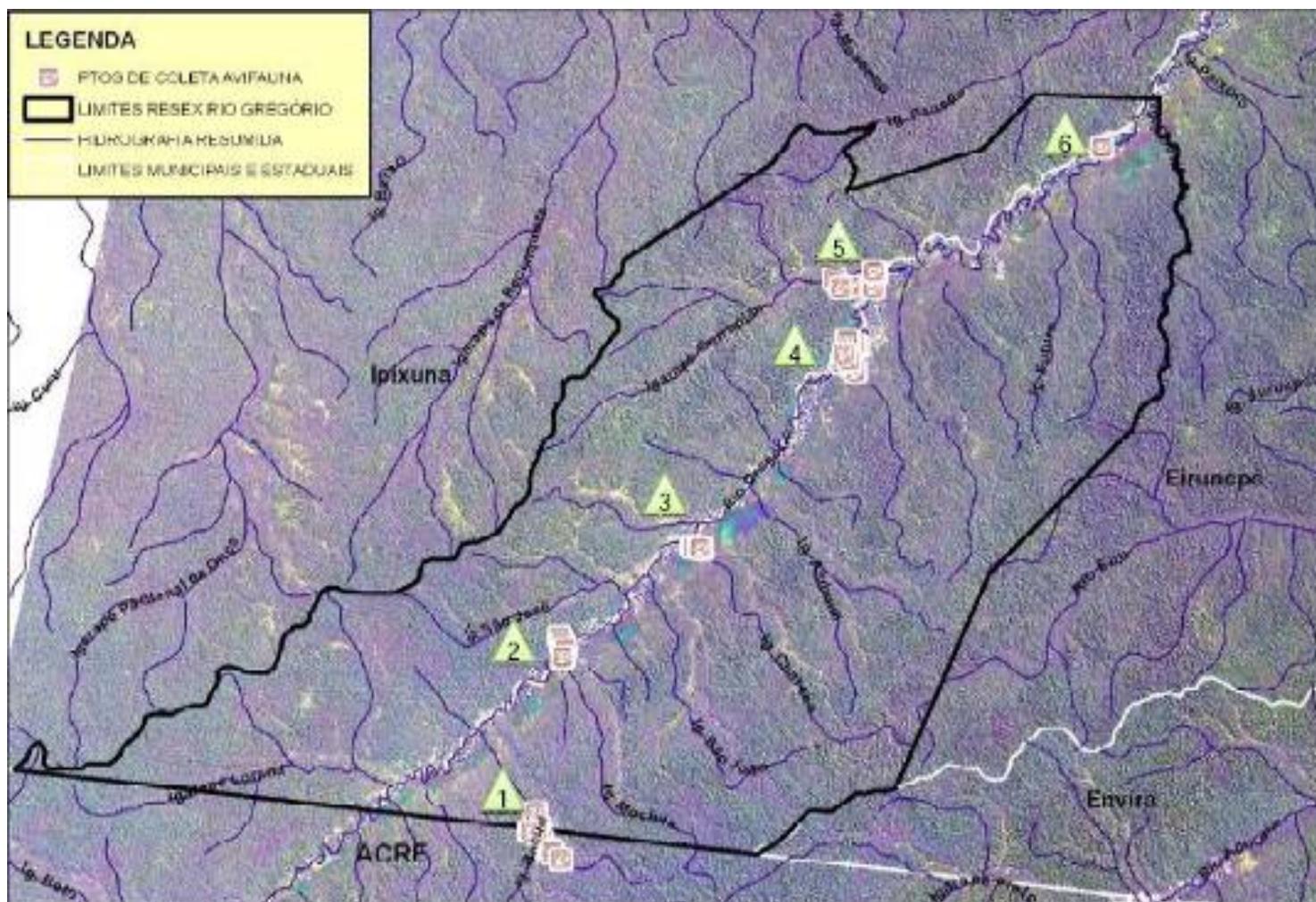


Figura 28. Mapa da Resex do Rio Gregório, indicando os pontos de parada do barco e os de levantamentos de aves.

Os quadrados representam os pontos de cada ponto de levantamento e coleta, e os triângulos representam as principais localidades: 1. Comunidade 1º de junho; 2. Comunidade Muxila; 3. Comunidade São João; 4. Comunidade Ubim; 5. Comunidade Santo Amaro; 6. Comunidade Lago Grande.

Fonte: CEUC/SDS.

Os pontos de amostragem e coleta de aves durante a expedição se concentraram próximos às comunidades 1º de junho, Muxila, Ubim, São João, Santo Amaro e Lago grande, locais de parada do barco-base durante a expedição. (Figura 28). O número de dias em cada localidade variou conforme o cronograma da expedição e as condições de trabalho nas proximidades de cada local de parada.

Foram registradas, durante a expedição, 329 espécies de aves (Anexo 9). A grande maioria, cerca de 45%, foi encontrada em floresta de terra firme, o tipo de vegetação com maior diversidade de aves, assim como o observado em outras regiões na Amazônia.

Em torno de 38% das espécies foram registradas em ambientes de várzea, ao longo do rio Gregório e nas margens de alguns igarapés. A similaridade entre os ambientes de terra firme e várzea, calculado pelo índice de Jaccard, foi de aproximadamente 55% (Figura 29).

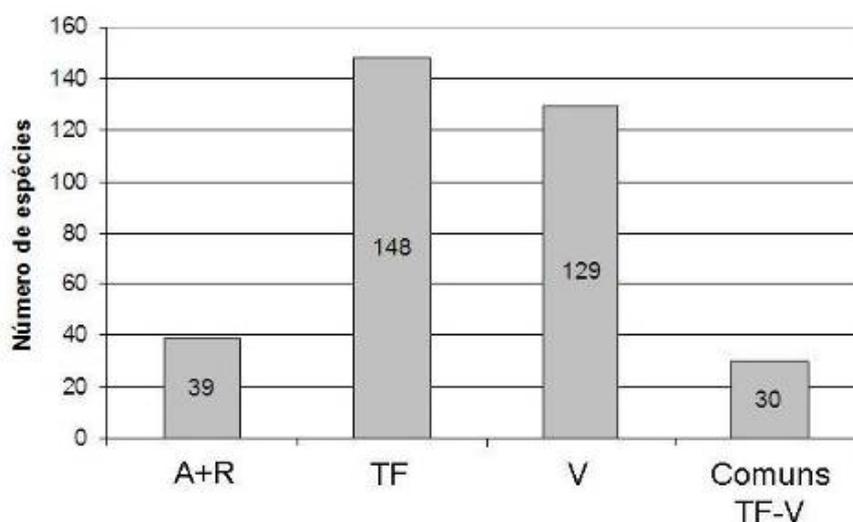


Figura 29. Número de espécies por diferentes ambientes na Resex do Rio Gregório. A+R - Áreas abertas + rio; TF - terra firme; V - várzea; 4 - Comuns TF-V - Espécies comuns a terra firme e várzea. **Fonte:** CEUC/SDS.

A maioria dos registros representa espécies endêmicas do leste do Peru e sudoeste da Amazônia brasileira, particularmente nordeste do Acre e sudoeste do Amazonas. Entre eles estão o maracanã-de-cabeça-azul *Primolius couloni*, a freirinha-amarelada *Nonnula sclateri*, o formigueiro-do-bambu *Cymbilaimus sanctamariae*, o chororó-negro *Cercomacra nigrescens fuscicauda*, o formigueiro-de-Goeldi *Myrmeciza goeldii*, choquinha-do-oeste *Myrmotherula sunensis*, pinto-do-mato-de-fronte-vermelha *Formicarius rufifrons*, a saíra-ouro *Tangara schrankii* e a saíra-opala *T. callophrys*. Tais espécies não se distribuem mais ao norte da área de endemismo Inambari (*sensu* Cracraft, 1985), sendo que muitas têm seu limite norte não bem determinado na região sudoeste do Amazonas.

Muitos registros representam também espécies pouco conhecidas, pouco representadas em coleções e museus, e com poucas gravações disponíveis em acervos sonoros (Figura 30). São os casos do uru-de-topete *Odontophorus stellatus*, o papagaio-dos-garbes *Amazona kawalli*, a savela-vermelha *Galbalcyrrhynchus purusianus*, o torom-torom *Hylopezus berlepschi* e o corneteiro-da-mata *Liosceles thoracicus*.

Entre os registros que representam extensões de distribuição estão o sanã-de-cabeça-castanha *Anurolimnas castaneiceps*, o maracanã-de-cabeça-azul *Primolius couloni*, o papagaio-dos-garbes *Amazona kawalli*, o tucano-açu *Ramphastos toco*, o araçari-de-bico-branco *Pteroglossus aracari*, o cantor-amarelo *Hypocnemis hypoxantha*, a choquina-do-oeste *Myrmotherula sunensis*, o sanhaçu-de-coleira *Schistochlamys melanopis* e a garrincha-cinza *Cantorchilus griseus*.



Figura 30. Espécies de aves registradas na Resex do Rio Gregório. (a) *Odontophorus stellatus*; (b) *Amazona kawalli*; (c) *Ramphastos toco*; (d) *Pteroglossus aracari*; (e) *Formicarius rufifrons*; (f) *Cercomacra nigrescens fuscicauda*; (g) *Schistochlamys melanopis*; (h) *Cantorchilus griseus*. Fotos obtidas por site de procura na internet, exceto (g) de TVVC e (h) retirado de Zimmer & Whittaker (2009). **Fonte:** CEUC/SDS.

A ocorrência do araçari-de-bico-branco *Pteroglossus aracari* também representa um registro importante para a Resex. Trata-se de um ranfastídeo, da família dos tucanos, de médio porte e que tem sua distribuição geográfica conhecida na Mata Atlântica e na Amazônia Oriental (Figura 30c). Recentemente essa espécie foi registrada na RDS Uacari, no médio rio Juruá, sendo aquele o registro mais ocidental na distribuição da espécie e o primeiro a oeste do rio Madeira.

Por conta de estar presumidamente ausente de regiões intermediárias na Amazônia Central, tais como as várzeas dos rios Purus e do próprio Solimões, regiões mais amostradas do ponto de vista ornitológico que a bacia do Juruá, esses registros sugerem que a população ocidental esteja realmente isolada. No entanto, somente mais estudos ao longo do rio Juruá e dos demais rios mencionados podem realmente elucidar o conhecimento da distribuição dessa espécie na Amazônia. Além disso, somente a coleta de espécimes poderá indicar a ocorrência de diferenças morfológicas entre essa população, supostamente isolada na bacia do Juruá, e as demais populações com distribuição oriental.

Não foram registradas espécies migratórias na Resex do Rio Gregório, exceto a andorinha *Hirundo rustica* que é um migrante neártico, presente na região somente durante o inverno na América do Norte. No entanto, alguns indivíduos permanecem de um ano para o outro, o que deve ter acontecido na Resex, uma vez que somente um indivíduo foi registrado, diferentemente da época de migração das espécies quando muitos indivíduos são observados por toda a Amazônia. Também não foram registradas espécies de aves introduzidas, exóticas ou danosas.

Espécies novas, raras e/ou indicadoras

De especial interesse, tanto do ponto de vista biogeográfico como conservacionista, foi o registro da maracanã-de-cabeça-azul *Primolius couloni* (Figura 31), um psitacídeo ameaçado, endêmico da região leste do Peru e sudoeste da Amazônia brasileira. Sua distribuição ainda é muito pouco conhecida dentro do país, e o primeiro registro da espécie no Brasil foi feita por Whittaker & Oren (1991), no alto rio Juruá no Estado do Acre, e a partir de então não existem registros publicados da espécie no Brasil.

De acordo com Tobias e Brightsmith (2007), é uma espécie ameaçada, com taxa reprodutiva lenta e com tendência de declínio populacional, além de ser muito visada pelo tráfico de animais silvestres tanto por sua beleza como pela sua raridade, sendo também considerada ameaçada pela Birdlife International, a autoridade em aves da IUCN. Tobias e Brightsmith (2007) delinearão a área de distribuição da espécie como sendo no Peru e com poucas extensões na Bolívia e no Brasil somente no Estado do Acre.

Os barreiros em rios e igarapés são de reconhecida importância para muitas espécies de psitacídeos, os quais se alimentam do barro (geofagia) tanto para ingestão de nutrientes importantes ao seu metabolismo quanto para ajudar na desintoxicação do trato digestivo ocasionada por compostos secundários presentes nos frutos ingeridos.

O monitoramento do maracanã-de-cabeça-azul na Resex é de fundamental importância, uma vez que é um dos poucos locais no Estado onde se conhece sua ocorrência atualmente. Além disso, alguns moradores locais relataram à nossa equipe que caçam “maracanãs”, não ficando claro, no entanto, se realmente se trata de *P. couloni*, uma vez que existem duas espécies com esse nome popular ocorrendo na reserva.

A existência de barreiros como o observado no igarapé Santa Maria é muito importante para a oferta de recursos essenciais a populações de aves, especialmente psitacídeos, as quais são atraídas de longas distâncias.



Figura 31. Maracanã-de-cabeça-azul, *Primolius couloni*, espécie registrada na Resex do Rio Gregório, considerada ameaçada pela IUCN. **Fonte:** Birdlife, 2009. Fotos obtidas por site de procura na internet.

Do ponto de vista biogeográfico e ecológico, houve alguns registros interessantes de espécies congêneras que não costumam ocorrer (sintopicamente), parecendo haver uma exclusão competitiva e substituição mútua geográfica, e que foram registradas na Resex. São os casos dos galbulídeos *Brachygalba lugubris* e *Brachygalba albogularis* e dos tamnofilídeos *Phlegopsis erythroptera* e *Phlegopsis nigromaculata*, e *Hypocnemis peruviana* e *Hypocnemis hypoxantha* (Figura 32). No primeiro caso, as duas espécies foram registradas nos ambiente de várzea da Reserva, sendo *B. lugubris* na boca do igarapé Bacuri e *B. albogularis* nas margens do igarapé Corrupião, próximo à comunidade Santo Amaro, em regiões extremas sul e norte na Reserva. Os tamnofilídeos *P. erythroptera* e *P. nigromaculata*, foram registrados próximos às comunidades Ubim e São João, respectivamente. Já *Hypocnemis peruviana* e *H. hypoxantha* foram capturadas em rede juntas no sub-bosque do jarinal próximo à comunidade Ubim. Foram ainda registradas e coletadas ao longo da Reserva em outras ocasiões, mas não no mesmo ambiente como observado no jarinal, parecendo que *H. hypoxantha* ocupava o interior de terra firme e *H. peruviana* as margens dos igarapés e na transição com a várzea.

Todos esses casos são muito interessantes do ponto de vista ecológico e biogeográfico, pois representam situações não comumente observadas na distribuição das referidas espécies. No caso de *H. hypoxantha*, o registro na Resex representa um acréscimo no conhecimento da distribuição da espécie, a qual tem a maior parte de sua distribuição ao norte do rio Solimões e oeste do rio Negro, sendo que os registros ao sul são esparsos e sua distribuição mal conhecida.

Do ponto de vista biogeográfico, vale salientar a similaridade observada entre as espécies registradas na Resex do Rio Gregório e as encontradas também pela equipe da Coleção de Aves do INPA nos tabocais do Pauini, localizados também no sudoeste do Estado do Amazonas.

As espécies registradas nas duas Reservas, por muito tempo consideradas restritas ao Peru e ao Acre, parecem ter seu limite de distribuição norte não bem conhecido, adentrando o Estado do Amazonas. Ou seja, novas expedições e estudos na região sudoeste do Estado irá certamente evidenciar a presença de espécies antes desconhecidas para aquela região.



Figura 32. Espécies de aves encontradas na Resex do Rio Gregório: *Brachygalba albogularis* (a), *B. lugubris* (b), *Phlegopsis erythroptera* (c) e *P. nigromaculata* (d); *Hypocnemis peruviana* (e) e *H. hypoxantha* (f). Fotos de CFV e TVVC tiradas na Resex do Rio Gregório, exceto a (a) Fonte: CEUC/SDS.

Portanto, no que se refere à avifauna, a região sudoeste do Amazonas tem importante papel num contexto estadual, pois pode ter espécies restritas e endêmicas daquela região, não encontradas em outras regiões do Estado e nem em regiões mais ao norte da própria área de endemismo Inambari, na qual está inserida.

Muitos dos registros feitos na Reserva ampliam a área de ocorrência conhecida das espécies, incluindo primeiros registros para o Estado do Amazonas, de espécies pouco conhecidas e ameaçadas. A maioria dos registros realizados possui pelo menos um tipo de

evidência material (gravação ou fotografia), o que os torna bastante confiáveis e importantes para o conhecimento da distribuição e conservação de muitas das espécies que ocorrem na Resex.

O registro de espécies importantes, tanto do ponto de vista biogeográfico como conservacionista, mesmo em poucos dias de amostragem evidencia a importância da Resex do Rio Gregório para abrigar tais espécies na região sudoeste do Estado do Amazonas. Monitoramentos constantes de espécies ameaçadas, cinegéticas, pouco conhecidas, e da avifauna como um todo, se fazem necessários dentro de uma perspectiva conservacionista.

Riscos à biodiversidade

Dois outros registros representam ampliação na área de ocorrência conhecida das espécies e podem sugerir algum tipo de perturbação na região da Resex. Tanto o tucano-açu *Ramphastos toco* como o sanhaço-de-coleira *Schistochlamys melanopsis* são espécies típicas de áreas abertas e/ou cerrados, registradas de forma esparsa na Amazônia. Mas somente na várzea da Amazônia oriental, no caso do tucano, e em áreas de campinas e cerrados no caso do sanhaço. Possíveis desmatamentos ao sul da Reserva poderiam ser portas de entrada a espécies típicas de áreas abertas e que não ocorrem no interior da Amazônia.

Outra situação bastante evidente e alarmante na Reserva é a baixa densidade e aparente ausência de muitas espécies de cracídeos, aves de grande porte que parecem sofrer grande pressão de caça. O registro de jacus *Penelope jacquacu* foi feito somente em uma oportunidade, e não foram registrados kujubins *Aburria kujubi* e mutuns *Mitu tuberosa*, sendo que a única evidência da ocorrência desta última espécie foram penas encontradas. Essas espécies facilmente são registradas mesmo em levantamentos rápidos de avifauna, uma vez que possuem hábitos conspícuos e costumam ocorrer ao longo de rios e igarapés, sendo inevitavelmente registradas nas áreas onde ocorrem.

Logo, a ausência de registros dessas espécies na Resex pode indicar que estejam sofrendo forte pressão de caça, acima do tolerado para a manutenção saudável de suas populações.

Os riscos mais evidentes à avifauna da Resex, portanto, são: possíveis atividades de caça e captura de psitacídeos por moradores; caça de aves cinegéticas tais como mutuns, jacus e kujubins para alimentação e possíveis desmatamentos na divisa da reserva com o Estado do Acre.

Novos estudos são necessários para confirmação dos registros importantes dúbios e principalmente para identificação de grupos e espécies não registrados nesse trabalho, tais como os cracídeos, a fim de verificar se a ausência das espécies é real ou está associada à época do ano, esforço amostral, ou outros fatores. Mais estudos sobre distribuições, preferências de habitats, comportamentos dentro da Resex certamente irão contribuir para o conhecimento desses aspectos geográficos e ecológicos dessas espécies e suas inter-relações.

Coleções de fauna

Todos exemplares-testemunha obtidos na Resex do Rio Gregório foram depositados nas coleções zoológicas do INPA. Além disso, moradores locais gentilmente cederam uma pele de pacarana *Oinomys branickil* e um crânio de guariba *Alouatta juara* que também foram depositados nesta coleção zoológica.

7. CARACTERIZAÇÃO SOCIECONÔMICA DA POPULAÇÃO RESIDENTE NO ENTORNO DA RESEX



7.1. CARACTERIZAÇÃO SOCIOECONÔMICA DO ENTORNO DA RESEX

O Amazonas é o maior Estado brasileiro, com 1.570.745,680 km², 62 municípios e uma população estimada de 3.221.340 habitantes. Desse montante, 77% residem na zona urbana e 23% na zona rural.

A Resex do Rio Gregório está localizada em dois municípios do Estado do Amazonas: Eirunepé e Ipixuna. Ambos fazem parte da 4^a sub-região, denominada Região do Alto Juruá e têm uma população total de 40.833 pessoas.

No entorno da Resex existem três unidades territoriais específicas: uma terra indígena e duas florestas estaduais, totalizando 1.090.101 hectares e beneficiando uma população de 2.426 pessoas. Ao norte da Resex está a Terra Indígena Kulina do Médio Juruá; ao sul, no Estado do Acre, existem duas Florestas Estaduais, do Rio Gregório e do Mogno (Quadro 3). Estas florestas localizam-se entre a Resex e a Rodovia BR 364, principal eixo de conexão do Estado do Acre com o sul do Brasil.

Quadro 3. Unidades territoriais no entorno da Resex do Rio Gregório, Estados do Amazonas e Acre.

UNIDADE TERRITORIAL	AREA (ha)	POPULAÇÃO	MUNICÍPIOS	ESTADO
TI Kulina do Médio Juruá	730.142	2.300	Envira, Tarauacá, Ipixuna e Eirunepé	AM
Floresta Estadual Rio Gregório	216.062	37	Tarauacá	AC
Floresta Estadual Mogno	143.897	79	Tarauacá	AC
TOTAL	1.090.101	2.426		

Fonte: Acre em Números 2009; ZEE do Estado do Acre (2008) e IBGE/Cidades.

7.1.1. Informações Socioeconômicas dos Municípios de Eirunepé e Ipixuna

O município de Eirunepé foi criado em 1894, tem uma área de 15.832 km² e uma população de 26.074 habitantes, pelo Censo Demográfico de 2000. O município de Ipixuna foi criado em 1955 como um desmembramento de Eirunepé; tem uma área de 13.566 km² e uma população de 14.759 habitantes.

A região foi explorada economicamente a partir da expansão da economia da borracha para o alto Juruá nas últimas décadas do século XIX e era habitada, até então, por diferentes grupos indígenas. William Chandless (1869) descreveu as características dos moradores do rio Gregório antes da época da borracha; R.P. Tastevin (1928), que visitou a região na segunda metade da década de 1920 recuperou a expansão da exploração dos seringais a partir de 1883, quando começaram a chegar os seringueiros.

Chandless relatou que, entrando no Gregório, "não encontrou sinais de indígenas, a não ser uma ou duas pequenas plantações cobertas de mato" (Op.cit.:305). Alguns dias depois, ele encontrou alguns índios na margem do rio, 15 ou 16 homens acompanhados de mulheres e crianças, mas ninguém soube identificar a qual grupo pertenciam. O receio era encontrar os Nauas famosos por serem um grupo grande e guerreiro, que estariam localizados a 8 ou 10 dias acima.

Afinal, Chandless e seu grupo encontraram grandes plantações e duas casas pertencentes aos Nauas confirmando que eram numerosos, mas não haviam ninguém. Um pouco mais acima os índios foram encontrados, armados com arco e flecha e dispostos a enfrentar os que chegavam. Contra sua recomendação um dos empregados atirou, um dos tiros atingiu um índio no braço, e depois do terceiro tiro eles foram embora. A expedição voltou a partir daí (Op.cit.:306).

De acordo com Tastevin, "quando, dezessete anos mais tarde, os exploradores de florestas de borracha chegaram a esta região, só encontraram os índios Naua, ou melhor, os Capanaua, um pouco a montante da atual cidade de Cruzeiro do Sul, no local chamado 'Estirão dos Naua' e na própria Cruzeiro do Sul" (1928:1). Segundo Tastevin, os indígenas que permaneceram no Gregório são chamados pelos seringueiros de Catuquina, mas estes se autodenominam Wani-naua e Kaman-naua (onças). "Tive a oportunidade de estudá-los em 1923 nas margens do Gregório", afirmou Tastevin (Op.cit: 9).

Tastevin também relatou que "Foi em 1883 que homens à procura de látex chegaram à foz do Riozinho da Liberdade. O rio era rico em seringueiras: foi feita a sua conquista paralelamente à do Juruá e à do Gregório. Em 1900 encontramos os peruanos instalados na desembocadura do Caxingó; eles até levaram um barco a vapor, o único a ter passado do Forquilha até agora, e fizeram um carregamento de goma de *catilloa elástica*, o caucho propriamente dito. Quando da criação do território do Acre em 1904, o Liberdade foi dividido em dois pedaços; o inferior ficando no Amazonas e o superior, quer dizer dois terços dele, no novo território" (Op.cit.:10).

Com o declínio da borracha, muitas famílias buscaram trabalho em outras cidades, principalmente Manaus, enquanto outros continuaram na floresta vivendo de atividades extrativistas e agrícolas e são os antepassados dos atuais moradores da Resex do Rio Gregório.

Eirunepé

Localizado na mesorregião do Sudoeste Amazonense, na microrregião do Juruá, o município de Eirunepé situa-se a 1.159,7 km da capital. A área total é de 15.946 km², e a população de 26.074 pessoas, uma densidade demográfica de 1,5 hab/km². No ano 2000, a população do município representava 0,93% da população do Estado e 0,02% da população do país.

No período compreendido entre 1991 e 2000, verificou-se em Eirunepé uma taxa média de crescimento populacional anual de 2,89%, uma vez que em 1991 residiam no município 20.372 pessoas; a Tabela 11 apresenta os dados comparativos.

Tabela 11. População segundo a zona e taxa de urbanização de Eirunepé entre 1991 e 2000.

	1991	2000
População Total	20.372	26.074
Urbana	13.442	16.781
Rural	6.930	9.239
Taxa de Urbanização	65,98%	64,36%

Fonte: Atlas do Desenvolvimento Humano do Brasil 2000.

Embora tenha havido no período um relevante crescimento populacional de quase 22%, a taxa de urbanização diminuiu 2,46 p.p, passando de 65,98% em 1991 para 64,36% em 2000,

conforme a Figura 33. Em 1991 a população rural representava pouco mais de 34% do total de habitantes do município, mantendo no período praticamente o mesmo percentual, visto que em 2000 passou a responder por cerca de 35% do universo.

Tabela 12. População segundo a faixa etária e razão de dependência em Eirunepé, em 1991 e 2000

	1991	2000
Menos de 15 anos	10.489	12.118
Entre 15 e 64 anos	9.335	13.158
Mais de 65 anos	548	798
Razão de Dependência	118,2%	98,2%

Fonte: Atlas do Desenvolvimento Humano do Brasil 2000

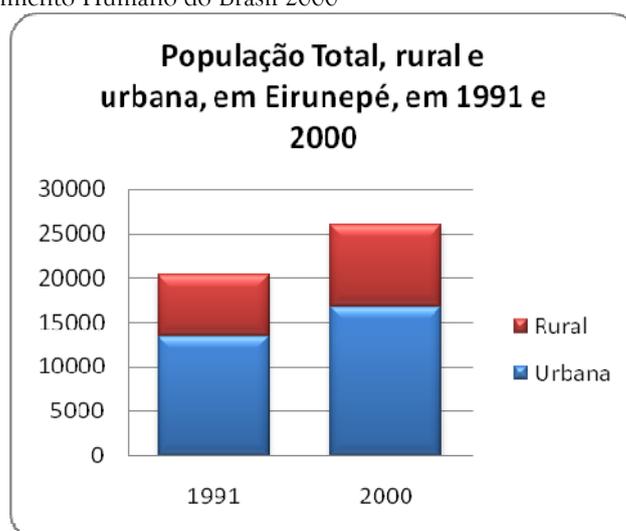


Figura 33. População total segundo a área rural e urbana, em Eirunepé, em 1991 e 2000. Fonte: Atlas do Desenvolvimento Humano do Brasil 2000.

Percebe-se no município uma elevada razão de dependência, embora o número de idosos seja relativamente baixo frente ao montante total de habitantes. Entretanto, ressalta-se que há um alto número de indivíduos com menos de 15 anos, o que acaba por elevar o nível de dependência visualizado em Eirunepé (Tabela 12 e Figura 34).

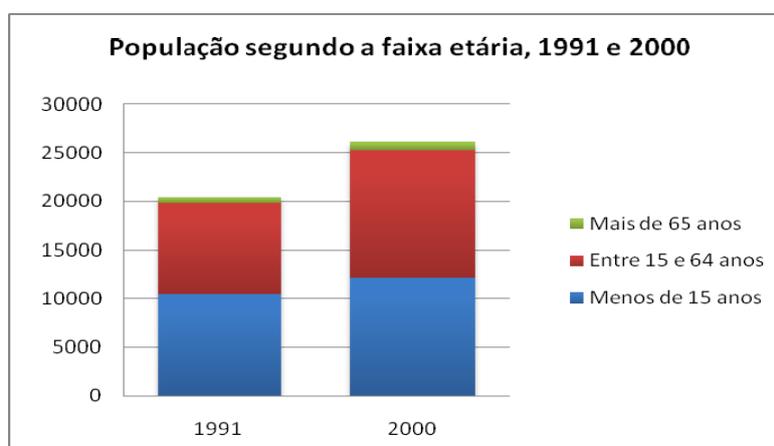


Figura 34. População total segundo a faixa etária, em Eirunepé, em 1991 e 2000. Fonte: Atlas do Desenvolvimento Humano do Brasil 2000

No período entre 1991 e 2000, a taxa de mortalidade infantil do município diminuiu 1,23%, passando de 59,59 (por mil nascidos vivos) em 1991 para 58,86 (por mil nascidos vivos) em 2000. Já a esperança de vida ao nascer cresceu 1,32 anos, passando de 60,91 anos em 1991 para 62,23 anos em 2000 (Tabela 13).

Tabela 13. Indicadores de longevidade, mortalidade e fecundidade, em Eirunepé, em 1991 e 2000

	1991	2000
Mortalidade até 01 ano de idade (por 1.000 nascidos vivos)	59,6	58,9
Esperança de vida ao nascer (anos)	60,9	62,2
Taxa de Fecundidade Total (filhos por mulher)	7,2	5,2

Fonte: Atlas do Desenvolvimento Humano do Brasil 2000

Educação

A partir das Tabelas 14 e 15 percebe-se que o nível educacional tanto da população jovem quanto adulta apresenta um crescimento acentuado no período compreendido entre 1991 e 2000. Entretanto, deve-se ressaltar que a média de anos de estudo fica bem abaixo do considerado adequado, sendo que muitos jovens deixam de frequentar as instituições de ensino, visto que somente cerca de 60% dos indivíduos com idade entre 15 e 17 anos ainda frequentam a escola.

Tabela 14. Nível Educacional da população jovem em Eirunepé, em 1991 e 2000

Faixa Etária (anos)	Taxa de analfabetismo		% com menos de 4 anos de estudo		% com menos de 8 anos de estudo		% frequentando a escola	
	1991	2000	1991	2000	1991	2000	1991	2000
7 a 14	65,0	43,6	-	-	-	-	46,6	75,2
10 a 14	52,6	33,0	82,1	74,8	-	-	52,0	77,0
15 a 17	40,5	26,9	59,0	51,4	94,8	87,5	51,4	61,1
18 a 24	47,0	31,1	58,8	44,6	82,0	73,8	-	-

Fonte: Atlas do Desenvolvimento Humano do Brasil 2000

Em relação à população adulta, os índices são ainda mais preocupantes, especialmente quando atenta-se para a alta taxa de analfabetismo, que em 2000 ficou em torno de 56%.

Tabela 15. Nível Educacional da população adulta (25 anos ou mais), em Eirunepé, em 1991 e 2000

	1991	2000
Taxa de analfabetismo	67,1	56,3
% com menos de 4 anos de estudo	79,8	71,4
% com menos de 8 anos de estudo	91,8	84,0
Média de anos de estudo	1,6	2,6

Fonte: Atlas do Desenvolvimento Humano do Brasil 2000

Renda

A renda per capita média do município cresceu 31,27%, passando de R\$ 53,22 em 1991 para R\$ 69,86 em 2000 (Tabela 16). A pobreza (medida pela proporção de pessoas com renda domiciliar per capita inferior a R\$ 75,50, equivalente à metade do salário mínimo vigente em agosto de 2000) diminuiu 11,08%, passando de 83,0% em 1991 para 73,8% em 2000. A desigualdade cresceu: o Índice de Gini passou de 0,59 em 1991 para 0,66 em 2000.

Tabela 16. Indicadores de renda, pobreza e desigualdade em Eirunepé, em 1991 e 2000

	1991	2000
Renda per capita média	53,2	69,9
Proporção de pobres (%)	83,0	73,8
Índice de Gini	0,59	0,66

Fonte: Atlas do Desenvolvimento Humano do Brasil 2000

Os dados da Tabela 17 evidenciam a alta concentração de renda, uma vez que os 20% mais pobres, em 2000, auferiam apenas 0,4% da renda municipal, enquanto os 20% mais ricos respondiam por mais de 67% desta.

Tabela 17. Porcentagem da renda apropriada por extratos da população, em Eirunepé, em 1991 e 2000

	1991	2000
20% mais pobres	1,4	0,4
40% mais pobres	8,2	5,0
60% mais pobres	19,4	14,5
80% mais pobres	38,0	32,2
20% mais ricos	62,0	67,8

Fonte: Atlas do Desenvolvimento Humano do Brasil 2000

Ressalta-se também que no período entre 1991 e 2000 houve um processo de intensificação da concentração de renda, visto que aumentou a diferença da renda apropriada entre a parcela mais pauperizada da população e os mais ricos.

Habitação

Entre 1991 e 2000 a porcentagem de domicílios interligados à rede de abastecimento de água sofreu um decréscimo acentuado, enquanto em relação aos demais serviços básicos registrou-se um crescimento significativo (Tabela 18).

Tabela 18. Acesso a serviços básicos em Eirunepé, em 1991 e 2000

	1991	2000
Água Encanada	25,5	19,8
Energia Elétrica	57,9	65,0
Coleta de Lixo ¹	2,2	8,0

¹ Somente para domicílios urbanos

Fonte: Atlas do Desenvolvimento Humano do Brasil 2000

Entretanto, vale ressaltar que mesmo com esse incremento do número de domicílios interligados ao sistema elétrico e com acesso à coleta de lixo, os indicadores ainda ficam muito abaixo do que poderia ser considerado adequado para o município de Eirunepé.

Vulnerabilidade

Tabela 19. Indicadores de vulnerabilidade familiar em Eirunepé, em 1991 e 2000

	1991	2000
% de mulheres de 10 a 14 anos com filhos	ND	0,0
% de mulheres de 15 a 17 anos com filhos	40,5	17,4
% de crianças em famílias com renda inferior à 1/2 salário mínimo	87,3	80,3
% de mães chefes de família, sem cônjuge, com filhos menores	10,2	7,5

ND: não disponível

Fonte: Atlas do Desenvolvimento Humano do Brasil 2000

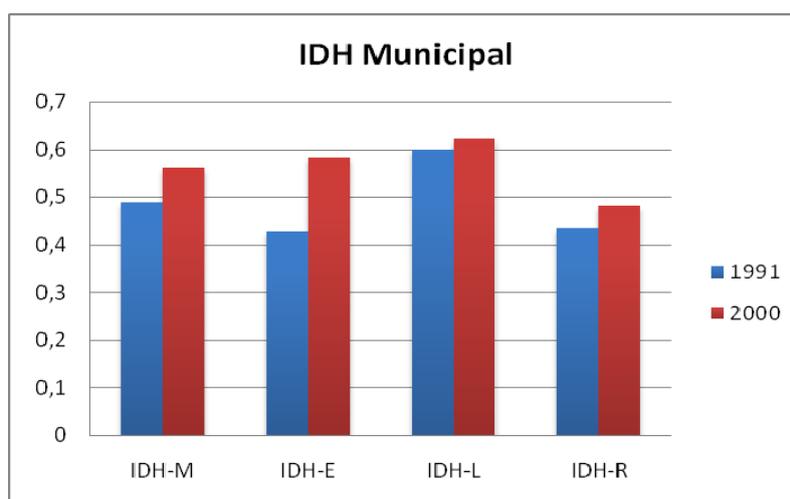
Desenvolvimento Humano

Tabela 20. Índice de Desenvolvimento Humano em Eirunepé, em 1991 e 2000

	1991	2000
Índice de Desenvolvimento Humano Municipal	0,488	0,562
Educação (IDH-E)	0,428	0,582
Longevidade (IDH-L)	0,599	0,621
Renda (IDH-R)	0,435	0,482

Fonte: Atlas do Desenvolvimento Humano do Brasil 2000

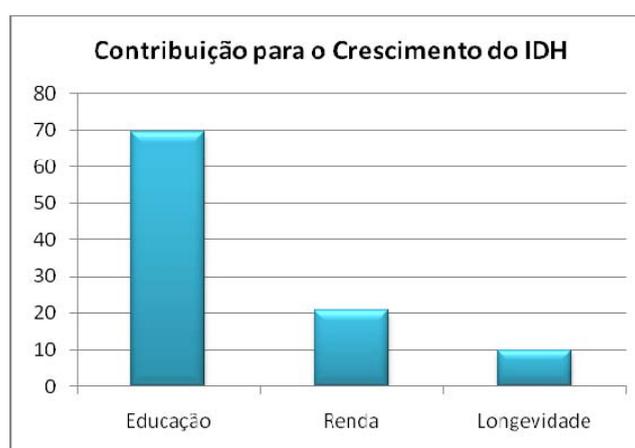
No período 1991-2000, o Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDH-M) de Eirunepé cresceu 15,16%, passando de 0,488 em 1991 para 0,562 em 2000.



.....Figura 35. Índice de Desenvolvimento Humano em Eirunepé, em 1991 e 2000

.....Fonte: Atlas do Desenvolvimento Humano do Brasil 2000

A dimensão que mais contribuiu para este crescimento foi a educação, com 69,4%, seguida pela renda, com 20,7% e pela longevidade, com 9,9% (Figura 22).



.....Figura 36. Contribuição para o crescimento do Índice de Desenvolvimento Humano em Eirunepé, entre 1991 e 2000. Fonte: Atlas do Desenvolvimento Humano do Brasil 2000

Neste período, o hiato de desenvolvimento humano (a distância entre o IDH do município e o limite máximo do IDH, ou seja, 1 - IDH) foi reduzido em 14,5%. Mantendo esta taxa de crescimento do IDH-M, o município levará 30,2 anos para alcançar São Caetano do Sul (SP), o município com o melhor IDH-M do Brasil (0,919), e 19,6 anos para alcançar Manaus (AM), o município com o melhor IDH-M do Estado (0,774).

Em 2000, o Índice de Desenvolvimento Humano Municipal de Eirunepé foi de 0,562. Segundo a classificação do PNUD, o município está entre as regiões consideradas de médio desenvolvimento humano (IDH entre 0,5 e 0,8). Em relação aos outros municípios do Brasil, Eirunepé apresenta uma situação desfavorável: ocupa a 5201ª posição, sendo que 5200 municípios (94,4%) estão em situação melhor e 306 municípios (5,6%) estão em situação pior ou igual.

Em relação aos outros municípios do Estado, Eirunepé também apresenta uma situação negativa: ocupa a 47ª posição, sendo que 46 municípios (74,2%) estão em situação melhor e 15 municípios (25,8%) estão em situação pior ou igual.

Ipixuna

Ipixuna localiza-se na mesorregião do Sudoeste Amazonense, mais especificamente na microrregião do Juruá. Instalado em 1955, o município possui uma área geográfica de 13.630,7 km² e uma população de 14.759 sendo a densidade demográfica bastante baixa, igual a 1,1 hab/km², de acordo com o Censo Demográfico de 2000.

Demografia

Tabela 21. População por situação de domicílio em Ipixuna, 1991 e 2000

	1991	2000
População Total	9.653	14.759
Urbana	3.554	5.765
Rural	6.099	8.994
Taxa de Urbanização	36,82%	39,06%

Fonte: Atlas do Desenvolvimento Humano do Brasil 2000

No período compreendido entre 1991 e 2000, a população de Ipixuna teve uma taxa média de crescimento anual de 5,02%, passando de 9.653 em 1991 para 14.759 em 2000 (Tabela 21 e Figura 37). O acréscimo populacional mais significativo se deu na zona rural, a qual em 2000 representava quase 61% do universo total de habitantes do município. Em 2000, a população do município representava 0,52% da população do Estado, e 0,01% da população do país.

A taxa de urbanização cresceu 6,09 p.p, passando de 36,82% em 1991 para 39,06% em 2000, entretanto ainda se configura como bastante baixa.

Embora o número de idosos seja relativamente baixo no município, verifica-se em Ipixuna uma alta razão de dependência que se deve ao alto montante de habitantes com menos de 15 anos (Tabela 22). Assim, a população configura-se como bastante jovem, com grande potencial de crescimento.

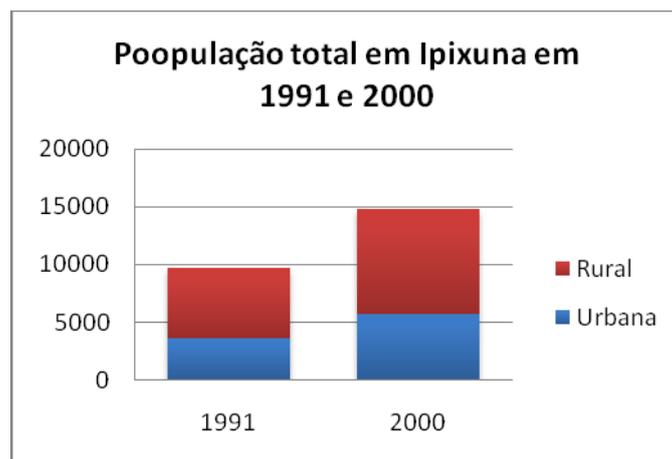


Figura 37. População total em Ipixuna, em 1991 e 2000 Fonte: Atlas do Desenvolvimento Humano do Brasil 2000

Tabela 22. Estrutura etária em Ipixuna, em 1991 e 2000

	1991	2000
Menos de 15 anos	5.055	7.561
Entre 15 e 64 anos	4.302	6.833
Mais de 65 anos	296	365
Razão de Dependência	124,4%	116,0%

Fonte: Atlas do Desenvolvimento Humano do Brasil 2000

No período entre 1991 e 2000, a taxa de mortalidade infantil do município diminuiu 0,69%, passando de 75,82 (por mil nascidos vivos) em 1991 para 75,30 (por mil nascidos vivos) em 2000, e a esperança de vida ao nascer cresceu 1,48 anos, passando de 57,34 anos em 1991 para 58,82 anos em 2000 (Tabela 23).

Tabela 23. Indicadores de longevidade, mortalidade e fecundidade em Ipixuna, em 1991 e 2000.

	1991	2000
Mortalidade até 1 ano de idade (por 1.000 nascidos vivos)	75,8	75,3
Esperança de vida ao nascer (anos)	57,3	58,8
Taxa de Fecundidade Total (filhos por mulher)	6,8	5,4

Fonte: Atlas do Desenvolvimento Humano do Brasil 2000

Educação

Em relação à educação, percebe-se uma alta taxa de analfabetismo, tanto entre jovens quanto entre a população adulta. Também é de se ressaltar que a média de anos de estudo é bastante baixa; embora tenha crescido mais de 42% no período entre 1991 e 2000, ainda se configura como inferior à verificada em outros Estados brasileiros (Tabela 24).

Tabela 24. Nível educacional da população jovem em Ipixuna, em 1991 e 2000

Faixa Etária (anos)	Taxa de analfabetismo		% com menos de 4 anos de estudo		% com menos de 8 anos de estudo		% frequentando a escola	
	1991	2000	1991	2000	1991	2000	1991	2000
7 a 14	75,7	45,7	-	-	-	-	32,3	70,8
10 a 14	66,1	35,9	93,7	84,4	-	-	37,6	72,7
15 a 17	51,6	33,1	82,9	58,3	99,7	95,6	31,0	52,8
18 a 24	51,6	37,7	73,1	56,1	95,4	87,7	-	-

- = não se aplica

Fonte: Atlas do Desenvolvimento Humano do Brasil 2000

Em relação à população adulta, os índices são ainda mais preocupantes, especialmente quando atentase para a alta taxa de analfabetismo, que em 2000 ficou em torno de 62% (Tabela 25).

Tabela 25. Nível educacional da população adulta (25 anos ou mais) em Ipixuna, em 1991 e 2000.

	1991	2000
Taxa de analfabetismo	74,6	62,0
% com menos de 4 anos de estudo	84,7	76,6
% com menos de 8 anos de estudo	94,5	93,0
Média de anos de estudo	1,1	1,9

Fonte: Atlas do Desenvolvimento Humano do Brasil 2000

Renda

A renda *per capita* média do município cresceu 5,04%, passando de R\$ 37,67 em 1991 para R\$ 39,57 em 2000. A pobreza (medida pela proporção de pessoas com renda domiciliar per capita inferior a R\$ 75,50, equivalente à metade do salário mínimo vigente em agosto de 2000) diminuiu 1,90%, passando de 89,0% em 1991 para 87,3% em 2000. A desigualdade cresceu: o Índice de Gini passou de 0,62 em 1991 para 0,69 em 2000 (Tabela 26).

Tabela 26. Indicadores de renda, pobreza e desigualdade em Ipixuna, em 1991 e 2000

	1991	2000
Renda per capita Média (R\$ de 2.000)	37,7	39,6
Proporção de Pobres (%)	89,0	87,3
Índice de Gini	0,62	0,69

Fonte: Atlas do Desenvolvimento Humano do Brasil 2000

Como já era de se esperar pelos valores do Índice de Gini, verifica-se uma alta concentração de renda, onde os 20% mais ricos auferem praticamente 70% de toda a renda gerada no município. Enquanto isso, a parcela apropriada pelos 20% mais pobres é ínfima, não sendo representativa no cenário geral (Tabela 27).

Tabela 27. Porcentagem da renda apropriada por extratos da população em Ipixuna, em 1991 e 2000

	1991	2000
20% mais pobres	0,0	0,0
40% mais pobres	5,5	2,2
60% mais pobres	15,5	11,7
80% mais pobres	33,6	31,0
20% mais ricos	66,4	69,0

Fonte: Atlas do Desenvolvimento Humano do Brasil 2000

Habitação

Mesmo com o crescimento da porcentagem de moradores com acesso a serviços básicos entre 1991 e 2000, este ainda é bastante precário em Ipixuna. Basta notar que em 2000 apenas 10% dos domicílios eram atendidos pela rede de abastecimento de água, enquanto somente 6% dos domicílios urbanos tinham à disposição serviços de coleta de lixo. Já a energia elétrica é o serviço básico mais abrangente, sendo que em 2000 compreendia pouco mais de 50% da população (Tabela 28).

Tabela 28. Acesso a serviços básicos em Ipixuna, em 1991 e 2000

	1991	2000
Água Encanada	2,5	10,0
Energia Elétrica	32,7	50,5
Coleta de Lixo ¹	0,1	6,0

¹ Somente domicílios urbanos

Fonte: Atlas do Desenvolvimento Humano do Brasil 2000

Vulnerabilidade

Tabela 29. Indicadores de vulnerabilidade familiar e Ipixuna, em 1991 e 2000

	1991	2000
% de mulheres de 10 a 14 anos com filhos	ND	0,9
% de mulheres de 15 a 17 anos com filhos	51,6	13,8
% de crianças em famílias com renda inferior à 1/2 salário mínimo	91,8	91,9
% de mães chefes de família, sem cônjuge, com filhos menores	5,5	6,2

ND = não disponível

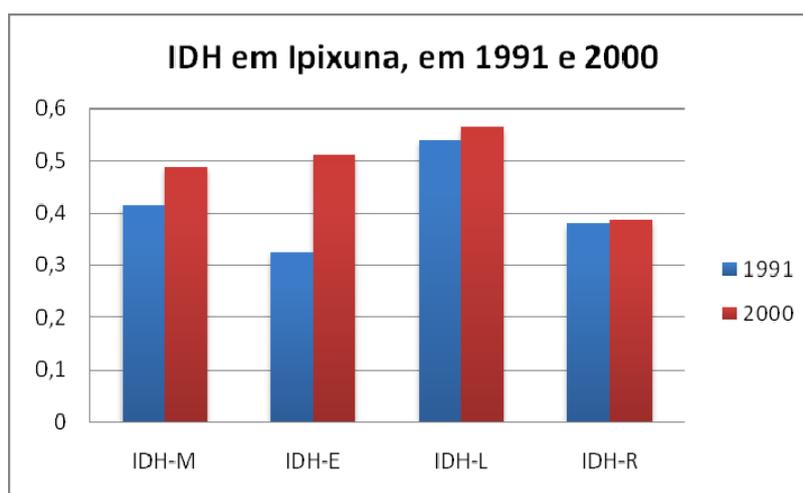
Fonte: Atlas do Desenvolvimento Humano do Brasil 2000

Desenvolvimento Humano

Tabela 30. Índice de Desenvolvimento Humano em Ipixuna, em 1991 e 2000

	1991	2000
Índice de Desenvolvimento Humano Municipal	0,415	0,487
Educação	0,326	0,509
Longevidade	0,539	0,564
Renda	0,379	0,387

Fonte: Atlas do Desenvolvimento Humano do Brasil 2000



.....**Figura 38.** Índice de Desenvolvimento Humano em Ipixuna, em 1991 e 2000

.....**Fonte:** Atlas do Desenvolvimento Humano do Brasil 2000

Evolução 1991-2000

No período 1991-2000, o Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDH-M) de Ipixuna cresceu 17,35%, passando de 0,415 em 1991 para 0,487 em 2000 (Figura 39).

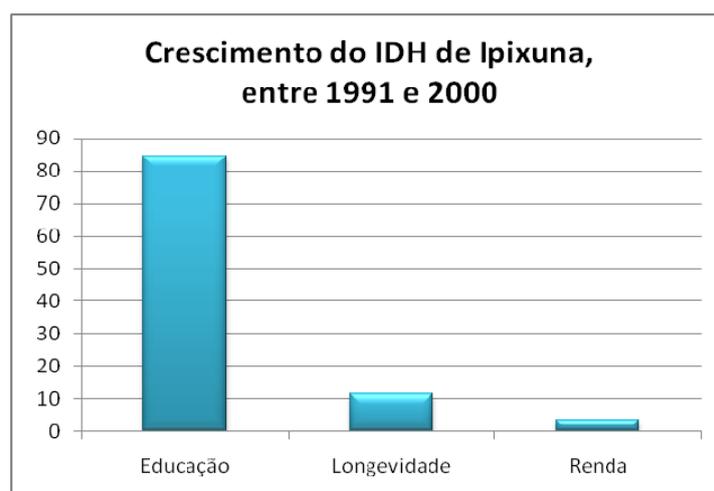


Figura 39. Contribuição para o crescimento do IDH em Ipixuna, entre 1991 e 2000. Fonte: Atlas do Desenvolvimento Humano do Brasil 2000

A dimensão que mais contribuiu para este crescimento foi a educação, com 84,7%, seguida pela longevidade, com 11,6% e pela renda, com 3,7%. Neste período, o hiato de desenvolvimento humano (a distância entre o IDH do município e o limite máximo do IDH, ou seja, 1) foi reduzido em 12,3%.

Se mantivesse esta taxa de crescimento do IDH-M, o município levaria 34,4 anos para alcançar São Caetano do Sul (SP), o município com o melhor IDH-M do Brasil (0,919), e 25,1 anos para alcançar Manaus (AM), o município com o melhor IDH-M do Estado (0,774).

Situação em 2000

Em 2000, o Índice de Desenvolvimento Humano Municipal de Ipixuna era 0,487. Segundo a classificação do PNUD, o município está entre as regiões consideradas de baixo desenvolvimento humano (IDH menor que 0,5).

Em relação aos outros municípios do Brasil, Ipixuna apresenta uma situação negativa: ocupa a 5500ª posição, sendo que 5499 municípios (99,9%) estão em situação melhor e 7 municípios (0,1%) estão em situação pior ou igual. Em relação aos outros municípios do Estado, Ipixuna também apresenta uma situação negativa: ocupa a 62ª posição, sendo que 61 municípios (98,4%) estão em situação melhor e 0 municípios (1,6%) estão em situação pior ou igual.

7.1.2. Florestas Estaduais do Rio Gregório e do Mogno

As florestas estaduais do rio Gregório e do Mogno, foram criadas em 09.04.2004 pelo Governo do Estado do Acre como parte de uma política integrada de uso racional das terras da região visando compatibilizar objetivos sociais, econômicos e de conservação da biodiversidade. Estas florestas são áreas de posse e domínio público estadual e estão localizadas no município de Tarauacá, totalizando cerca de 450 mil hectares, representando 2,2% da área do Estado do Acre. As duas unidades de conservação estão no entorno da Resex do Rio Gregório.

Pelos decretos de criação o governo assegura a permanência das populações tradicionais que habitam nas regiões demarcadas e declara as terras e benfeitorias particulares nelas localizadas de interesse social para fins de desapropriação. A gestão, administração e implantação das áreas é da Secretaria de Florestas.

Floresta Estadual do Rio Gregório

Inserida integralmente na bacia do Juruá, a Floresta Estadual do Rio Gregório (FERG) ocupa uma área de 216.062 ha, nos quais se distribuem 80 colocações, ocupadas por, aproximadamente, 500 pessoas. Possui 94% de sua superfície sob domínio de Floresta Ombrófila Aberta e 6% ocupados por Floresta Ombrófila Densa.

A FERG foi criada em 9.3.2004, pelo Governo do Estado do Acre, como parte de uma política integrada de uso racional das terras da região. Essa Floresta constitui área de posse e domínio público estadual e está localizada no município de Tarauacá (Figura 40).

É a segunda maior floresta de produção do Acre, perdendo apenas em extensão territorial para a FLONA Santa Rosa do Purus, e nela existem seis seringais. A exploração extrativista se concentra basicamente na extração do látex, atendendo aos princípios da sustentabilidade.

De acordo com o ZEE-Zoneamento Econômico Ecológico (Acre, 2000), a FERG tem potencial para ser trabalhada através de sistemas agroflorestais e/ou agrossilvopastoris, com a maior diversificação possível de culturas anuais e perenes, com nível tecnológico médio a alto, bem como da criação de pequenos, médios e grandes animais, piscicultura etc., de forma a atender às necessidades de seus moradores.

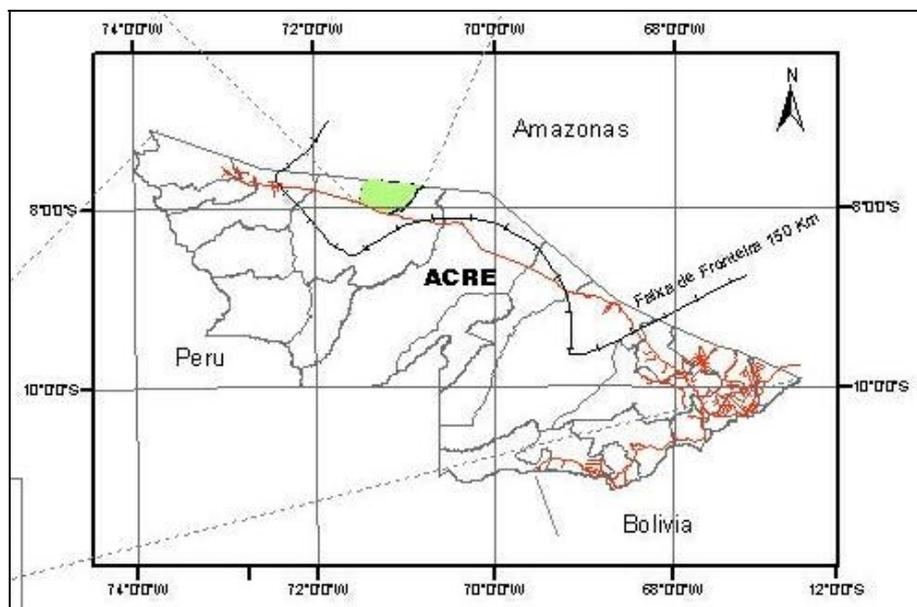


Figura 40. Mapa de localização da Floresta Estadual do Rio Gregório
Fonte: MOULARD 2005

Floresta Estadual do Mogno

Localizada na bacia do rio Juruá, a Floresta Estadual do Mogno (FEM) ocupa uma área de 143.897 hectares e foi criada pelo Governo do Estado do Acre, pelo Decreto Estadual 9717/04, como parte de uma política integrada de uso racional das terras da região. Essa Floresta constitui área de posse e domínio público estadual e está localizada no município de Tarauacá (Figura 41).

O território da Floresta do Rio Gregório é formado por Floresta Ombrófila Aberta (95.83%) e Floresta Ombrófila Densa (4.17%). A exploração extrativista se concentra basicamente na extração do látex, mas apresenta potencial também para produção madeireira e não madeireira, manejo de fauna e para o desenvolvimento do turismo ecológico, atendendo aos princípios da sustentabilidade. A população da Floresta Estadual enfrenta pressões e está envolvida em conflitos nas áreas de caça e pesca, desmatamento e expansão da pecuária e agricultura. O asfaltamento da BR-364 também tem levado pressão antrópica e riscos à biodiversidade da Floresta Estadual.

De acordo com o ZEE-Zoneamento Econômico Ecológico (Acre, 2000), a FEM tem potencial para desenvolvimento de sistemas agroflorestais e/ou agrossilvopastoris, com a maior diversificação possível de culturas anuais e perenes, com nível tecnológico médio a alto, bem como da criação de pequenos, médios e grandes animais e piscicultura, de forma a atender às necessidades de seus moradores.

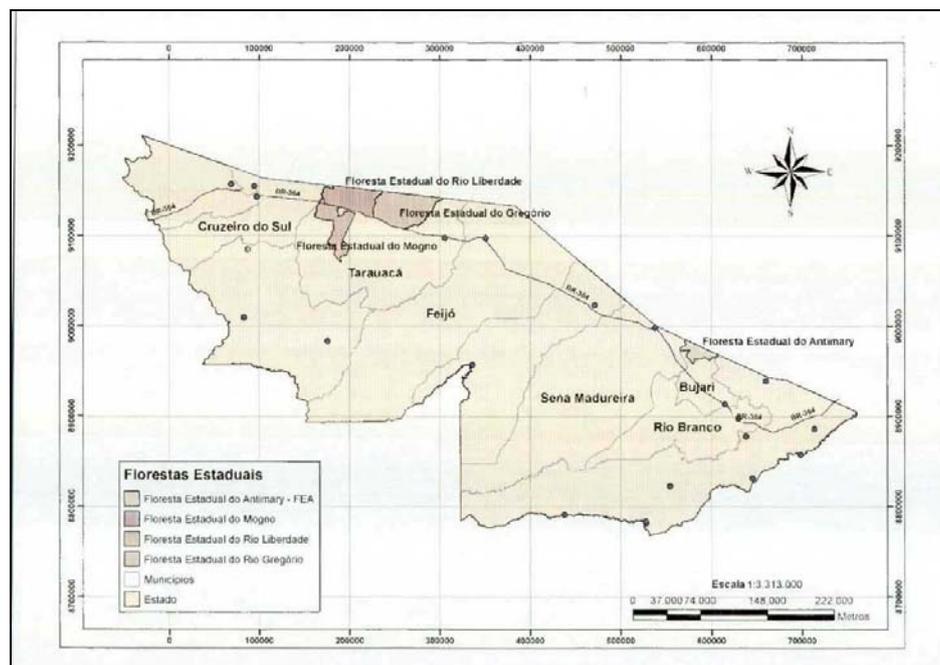


Figura 41. Mapa de localização da Floresta Estadual do Mogno

Fonte: Governo do Estado do Acre (2010)

A ocupação nas duas áreas é extremamente baixa, apenas 116 pessoas. As duas unidades de conservação foram criadas antes do asfaltamento da BR 364 entre Rio Branco e Cruzeiro do Sul, para evitar especulação fundiária no entorno da rodovia. As áreas fazem limite entre os Estados do Acre e Amazonas e estão no entorno da Resex do Rio Gregório. A existência destas áreas protegidas de uso sustentável estabelece uma barreira de proteção entre a Resex e a BR 364.

As áreas serão destinadas para a exploração sustentável de produtos madeireiros e não madeireiros, tanto pelas comunidades ali residentes quanto por empresas privadas, como parte da estratégia do Governo do Acre de valorização do patrimônio florestal, embora não existe previsão de quando essa exploração será iniciada.

7.1.3 Terra Indígena Kulina do Médio Juruá

A TI Kulina do Médio Juruá foi criada em 14.12.1998 com uma área de 730.142 hectares para uma população de 2.300 índios Kulina. A TI está homologada e registrada no Serviço de Patrimônio da União (SPU) e é administrada pela FUNAI de Manaus.

A área apresenta a seguinte caracterização ambiental: Floresta Ombrófila Aberta 55.78% e Floresta Ombrófila Densa (44.22) e está 100% inserida na Bacia do Juruá.

O sul da Terra Indígena faz limite com a área norte da Resex do Rio Gregório. Os dois territórios criam um sistema de proteção para os recursos naturais e as populações residentes em ambas as áreas e o fortalecimento institucional de uma pode contribuir para a proteção da outra.

O conjunto dos territórios especiais existentes no entorno da Resex do Rio Gregório – a Terra Indígena Kulina do Médio Juruá e as Florestas Estaduais do Gregório e do Mogno – contribuem para controlar potenciais pressões que podem originar-se a partir da BR 364 no Estado do Acre, principal risco à integridade da unidade de conservação.

7.2. Caracterização e Distribuição Espacial da População Residente

Os dados sobre caracterização e distribuição espacial da população residente na Resex do Rio Gregório foram sistematizados a partir das seguintes fontes:

"Estudo para a criação de uma reserva de uso sustentável no rio Gregório – Alto Juruá, municípios de Eirunepé e Ipixuna/AM". Março de 2006. Neste estudo existe um capítulo denominado "Levantamento Socioeconômico do Rio Gregório" que apresenta as primeiras informações sobre a população daquela área em 2005, documento elaborado por Jarcineide Pinheiro Cardoso (Governo do Amazonas 2006).

"Lista de situações diversas como dificuldades, ameaças, conflitos e outros". Apresenta um item denominado "Levantamento Socioeconômico do Rio Gregório", de 2007. Neste documento as comunidades foram organizadas em quatro setores e as informações aparecem desagregadas para quase todas elas. Muitas informações coincidem com as levantadas em 2005, com alguns itens mais desagregados. A fonte é a mesma de 2005 embora os dados tenham sido tratados de forma diferente (Governo do Amazonas 2007).

"Relatório da expedição da Resex do Rio Gregório. Oficina de mobilização, sensibilização e mapeamento das comunidades/localidades da Resex do Rio Gregório" de dezembro de 2007. Neste documento foi realizado um novo agrupamento das comunidades, agora em três setores (Governo do Amazonas 2007a).

"Relatório Oficina de Planejamento Participativo na Resex do Rio Gregório. Subsídios ao volume II do Plano de Gestão". Fevereiro de 2010. Durante a oficina foram atualizadas informações sobre o diagnóstico socioeconômico da Resex e sistematizadas por Wilde Itaborahy (Governo do Amazonas 2010).

As informações foram sistematizadas de forma a expressar dois momentos importantes da criação da Resex do Rio Gregório: o primeiro, em 2005, quando foi considerada, na parte sul da Resex, uma área cujo limite era a BR 364, que faz a fronteira do Estado do Amazonas com o Acre; o segundo, a partir de 2007, quando o limite da Resex foi redefinido para contemplar decisão judicial que alterou os limites de ambos os Estados, conforme já detalhado neste documento. A principal diferença entre um momento e outro foi a exclusão, da Resex, daquelas comunidades que passaram a fazer parte do território acreano e não mais do amazonense.

Como foi salientado no item relativo à estrutura fundiária, a área originalmente definida como Resex do Rio Gregório, de 477.042,30 ha (Decreto Estadual Nº 26.586 de 25 de abril de 2007) foi reduzida para 306.914 ha, tendo ficado fora da Resex as comunidades residentes nos seringais Havre, Santa Fé e parte do Lorena (Figura 42).

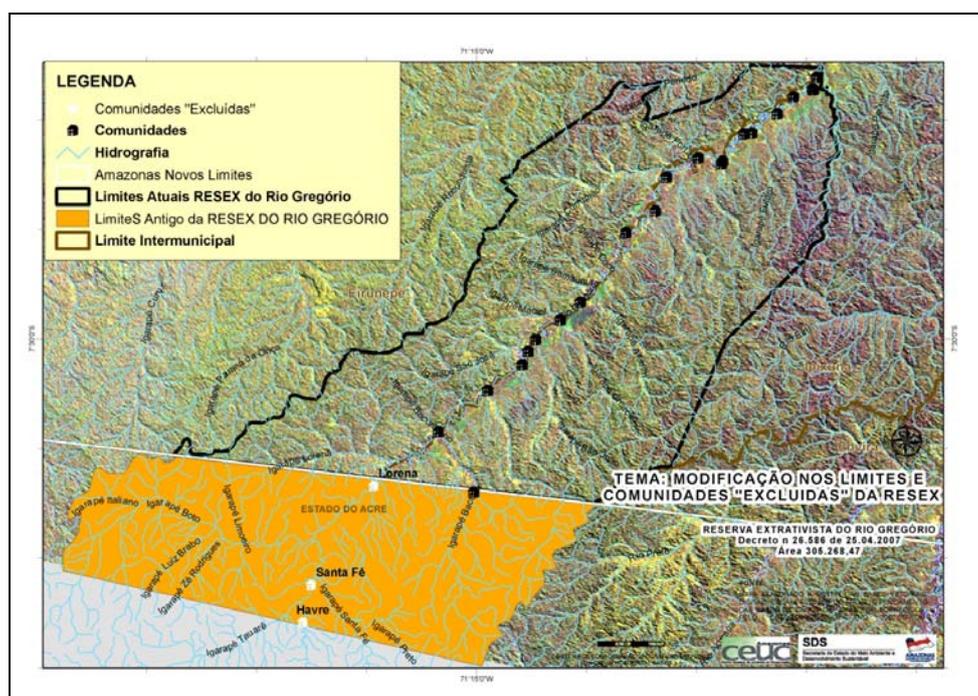


Figura 42. Mapa indicando modificação nos limites da Resex do Rio Gregório e comunidades excluídas. 2007. Fonte: CEUC/SDS

A metodologia utilizada para consolidar as informações foi a seguinte: (i) sistematizar os dados quantitativos de 2005 para tomá-los como uma referência comparativa e (ii) sistematizar os dados qualitativos de acordo com os setores definidos em dezembro de 2007; (iii) apresentar os dados principais atualizados para 2010 consolidados na Oficina de Planejamento Participativo e (iv) atualização e validação dos dados nas OPP e consulta pública.

7.2.1. Distribuição espacial e demográfica: 2005.

O primeiro levantamento socioeconômico do rio Gregório foi realizado em 2005, antes da criação da Resex. Os dados foram coletados em quatro comunidades por meio de entrevistas com 45 pessoas de várias localidades. Foi realizada uma contagem populacional por comunidade assim como coletadas informações a respeito dos seguintes temas: educação, saúde, saneamento, lixo, atividades econômicas, organização social e religião. Abaixo pode ser visto os dados coletados.

A área inicial da Unidade de Conservação compreende seis antigos seringais: Santo Amaro, Recreio, Atalaia, São João, Bacuri e Lorena.

A maioria das comunidades e localidades visitadas em 2005 são, na verdade, antigas colocações dos seringais. Algumas colocações se firmaram como “sede da comunidade” por agregar maior número de moradores. As colocações mais próximas dela são consideradas localidades daquela comunidade, geralmente agregadas a esta pelos serviços públicos, como escolas. Ou seja, na divisão territorial descrita pela maioria, um seringal pode ter diversas comunidades, que por sua vez podem ter outras localidades agregadas a ela. Uma localidade, porém, pode representar um local-território onde não mora ninguém, mas é utilizada em atividades produtivas como a agricultura ou a pesca.

Foi constatado a falta de serviços públicos nas “sedes” das comunidades, como escolas, por exemplo, desfaz a necessidade de um vínculo de interação entre as localidades e a sede da comunidade. Isto é, por vezes os moradores de um local se apresentam como da comunidade “x”, outras vezes como da localidade “y”. Essa “complexa” divisão territorial tem gerado dúvidas e confusões nos levantamentos socioeconômicos da Resex. Abaixo pode ser visto um quadro de dados socioeconômicos construído em conjunto com os representantes das comunidades e localidades que participavam das oficinas, na expedição de 2005.



Figura 43. Moradores do rio Gregório antes da criação da Resex, em 2005.

Fonte: CEUC/SDS

De acordo com os dados levantados em 2005, na Resex do Rio Gregório existiam 13 comunidades, 164 famílias e 1077 moradores, como pode-se observar na Tabela 5. Os dados mostraram a existência de quatro comunidades principais: Havre (Colônia 2 de Junho), Muxila, Ubim e Lago Grande e as informações foram agrupadas em quatro setores de acordo com a proximidade que apresentam umas em relação às outras.

- Setor 1: Comunidades Santa Fé, Lorena e Colônia 2 de Junho (Havre).
- Setor 2: Comunidades Muxila, Seringal Bacuri, Seringal São João, Seringal Atalaia.
- Setor 3: Comunidades Seringal Atalaia, Colocação Santo Amaro e Ubim.
- Setor 4: Comunidades Lago Grande, Lago Grande Estirão de Cima e Lago Grande Estirão de Baixo.

Tabela 31. Distribuição espacial e demográfica da população residente na Resex do Rio Gregório, em 2005

SETOR	COMUNIDADE	Nº FAMÍLIAS	Nº PESSOAS
SETOR 1:	Santa Fé	8	53
	Lorena	6	52
	Colônia 2 de Junho	10	82
ST	3	24	187
SETOR 2:	Muxila	10	59
	Seringal Bacuri	8	54
	Seringal São João	19	105
	Seringal Atalaia	23	140
ST	4	60	358
SETOR 3:	Seringal Atalaia	9	69
	Colocação Santo Amaro	11	74
	Comunidade Ubim	21	128
ST	3	32	271
SETOR 4:	Lago Grande	8	35
	Lago Grande (Estirão de Cima)	33	156
	Lago Grande (Estirão de Baixo)	15	70
ST	3	48	261
TG	13	164	1077

Fonte: CEUC/SDS

Os dados evidenciaram que existia uma distribuição equilibrada de comunidades por setor; no entanto, uma grande variação na distribuição espacial da população. As maiores comunidades eram São João, Ubim, Atalaia e Lago Grande (Estirão de Cima), que concentram 50% do total, cada uma com mais 100 pessoas; com uma variação de 59 a 82 pessoas estavam as comunidades Muxila, Seringal Atalaia, Lago Grande (Estirão de Baixo), Colocação Santo Amaro e Colônia 2 de Junho; por último, as menores comunidades, concentrando entre 35 e 54 pessoas, estavam Lago Grande, Lorena, Santa Fé e Bacuri. A Figura 44 permite a visualização dessa distribuição populacional pelo rio Gregório em 2005.

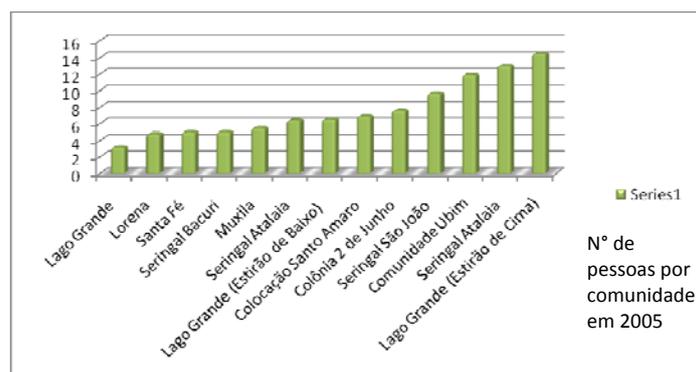


Figura 44. Distribuição espacial da populacional do rio Gregório em 2005. Fonte: CEUC/SDS

Com relação à distribuição do número de famílias e de pessoas de acordo com os setores nos quais foram agrupados, observou-se o seguinte padrão:

Tabela 32. Distribuição das famílias por setor da Resex do Rio Gregório, em 2005

SETORES	Nº FAMÍLIAS		Nº PESSOAS	
1	24	15%	187	18%
2	60	37%	358	33%
3	32	19%	271	25%
4	48	29%	261	24%
TOTAL	164	100%	1077	100%

Fonte: CEUC/SDS.

O maior número de famílias estava localizado no Setor 2, com 37% do total e de pessoas, com 33% do total. O menor número de famílias ocorria no Setor 1, onde residem 15% do total, assim como apresentava o menor número de pessoas, 18% do total. Os setores intermediários apresentavam, aproximadamente, o mesmo comportamento em termos de número de famílias e de pessoas. A Figura 45 evidencia esses padrões.



Figura 45. Número de famílias e de pessoas, por setor, Resex do Rio Gregório, em 2005. Fonte: CEUC/SDS.

7.2.2. Distribuição espacial e demográfica: 2007.

Em dezembro de 2007 houve uma reorganização dos setores em três núcleos formado por comunidades e localidades, a menor unidade populacional da reserva, como mostram os quadros abaixo. No entanto, não existe um levantamento populacional atualizado para esta nova organização, em 2007, que permita confirmar ou alterar o padrão identificado em 2005. A mudança mais relevante é a exclusão da comunidade Santa Fé que ficou fora da Resex em decorrência de alteração no limite territorial do Estado do Acre.

Quadro 4. Divisão dos setores em núcleos da Resex do Rio Gregório, em dezembro de 2007

SETOR 1 - NÚCLEO LAGO GRANDE		
NOME	COMUNIDADE	LOCALIDADE
Coatá		X
Recreio		X
Igarapé do Estirão		X
Lago Grande	X	
Monte Alegre	X	
Estação		X
Sacado do Futuro		X
Futuro	X	
Puçá		X
Progresso		X
Escondido		X
Maravilha	X	
Vira volta		X
13 unidades populacionais	4	9

Fonte: CEUC/SDS.

O Setor 1, Núcleo Lago Grande, é formado por 13 unidades populacionais distribuídas em 4 comunidades e 9 localidades, conforme a Figura 46.

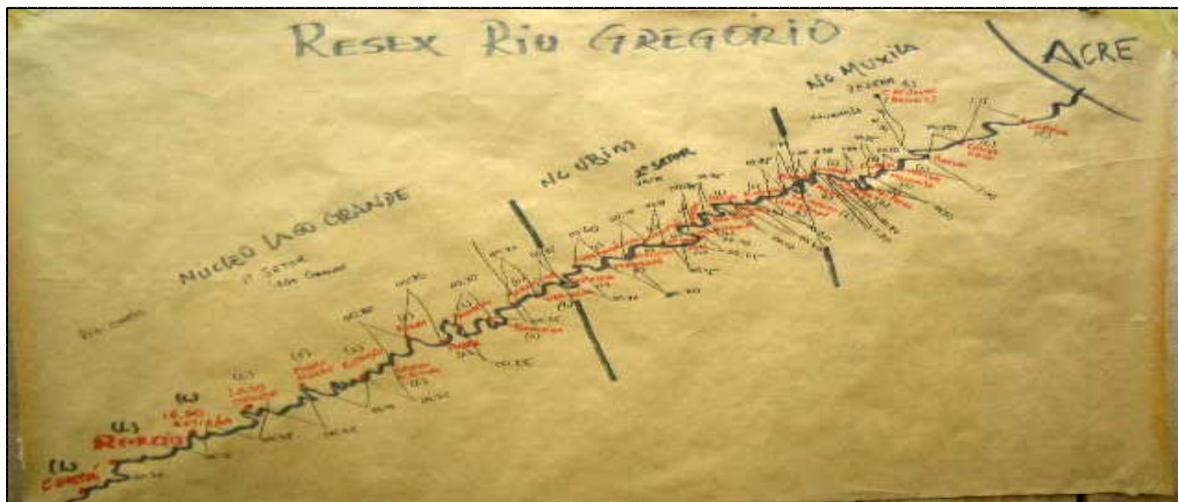


Figura 46. Núcleo Lago Grande da Resex do Rio Gregório Fonte: CEUC/SDS

Quadro 5. Divisão dos setores em núcleos da Resex do Rio Gregório, em dezembro de 2007

SETOR 2 - NÚCLEO UBIM		
NOME	COMUNIDADE	LOCALIDADE
Fortaleza		X
Independência		X
Massapé		X
Mucuim		X
Corrupião		X
Santo Amaro	X	
Açaí		X
Maranguape		X
Ubim	X	
Boa Vista		X
Dalva		X
Alegria		X
Extrema com Ubim		X
Liberdade		X
Zé Mulato		X
15 unidades populacionais	2	13

O Setor 2, Núcleo Ubim, é formado por 15 unidades populacionais distribuídas em 2 comunidades e 13 localidades, conforme a Figura 47.

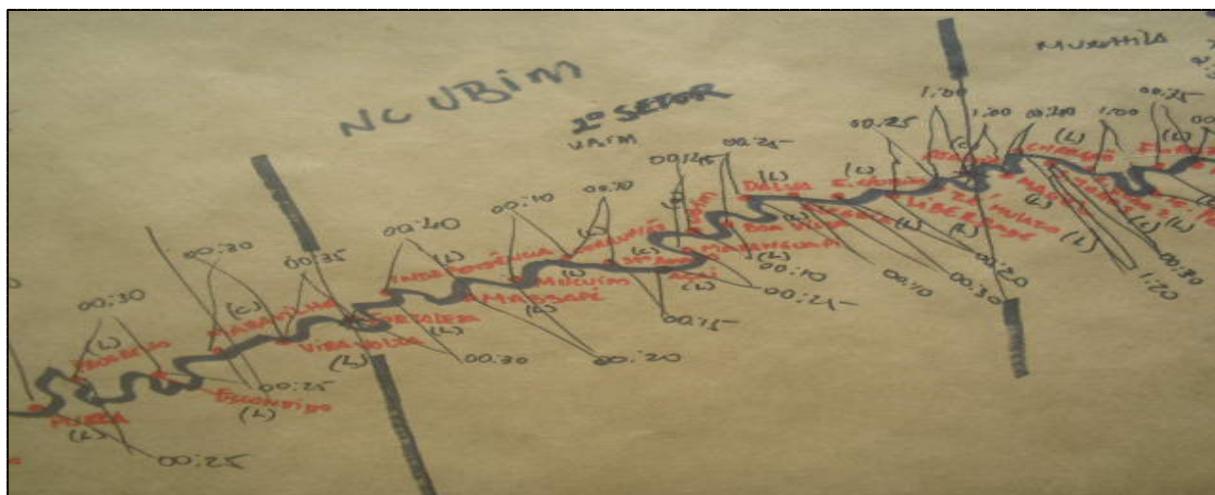


Figura 47. Núcleo Ubim da Resex do Rio Gregório. Fonte: CEUC/SDS.

Quadro 6. Divisão dos setores em núcleos da Resex do Rio Gregório, em dezembro de 2007

SETOR 3 - NÚCLEO MUXILA		
NOME	COMUNIDADE	LOCALIDADE
Atalaia	X	
Maciel		X
Charcão		X
São José I	X	
São José II		X
Igarapé Preto	X	
Floresta		X
Muxila	X	
Avenida		X
Bacuri	X	
1º de Junho (Bacuri 2)	X	
Canta Galo		X
Lorena	X	
13 unidades populacionais	7	6

O Setor 3, Núcleo Muxila, é formado por 13 unidades populacionais distribuídas em 7 comunidades e 6 localidades, conforme a Figura 48.

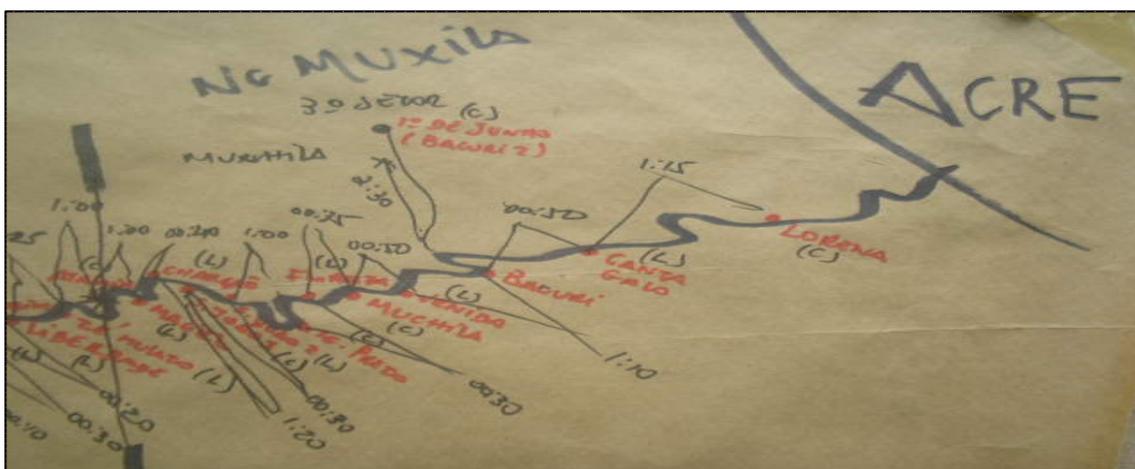


Figura 48. Núcleo Muxila da Resex do Rio Gregório. Fonte: CEUC/SDS

Em síntese, de acordo com a nova organização da distribuição espacial das comunidades residentes na Resex do Rio Gregório existem 41 unidades populacionais distribuídas em 13 comunidades e 28 localidades.

Em relação aos dados de 2005 percebe-se que não houve mudança no número de comunidades. Considerando a inexistência de dados atualizados e assumindo que não houve imigração ou emigração, a síntese seria a seguinte: 41 unidades populacionais distribuídas em 13 comunidades e 28 localidades, com 164 famílias e aproximadamente 1100 moradores.

A Figura 49 mostra a distribuição espacial da população residente na Resex do Rio Gregório em 2007.

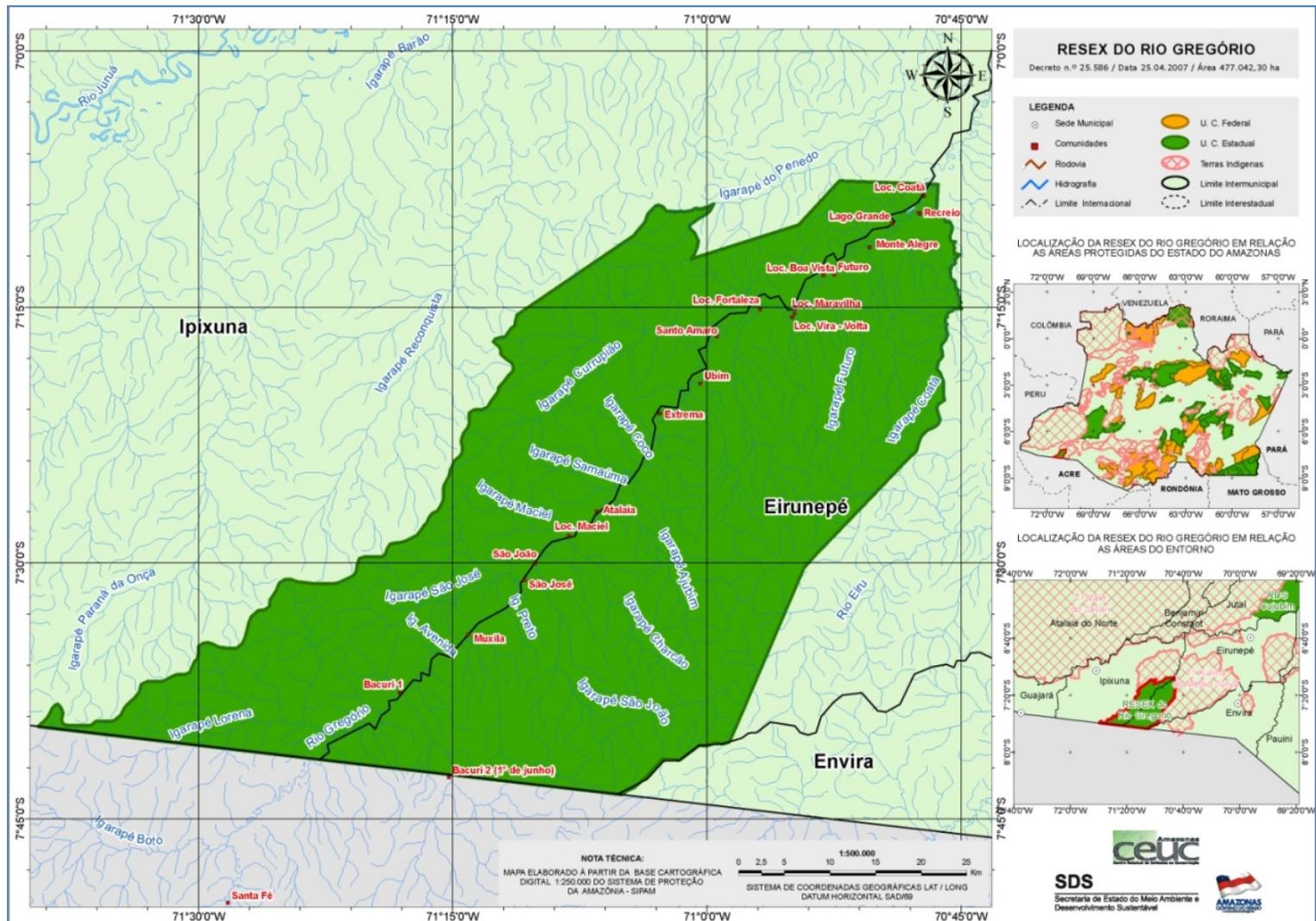


Figura 49. Mapa com a distribuição espacial da população residente na Resex do Rio Gregório em 2007. Fonte: CEUC/SDS

7.2.3. Distribuição espacial e demográfica: 2010.

O mapeamento populacional realizado em fevereiro de 2010 apresentou dados inferiores ao de 2007: existiam na Resex do Rio Gregório 36 comunidades, 68 famílias e 805 pessoas (Tabela 33). Essas diferenças pode estar mais relacionadas a não padronização dos métodos do que a mudanças estruturais na composição e distribuição da população no interior da Resex.

Tabela 33. Comunidades, famílias e pessoas residentes na Resex do Rio Gregório, em 2010.

N.	COMUNIDADE	FAMÍLIA	PESSOA
1.	Coatá	3	28
2.	Estirão (Lago Grande)	5	24
3.	Lago Grande	8	48
4.	Monte Alegre	7	38
5.	Boa Vista	2	11
6.	Viravolta	2	s.i.
7.	Fortaleza	3	22
8.	Santo Amaro	11	56
9.	Prainha	2	12
10.	Morada Nova	4	22
11.	Ubim	11	60
12.	Extrema	8	50
13.	Futuro (recreio)	6	46
14.	Massapê	3	20
15.	Progresso	1	8
16.	Maravilha	9	48
17.	Recreio	3	10
18.	Estação	2	8
19.	Purca	2	s.i.
20.	Escondido	2	s.i.
21.	Maranguape	1	10
22.	Dalva	1	4
23.	Alegria	1	4
24.	Zé Mulato (Atalaia)	1	10
25.	Atalaia	8	s.i.
26.	Maciel	1	9
27.	Liberdade	1	7
28.	São João	9	63
29.	São José	3	11
30.	Igarapé Preto	5	37

31.	Floresta	3	13
32.	Muxila	5	25
33.	Avenida	1	6
34.	Bacuri	5	26
35.	Lorena	6	52
36.	1º de Junho		39
TOTA		68	805

Fonte: CEUC/SDS

A tabela apresenta a distribuição das comunidades ao longo do rio Gregório de acordo com o mapa da Figura 49. É possível perceber o mesmo padrão verificado em 2007, quando a Resex foi organizada em setores. Um cadastro detalhado é necessário para consolidar estas informações e estabelecer uma base de referência para monitorar a dinâmica populacional e espacial dos moradores da Resex.

7.3. Organização Comunitária, Educação, Saúde e Infraestrutura Social em 2005 e 2010.

Os dados sobre organização comunitária, educação, saúde e infra-estrutura social foram agrupados para melhor caracterizar as comunidades da Resex do Rio Gregório. Foram sistematizadas informações sobre dois momentos históricos: 2005, quando foi realizado o diagnóstico socioeconômico para fundamentar a criação da Resex, ações de organização implementadas nos anos seguintes e atualização de alguns dados em 2010 durante a Oficina de Planejamento Participativo. Os dados estão agregados por núcleos de acordo com a classificação realizada em 2007.

7.3.1. Núcleo Lago Grande



Figura 50. Comunidades do Lago Grande. Fonte: CEUC/SDS

As comunidades agrupadas em torno do Lago Grande existem desde a época do barracão do seringal, onde eram armazenados a produção de látex. Possuem conflitos de terras, as áreas para pastagem e criação de bovino, ainda não estão definidas, o gado pasta dentro da área destinada à comunidade e vários comunitários reclamaram de invasão de bovinos em suas roças, causando prejuízos que não são ressarcidos. É a comunidade mais próxima do rio Juruá e da Terra Indígena Kulina.

Educação. Em 2005 no núcleo da comunidade do Lago Grande existia uma escola de madeira com cobertura de brasilit, com 32 alunos matriculados de 1ª a 3ª série. Havia uma turma de 20 alunos de 1ª a 4ª série multisseriada na localidade Monte Alegre, no Lago Grande; na localidade Maravilha haviam 22 alunos matriculados e frequentando a sala de aula; na localidade Fortaleza as escolas funcionavam em situação precária, sem merenda escolar, funcionando em residências cedidas pelos comunitários. Na localidade Morada Nova não existe escola, nem centro comunitário. Dos 26 comunitários presentes na reunião 20 são analfabetos.

Saúde. Em 2005 no núcleo da comunidade do Lago Grande, das 08 residências somente 01 família possuía sanitário artesanal. Na comunidade do Lago Grande, estirão de cima, a comunidade não possuía Posto de Saúde, nem Agente Comunitário. Das 33 famílias residentes na área do Lago Grande estirão de cima e das 15 famílias residentes no Lago Grande, estirão de baixo, nenhuma residência possuía sanitário ou fossa artesanal. As doenças mais frequentes são malária, tendo sido confirmados 15 casos durante visita da SUCAM à comunidade; gripe, febre, diarreia e vômito.

Infraestrutura social. As residências são de madeira coberta com zinco, ou palha forrada com madeira. A água consumida provém do rio Gregório e igarapés. O lixo é coletado e queimado nas residências ou enterrado.

Tabela 34. Características da infraestrutura social da Resex do Rio Gregório - Setor Lago Grande, em 2010

N.	COMUNIDADE	ESCOLA	MOTOR DE LUZ	LIDERANÇA
1.	Coatá	Não tem escola; uma instituição funcionou durante dois anos na casa de um comunitário, mas suas atividades foram encerradas.	Não	José
2.	Estirão (Lago Grande)	Os alunos estudam no Lago Grande.	Não	Zé Pinheiro (mesmo do Lago Grande)
3.	Lago grande	Sim	Sim	José Pinheiro
4.	Monte Alegre	Aulas ministradas na residência de um comunitário: Izo.	Sim	Izo
5.	Boa Vista	Os alunos estudam no Ubim.	Não	Adelino
6.	Viravolta	Não	Não	Maria
7.	Fortaleza	Não	Não	Antônio ou Lucilene

8.	Santo Amaro	Escola construída pela própria comunidade.	Não	Sebastião (Sabá)
9.	Prainha	Não	Não	Claudenor
10.	Morada Nova	Não	Não	José

Fonte: SEUC/SDS

7.3.2. Núcleo Ubim



Figura 51. Comunidades do Ubim. Fonte: CEUC/SDS

A Comunidade Ubim era um antigo barracão do seringal e foi fundada na época de melhor produção de látex. É uma das mais organizadas em termos de produção. Em 2005 não possuíam representação comunitária. A religião predominante na comunidade é católica, tendo como padroeiro São Francisco, festejado nos dias 03 e 04 de outubro.

Educação. A localidade do seringal Atalaia não possuía escola em 2005, mas funcionava uma turma de 22 alunos de 1ª a 4ª série na residência do Sr. Clave de Aguiar, e o professor era remunerado pelo município de Eirunepé/AM. Na comunidade Santo Amaro não havia escola, mas existiam crianças em número suficiente para formar uma turma. A Escola Nossa Senhora de Aparecida trabalha com 32 alunos matriculados, turma de 1ª a 4ª série, multisseriada. Dos 65 comunitários presentes na reunião 21 eram analfabetos.

Saúde. No seringal Atalaia a comunidade não possui Posto de Saúde, nem Agente Comunitário de Saúde. Das 09 famílias residentes na área do Seringal Atalaia, e 11 famílias residente na Colocação Santo Amaro, nenhuma possui sanitário ou fossa artesanal. Na comunidade do Ubim somente 10 residências possuem sanitário artesanal. As doenças mais frequentes são malária, gripe, febre, diarreia e vômito.

Infraestrutura social. A água consumida provém do rio e igarapés. O lixo é coletado queimado nas residências ou enterrado. As residências são de madeira coberta com zinco, palha ou cavado, forradas com madeira.

Tabela 35. Características da Infraestrutura social da Resex do Rio Gregório - Setor Ubim, em 2010

N.	COMUNIDADE	ESCOLA	MOTOR DE LUZ	LIDERANÇA
1.	Ubim	Sim	Quebrado	Neto
2.	Extrema	A escola funciona na residência de um comunitário.	Não	Francisco
3.	Futuro (recreio)	Não há instituição, mas aulas são lecionadas na residência de uma comunitária: D. Letícia.	Não	Pedro
4.	Massapê	Não	Não	Francisco Lima
5.	Progresso	Não	Não	José
6.	Maravilha	Instituição construída pelo sr. Francisco	Não	Francisco
7.	Recreio	Não	Não	José
8.	Estação	Não	Não	Fátima
9.	Santo Amaro	Escola construída pela comunidade	Não	Sebastião (Sabá)
10.	Purca	Não	Não	sem dados
11.	Escondido	Não	Não	sem dados
12.	Maranguape	Crianças estudam no Santo Amaro	Não	Maria das Graças
13.	Dalva	Não	Não	Francisco (Nêgo)
14.	Alegria	Não	Não	Maria ou Oswaldo
15.	Zé Mulato (Atalaia)	Os alunos estudam no Atalaia	Não	Zeimar
16.	Atalaia	Sim	Não	José Cleimer
17.	Maciel	Não	Particular	Linhares
18.	Liberdade	Não	Não	Antônia
19.	São João	Não	Não	D. Antônia
20.	São José	Não	Não	Maria Celeste e Manoel Vieira
21.	Igarapé Preto	Escola funciona na residência de um comunitário	Não	José Romauro
22.	Floresta	Os alunos estudam no Muxila	Sim	Antônio

Fonte: SEUC/SDS

7.3.3. Núcleo Muchila



Figura 52. Comunidade do Muchila. Fonte: CEUC/SDS

As localidades que formam essa comunidade existem há mais de 50 anos. Não existe Igreja, todos os comunitários são de religião católica, mas não festejam seus padroeiros.

Educação. Em 2005 a localidade São João possuía a Escola Municipal São João I, com 23 alunos matriculados. Na Comunidade do Muchila, Escola São José, 35 alunos matriculados de 1ª a 4ª série, turma multisseriada, a escola possuía painel solar que na data da pesquisa estava com problemas de manutenção nas baterias; possuía motor Agrale 8 HP, recebiam merenda escolar, às vezes não suficiente para os alunos.

A Comunidade Bacuri tinha Escola Municipal Luz do Progresso, de madeira coberta com alumínio, com 25 alunos frequentando de 1ª a 4ª série, turma multisseriada, funcionando no turno matutino. No Seringal São João I, havia Escola Municipal com 25 alunos matriculados, turno matutino e vespertino, recebiam merenda escolar, não possuíam carteiras adequadas para o funcionamento escolar, não possuíam motor de luz.

Na localidade São João II a escola funcionava em uma residência com 25 alunos matriculados, os professores sendo remunerados pela Prefeitura Municipal de Eirunepé/AM. Não possuíam Associação de Pais e Mestres. Dos 40 comunitários presentes na reunião (São João 19; Atalaia 07; Bacuri 02 e Muchila 12 comunitários) 15 eram analfabetos, ou seja, 37% não sabiam assinar o nome.

Saúde. As doenças mais frequentes são malária, vômito e diarreia. Das 60 residências que formam a comunidade do Muchila, em 2005, somente 29 possuíam sanitário ou fossa séptica. Na localidade do Atalaia das 23 residências existente nenhuma possuía sanitário. No núcleo da comunidade do Muchila somente a Escola, no Seringal São João; das 19 residências, 10 possuíam sanitário e, no Bacuri as 08 residências todas possuíam fossa artesanal.

As residências que não possuíam sanitário artesanal faziam uso da floresta para esse tipo de atividade. No igarapé do Charcão e Bacuri a comunidade não possui Posto de Saúde, nem Agente Comunitário de Saúde.

Infraestrutura social. A água consumida é coletada do rio e igarapés. O lixo é coletado e queimado nas residências e enterrado.

Tabela 36. Características da infraestrutura social da Resex do Rio Gregório - Setor Muchila, em 2010

N.	COMUNIDADE	ESCOLA	MOTOR DE LUZ	LIDERANÇA
1.	Muxila	Sim	Sim	Maria Lilita
2.	Avenida	Não	Não	João Mourão
3.	Bacuri	Não	Não	Marlene
4.	Lorena	Sem dados	Sem dados	Sem dados
5.	1º de Junho	Instituição de ensino funcionando na casa de um comunitário.	Não	Mário

Fonte: SEUC/SDS

Os dados relativos à organização comunitária a partir de 2007, estão detalhados no item 8.2. quando é abordada a questão da Associação e do Conselho Deliberativo.

7.4. Padrão de Uso dos Recursos, Atividades Econômicas e Potencialidades

A ocupação da região na qual está localizada a Resex do Rio Gregório ocorreu durante a expansão da atividade da borracha e formação dos seringais, que perdurou por quase cem anos na Amazônia ocidental. A partir da década de 1980 com o fim da política de proteção aos preços da borracha nativa, as comunidades locais foram progressivamente substituindo o extrativismo pela agricultura. Levantamentos realizados para subsidiar o Plano de Gestão identificaram as potencialidades que podem ser exploradas para melhorar a qualidade de vida e viabilizar o uso sustentável dos recursos existentes na Resex.

Para qualificar o padrão de uso dos recursos naturais, as atividades econômicas principais e as potencialidades da Resex, este item do diagnóstico vai sistematizar o conjunto das informações existentes, produzidas em diferentes momentos e com níveis de detalhamento também variados, tanto em relação ao uso atual quanto potencial dos recursos naturais disponíveis. Foram utilizadas as seguintes fontes:

a) "Estudo para a criação de uma reserva de uso sustentável no rio Gregório - Alto Juruá, municípios de Eirunepé e Ipixuna/AM". Governo do Amazonas, março de 2006. Dois estudos se destacam do conjunto:

- O primeiro "Levantamento Socioeconômico do Rio Gregório", realizado por Jarcineide Pinheiro Cardoso (Governo do Amazonas 2006).

- O "Mapeamento Participativo dos Uso dos Recursos Naturais para Estudo de Criação de Unidade de Conservação no Rio Gregório, Alto Juruá", realizado por Felipe Mosqueira.

b) Para mapear as potencialidades, vários pesquisadores realizaram inventários específicos, em 2009, especialmente a respeito das seguintes atividades econômicas potenciais:

- "Inventário Botânico da Reserva Extrativista do Rio Gregório", por Silvia Flores.

- "Potencial Madeireiro da Reserva Extrativista do Rio Gregório", por Giuliano Piotto Guimarães.

- "Potencial dos Produtos Florestais não Madeireiros da Reserva Extrativista do Rio Gregório", por Geise de Góes Canalez.

c) "Relatório Oficina de Planejamento Participativo na Resex do Rio Gregório. Subsídios ao volume II do Plano de Gestão", de fevereiro de 2010. Durante a oficina foram atualizadas informações sobre o diagnóstico socioeconômico da Resex e sistematizadas por Wilde Itaborahy (Governo do Amazonas 2010).

7.4.1. Mapeamento do Uso dos Recursos Naturais em 2005

Um mapeamento participativo do uso dos recursos naturais foi realizado entre 11 e 15 de dezembro de 2005, com a participação de 18 comunidades e um total de 156 participantes, ou 14,5% do total de moradores. As atividades desenvolvidas podem ser visualizadas na Figura 54. A área na qual foi realizado o mapeamento contemplou todas as comunidades localizadas acima do Lago Grande e abaixo de Santo Amaro.

O mapeamento participativo Incluiu três níveis de informação:

Mapeamento da rede hídrica. Utilizando uma imagem de satélite na escala de 1:100.000 com a colaboração dos comunitários foram mapeadas as toponímias referentes à rede hídrica, identificando rios, lagos e igarapés.

Mapeamento das atividades. Com a base física organizada, os comunitários localizaram pontos de caça, coleta, pesca, roçado e criação para levantar os principais recursos explorados dentro de cada atividade.

Mapeamento das áreas de uso. Após a localização dos pontos de uso, foi traçada a área total de uso da comunidade contemplando todas aquelas indicadas no nível anterior.



Figura 53. Trabalho participativo de mapeamento das áreas de uso das comunidades da Resex do Rio Gregório, em 2005. **Fonte:** CEUC/SDS

O mapeamento utilizou como referência a área originalmente proposta para Resex, de 461.942,36 hectares, e envolveram 19 comunidades, um total de 181 famílias aproximadamente e 1077 moradores. Foram mapeadas 12 áreas de uso somando um total de 132.112,59 hectares, igual a 28,59% da área total proposta (ou 43% da área atual da Resex). Do total da área utilizada, 14.629,784 hectares, ou 11,07% do total, constitui áreas de sobreposição, ou seja, ocupadas simultaneamente por duas comunidades.

As maiores extensões de áreas utilizadas foram registradas nas comunidades São João e Atalaia, com 23.259,702 e 21.199,311 hectares respectivamente. Em contrapartida, as menores áreas de uso foram encontradas nas comunidades Lago Grande e Havre (hoje fora da Resex), com 3.479,917 e 6.007,578 hectares respectivamente.

7.4.1.1. Uso do solo - agricultura

A principal forma de uso do solo na Resex do Rio Gregório é a agricultura, atividade econômica mais importante para os moradores da área, tanto para subsistência quanto para troca, sendo uma das principais fontes de renda. O rio Gregório é considerado um dos mais produtivos do município de Eirunepé; um terço da produção da agricultura do município é oriunda deste rio, bem como a criação de bovinos, suínos e outros pequenos animais. A atividade agrícola se intensificou na região depois da queda da borracha, na década de 1980, levando a um aumento progressivo da área aberta na beira do rio Gregório.

O mapeamento das atividades agrícolas identificou cerca de 160 sítios ou "colônias", como é chamado localmente, cada um com área média entre um e três hectares. Considerando uma área média de dois hectares, aproximadamente 300 hectares, ou 0.09% da área total da reserva é utilizada para este fim.

Em termos de padrão de uso do espaço pela agricultura, o ambiente mais utilizado na época erra a terra firme, onde era plantada a maioria das espécies (mandioca, banana e macaxeira). Na várzea, os comunitários costumam plantar cultura de ciclo curto como o feijão, a melancia e a abóbora.

Os roçados costumam ser atrás das casas; esse padrão só não ocorre quando a família tem criação de animais no terreiro da casa e a plantação é realizada do outro lado do rio, em frente às moradias. Como é comum na Amazônia, a preparação da terra para essa atividade é feita por meio da queimada e pousio, depois de dois ou três anos de uso, para recomposição do solo, abrindo nova área em outro local, em rotação com o anterior.



Figura 54. Atividades econômicas nas comunidades da Resex do Rio Gregório.

Fonte: CEUC/SDS

Foram levantadas 36 espécies de plantas cultivadas dentro da área sendo as mais importantes o arroz, a mandioca e o milho (100% das comunidades plantavam estas espécies), que eram produzidas com objetivos comerciais (Tabela 37).

Tabela 37. Espécies agrícolas cultivadas pelas comunidades por ordem de importância.

	ESPÉCIES	USO	TOTAL	COMUNIDADES QUE USAM O RECURSO (%)
1.	Arroz	Consumo / Comercial*	12	100
2.	Mandioca	Consumo / Comercial*	12	100
3.	Milho	Consumo / Comercial*	12	100
4.	Banana	Consumo / Comercial	11	91,6
5.	Cana	Consumo / Comercial	10	83,3
6.	Melancia	Consumo / Comercial	10	83,3
7.	Abacate	Consumo / Comercial	8	66,6
8.	Abacaxi	Consumo / Comercial	8	66,6
9.	Abóbora	Consumo / Comercial	9	75
10.	Mamão	Consumo / Comercial	7	58,3
11.	Feijão	Consumo / Comercial*	7	58,3
12.	Ingá	Consumo / Comercial	6	50
13.	Pupunha	Consumo / Comercial	5	41,6
14.	Batata	Consumo / Comercial	4	33,3
15.	Cajú	Consumo / Comercial	4	33,3
16.	Inhame	Consumo / Comercial	4	33,3
17.	Laranja	Consumo / Comercial	3	25
18.	Macaxeira	Consumo / Comercial	3	25
19.	Pimenta	Consumo / Comercial	3	25
20.	Café	Consumo / Comercial	2	16,6
21.	Cupuacú	Consumo / Comercial	2	16,6
22.	Jambo	Consumo / Comercial	2	16,6
23.	Limão	Consumo / Comercial	2	16,6
24.	Manga	Consumo / Comercial	2	16,6
25.	Maxixe	Consumo / Comercial	2	16,6
26.	Cará	Consumo / Comercial	1	8,3
27.	Batata Doce	Consumo / Comercial	1	8,3
28.	Biribá	Consumo / Comercial	1	8,3
29.	Coco	Consumo / Comercial	1	8,3
30.	Flecha	Consumo	1	8,3
31.	Goiaba	Consumo / Comercial	1	8,3
32.	Graviola	Consumo / Comercial	1	8,3

33.	Pepino	Consumo / Comercial	1	8,3
34.	Tabaco	Consumo / Comercial	1	8,3
35.	Abiu	Consumo / Comercial	1	8,3
36.	Tangerina	Consumo / Comercial	1	8,3

*Espécies produzidas com objetivos comerciais; as demais só são comercializadas no caso de excedente. **Fonte:** CEUC/SDS.

A mandioca é vendida sob a forma de farinha e praticamente todas as famílias possuem uma casa de farinha, que quando não é particular é comunitária – a saca da farinha era vendida por R\$20,00 em 2005. De todas as espécies plantadas com objetivo principal de subsistência, as que mais apareceram na lista de espécies foram a banana (91,6%), a cana (83,3%) e a melancia (83,3%). Além das espécies citadas, outras são utilizadas para comercialização no caso de haver excedente. Para o escoamento da produção os comunitários contam com os entrepostos que existem nas comunidades Muchila, Lago Grande e Ubim e também comercializam com um regatão que passa na região aproximadamente de dois em dois meses.

As famílias cultivavam também pomares nos quintais das casas, com tangerina, laranja, mamão e outras frutas nativas.

7.4.1.2. Extrativismo

A principal forma de uso da vegetação nativa é o extrativismo. A atividade extrativista no rio Gregório, hoje, é praticada com objetivo único de subsistência, com exceção de alguns recursos como o mel e madeira extraída de forma ilegal para comércio em cidades da região. O extrativismo é realizado nas proximidades das margens dos igarapés centrais, no caso de recursos de terra firme, e nas proximidades das margens do rio Gregório, no caso de recursos extraídos da várzea. Recursos como madeira, palmeiras, andiroba e, em alguns poucos casos copaíba, são extraídos do ambiente de várzea que, na maioria das vezes, é o mais próximo das casas. Já os cipós, o mel e na maior parte dos casos a copaíba, são coletados no ambiente de terra firme.

Foram levantadas 47 espécies extrativistas utilizadas pelas comunidades; deste total, 68% apresentaram apenas uma forma de uso e 32% possuem duas formas de uso. Do total de espécies identificadas como de uso das comunidades, 33 são espécies de madeiras, 2 de cipós, 9 de palmeiras; além disso, são utilizados breu (resina) e saracura, uma planta medicinal.

As espécies mais utilizadas pelos moradores foram o açaí, bacaba, buriti, patauí, jaci e os cipós titica e timbó açú – todos com 100% de frequência nas listas de espécies – e ainda a orelha de burro com 91,6% de frequência. As menos utilizadas foram o cedro aguano, bacuri, breu, carapanaúba, cumarú ferro, itaúba, jacarandá, jatobá, matá matá, mel, mulateiro, paxiúba, preciosa, pupunha, samaúma, saracura e virola, todas com 8,3% de frequência nas listas de espécies. Todas estas informações estão sistematizadas na Tabela 38.

Tabela 38. Preferência na utilização de recursos extrativistas pelo moradores da Resex do Rio Gregório, ordenados do maior para o menor uso, em 2006

N	ESPÉCIES	USO	PARTE	COMUNIDADES	COMUNIDADES QUE UTILIZAM O RECURSO (%)
1.	Açaí	vinho	fruto	12	100
2.	Bacaba	vinho	fruto	12	100
3.	Buriti	vinho	fruto	12	100
4.	Jaci	cobertura	palha	12	100
5.	Pataúá	vinho	fruto	12	100
6.	Timbó (açú)	artesanato	cipó	12	100
7.	Titica	amarração, artesanato	cipó	12	100
8.	Orelha de burro	construção	madeira	11	91,6
9.	Maçaranduba	construção	madeira	9	75
10.	Acariquara	construção	madeira	8	66,6
11.	Maúba	construção	madeira	6	50
12.	Acapú	construção	madeira	7	58,3
13.	Jarina	capote de casa	palha	7	58,3
14.	Cedro	construção, comercial	madeira	5	41,6
15.	Cocão	óleo	fruto	5	41,6
16.	Jitó	construção	madeira	5	41,6
17.	Marupá	construção	madeira	5	41,6
18.	Andiroba	construção, óleo	madeira, fruto	4	33,3
19.	Cerejeira	construção, comercial	madeira	4	33,3
20.	Envireira	construção	madeira	4	33,3
21.	Jacareúba	construção	madeira	4	33,3
22.	Tarumã	construção	madeira	4	33,3
23.	Guariúba	construção	madeira	3	25
24.	Angelim	construção	madeira	3	25
25.	Copaiba	construção, óleo	madeira	2	16,6
26.	Amarelinho	construção	madeira	2	16,6
27.	Faveira	construção	madeira	2	16,6
28.	Apunã	construção	madeira	2	16,6
29.	Gramichó	construção	madeira	2	16,6
30.	Ucuúba	construção	madeira	2	16,6
31.	Bacuri	construção, alimento	madeira, fruto	1	8,3
32.	Breu	calafete, acender fogo	resina	1	8,3
33.	Aguano (mogno)	construção	madeira	1	8,3
34.	Carapanaúba	construção, medicinal	madeira, casca	1	8,3
35.	Cumarú ferro	construção	madeira	1	8,3
36.	Itaúba	construção	madeira	1	8,3
37.	Jacarandá	construção	madeira	1	8,3
38.	Jatobá	construção	madeira	1	8,3
39.	Matá matá	construção	madeira	1	8,3

40.	Mel	medicinal, comercial		1	8,3
41.	Mulateiro	construção	madeira	1	8,3
42.	Paxiúba	construção	estirpe	1	8,3
43.	Preciosa	medicinal	casca	1	8,3
44.	Pupunha	alimento	fruto	1	8,3
45.	Samaúma	construção	madeira	1	8,3
46.	Saracura	medicinal	casca	1	8,3
47.	Virola	construção	madeira	1	8,3

Fonte: CEUC/SDS

7.4.1.3. Caça

A atividade de caça dentro da Resex do Rio Gregório é basicamente de subsistência, salvo alguns casos nos quais, segundo informações locais, há comercialização por encomenda, ou seja, barcos de fora fornecem munição para os comunitários caçarem. Esse tipo de atividade é a única ameaça para o estoque de fauna dentro da área, já que a pressão de consumo é pequena uma vez que a atividade é exercida apenas no inverno, quando o estoque pesqueiro fica muito baixo. A exceção ocorre em Bacuri, que caça o ano inteiro e no Estirão Morada Nova que prefere caçar no verão, pois é uma época em que os moradores se deslocam para o “centro da mata” para pescar. Além disso, existem ainda comunidades que não caçam como a de Monte Alegre.

Foram identificadas 29 espécies mais caçadas pelas comunidades, dentre as quais 17 (58,7% do total) são mamíferos e 12 (41,3% do total) são aves (Tabela 39). Com exceção da onça pintada e da onça vermelha, que não tiveram o seu uso determinado, todas as outras espécies são utilizadas para alimentação. Os animais que sofrem maior pressão e/ou que são mais abundantes, são queixada, anta, macaco preto e jacu, caçados com frequência por 100% das comunidades. Caititu (porquinho), veado, guariba e inambu são caçados com frequência por 91,6% das comunidades. Os animais menos caçados são o quatipuru, gavião, tucano, pato, jaburu, maguari, cairara, onça pintada, onça vermelha e macaco de cheiro, que apareceram em apenas 8,3% das comunidades.

O padrão de uso do espaço nesta atividade segue a lógica da facilidade de acesso, ou seja, a caça costuma ser realizada nas proximidades das margens dos igarapés afluentes do rio Gregório, chegando ao centro da mata, quando necessário, por meio desses canais fluviais.

Os instrumentos utilizados para a realização desta atividade são a espingarda, em primeiro lugar, armadilhas em alguns casos, e cachorro, importante para a caça de onças e gatos (maracajás, jaguatiricas).

Tabela 39. Preferência na utilização da fauna silvestre pelas comunidades da Resex do Rio Gregório, ordenada do maior para o menor uso, em 2006.

	ESPÉCIES	GRUPO	USO	TOTAL	COMUNIDADES QUE UTILIZAM O RECURSO (%)
1.	Anta	mamífero	alimento	12	100
2.	Jacú	ave	alimento	12	100
3.	Macaco preto	mamífero	alimento	12	100
4.	Queixada	mamífero	alimento	12	100
5.	Caititu	mamífero	alimento	11	91,6
6.	Guariba	mamífero	alimento	11	91,6
7.	Inambú	ave	alimento	11	91,6
8.	Mutum	ave	alimento	11	91,6
9.	Veado	mamífero	alimento	11	91,6
10.	Jacamim	ave	alimento	10	83,3
11.	Macaco prego	mamífero	alimento	7	58,3
12.	Paca	mamífero	alimento	7	58,3
13.	Cutia	mamífero	alimento	5	41,6
14.	Macaco acari	mamífero	alimento	5	41,6
15.	Arara	ave	alimento	4	33,3
16.	Cujubim	ave	alimento	4	33,3
17.	Macaco parauacú	mamífero	alimento	4	33,3
18.	Papagaio	ave	alimento	3	25
19.	Tatu	mamífero	alimento	3	25
20.	Gavião	ave	alimento	1	8,3
21.	Jaburú	ave	alimento	1	8,3
22.	Cairara	mamífero	alimento	1	8,3
23.	Macaco de cheiro	mamífero	alimento	1	8,3
24.	Maguari	ave	alimento	1	8,3
25.	Onça pintada	mamífero	Indeterminado	1	8,3
26.	Onça vermelha	mamífero	Indeterminado	1	8,3
27.	Pato	ave	alimento	1	8,3
28.	Quati puro	mamífero	alimento	1	8,3
29.	Tucano	ave	alimento	1	8,3

Fonte: CEUC/SDS

7.4.1.4. Pesca

Os recursos hídricos, além do abastecimento para uso humano e criação de animais, são principalmente usados como via de deslocamento de pessoas e fonte de subsistência dos moradores.

A atividade pesqueira ao longo do rio Gregório é realizada apenas com objetivo de subsistência e em uma única comunidade (Estirão Morada Nova) foi relatado que o excedente é comercializado, no levantamento de 2005. Sendo uma região muito isolada, não sofre problemas muito comuns em outras áreas do Estado do Amazonas, como por exemplo, conflitos de pesca que acabam por interferir de forma negativa tanto na vida dos moradores locais quanto no estoque pesqueiro e

na integridade dos ambientes aquáticos. Como já foi salientado, a sazonalidade enchente/vazante influencia a oferta de recursos aquáticos; no inverno, quando os rios estão cheios, formam-se igapós - florestas inundadas - que facilitam a proteção dos peixes contra os instrumentos utilizados pelos pescadores. Nesta época, a captura de peixe fica mais difícil, ao contrário do verão quando os rios estão secos e a área inundada diminui, facilitando a captura do pescado. Comunidades como Bacuri, São João, Atalaia, Muxila, Santo Amaro e Lago Grande, dedicam seus esforços para esta atividade com muito mais frequência no verão. Porém, comunidades mais ao sul da Reserva pescam o ano inteiro e no verão utilizam mais os lagos.

O levantamento dos recursos pesqueiros mais capturados indicou 40 espécies de peixes, 100% delas utilizadas para alimentação (Tabela 40). As espécies capturadas com maior frequência são curimatá, mandim, mocinha e pacu, pescados com frequência por 100% das comunidades e ainda surubim e sardinha, pescados com frequência por 91,6% das comunidades. As espécies menos pescadas são cachimbo, cachorrão, carauacú, cascudo, flecheira, jiju, madalena, piramutaba, sarapó e tambaqui, com frequência por apenas 8,3% das comunidades.

Foram mapeados 174 corpos d'água - 122 lagos e 52 igarapés - utilizados pelos habitantes locais para atividades pesqueiras. Os mais utilizados segundo os comunitários são os lagos do Puca e Apertado da Hora (utilizados pela comunidade São João), lagos do Puquinha e Novo (utilizados pela comunidade Santo Amaro) e o lago Grande (utilizado pela comunidade com o mesmo nome do lago).

Os instrumentos de pesca utilizados pelos moradores locais são a malhadeira - também conhecida localmente como caçoeira - tarrafa, anzol, caniço, espinhel, flecha e arpão, sendo estes dois últimos utilizados com pouca frequência.

Tabela 40. Preferência na utilização dos recursos pesqueiros pelos moradores na Resex do Rio Gregório, ordenada do maior para o menor uso, em 2006

N.	ESPÉCIES	LOCALIZAÇÃO	USO	TOTAL	COMUNIDADES QUE UTILIZAM O RECURSO (%)
1.	Curimatã	Rio / Lago / Igarapé	Alimentação	12	100
2.	Mandim	Rio / Igarapé / Lago	Alimentação	12	100
3.	Mocinha	Rio / Lago	Alimentação	12	100
4.	Pacu	Rio / Igarapé / Lago	Alimentação	12	100
5.	Sardinha	Rio / Igarapé / Lago	Alimentação	11	91,6
6.	Surubim	Rio / Lago / Igarapé	Alimentação	11	91,6
7.	Piau	Rio / Igarapé / Lago	Alimentação	10	83,3
8.	Cuiu cuiu	Lago / Rio / Igarapé	Alimentação	9	75
9.	Mamuri (jatuarana)	Rio / Igarapé	Alimentação	9	75
10.	Jaú	Rio / Igarapé	Alimentação	8	66,6
11.	Matrinchã	Igarapé	Alimentação	8	66,6
12.	Jandiá	Rio / Lago / Igarapé	Alimentação	7	58,3
13.	Pirarara	Rio / Igarapé	Alimentação	7	58,3
14.	Casquinha	Rio / Lago / Igarapé	Alimentação	6	50
15.	Mapará	Lago / Rio / Igarapé	Alimentação	6	50
16.	Bodó	Lago	Alimentação	5	41,6

17.	Filhote	Rio	Alimentação	5	41,6
18.	Pirapitinga	Lago / Rio / Igarapé	Alimentação	5	41,6
19.	Aruanã	Lago	Alimentação	4	33,3
20.	Caparari	Lago / Igarapé	Alimentação	4	33,3
21.	Piranha	Igarapé	Alimentação	4	33,3
22.	Traíra	Lago	Alimentação	4	33,3
23.	Tucunaré	Lago	Alimentação	4	33,3
24.	Cascudinha	Lago	Alimentação	3	25
25.	Pescada branca	Lago	Alimentação	3	25
26.	Acará	Lago / Igarapé	Alimentação	2	16,6
27.	Piaba	Rio / Lago	Alimentação	2	16,6
28.	Saburú	Lago	Alimentação	2	16,6
29.	Sapato velho	Rio	Alimentação	2	16,6
30.	Flecheira	Lago / Igarapé	Alimentação	1	8,3
31.	Jiju	Lago / Igarapé	Alimentação	1	8,3
32.	Madalena	Igarapé	Alimentação	1	8,3
33.	Cachimbo	Lago	Alimentação	1	8,3
34.	Cachorrão	Lago / Igarapé	Alimentação	1	8,3
35.	Carauaçú	Lago	Alimentação	1	8,3
36.	Cascudo	Lago	Alimentação	1	8,3
37.	Piramutaba	Rio	Alimentação	1	8,3
38.	Sarapó	Lago	Alimentação	1	8,3
39.	Tubarana	Igarapé	Alimentação	1	8,3
40.	Tambaqui	Rio	Alimentação	1	8,3

Fonte: CEUC/SDS

7.4.2. Características do Uso dos Recursos Naturais em 2010.

Como mostra a Tabela 41, em 2010 a maioria dos moradores da Resex continua tendo a agricultura como principal atividade produtiva e econômica, principalmente a produção de farinha que ocorre em todas as comunidades. A produção de farinha nesta região passou a ser mais expressiva no início da década de 1990 quando a maioria dos seringais fecharam, como já foi salientado. Nos primeiros anos, após o fechamento dos barracões, muitos seringueiros intensificaram o comércio com os regatões enquanto outros passaram a produzir farinha para comércio.

Tabela 41. Atividades econômicas dos moradores da Resex do Rio Gregório, por comunidade, em 2010

N.	COMUNIDADE	ATIVIDADE ECONÔMICA	GADO	OVELHAS	PORCOS
1.	Coatá	Farinha, ocasionalmente banana	1	não	não
2.	Estirão (lago grande)	Farinha	sem dados	sem dados	sem dados
3.	Lago grande	Farinha, criação de animais, banana	10	sim	sim
4.	Monte Alegre	Farinha, gado e outras criações	7	sim	sim
5.	Boa Vista	Farinha e outros cultivos	13	sim	não
6.	Viravolta	Farinha	0	não	sim
7.	Fortaleza	Farinha e criação de animais	8	sim	sim
8.	Santo Amaro	Farinha, arroz, tabaco e milho	19	não	sim
9.	Prainha	Farinha	0	não	não
10.	Morada Nova	Farinha, ocasionalmente galinha, porco e banana	0	não	sim
11.	Ubim	Farinha, feijão, arroz, milho e porco	0	sim	sim
12.	Extrema	Farinha, milho, feijão, tabaco, arroz e porco	4	não	sim
13.	Futuro (recreio)	Farinha	0	não	sim
14.	Massapê	Farinha, porco e banana	0	0	sim
15.	Progresso	Farinha e criação de animais	0	não	sim
16.	Maravilha	Farinha, milho e criação de animais	144*	sem dados	sem dados
17.	Recreio	Farinha, gado e ocasionalmente galinha.	63**	sem dados	sem dados
18.	Estação	Farinha, porco	0	não	sim
19.	Purca	Farinha	sem dados	sem dados	sem dados
20.	Escondido	Farinha	0	não	sim
21.	Maranguape	Farinha, batata, galinha, porco.	0	não	não
22.	Dalva	Farinha e borracha	16	não	não
23.	Alegria	Farinha e criação de animais	34	não	sim
24.	Zé Mulato (Atalaia)	Farinha, milho, arroz e porco	0	não	sim
25.	Atalaia	Farinha e porco	19	não	sim
26.	Maciel	Farinha, arroz e milho	27	sim	não
27.	Liberdade	Farinha, milho e feijão	10	não	não
28.	São João	Farinha e outros cultivos	26	sim	não

29.	São José	Farinha, milho, arroz, feijão e criação de animais	10	sim	não
30.	Igarapé Preto	Criação de animais, farinha e outros cultivos	4	sim	não
31.	Floresta	Farinha, porco e galinha	0	sim	sim
32.	Muxila	Farinha e outros cultivos	12	sim	não
33.	Avenida	Farinha e outros cultivos	0	não	não
34.	Bacuri	Farinha	0	não	não
35.	Lorena	Farinha e outros cultivos	sem dados	sem dados	sem dados
36.	1º de Junho	Farinha e outros cultivos	21	sim	não

Fonte: CEUC/SDS

A criação de gado extrapola o limite da subsistência em alguns casos: por exemplo, na Comunidade Maravilha, 120 das 144 cabeças são de um pecuarista de fora da Resex e na Comunidade Recreio, 50 das 63 cabeças de gado são de um morador da cidade.

Os animais criados por 100% das comunidades são a galinha e o porco. Além destes algumas comunidades criam também cabrito, a ovelha e o pato, com frequência de 16,6%, 83,3% e 75% respectivamente (Tabela 42). Os animais, na grande maioria dos casos são criados no terreiro da própria comunidade. Quando isso não acontece é porque tem plantação perto das casas e animais, como o porco, destroem a plantação.

Tabela 42. Tabela de espécies criadas pelos moradores da Resex do Rio Gregório.

	Espécies	Uso	Nº de comunidades	%
1	Cabrito	comercial / alimento	2	16,6
2	Gado	comercial / alimento	12	100
3	Galinha	comercial / alimento	12	100
4	Ovelha	comercial / alimento	10	83,3
5	Pato	comercial / alimento	9	75
6	Porco	comercial / alimento	12	100

Fonte: CEUC/SDS

Um dos problemas da produção agrícola é a considerável distância entre as áreas de produção e a sede do município, que pode chegar a mais de três dias de barco. Por esta razão os moradores ficam na dependência de um agente comercial para o escoamento da produção e para aquisição de gêneros básicos de alimentação, higiene e outros. Em muitos locais essa dependência acaba por gerar vínculos comerciais de quase exclusividade entre produtor e um único agente comercial, o qual passa a representar a figura do “patrão”. Segundo os relatos colhidos durante a Oficina de Planejamento Participativo, isso não ocorre no território da Resex, uma vez que os moradores compram mercadorias de qualquer agente comercial.



Figura 55. Chalana utilizada pelos agentes comerciais dentro da Resex do Rio Gregório.
Fonte: CEUC/SDS

A maioria dos regatões ou marreteiros não possui grande poder de negociação, o que não permite que acumulem dívidas significativas. Alguns são moradores das próprias comunidades que possuem pequenas chalanas (de um andar com até 14 metros de comprimento) que utilizam nas viagens entre a comunidade e o município de Eirunepé (Figura 56).

Plantas medicinais

Alguns usos são comuns nas comunidades da Resex do Rio Gregório: é utilizada a casca da quina-quina no tratamento da febre; o jatobá é usado no tratamento de tosse e a copaíba também é utilizada em garrafadas (remédio associado com outras cascas que serve para diversas doenças ou sintomas). A retirada da copaíba é feita com utilização de machado ou motosserra. A raiz do açaí é utilizada para tratamento de doenças do fígado. O mel retirado é de abelha urucu preta e urucu rajada, além da jandaíra. Mas é apenas para uso medicinal, já que não existe em grande quantidade.

Extração madeireira

Nas áreas onde a várzea alcança uma área mais expressiva, muitos dos antigos seringueiros passaram a se dedicar à extração madeireira. O ciclo madeireiro no rio Gregório iniciou-se por volta de 1993 e terminou em 1998, tendo o auge ocorrido entre 1994 e 1996. Observa-se que a técnica utilizada para retirar a madeira restringe a área de corte às várzeas uma vez que as toras são escoadas pela água das cheias anuais.



Figura 56. Exemplar de sumaúma na Resex do Rio Gregório. Fonte: CEUC/SDS

Em alguns pontos do rio é possível observar grande quantidade de sumaúmas (árvore de grande porte bastante explorada na década de 1990) enquanto nas áreas onde a extração foi mais intensa, essas árvores praticamente desapareceram da paisagem. Também é utilizada a madeira do pau-brasil; a itaúba é utilizada para construção de embarcações e nas moradias das comunidades.

É importante ressaltar que a atividade de extração ilegal de madeira continua a existir, sendo praticada por algumas comunidades que relataram fazer isso devido a falta de oportunidade e apoio para geração de renda por outras atividades produtivas legais. Uma das missões da implementação desse plano é reverter esse quadro, diversificando as atividades econômicas na Resex do Rio Gregório.

7.4.3. Potencial Florestal, Extrativista Não-Madeireiro e Madeireiro

7.4.3.1. Inventário Botânico

Os inventários botânicos (florísticos-vegetacionais) objetivam estudar a composição florística e analisar a estrutura da vegetação de uma região (Silva *et al.* 1996). A realização desses inventários é hoje essencial para diagnosticar a diversidade amazônica, principalmente frente à grande riqueza de espécies e ao alto grau de desconhecimento existente. O inventário estruturado permite não só reconhecer as espécies presentes, como também estimar de forma comparável a riqueza e diversidades locais. Isso, sempre considerando padrões de distribuição das espécies, caracterizando de maneira mais eficiente raridades e endemismos, contribuindo para a elaboração dos planos de gestão, formas de uso da biodiversidade em unidades de conservação (Lima *et al.* 2008).

Visando conhecer e ampliar o conhecimento sobre os recursos florestais do Estado do Amazonas, a pesquisa realizou um inventário da vegetação na Resex do Rio Gregório. Dentro da Resex foram amostradas áreas nos seguintes locais: Igarapé do Bacuri, Igarapé do Bacurizinho, Comunidade Muxila, Igarapé do Charcão, Comunidade São João Batista e Comunidade de Santo Amaro.

Composição Florística do Componente Arbóreo

No total foram amostrados 3.063 indivíduos, distribuídos em 270 espécies, 160 gêneros e 46 famílias botânicas. Destas, 252 (93,3%) foram identificadas em nível de espécie e 18 permaneceram em nível de gênero.

Ao se analisar a distribuição das espécies, verificou-se que 29% foram exclusivas de terra firme, 0,52% foram exclusivas de várzea e 70,7% ocorreram nas duas tipologias florestais. Esses resultados estão em concordância com o estudo de Vasconcelos *et al.* (2005), que analisou agrupamentos florísticos entre comunidades arbóreas localizadas em diferentes locais do Estado do Pará.

Este resultado é comum na Amazônia já que a floresta de várzea, cuja vegetação ocorre ao longo dos rios e das planícies inundáveis, normalmente apresenta menor diversidade do que a terra firme e abriga animais e plantas adaptados a condições hidrológicas sazonais (Kalliola *et al.*, 1993).

A menor diversidade ocorre porque poucas espécies dispõem de mecanismos morfofisiológicos que tolerem o ritmo sazonal de inundação (Silva *et al.*, 1992). A terra firme é o ecossistema de maior expressividade e de grande complexidade na composição, distribuição e densidade das espécies. Caracteriza-se pela heterogeneidade florística com predominância de espécies agregadas em algumas formações e aleatórias em outras (Araújo *et al.*, 1986).

As florestas de terra firme apresentaram 2.626 indivíduos, sendo 882 (33.5%) indivíduos exclusivos dessa tipologia florestal. As florestas de várzea apresentaram 437 indivíduos, dentre estas 16 (3.6%) indivíduos foram exclusivas dessa tipologia florestal.

Dos 3.063 indivíduos amostrados 2168 (70.7%) foram compartilhados nas duas tipologias florestais. As mais frequentes foram: *Astrocaryum murumuru* Mart., *Euterpe precatoria* Mart., *Iryanthera laevis* Markgr., *Rinorea racemosa* (Mart.) Kuntze, *Neea oppositifolia* Ruiz & Pav., *Viola venosa* (Benth.) Warb., *Brosimum guianense* (Aubl.) Huber, *Conceveiba guianensis* Aubl., *Sapium glandulatum* Pax., *Sterculia frondosa* Rich., *Inga alba* (Sw.) Willd.

O Anexo 10 apresenta a listagem florística, organizada por ordem alfabética de família, gênero e espécie, além dos nomes vulgares correspondentes a cada espécie.

Das espécies listadas na área de estudo duas vale a pena ressaltar, *Viola surinamensis* (Rol. ex Rottb.) Warb. (Myristicaceae) e *Ocotea cymbarum* Kunth (Lauraceae), ambas se encontram na Lista Oficial das Espécies da Flora Brasileira Ameaçadas de Extinção (IBAMA, 1992). A primeira se encontra entre as principais espécies econômicas das várzeas, destinada basicamente à produção de laminados e compensados para exportação. Esta espécie sofreu redução considerável do seu estoque nos últimos anos, devido à exploração seletiva intensa e sem planejamento (Macedo & Anderson, 1993).



Figura 57. Ambiente de terra firme, Comunidade São João Batista. **Fonte:** CEUC/SDS



Figura 58. Ambiente de várzea, Comunidade Santo Amaro. Fonte: CEUC/SDS

Florística da Regeneração do Componente Arbóreo

No total foram amostrados 203 indivíduos distribuídos em 104 espécies, 68 gêneros e 31 famílias botânicas. Destas, 103 (99%) foram identificadas em nível de espécie e uma permaneceu em nível de gênero.

As florestas de terra firme apresentaram 187 indivíduos, sendo 151 (80.2%) indivíduos exclusivos dessa tipologia florestal. As florestas de várzea apresentaram 16 indivíduos, sendo 2 (12.5%) exclusivos desta tipologia florestal. Dos 203 indivíduos amostrados 20 (10%) foram compartilhados nas duas tipologias florestais. As mais frequentes foram: *Euterpe precatória* Mart., *Inga paraensis* Ducke, *Theobroma cacao* L., *Mouriri grandiflora* DC., *Castilla ullei* Warb., *Virola venosa* (Benth.) Warb., *Duroia saccifera* (Mart. ex Roem. & Schult.) K. Schum., *Pouteria guianensis* Aubl. *Paypayrola grandiflora* Tul., *Rinorea guianensis* Aubl.

O Anexo 11 apresenta a relação das espécies identificadas nas parcelas de 10 x 10 metros na Reserva Extrativista do Rio Gregório e seus respectivos nomes vulgares.

Florística da Regeneração Natural do componente herbáceo-arbustivo

No componente herbáceo no total foram amostrados 628 indivíduos, distribuídos em 158 espécies, 103 gêneros e 43 famílias botânicas. Destas, 145 (92%) foram identificadas no nível de espécie e 13 permaneceram no nível de gênero. Com base nestes resultados, verificou-se que a área possui alta representatividade quanto ao número de famílias e gêneros, porém o número de espécies é baixo. Resultados semelhantes foram encontrados por Amaral *et al.* (2000).

As florestas de terra firme apresentaram 544 indivíduos, sendo 360 (66.1%) indivíduos exclusivos dessa tipologia florestal. As florestas de várzea apresentaram 84 indivíduos, dentre estas 8 (9.5%) indivíduos foram exclusivas dessa tipologia florestal, Dos 628 indivíduos amostrados 269 (42,8%) foram compartilhados nas duas tipologias florestais.

As mais freqüentes foram: *Heliconia chartaceae* Lane ex Barreiros, *Ischnosiphon* sp., *Helianthostylis sprucei* Baill., *Viola venosa* (Benth.) Warb., *Neea oppositifolia* Ruiz & Pav., *Piper demeraranum* (Miq.) C.DC., *Palicourea amapensis* Steyerem., *Rinorea amapensis* Heikking, *R. guianensis* Aubl.

O Anexo 12 apresenta a relação das espécies identificadas nas parcelas de 2 x 2 metros na Reserva Extrativista do Rio Gregório, Amazonas, e seus respectivos nomes vulgares.

Os estudos indicaram algumas características das florestas da Resex do Rio Gregório:

- A floresta da Reserva Extrativista do Rio Gregório apresenta-se bem diversificada, com Fabaceae, Moraceae, Annonaceae, Arecaceae e Myristicaceae compondo as cinco famílias botânicas com maior riqueza de espécies e número de indivíduos.
- As composições florísticas das florestas de várzea e terra firme são similares, várias espécies ocorrem nos dois ecossistemas.
- Algumas espécies presentes na Resex encontram-se na Lista Oficial das Espécies da Flora Brasileira Ameaçadas de Extinção (IBAMA, 1992).
- Várias espécies se destacaram com potencial madeireiro tais como: *Cedrela odorata* L., *Dipteryx odorata* (Aubl.) Willd. e *Simarouba amara* Aubl. *Copaifera officinalis* (Jacq.) L. e *Euterpe precatória* Mart. são espécies de potencial econômico e alimentar muito utilizadas pelas comunidades da Resex Rio Gregório.
- Os índices de diversidade e equitabilidade indicam que a área estudada apresenta uma grande diversidade florística e alta uniformidade nas proporções indivíduos/espécies dentro da comunidade vegetal, que são considerados altos no contexto de estudos semelhantes na região.

7.4.3.2. Potencial Extrativista Não-Madeireiro

Dois levantamentos foram realizados a respeito do potencial extrativista da Resex do Rio Gregório: um em 2006 e outro em 2009. O estudo de 2009 não contemplou, especificamente, um levantamento de informações acerca do uso dos produtos não madeireiros, entretanto, nas entrevistas, verificou-se que a atividade extrativista mais praticada é a coleta de látex da seringueira, devido ao próprio histórico de ocupação da área da Resex.

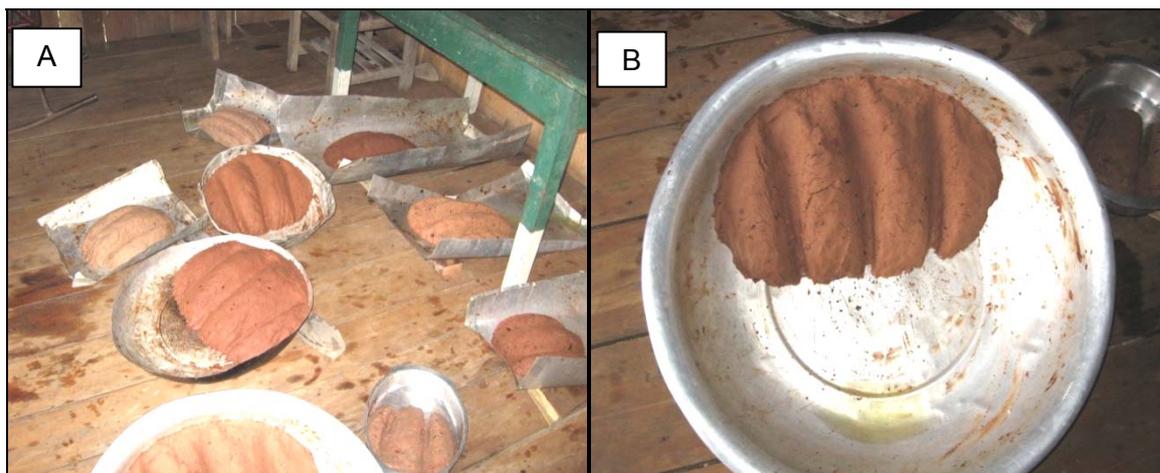


Figura 59. Massa de semente de andiroba (*Carapa* sp.) na fase do processo de extração do óleo fino; A) Técnica de extração do óleo de andiroba da massa das sementes; B) Detalhe do processo
Fonte: CEUC/SDS

A atividade de beneficiamento de óleos é pontual e se dá por uma família da comunidade São João. Entretanto, as técnicas foram desenvolvidas com a experiência e aparentemente a qualidade (coloração, partículas em suspensão, viscosidade, odor) é muito boa. Curiosamente, a família em questão faz inúmeros testes, acerca da extração de óleos, inclusive aumentando a gama de espécies (sementes, frutos, folhas) para extração.

Segundo D. Antônia, matriarca da família extratora de óleos, seus pais eram seringueiros e já utilizavam óleos da floresta no dia-a-dia, foram eles que ensinaram a ela essa arte. Atualmente D. Antônia trabalha com a extração de óleo de açaí (*Euterpe precatória* Mart.), pupunha (*Bactris gasipaes* Kunth.), buriti (*Mauritia* sp.), andiroba (*Carapa guianensis* Aubl.) (Figura 59) e copaíba (*Copaifera* sp.).

Espécies Florestais Não Madeireiras com Potencial de Geração de Renda

No total do inventário foram amostrados 3.846 indivíduos, distribuídos em 310 espécies, 169 gêneros e 46 famílias botânicas. Destas, 281 (90,6%) foram identificadas em nível de espécie e 29 (9,4%) permaneceram em nível de gênero.

Especificamente para espécies que têm potencial e/ou são reconhecidos como PFNM (Produtos Florestais Não madeireiros) encontrou-se 793 indivíduos distribuídos em 95 espécies, 41 gêneros e 15 famílias botânicas. Entre as espécies inventariadas, 90,9% ocorreram em ambientes de terra firme e de várzea, 7,1% foram exclusivas para terra firme 2% para várzea. Arecaceae, família das palmeiras é a mais conhecida e utilizada na Resex, por ser importante fonte de alimento e palhas (açaí, pupunha, buriti, bacaba, ubim) (Anexo 13).

Em termos de potencial, pode-se destacar as famílias Araceae, Heliconiaceae e Musaceae por seu caráter ornamental; Burseraceae e Euphorbiaceae por apresentar resinas e látex, bastante conhecidos e extraídos (*Hevea* sp. Seringueira); Marantaceae, por ser abundante nas áreas amostradas e suas fibras utilizadas amplamente na região Amazônica.

Palmeiras

Não há registros a respeito da participação das fibras de palmeiras na renda familiar na Resex, entretanto fibras são usadas nas próprias comunidades para fabricação de telhados trançados, esteiras, amarras, entre outras utilidades.

Os resultados do levantamento mostram que entre as 18 espécies encontradas, o murumuru, o açaí e a paxiubinha são as com maior densidade por hectare (Anexo 14). Além disso, a Reserva apresenta algumas áreas de alta densidade de jarina (*Phytelephas* sp.1), chamadas de jarinal, o que pode ser uma importante fonte de recursos manejáveis, pois as sementes dessa espécie são comercializadas na região. Além disso, o açaí e o murumuru têm com valor econômico reconhecido na região e são espécies passíveis de utilização.

Açaí – *Euterpe precatória* Mart.

Em algumas comunidades o açaí faz parte da alimentação, tem valor medicinal e em pequena escala é uma alternativa econômica para o aumento na renda familiar. É uma espécie com alto potencial econômico, principalmente pelo seu fruto que é utilizado na preparação de sorvetes, cremes, sucos, picolés, licores além do palmito extraído de seu estipe, servindo também como alimento para os animais. A polpa extraída dessa fruta tem um alto teor de antocianinos (Pallet, 2002).

O açaí (Figura 61) tem alta importância para a região amazônica, em virtude da sua utilização por grande parte da população, sendo impossível, nas condições atuais de produção e mercado, a obtenção de dados exatos sobre sua comercialização. Isso é motivado pela falta de controle nas vendas, bem como a inexistência de uma produção racionalizada, uma vez que a matéria prima consumida apoia-se pura e simplesmente no extrativismo e na comercialização direta.



Figura 60. A) Açaizeiro. B) Frutos do Açaí; C) Processo artesanal de extração do vinho de açaí. Fonte: CEUC/SDS

Jarina

É conhecido que a Resex abriga área chamadas de jarinal (Figura 62), pela alta densidade de palmeiras do gênero *Phytelephas*. Entretanto, tais áreas não foram contempladas no presente inventário de PFNM, pois os jarinais ficam nos baixios que se encontravam bastante alagados na época do trabalho de campo. Porém, deve-se dar atenção especial para estas áreas pelo fato do comércio de sementes de jarina estar estabelecido em nível internacional e pela qualidade e beleza das sementes, que são utilizadas na confecção de biojóias.

O gênero *Phytelephas* é constituído por cinco espécies que ocorrem na região amazônica. No Brasil distribui-se principalmente no sudoeste do Estado do Amazonas e nos vales dos rios Purus, Acre, Antimari, Iaco, Caeté, Maracanã e Gregório no Estado do Acre. A espécie pode ser encontrada a partir de 150 a 200 m até 1.000 m de altitude, em submata inundável, à sombra das árvores altas, nos lugares arejados, em temperatura de 22° a 28°, normalmente encontradas em bosques de sua própria espécie, formando aglomerados homogêneos, também conhecidos por jarinais.

Dos 62 municípios amazonenses das quais se dispõem informações sabe-se que o maior polo produtor de jarina encontra-se na mesorregião do Alto Solimões e do Rio Gregório.

De modo geral, a comercialização da semente de jarina, é autorizada mediante Cadastro Técnico Federal no IBAMA; além disso, é necessário informar o órgão ambiental competente (o IPAAM no caso do Estado do Amazonas), por meio de relatórios anuais, sobre as atividades realizadas, inclusive espécies, produtos e quantidades extraídas, até a edição de regulamentação específica para o seu manejo. A época de coleta é indefinida, o período dezembro a janeiro (pico de queda) é recomendado, no entanto sabe-se que em alguns lugares essa periodicidade não se aplica, sendo interessante a recomendação de coleta durante todo o ano, respeitando a dinâmica comportamental da floresta e o conhecimento das populações locais.



Figura 61. Jarina (*Phytelephas* sp.); A) Indivíduo da Palmeira; B) Fruto e Sementes; C) Fruto da Jarina. Fonte: CEUC/SDS

Óleos Finos

Houve registro da extração de óleos essenciais finos de várias espécies florestais como andiroba (*caraiça* sp) e copaíba (*copaifera* sp.), além das palmeiras açai, pupunha, buriti, bacaba, murumuru. Embora apenas uma família da Comunidade São João possui experiência de extração de óleos finos, vislumbra-se uma boa oportunidade.

A família comunicou que usam os óleos para diferentes finalidades: açai – cosmético para uso contra ressecamento da pele; pupunha – para culinária no preparo de frituras; murumuru – diversos usos (cosmético, alimentar). Além disso, relatam que também costuma utilizar uma mistura de óleos como combustível de rabetas. Além disso, extraem óleo de andiroba e copaíba, que são usados como medicinal e os únicos que são comercializados esporadicamente entre comunitários da própria Resex.

A *Copaifera* (copaíba) possui 16 espécies que são encontradas no Brasil, porém em maior quantidade na região amazônica, onde ocorre em florestas de terra firme, nas margens dos lagos e igarapés. Já a andiroba é atribuída a duas espécies da família Meliaceae: a *Carapa guianensis* Aubl. com ocorrência em toda a bacia amazônica, preferencialmente em ambiente de várzea; e a *Carapa procera* D.C. espécie mais restrita a algumas áreas da Amazônia. As andirobeiras se adaptam tanto em ambiente de terra firme quanto na várzea.

Borracha: látex

A maioria das famílias da Resex tem histórico de extração do látex. Segundo alguns moradores da Reserva, a extração é feita por "sangria", ou seja, corta-se a casca da árvore até os tecidos que contêm o látex (Figura 63). Com o látex é produzida a borracha natural, produto largamente utilizado na fabricação de solas de sapatos pelos comunitários e também para a venda em Eirunepé junto ao Instituto de Desenvolvimento Agropecuário do Estado do Amazonas (IDAM). Os produtores inscritos no programa estadual de subvenção econômica à borracha recebem montante financeiro após a venda, caso os preços praticados estejam abaixo no valor mínimo estipulado pelo governo do Estado. Todo esse processo de compra/venda e pagamento, além de assessoria técnica é gerenciado e executado pelos escritórios do IDAM.

Na indústria, o látex é usado na fabricação de pneumáticos que engloba produtos como pneus e câmaras de ar. Pneus dos aviões, por exemplo, são feitos com 100% da matéria-prima natural; no setor de artefatos leves de borracha como materiais esportivos, elétricos, calçados, tubos cirúrgicos, preservativos, e em grande número de manufaturados. Os principais estados produtores de borracha são Acre, Amazonas, Pará e Rondônia. No Estado do Amazonas a maior produção encontra-se nas regiões do Purus, Juruá e no Médio Amazonas.

A seringueira é uma espécie imune do abate, conforme Decreto Federal nº 1.282 de 10/10/94. Esteve sob subvenção econômica federal desde 1997 (Lei nº 9.479 de 12 agosto de 1997), mas esta foi suspensa em 2002.

No Amazonas, a Lei nº 2.611 de 04 de julho de 2000, regulamentada pelo Decreto 23.636 de 11 de agosto de 2003, autoriza a concessão de subvenção econômica aos produtores extrativistas com o objetivo de incentivar a produção agroextrativista, abrangendo inicialmente a exploração e a produção de borracha natural bruta.

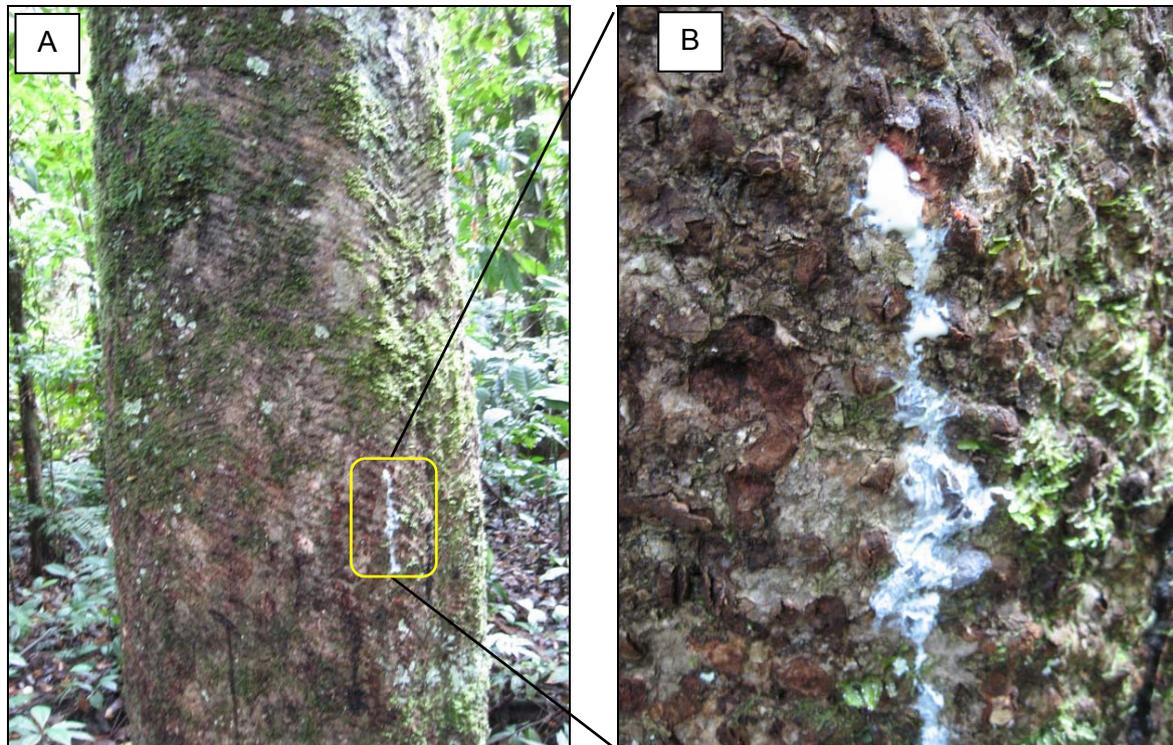


Figura 62. Árvore de *Hevea brasiliensis* (Seringueira-verdadeira). A) Marcas na casca após vários ciclos de extração do látex; B) Exudação do látex (borracha). Fonte: CEUC/SDS

No Amazonas, alguns projetos vêm sendo desenvolvidos em prol das populações extrativistas. Além do próprio CEUC, que vem contribuindo no que diz respeito à gestão das UCs, principalmente as de uso sustentável, ações de outras secretarias estão sendo estabelecidas.

O Decreto nº 25.275 de 11 de agosto de 2005 torna legal a isenção ou dispensa do pagamento do Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Prestação de Serviços (ICMS) a fim de promover o desenvolvimento no interior do Estado do Amazonas e a valorização econômica dos produtos florestais como estratégia de melhorar a qualidade de vida da população extrativista.

Este instrumento foi celebrado no âmbito do Conselho Nacional de Política Fazendária (CONFAZ) e adicionado às leis tributárias do Estado do Amazonas. Este Decreto foi elaborado pela SDS, considerando o disposto no Convênio ICMS 58/05, de 1º de julho de 2005 que autoriza os Estados do Amapá e Amazonas a conceder isenção do ICMS nas operações internas com produtos nativos de origem vegetal.

Ambientes de Terra Firme *versus* Várzea

Em termos de PFTM, as áreas de terra firme apresentaram pouca similaridade florística com as áreas de várzea inventariadas, mesmo considerando que as áreas visitadas são espaços de transição florestal entre essas duas tipologias, uma vez que muitos locais estavam submersos e não foi possível inventariar.

Pôde-se constatar que a família Araceae foi determinante para a diferença de similaridade, sendo que a exclusão dessa família determinará similaridade florística similar entre as duas tipologias. Daí a importância de se avaliar o extrato epifítico da floresta, que é abundante e bastante diverso nas florestas tropicais.

A composição florística geral de PFTM na Resex do Rio Gregório foi de 93 espécies divididas em 40 gêneros e 15 famílias botânicas (Anexo 15).

Pode-se afirmar, com base nas pesquisas realizadas, que as atividades extrativistas apresentam um importante potencial de desenvolvimento na Resex:

- A Resex do Rio Gregório possui potencial para produção de produtos florestais não madeireiros como parte das atividades de geração de renda das Comunidades.
- De modo geral, várias famílias trabalham com a extração de látex da seringueira, tendo a atividade como parte da renda familiar.
- A maioria dos moradores da Resex tem vocação para atividades extrativistas, devido ao próprio histórico da região.
- O açaí é um produto abundante na Reserva e passível de extração, pois a cultura das populações envolve a utilização do produto para consumo próprio.
- A jarina é um produto potencial pela existência de áreas de jarinais na Resex e devido ao mercado crescente para a semente no Estado no Amazonas.
- As aráceas, helicôneas e marantáceas são produtos potenciais devido à abundância na Reserva, a beleza de suas folhagens e inflorescências e ao mercado crescente para as flores tropicais.
- A família Araceae apresentou-se com alta diversidade na Resex, além de porte e formas de beleza única, o que potencializa o seu uso ornamental.
- Deve-se investir na capacitação dos moradores da Resex, para o melhor uso dos recursos da floresta (palhas, fibras, sementes, frutos, óleos), a fim de diversificar a possibilidade da manufatura de produtos vendáveis e colaborar para agregar renda às famílias.
- Com base no interesse das famílias em utilizar e manejar a floresta dever-se-á realizar estudos específicos para a espécie de interesse, com vistas à manutenção da floresta.
- Este é o primeiro levantamento para a família Araceae registrado, realizado na região do alto rio Juruá, municípios de Eirunepé e Ipixuna/AM, o que demonstra a necessidade de mais esforços e reconhecimento da importância do extrato epifítico da floresta, pelo valor econômico de várias espécies dessa família

botânica (*Heteropsis* spp. (n.v. cipó titica); *Philodendron* spp. (n.v. cipó ambé, timbó-açu)) (Anexo 16).

7.4.3.3. Potencial Extrativista Madeireiro

O inventário florestal (Figura 64) foi realizado com o objetivo de determinar o potencial madeireiro da Reserva Extrativista do Rio Gregório em um contexto de crescente demanda por produtos madeireiros e diante da necessidade de conservação de uma região de grande biodiversidade, somente com o conhecimento científico da potencialidade madeireira da região, aliado às práticas sustentáveis é que poderão ser geradas diretrizes para o gerenciamento da Resex.

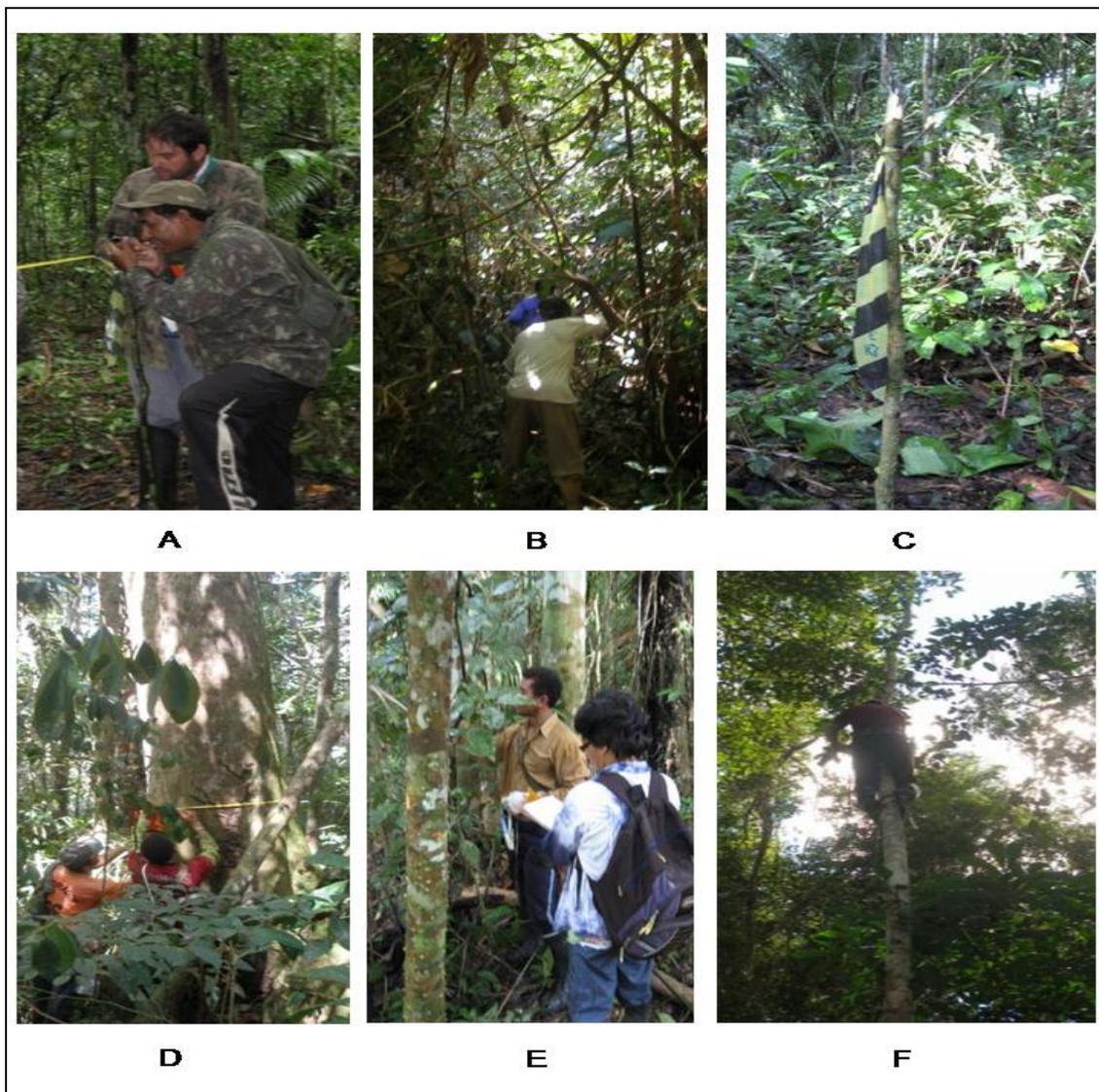


Figura 63. Detalhe das etapas do inventário florestal realizado na RESEX do Rio Gregório: (A) orientação e medição; (B) abertura da picada principal; (C) piquete de marcação; (D) medição do diâmetro; (E) identificação e anotação dos dados; (F) coleta de material botânico para identificação. **Fonte:** CEUC/SDS

O inventário florestal foi realizado em áreas de floresta de terra firme e de várzea. Embora em menor número (cerca de 35%) as parcelas na várzea demandaram mais trabalho devido à dificuldade de acesso e deslocamento. As variáveis medidas em campo foram o CAP (circunferência a 1,30 m de altura) expressa em centímetros e a frequência. A frequência é o número de indivíduos por parcela. Ela é calculada diretamente por meio da contagem simples de quantas árvores foram medidas em cada parcela.

Foram inventariados 3.127 indivíduos de 287 espécies diferentes, sendo 275 espécies de arbóreas e 12 de palmeiras (Anexo 17). Vinte espécies são de interesse madeireiro para os comunitários da RESEX do Rio Gregório, segundo informações levantadas com os moradores locais. Estas espécies podem ser encontradas tanto nos ambientes de várzea quanto nos de terra firme. Os usos para essas espécies variam, e vão desde uso na construção de moradias e barcos até como cabo de ferramentas, conforme a Tabela 43.

Das 18 espécies madeireiras listadas como utilizáveis pelos comunitários da RESEX do Rio Gregório, apenas nove apareceram nos inventários florestais. Destas nove espécies, apenas seis tinham indivíduos nas classes diamétricas passíveis de exploração madeireira. Isso reflete a baixa vocação madeireira da Reserva extrativista possivelmente pelo seu histórico exploratório.

Tabela 43. Relação das espécies de interesse madeireiro, sua utilidade e tipologia de ocorrência na Reserva Extrativista do Rio Gregório.

ESPÉCIE	USO	OCORRÊNCIA
Mulateiro	Casa	Várzea
Orelha-de-burro	Casa	Várzea
Cedro	Casa	Terra firme
Tarumã	Casa	Terra firme
Marupá	Casa (parede)	Várzea
Massaranduba	Barco	Terra firme
Itaúba	Barco	Terra firme
Gitó	Casa	Terra firme
Jacareúba	Múltiplos	Terra firme
Maúba	Barco	Várzea
Mariúba	Barco	Várzea
Tuari	Múltiplos	Várzea
Macacauba	Espingarda	Terra firme
Louro abacate	Madeira de lei	Terra firme
Louro arabá	Múltiplos	Terra firme
Cerejeira	Múltiplos	Terra firme
Cumaru	Múltiplos	Várzea
Muirapiranga	Múltiplos	Terra firme

Fonte: CEUC/SDS

A ausência das espécies citadas pelos comunitários, como sendo de seu interesse para uso madeireiro, não foi devido a uma má amostragem e sim pelo histórico de uso da Resex. Foi visível a interferência da exploração madeireira tanto na diversidade florística, quanto na dinâmica de crescimento das árvores.

Quanto à diversidade das florestas de várzea da Resex do Rio Gregório, essas se diferem das demais várzeas da região. Existe certa peculiaridade nestas florestas que merecem maior atenção do ponto de vista da conservação. Não foram observadas as mesmas espécies e tão pouco as mesmas características como maior tamanho e uniformidade comumente citada nesta tipologia.

As árvores das florestas de terra firme tiveram um volume comercial médio de 0,6573 m³ enquanto que as árvores das florestas de várzea chegaram a 0,9060 m³. Este fato comprova a expectativa baseada no comportamento das florestas de várzea que apresentam um crescimento em volume maior que as árvores das florestas de terra firme (Higuchi *et. al*, 1998).

Quanto ao volume médio por hectare encontrado na Resex do Rio Gregório, para ambas as tipologias, o valor foi de 267,94 m³. Embora seja o volume comercial, este valor está dentro do esperado para o Amazonas onde o volume total médio está em 242 m³/ha (FRA, 2005). Porém, as contradições em relação à determinação do volume comercial geram incertezas metodológicas. Além do mais, a somatória do volume de madeira não implica em volume passível de comercialização, pois este depende das classes diamétricas.

As árvores das florestas de terra firme apresentaram um peso médio em biomassa fresca de 1,34 t e um estoque de carbono de 0,26 t enquanto que as árvores das florestas de várzea chegaram a 1,67 t e 0,33 t. Estes dados são coerentes com a expectativa baseada no comportamento das florestas de várzea que apresentam um crescimento em volume maior que as árvores das florestas de terra firme (Higuchi *et. al*, 1998).

Os valores do estoque de carbono por hectare para terra firme (130,08 t/ha) e para várzea (165,10 t/ha) ultrapassam os 120 t/ha calculados para o Estado do Amazonas (Higuchi *et. al*, 1998). Esta diferença reforça a vocação da Resex do rio Gregório para a venda destes créditos como forma de compensar a sua deficiência madeireira.

A pesquisa realizada permitiu as seguintes observações em relação ao potencial da Resex do Rio Gregório para o manejo florestal comunitário:

- As classes diamétricas comercializáveis (acima de 40 cm de DAP), apresentam frequências inferiores e/ou nula para as espécies de interesse madeireiro. Muitas toras já foram retiradas em outros períodos e as que foram deixadas ainda não atingiram o diâmetro ideal para corte.
- O cálculo do volume comercial aponta para uma insuficiente quantidade de madeira por hectare o que torna a atividade exploratória madeireira inviável. As espécies que são de interesse dos comunitários da Reserva Extrativista raramente apareceram no inventário florestal. Quando apareceram, foram em pequenas quantidades e em classes inferiores às passíveis de comercialização.

- Embora essa “desvalorização” da floresta da Resex do Rio Gregório tenha sido apontada, do ponto de vista madeireiro, isso não implica que a mesma não possa ter seu valor agregado para outros serviços. Analisando a biomassa acumulada e, diretamente o estoque de carbono, conclui-se que existe uma vocação da área para o sequestro do carbono atmosférico.
- Há necessidade de um melhor aproveitamento por parte dos comunitários no que diz respeito ao uso racional das espécies madeireiras para o próprio sustento e não para a comercialização. Também é necessária a criação de políticas públicas que compensem, de forma justa, aqueles que garantem a permanência da floresta em pé. Somente com o pagamento direto por estes serviços ambientais é que os comunitários enxergarão as vantagens de utilizar de forma racional as madeiras da Reserva cuja escassez foi comprovada no inventário realizado.

7.5. COMUNICAÇÃO

Não existe nenhum sistema de comunicação na Resex seja ele implementado pelo CEUC ou seja ele fornecido por empresas ou órgãos públicos.

7.6. TRANSPORTE

Não existe nenhum tipo de transporte público de acesso à Resex do Rio Gregório ou de circulação interna. Como foi indicado no diagnóstico socioeconômico, alguns moradores das próprias comunidades que possuem pequenas chalanas (de um andar com até 14 metros de comprimento), as utilizam nas viagens entre a comunidade e o município de Eirunepé.

7.7. Programas de Apoio aos Moradores

Os moradores da Resex do Rio Gregório são beneficiários de três programas sociais: Bolsa Família e Fomento do INCRA/PNRA, do governo federal, e Bolsa Floresta, proveniente do Governo do Estado do Amazonas.

Bolsa Família e PNRA

Cerca de metade das famílias presentes na oficina de planejamento participativo afirmaram que recebem recursos do Programa Bolsa Família. Praticamente todas deixam o cartão com algum parente na cidade que retira o benefício, compra alimentos e outros materiais e os envia por intermédio de barcos de parentes ou conhecidos. Desta forma, as famílias beneficiárias do programa passam a comprar do regatão somente o necessário até o próximo mês e não mais todos os gêneros de subsistência.

Conforme portaria interministerial nº13, de 19 de setembro de 2002 do Ministério do Desenvolvimento Agrário (que equipara as Reservas Extrativistas aos Assentamentos do INCRA) todos os moradores beneficiários das Resex tem direito aos benefícios do PNRA (Programa Nacional de Reforma Agrária) créditos demoradia, fomento e alimentação concedidos por intermédio das associações de moradores. Não existem ainda dados oficiais sobre quantas famílias foram beneficiadas com esse programa na Resex do Rio Gregório.

Bolsa Floresta

O Governo do Amazonas instituiu a Política Estadual sobre Mudanças Climáticas, Conservação Ambiental e Desenvolvimento Sustentável do Amazonas, no ano de 2007, pela Lei Complementar No.53, primeira experiência neste sentido no Brasil. A política é abrangente e envolve a redução do gases efeito estufa de diversos setores, pagamento por serviços ambientais, captação de recursos de fontes privadas para conservação e venda de créditos de carbono oriundos da redução do desmatamento.

Um dos programas criados pela Lei é o Bolsa Floresta, com o objetivo de "instituir o pagamento por serviços e produtos ambientais às comunidades tradicionais pelo uso sustentável dos recursos naturais, conservação, proteção ambiental e incentivo às políticas voluntárias de redução de desmatamento" (Par. 2º do Art.5º). O programa visa remunerar habitantes de unidades de conservação que abdicuem do direito ao desmatamento. Foi construído de forma participativa, com ampla discussão tanto nas comunidades quanto com instituições governamentais e não governamentais, visando reconhecer, valorizar e compensar as populações tradicionais e indígenas do Estado – os guardiões da floresta – pelo seu papel na conservação das florestas, rios, lagos e igarapés.

O Programa tem quatro componentes que se complementam:

- A Bolsa Floresta Familiar inclui o pagamento mensal de R\$ 50 por mês a representantes de famílias residentes dentro de Unidades de Conservação estaduais.
- A Bolsa Floresta Associação é destinado às associações dos moradores das unidades de conservação; equivale a 10% da soma de todas as Bolsas Floresta Familiar e sua função é fortalecer a organização e o controle social do Programa.
- A Bolsa Floresta Renda, no valor médio de R\$ 4 mil por comunidade por ano, é um valor destinado ao apoio à produção sustentável: peixe, óleos vegetais, frutas, mel etc.
- A Bolsa Floresta Social, no valor médio de R\$ 4 mil por comunidade, por ano, é um recurso destinado à melhoria da educação, saúde, comunicação, transporte e outros elementos básicos para a construção da cidadania dos guardiões da floresta.

Desde março de 2008, a Fundação Amazonas Sustentável (FAS) passou a ser a principal parceira do Governo do Estado na implementação do Programa Bolsa Floresta. A FAS é uma instituição privada, sem fins lucrativos, de interesse público, não governamental, instituída em dezembro de 2007 pelo Governo do Estado do Amazonas e o Banco Bradesco S.A.

De acordo com dados da FAS as seguintes informações sintetizam os benefícios recebidos pelos moradores da Reserva Extrativista do Rio Gregório:

Quadro 7. Benefícios do Programa Bolsa Floresta para a Resex do Rio Gregório

Famílias beneficiadas	Pessoas beneficiadas	Investimento Bolsa Floresta Renda	Investimento Bolsa Floresta Social
117	637	R\$41.000,00	R\$150.000,00

Fonte: www.fas-amazonas.org. Consulta realizada em 18.04.2010.

7.8. Percepção dos Moradores sobre a Unidade de Conservação

A visão que os moradores têm hoje da Resex do Rio Gregório parece ser muito positiva especialmente em decorrência das inúmeras ações que foram desenvolvidas na área pelo CEUC desde que teve início o processo de criação.

As populações desta área viveram há gerações sem nenhum tipo de benefício social e na dependência de intermediários para acessar produtos de consumo e comercializar sua produção. Também precisavam conviver com pescadores e madeireiros que constantemente retiravam recursos valiosos da área sem que eles pudessem se contrapor. A partir da criação da Resex as pressões externas deixaram de existir e os benefícios sociais começaram a ser percebidos pelos moradores.

No entanto, a criação da Resex foi objeto de muitas discussões internas e, inclusive, de contestação, conforme já foi mencionado neste documento.

Um das principais dificuldades estava relacionada ao entendimento de quais atividades econômicas seriam permitidas e quais proibidas depois que a Resex fosse criada. Por um lado, as dúvidas dos moradores expressavam um desejo autêntico de informação, e foram sendo esclarecidas nas diferentes reuniões organizadas pelos técnicos do CEUC. Por outro, haviam interesses econômicos de não moradores que seriam ameaçados com a criação da Resex e que, por esta razão, tentaram impedir a criação da unidade de conservação no ano de 2007.

Em abril daquele ano os moradores de uma das comunidades se manifestaram contra a criação da Resex e endossaram um abaixo-assinado com este objetivo que estava circulando entre os moradores do rio Gregório. A iniciativa foi desencadeada por madeireiros que detinham planos de manejo simplificados na área e que estavam sendo implementados de forma irregular e foram suspensos.

O abaixo assinado foi enviado à SDS e ao IPAAM postergando a criação da Resex. Os órgãos governamentais responsáveis convidaram instituições parceiras do movimento social (Fetagri, CNS e Sindicato dos Trabalhadores Rurais) para ir à área e dar um parecer sobre o documento. Após consultar os moradores a comissão concluiu que o abaixo assinado havia sido iniciativa daqueles que se sentiram lesados pela interrupção da exploração madeireira na área.

Pode-se afirmar que o processo mesmo de criação, as dúvidas e contestações, também exerceram um papel positivo de criar consenso a respeito das novas regras de uso dos recursos e dos benefícios e compromissos a serem firmados a partir da aprovação do Plano de Gestão.

A manifestação dos moradores durante a discussão do Plano de Gestão, em fevereiro de 2010, atesta a visão positiva atualmente existente assim como as expectativas de melhorias para as comunidades visualizadas para o futuro da Resex (Ver o Volume II do Plano de Gestão). Uma das opiniões de um morador da Comunidade Lago Grande sintetiza o pensamento dos demais:

"O objetivo da Resex é garantir o futuro pra que adiante a gente tenha uma qualidade de vida melhor, passando pela educação, saúde, com apoio do pessoal do governo" (Sérgio, Comunidade Lago Grande)."

8. ASPÉCTOS INSTITUCIONAIS



8.1. Recursos humanos e infraestrutura

A Resex do Rio Gregório tem um gestor, funcionário do Governo do Estado do Amazonas, lotado no CEUC/SDS, que reside na sede do município de Eirunepé. Não existe uma frequência pré-determinada para visitas do gestor na Resex, porém em todas as atividades realizadas pelos diferentes departamentos do CEUC e também sempre que possível o gestor acompanha as atividades das instituições parceiras (FAZ e IDAM).

Não existe uma sede do CEUC/SDS no município de Eirunepé, sendo que o gestor está locado em uma sala no IDAAM. O gestor conta atualmente com um laptop, máquina fotográfica e pen drive, como material básico para a realização de seu trabalho.

8.2. Estrutura organizacional

A Resex do Rio Gregório tem duas organizações: uma Associação que representa os moradores e um Conselho Deliberativo que faz a gestão da unidade.

8.2.1. AMARGE - Associação de Moradores Agroextrativistas do Rio Gregório.

A AMARGE é uma organização civil, sem fins lucrativos, fundada no dia 07 de outubro de 2008, com sede provisória na comunidade de Ubim, na margem direita do rio Gregório, afluente do rio Juruá, município de Eirunepé, Estado do Amazonas.

Pode fazer parte da associação qualquer pessoa, maior de 18 anos, que esteja em pleno gozo de seus direitos políticos e sociais como cidadão participativo, que seja residente e domiciliado na Resex do Rio Gregório.



.....**Figura 64.** Reunião realizada na Comunidade Ubim em abril de 2007 com o
.....objetivo de discutir o estatuto da Associação dos Moradores da Resex do Rio Gregório.
.....**Fonte:** CEUC/SDS.

A AMARGE tem os seguintes objetivos:

1. Buscar recursos junto ao governo, organizações governamentais e não governamentais para melhorar a qualidade de vida dos moradores da Reserva Extrativista do Rio Gregório.

Quadro 8. Organizações que compõem o Conselho Deliberativo da Resex do Rio Gregório

SIGLA	ENTIDADE
AMARGE	Associação de Moradores da Reserva Rio Gregório
COMUNIDADES	Ubim, Muxila, Lago Grande
COOPAEX	Cooperativa Agroextrativista
COOPEMVAJ	Cooperativa de Moveleiros do Vale do Juruá
CNS	Conselho Nacional dos Seringueiros
FETAGRI	Federação dos Trabalhadores de Agricultura
	Colônia de Pescadores
STR	Sindicato dos Trabalhadores Rurais
INCRA	Instituto Nacional de Reforma Agrária
FUNAI	Fundação Nacional do Índio
IDAM	Instituto de Desenvolvimento da Amazônia
ITEAM	Instituto de Terras do Amazonas
IPAAM	Instituto Preservação Ambiental do Amazonas
SEMAST	Secretaria Municipal de Assistência Social e Trabalho
SEMSA	Secretaria Municipal de Saúde
SEMEC	Secretaria Municipal de Educação, Cultura e Meio Ambiente
SEMPA	Secretaria Municipal de Produção e Abastecimento
UEA	Universidade Est. do Amazonas – Núcleo Regional Eirunepé
	Igreja Católica de Eirunepé
	Assembleia de Deus

Fonte: CEUC/SDS

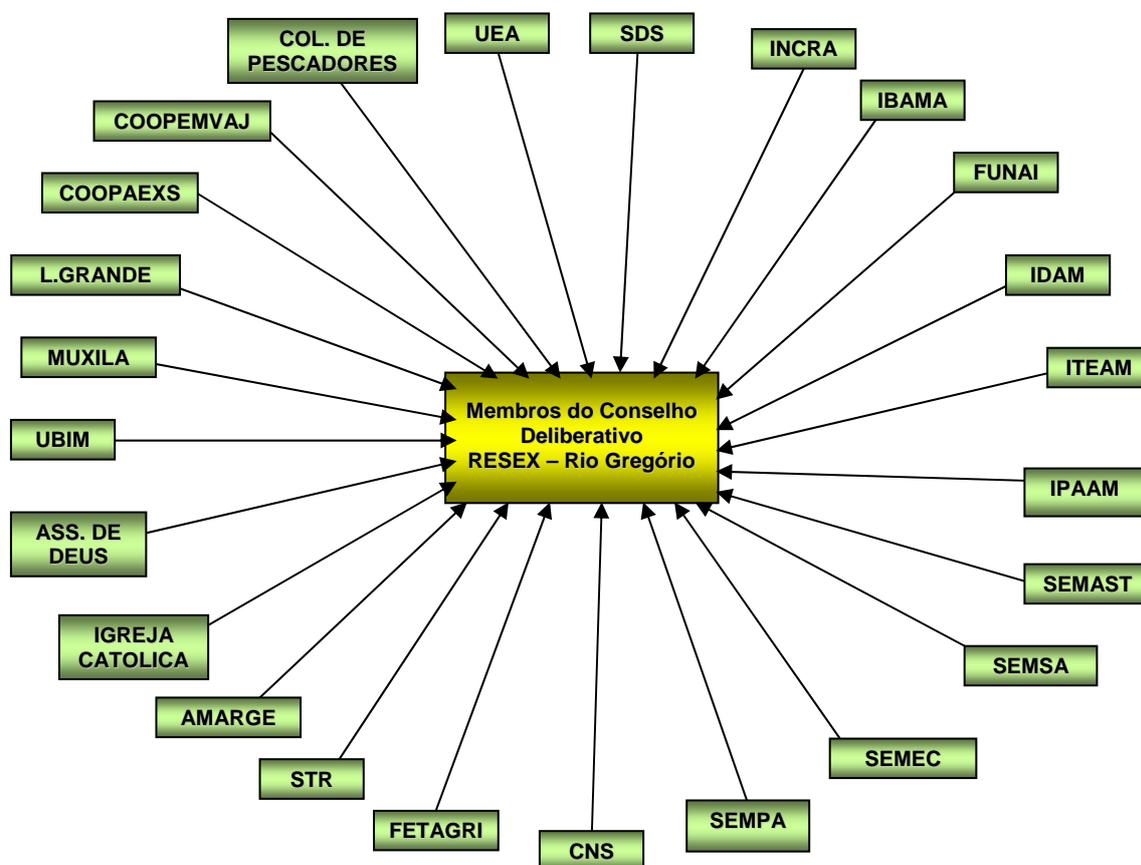


Figura 66. Organizações que compõem o Conselho Deliberativo da Resex do Rio Gregório.

Fonte: CEUC/SDS.

9. ANÁLISE E AVALIAÇÃO ESTRATÉGICA



A análise das informações consolidadas sobre a Resex do Rio Gregório e a avaliação estratégica dos resultados permite perceber as relações de interdependência entre os diferentes aspectos identificados no diagnóstico para tentar entender a realidade como um todo e planejar o seu futuro. Para alcançar esse objetivo, o roteiro para elaboração de planos de gestão para as Unidades de Conservação Estaduais do Amazonas sugere a realização da Matriz DAFO (Deficiências, Ameaças, Fortalezas e Oportunidades).

Analisando os aspectos geopolíticos, sociais e econômicos da Resex do Rio Gregório em 2010, pode-se afirmar que a criação da Resex dá segurança aos moradores de que seus recursos não serão destruídos por terceiros, as famílias não serão expulsas por especuladores e a área passa a fazer parte de uma rede de apoio governamental e não governamental. Por outro lado, as deficiências estão, em grande medida, relacionadas aos limites de atendimento do poder público aos direitos básicos de educação, saúde, transporte e cidadania em geral. A grande distância e a dificuldade de acesso à área no período da seca dificultam a saída dos moradores para a cidade ou a chegada de atendimentos de toda ordem à população da Resex.

O quadro abaixo apresenta a matriz analítica relacionando os pontos fracos e fortes, as ameaças e as oportunidades da unidade de conservação. É importante observar que algumas oportunidades estão associadas ao contexto presente e, por isso, devem ser trabalhadas de imediato, como a mobilização das comunidades através da Associação de Moradores - AMARGE. Entretanto, no geral, as novas oportunidades que se apresentam à Resex do Rio Gregório em contraponto às velhas deficiências da região, serão frutos de um trabalho sólido de implementação de políticas e programas direcionados às unidades de conservação do Amazonas.

A análise mostra ainda que, na gestão da Resex do Rio Gregório, o estabelecimento de parcerias deve ser considerado como de alta prioridade. Assim como a maior parte das deficiências está relacionada ao atendimento do poder público aos direitos básicos não relacionados à conservação da natureza, as oportunidades são, quase todas, diretamente ligadas a ações conjuntas com outras instituições.

MATRIZ DAFO DA RESEX DO RIO GREGÓRIO

FORTALEZAS	AMEAÇAS	DEFICIÊNCIAS	OPORTUNIDADES
Atuação das comunidades	Campanha de contra-informação empreendida por usuários de recursos contrários à UC	Fugacidade do momento de animação	Mobilização das comunidades através da Associação de Moradores.
Aptidão para trabalho com extração de látex e disponibilidade do produto	Baixo valor de mercado da borracha	Pouco interesse dos jovens no trabalho com seringa	Programa do governo do estado de incentivo ao fortalecimento da cadeia produtiva da borracha em parceria com o CNS
Variedade de recursos com possibilidade de geração de renda		Distância do mercado	Coletivização do comércio através das cantinas comunitárias
		Dificuldade de acesso à unidade de conservação	Coletivização do transporte através da associação
		Falta de parcerias instituídas para a gestão	Parceria com a IÓDICE
Apoio do Programa ARPA		Alto custo da gestão da UC	Parceria com a IÓDICE
Alto grau de conservação da área	Expansão da atividade pecuária	Dificuldade de monitoramento do cumprimento dos acordos estabelecidos	Regulamentação da atividade através do Plano de Gestão
			Possibilidade de estímulo a formas de pecuária sustentável e mais produtivas através de parceria com IDAM
Vontade dos moradores de permanecer na área	Êxodo rural por falta de condições de vida na área	Dificuldades de interlocução com o poder público	Representatividade e protagonismo da AMARGE apoiada pelo CEUC - Diálogo através do Conselho Gestor da UC
Profundo conhecimento de alguns moradores a respeito das propriedades de plantas medicinais	Contaminação, doenças ou morte por doenças facilmente tratáveis.	Falta de condições de saúde e saneamento	Inclusão da Resex Rio Gregório no PNRA
	Conhecimento concentrado em poucas pessoas - risco de perda	Desinteresse dos mais jovens em aprofundar-se no tema	Difusão dos conhecimentos sobre plantas medicinais
	Falta de atendimento médico e de agentes de saúde	Sistema de saúde pública do município fragilizado	Aquisição de ambulâncias através do Programa Bolsa Floresta - modalidades Bolsa Floresta Social
	Dificuldade de acesso a direitos básicos e cidadania	Baixa escolaridade da população. População dispersa por conta do extrativismo	Programas de Alfabetização de Jovens e adultos, Telesalas e Construção de Núcleos de Conservação e Sustentabilidade com apoio da FAS
Criação recente de uma associação de moradores	Concentração do poder em poucas lideranças	Baixíssimo nível de organização social na UC em geral	Acompanhamento do DPT à AMARGE, recursos disponíveis através do PBF

10. DECLARAÇÃO DE SIGNIFICÂNCIA



No mapa das Áreas Prioritárias para a Conservação, Uso Sustentável e Repartição de Benefícios da Biodiversidade Brasileira produzido pelo Ministério do Meio Ambiente em março de 2007, a área da Resex do Rio Gregório é considerada como de importância extremamente alta e prioridade muito alta. A calha do rio Gregório foi indicada por especialistas como uma das áreas prioritárias para conservação da diversidade de répteis e anfíbios.

É uma área ainda pouco estudada dentro da região do alto Juruá. Possui ambientes característicos das florestas tropicais densas, apresentando exuberante flora e grande diversidade faunística. Mais de 80% da porção terrestre compreende florestas de terra firme e de várzea, sendo que as primeiras ocupam 2/3 do total. A área florestal alagada da Resex é uma tipologia peculiar ("hot spot") pois além de apresentar uma maior influência na composição local, apresenta também características diferentes das demais várzeas do Estado do Amazonas.

Encontra-se em uma área altamente preservada em função do isolamento. Predominam as florestas de terra firme, entretanto, ambientes peculiares como os tabocais (florestas com bambu) estão presentes nas áreas mais ao sul da Resex. As amostragens realizadas nestas áreas, sobretudo para os grupos de fauna, apontaram uma megadiversidade no ambiente, o que evidencia a importância desta UC.

Em sua área foram registradas 329 espécies de aves; 87 espécies de répteis: 2 quelônios, 2 jacarés, 15 lagartos, 18 serpentes (uma cobra-cega, uma cobra-de-duas-cabeças); 48 espécies de anfíbios; 40 espécies de peixes; 27 espécies de mamíferos, sendo 12 espécies de primatas. Foi observada a jararaca-verde arborícola, espécie rara e bastante sensível a alterações ambientais, o que indica a integridade das matas em algumas localidades específicas da Resex, como o Igarapé Bacuri II. A existência de pelo menos três espécies de anfíbios e de uma de serpente ainda não descrita cientificamente demonstra a importância da área como habitat de espécies desconhecidas e como área prioritária para a conservação da herpetofauna da Amazônia.

A região do rio Gregório apresenta uma diversidade de primatas menor do que a região do médio Juruá (17 até 22 taxa para a RDS Uacari). Por outro lado, há alguns endemismos como o soium branco *Saguinus fuscicollis melanoleucus*, o bigodeiro *Saguinus imperator subgriscenses*, o parauacu de Vanzolini *Pithecia irrorata vanzolini* e o uacari de Novaes *Cacajao calvus novaesi*, este considerado vulnerável à extinção segundo a Lista Oficial da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção e a *RedList*, organizada pelo IBAMA e pela IUCN, respectivamente.

Foi registrada a maracanã-de-cabeça-azul, um psitacídeo ameaçado, endêmico da região leste do Peru e sudoeste da Amazônia brasileira. É uma espécie ameaçada, com taxa reprodutiva lenta e tendência de declínio populacional. Muito visada pelo tráfico de animais silvestres, tanto pela beleza como pela raridade, é considerada ameaçada pela Birdlife International.

Das espécies da flora consideradas vulneráveis estão a Ucuúba Verdadeira e o Louro Inhamui, ambas na Lista Oficial das Espécies da Flora Brasileira Ameaçadas de Extinção.

Principais produtos florestais não madeireiros utilizados pelos comunitários: cipós: titica, timbó (ou açu), esperaí (ou unha de gato) e ambé; sementes para a fabricação de óleo, tanto para uso culinário como medicinal: andiroba, cocão, jarina e cumaru de cheiro; óleos: copaíba e canjiroba; frutas: jatobá, pama, oiti, mucajá, cupu, cacau, abiurana, buriti, bacaba, açai, patauá, sapucaia, cocão, uixi e muratinga; leite: seringa, caucho, sorva, sucuba, janaguba e

gameleira; cascas: copaíba, carapanaúba, jatobá, pau d'arco, cerejeira, andiroba, janaguba, preciosa, mogno, cajuí, angico e quina-quina; palhas: jaci e jarina; fibras: arumã; resina: breu; medicinal: saracura.

Espécies epífitas da família Araceae são abundantes e diversificadas, além das helicônias e musáceas (flores tropicais); foram visualizadas duas possíveis novas espécies da família Araceae, do gênero *Philodendron*, além da ampliação da distribuição de várias espécies dessa família.

A Resex está inserida no centro de um mosaico de áreas protegidas, englobando a Terra Indígena Kulina do Médio Juruá, as Florestas Estaduais do Rio Gregório e do Mogno, contíguas ao território da Resex, no Estado do Acre.

Os valores de estoque de carbono por hectare para terra firme (130,08 t/ha) e para várzea (165,10 t/ha) ultrapassam os 120 t/ha calculados para o Estado do Amazonas. Essa diferença salienta a vocação da Resex para a venda de créditos de carbono como forma de compensar uma registrada deficiência madeireira.

Com uma baixa densidade populacional, de 0,379 habitante para cada km², as comunidades que residem na área são consideradas tradicionais, definidas no Decreto N. 6.040 de fevereiro de 2007 como grupos culturalmente diferenciados que se reconhecem como tais, possuem formas próprias de organização social e que ocupam e usam territórios e recursos naturais como condição de sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando conhecimentos, inovações e práticas gerados e transmitidos pela tradição. Além disso, ressalta-se que essas comunidades assumiram o compromisso de realizar a gestão do território de forma compartilhada com o Governo do Estado.

Série Técnica Planos de Gestão

PLANO DE GESTÃO DA RESERVA EXTRATIVISTA DO RIO GREGÓRIO

Volume II - Planejamento



SDS

Secretaria de Estado do Meio Ambiente e
Desenvolvimento Sustentável



MANAUS,
MAIO DE 2010

11. INTRODUÇÃO



O Volume II do Plano de Gestão da Resex do Rio Gregório visa orientar as ações de gestão baseadas no planejamento das atividades a serem executadas para um período de cinco anos.

O planejamento das ações, assim como objetivos, missão e demais pontos apresentados neste documento foram subsidiados pela análise dos resultados dos diagnósticos biológicos e socioeconômicos apresentados no Volume I, bem como pelos resultados das Oficinas de Planejamento Participativo (OPPs) realizadas na Resex, envolvendo moradores de todas as comunidades da Reserva. Nestas oficinas foram complementadas e validadas as informações apresentadas no Volume I e discutidos os tópicos que compõem o Volume II do plano de gestão: missão, visão de futuro, zoneamento e regras de uso dos recursos naturais, assim como os anseios das comunidades e as necessidades da gestão da Resex do Rio Gregório, traduzidos nos programas de gestão apresentados neste documento.

12. MISSÃO E OBJETIVOS DA RESEX DO RIO GREGÓRIO



A missão representa a razão da existência da Unidade de Conservação, ou seja, a finalidade de sua criação e seu propósito em longo prazo. Na Reserva Extrativista do Rio Gregório, a missão foi sistematizada com base nas idéias e anseios das comunidades que, durante as oficinas para construção do Plano de Gestão, expuseram suas razões de apoio à criação de uma Unidade de Conservação de Uso Sustentável na região.

Missão

Aproximar as populações tradicionais do rio Gregório do poder público para consolidação de um projeto de desenvolvimento baseado no uso sustentável de recursos naturais e no respeito à natureza, apoiado na organização e na união dos moradores, garantindo assim o direito à terra, o acesso aos recursos naturais e a manutenção dos modos de vida da população local



Figura 67. Oficina de Planejamento Participativo e Definição da missão da Resex pelos moradores, em 2010

Objetivos

Segundo o Sistema Estadual de Unidades de Conservação do Amazonas (artigo 7º. Inciso II), as Unidades de Conservação de Uso Sustentável têm como objetivo geral “compatibilizar a conservação da natureza com o uso sustentável de parcela dos seus recursos naturais.” Além disso, a mesma lei no artigo 19, estabelece como objetivo básico para a categoria Reserva Extrativista “proteger os meios de vida e a cultura dessas populações, assegurando o uso sustentável dos recursos naturais da Unidade”.

Na Resex do Rio Gregório, baseado nas indicações dos estudos biológicos e socioeconômicos e somado às percepções apresentadas pelos moradores durante as oficinas participativas para elaboração do plano de gestão (citadas no tópico 7.6 do volume I deste PG), foram estabelecidos os seguintes objetivos específicos:

%DfYmj U'UzfmjgXYHvcWgYVuffYfcgXc f]c; fMCElc''

2. Gerar renda por meio do manejo sustentável de produtos florestais, com destaque para a jarina.
3. Recuperar as populações de quelônios e de espécies ameaçadas presentes na Resex do Rio Gregório.
4. Proporcionar às comunidades do rio Gregório o acesso a bens e serviços públicos, além de políticas de seguridade social.
5. Incentivar a produção de borracha nativa e facilitar o acesso ao mercado através de sistemas de comércio com base comunitária.
6. Garantir às comunidades o direito à terra e a reprodução social de acordo com os modos tradicionais de uso de recursos.

13. VISÃO DE FUTURO



A visão de futuro representa um cenário ideal e alcançável no prazo de dez anos, no que se refere à conservação da natureza aliada à melhoria da qualidade de vida das populações locais. Desta forma, os participantes das oficinas de planejamento participativo declaram seus anseios e desejos na elaboração da visão de futuro, tal como se apresenta a seguir.



.....**Figura 68.** Moradores durante Oficina de Planejamento Participativo
.....imaginando como desejam estar em 2020

Saúde, educação, comunicação, recuperação de áreas degradadas e da população de espécies da fauna e flora ameaçadas local e nacionalmente, união dos moradores, além de programas de geração de renda baseados no extrativismo sustentável são os principais temas que figuram nos desejos das comunidades beneficiárias da UC.

A busca de um futuro diferente e próspero no imaginário coletivo dos moradores da Resex pressupõe significativos avanços nas questões ambientais e sociais da Reserva e seu alcance dependerá da implementação de atividades coerentes e focadas nos resultados desejados.

No que tange à educação, declara-se o desejo de um acesso universal à escola, ampliando-se o número de crianças e adultos alfabetizados em todas as comunidades e gerando a oportunidade de se cursar, inclusive, o ensino médio na localidade, de forma que não seja necessário aos estudantes abandonar a zona rural. Já nas comunidades onde não houver escola, faz-se necessário que haja uma oferta adequada de transporte escolar.

A conservação de espécies ameaçadas ou raras, tal como o uacari (ou acari), a recuperação da população de quelônios e o aumento da fauna cinegética estão entre os anseios declarados pelas comunidades. Há uma clara expectativa da recuperação da floresta em substituição aos atuais campos de pastagem.

A seguir estão listados todos os anseios das comunidades manifestados durante as oficinas de planejamento participativo:

1. Que estejam reabertas as estradas de seringa.
2. Que haja incentivos adequados e assistência técnica para o manejo de espécies florestais.

3. Que estejam valorizados os produtos extrativistas e que estes sirvam de fonte de renda para as comunidades.
4. Que estejam funcionando os entrepostos para entrega de produção agrícola e extrativista, bem como para a aquisição de mercadorias.
5. Que haja segurança e soberania alimentar através da produção de gêneros que atualmente precisam ser comprados, como o gramichó.
6. Que o manejo madeireiro seja uma alternativa de renda para as comunidades.
7. Que sejam descobertos novos mercados para produtos existentes na região da UC (jarina, mel, andiroba, coco do paxiubão e outros).

Além disso, como direito ao acesso às políticas públicas, no prazo de dez anos, almeja-se avanços também nas áreas de saúde, comunicação e moradia, conforme descrito a seguir:

1. Formação de uma base para atendimentos de saúde com pessoas capacitadas dentro da reserva, uma vez que hoje os agentes de saúde sequer podem receitar ou fornecer medicamentos.
2. Aquisição de bote para emergências de saúde.
3. Designação de agentes de endemia e agentes comunitários de saúde para as comunidades.
4. Construção e ampliação do número de moradias dignas com banheiro e água encanada.
5. Oferta adequada de serviços de saneamento básico e de tratamento do lixo.
6. Fornecimento de água tratada ou de qualidade adequada para consumo.
7. Ampliação dos serviços de telefonia e de outros meios de comunicação.
8. Fornecimento de energia elétrica continuamente para todas as famílias.
9. Criação de uma sede para a Associação e de centros comunitários (espaços para realização de reuniões), ao menos um em cada setor - Lago Grande, Ubim e Mochila.
10. Construção de trapiches nas comunidades.

Sabe-se, entretanto, que esse cenário ideal somente será possível se existir união entre os moradores e uma forte organização social. Assim, declara-se o anseio de que todas as comunidades e a Associação sejam paulatinamente mais fortalecidas, agregando a participação de todos os moradores locais.

Em síntese, a visão de futuro para as comunidades do rio Gregório pressupõe uma vida com dignidade, bem como o acesso a direitos básicos, conquistados a partir da organização social e do desenvolvimento sustentável.

14. ZONEAMENTO



O zoneamento da Unidade da Conservação é um importante componente do Plano de Gestão. Significa, basicamente, a divisão da área protegida em setores ou zonas “com objetivos operacionais e normas específicas a fim de proporcionar os meios e as condições para que todos os objetivos da unidade possam ser alcançados de forma harmônica e eficaz” (Governo do Amazonas 2007).

Na Reserva Extrativista do Rio Gregório, para a delimitação destas zonas foram utilizados os resultados do mapeamento participativo da utilização de recursos naturais, além das seguintes informações:

- O estado de conservação de cada área.
- Nascentes e áreas com relevante interesse para conservação.
- Áreas de ocorrência de espécies e ambientes relevantes para conservação.
- Áreas de refúgio e locais de alimentação da fauna.
- Usos tradicionais e seu grau de interferência no meio.
- Disponibilidade de recursos naturais.
- Necessidades de utilização de novas áreas para extrativismo associada a programas de geração de renda.
- Condições de acesso.

Desta forma o zoneamento foi desenvolvido a partir de quatro diferentes etapas:

1. Mapeamento participativo de uso de recursos.
2. Cruzamento dos dados do mapeamento participativo com diagnósticos biológicos e análise das imagens de satélite.
3. Proposta preliminar de zoneamento.
4. Validação e ajuste do zoneamento com as comunidades da Resex.

Como pode ser observado nas fotos da Figura 70, várias atividades foram desenvolvidas com envolvimento dos moradores: mapeamento participativo de uso dos recursos naturais; mapas com aplicação de conceitos de zoneamento e apresentação da proposta preliminar de zoneamento durante oficina de planejamento participativo



***Figura 69. Etapas do zoneamento participativo da Resex entre 2005 e 2010.

Foram identificadas quatro zonas dentro da Resex do Rio Gregório, além da zona de amortecimento, com diferentes finalidades e níveis de intervenção. A Tabela 44 apresenta cada uma destas zonas segundo área, grau de intervenção permitido e finalidades. Na Tabela 45 são apresentados os dados relativos a cada uma das zonas com descrições dos seus limites e caracterização, critérios de escolha e delimitação das áreas. Em seguida, a Figura 71 apresenta o mapa do zoneamento, a localização das comunidades e as áreas protegidas existentes no entorno.

Tabela 44. Zonas da Resex do Rio Gregório, área absoluta e relativa, nível permitido de intervenção e finalidades

Zonas	Área	% da Unidade de Conservação	Grau de intervenção	Finalidade
a- zona de uso intensivo	27.375,73	8,97	Alto. Grandes intervenções no meio	Alocação da infraestrutura, moradias, campos de pastagem e outras atividades que demandem supressão da cobertura vegetal.
b- zona de uso extensivo	77.379,23	25,35	Leve ou moderado. Definida pelos moradores da Resex como zona de uso sustentável	Extração de recursos naturais para uso doméstico e manejo de produtos florestais não madeireiros com fins comerciais
c- zona de uso extensivo especial	15.752,85	5,16	Moderado	Destinado ao manejo madeireiro comunitário
d- zona de preservação	184.760,66	60,52	Insignificante ou mínimo	Preservação, refúgio da fauna e pesquisa
Total	305.268,47	100	-	-
e- zona de amortecimento	100.272,02	-	Variado	Minimizar os impactos negativos sobre a Unidade de Conservação

Tabela 45. Zonas da Resex do Rio Gregório, limites, caracterização e critérios de escolha das áreas.

Zonas	Limites e Caracterização	Critérios
a- zona de uso intensivo	<p>As zonas de uso intensivo têm sua distribuição ao longo do leito do rio Gregório, perfazendo 11 polígonos com tamanho variando entre 25 ha (área de uso intensivo de uma localidade com duas famílias) até 6500 hectares (área de uso intensivo de quatro comunidades com mais de 100 famílias ao total). Convém citar que, para fins de definição dos limites da zona, várias pequenas áreas de cultivo foram agrupadas em um polígono, apontando para uma área maior do que a realmente utilizada para essas atividades.</p> <p>Os limites dessa zona foram estabelecidos através do mapeamento participativo do uso e acesso aos recursos naturais, imagens de satélite de série temporal (para contemplar “roçados¹” áreas abertas para agricultura e capoeiras) e dados do projeto deter-INPE. Sempre que possível foram utilizadas feições naturais, como igarapés, “repartições²” e “cabeços³” para facilitar a identificação dos limites destes polígonos em campo.</p>	<ol style="list-style-type: none"> 1. Áreas deflorestadas para alocação das comunidades. 2. Áreas de uso tradicional para agropastoreio. 3. Áreas necessárias à expansão das atividades agrícolas das comunidades.
b- zona de uso extensivo	<p>A zona de uso extensivo está constituída por um grande polígono que tem sua distribuição ao longo do rio Gregório, circundando todas os polígonos da zona de uso intensivo e estendendo-se ao longo dos “igarapés de centro⁴” Fortaleza, Curupiã, Futuro, Maciel, Cujubim, Charcão, São João, São José, Bacuri, Bacurizinho e Lorena.</p> <p>Os limites dessa zona foram estabelecidos por meio do mapeamento participativo e alterados segundo indicação das comunidades durante a realização das Oficinas de Planejamento Participativo. Sempre que possível foram utilizadas feições naturais, como igarapés, “repartições” e “cabeços” para facilitar a identificação dos limites desta zona em campo.</p>	<ol style="list-style-type: none"> 1. Áreas florestadas onde se pratica o uso tradicional dos recursos naturais por meio de atividades extrativistas de baixo impacto. 2. Áreas com disponibilidade de recursos naturais não madeireiros e com potencial para atividades de geração de renda.
c- zona de uso extensivo especial	<p>A zona de uso extensivo especial não apresenta um padrão em sua distribuição, sendo composta por 16 polígonos com tamanhos variados (de 300 até 2.315 hectares) que foram apontados pelas comunidades como áreas com potencial para realização de manejo madeireiro.</p> <p>Os limites dessa zona foram estabelecidos através do mapeamento participativo e alterados segundo indicação das comunidades durante a realização das Oficinas de Planejamento Participativo.</p>	<ol style="list-style-type: none"> 1. Potencial madeireiro para exploração comercial, condições favoráveis de acesso e proximidade das comunidades.

d- zona de preservação	<p>Áreas tradicionalmente de "não uso" das comunidades conforme dados do mapeamento de uso de recursos; áreas relevantes para conservação de espécies da fauna e flora; e áreas com necessidade de recuperação da vegetação.</p> <p>Os limites dessa zona foram estabelecidos através do mapeamento participativo e alterados segundo indicação das comunidades durante a realização da Oficinas de Planejamento Participativo.</p>	<p>1. Áreas distantes das comunidades.</p> <p>2. Áreas com ambientes prioritários para conservação.</p> <p>3. Áreas florestadas.</p>
e- zona de amortecimento	<p>Buffer de dez quilômetros no entorno da Resex do Rio Gregório, abarcando somente os espaços não contemplados por outras áreas protegidas (Florestas Estaduais do Acre e Terras Indígenas).</p> <p>Abrange parte das bacias do Paraná da Onça, do Igarapé da Reconquista e o extremo oeste do território do município de Envira, na divisa com o Acre.</p>	<p>1. Raio de 10 km da UC conforme Instrução Normativa, em espaços não contemplados por outras Áreas Protegidas.</p>

- 1- Roçado: Área de plantação das famílias/comunidades, termo geralmente utilizado para se referir a plantação de mandioca utilizado para o fabrico de farinha.
- 2- Repartições: É o local onde dois braços principais dos igarapés se encontram, formando um igarapé de maior ordem, como a maioria da população vive a beira do Rio Gregório, quando eles sobem os igarapés para prática de suas atividades, eles tem a impressão que o igarapé se divide em dois ou mais.
- 3- Cabeços: São as áreas de divisor de água dos pequenos igarapés.
- 4- Igarapés de centro: Nome dado aos maiores igarapés, que costumam nascer na floresta de terra firme e chegar até a várzea com um volume de água maior, são assim chamados devido a designação dada á áreas afastadas dentro da mata de terra firme (centro).

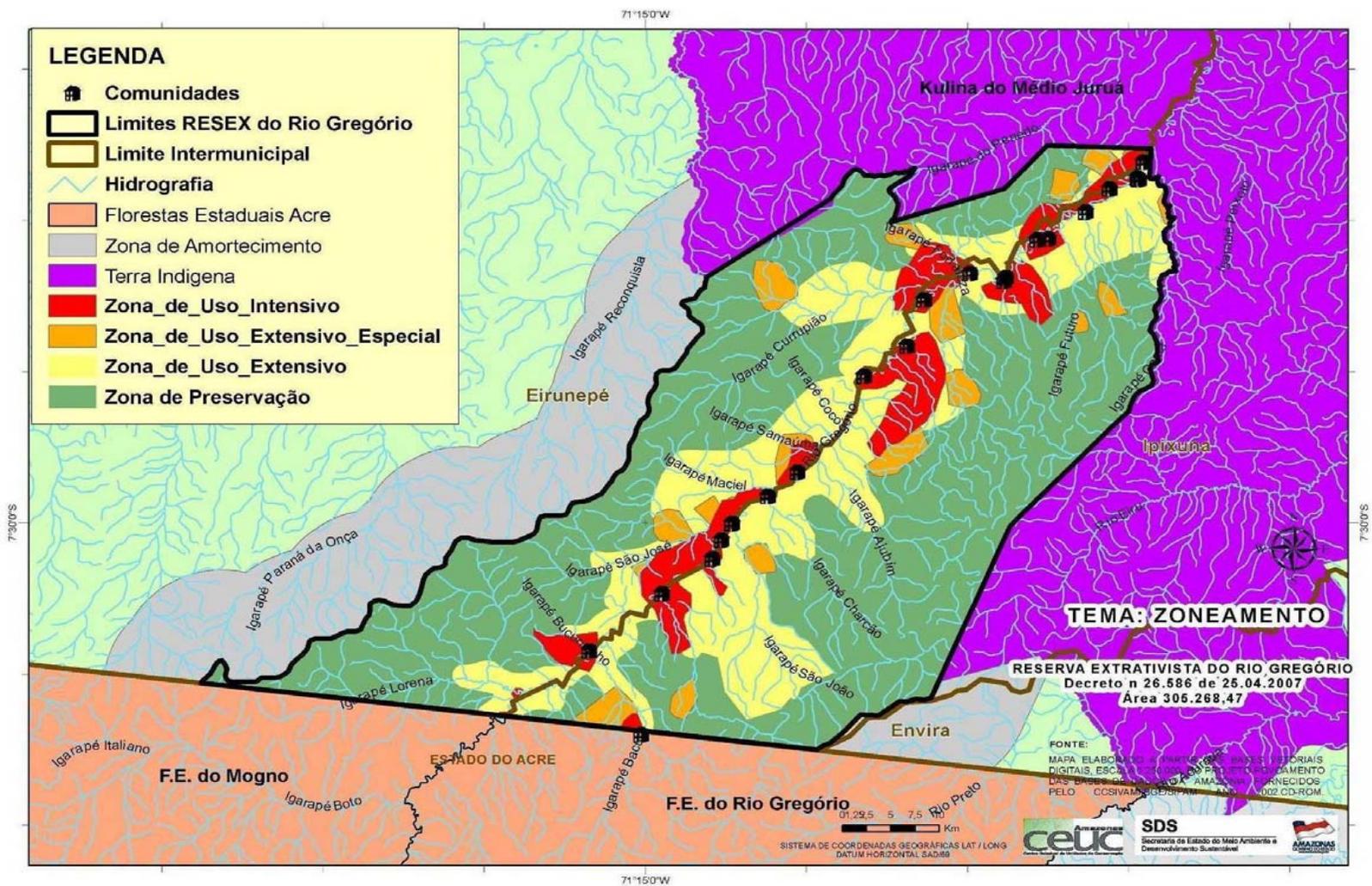


Figura 70 - Zoneamento da Resex do Rio Gregório

Zona de Uso Intensivo

Grau de intervenção: Alto

Nesta zona são realizadas intervenções com alta intensidade, as quais causam grandes e importantes influências sobre o meio. A cobertura florestal dá lugar à implantação de infraestrutura para a administração, recreação, educação ambiental, pesquisa, monitoramento ambiental e divulgação. Nesta zona se estabelecem as atividades de produção agrícola com fins comerciais e de subsistência, criação de animais e implantação de casas e infraestrutura para as comunidades, porém, sempre em acordo com as normas estabelecidas neste Plano de Gestão.

A delimitação desta zona foi baseada no atual *status* de conservação das áreas, usos tradicionais e áreas de expansão para atividades agrosilvopastoris, bem como na alocação atual das comunidades. Ao todo são 11 polígonos nessa categoria. As áreas variam entre 25 e 6.500 hectares e, juntas, somam 27.375,73 ha que correspondem a 8,97% da área total da Unidade.

Foram identificadas terras tituladas (propriedades privadas) em áreas destinadas ao uso intensivo pela população residente da Reserva. Nestes casos, de acordo com o parágrafo primeiro do artigo 19 da Lei do SEUC, estas áreas deverão ser desapropriadas para uso das comunidades tradicionais beneficiárias da criação da Resex do Rio Gregório.



Figura 71. Representação da zona de uso intensivo feita por moradores da Resex do Rio Gregório durante Oficina de Planejamento Participativo.



Figura 72. Área de uso para moradia e agricultura (à esquerda) e área de pastagem (à direita), ambas inseridas na zona de uso intensivo.

Zona de Uso Extensivo

Grau de intervenção: leve ou moderado

Nesta zona são realizadas atividades de extrativismo vegetal e animal de forma equilibrada. A intervenção sobre o meio deve ser leve ou moderada. Na zona de uso extensivo são permitidas atividades de manejo de recursos não-madeireiros, pesquisa científica, educação ambiental, monitoramento ambiental e uso de espécies florestais madeireiras para consumo dos moradores e das comunidades locais.

A zona de uso extensivo é constituída por um único polígono que se estende ao longo do rio Gregório, variando de poucos metros da margem do rio principal a pouco mais de 10 quilômetros da margem. Esta área abrange alguns igarapés de maior porte, tais como Fortaleza, Curupiã, Futuro, Maciel, Cujubim, Charcão, São João, São José, Bacuri, Bacurzinho e Lorena.

A delimitação desta zona levou em consideração as áreas de uso tradicional das comunidades (extrativismo) com finalidades ou práticas de baixo impacto, além da disponibilidade de recursos para extrativismo comercial não madeireiro e de subsistência em geral.

No total são 77.379,23 ha destinados à zona de uso extensivo, o que corresponde a 25,35% do total territorial da Resex do Rio Gregório.

Na zona de uso extensivo também foram identificadas áreas tituladas que deverão ser indenizadas conforme a legislação vigente.



Figura 73. Representação da zona de uso extensivo feita por moradores da Resex do Rio Gregório.



Figura 74. Produtos oriundos do extrativismo e áreas de coleta na zona de uso extensivo. À esquerda seringueira em antiga “estrada”; à direita acima área de extrativismo de palhas e abaixo produção artesanal de óleo de andiroba

Zonas de Uso Extensivo Especial

Grau de intervenção: moderado

Com a finalidade de enfatizar os espaços disponíveis para fins de exploração madeireira sustentável, a zona de uso extensivo especial foi destacada da zona de uso extensivo antes apresentada. O mesmo se observa no mapa, onde os polígonos da zona de uso extensivo especial foram destacados da zona de uso extensivo.

A zona de uso extensivo especial, também chamada de zona de manejo madeireiro, destina-se ao manejo de espécies madeireiras em base comunitária com finalidade comercial e objetiva viabilizar um dos maiores anseios das comunidades locais no que se refere a programas de manejo para geração de renda. Estes espaços foram definidos com base no potencial extrativista, condições de acesso e escoamento, indicação de comunitários e na análise de presença/ausência de extrativismo tradicional de outros recursos naturais.

Ao todo, 16 áreas estão indicadas no zoneamento com interesse para análise do potencial de exploração sustentável dos recursos madeireiros, sendo estes apenas os de base comunitária. Os polígonos possuem tamanho variando entre 300 e 2.315 hectares, somando 15.752,85 ha, em uma área que representa 5,16% do total territorial da Unidade.



Figura 75. Área de extração madeireira com potencial comercial (à esquerda) e levantamento do potencial madeireiro da zona de uso extensivo especial (à direita).

Zona de Preservação

Grau de intervenção: insignificante ou mínimo

Nesta zona, também chamada de zona primitiva, não são realizadas intervenções que perturbem o ambiente. Segundo o roteiro metodológico para elaboração de planos de gestão das UCs estaduais do Amazonas, as atividades permitidas devem ser realizadas mediante meios de transporte que não causem impacto, sem necessitar instalações específicas para tal e efetuados em pequenos grupos.

Nesta região a natureza permanece a mais intangível e preservada possível. O objetivo é funcionar como matriz de repovoamento de outras zonas, sendo dedicada à proteção integral dos ecossistemas e dos recursos genéticos, o que a torna de especial valor para a pesquisa e o monitoramento ambiental, bem como de especial importância para a conservação *in situ*.

A zona de preservação aqui definida está localizada em área de não-uso das comunidades, ou seja, a destinação desse território à proteção integral dos recursos não interfere no desenvolvimento e na reprodução social das comunidades. Os limites dessa zona foram estabelecidos por meio de mapeamento participativo do uso e acesso aos recursos naturais e alterados segundo indicação das comunidades durante a Oficina de Planejamento Participativo.

Os atributos naturais de destaque e que orientaram o estabelecimento dos limites desta zona são as nascentes e florestas de terra firme em ótimo estado de conservação que possibilitam a manutenção da biodiversidade local, protegendo espécies ameaçadas, endêmicas e/ou pouco conhecidas pela ciência.

Esta zona ocupa 60,52% da área total da Unidade, apresentando um total territorial de 184.760,66 ha e correspondendo à maior das zonas visualizadas nesta unidade de conservação.



Figura 76. Representação da zona de preservação feita por moradores da Resex do Rio Gregório.



Figura 77. Área de floresta em ótimo estado de conservação.

Zona de Amortecimento

Grau de intervenção: variado

De acordo com o SEUC, a zona de amortecimento corresponde ao “entorno de uma Unidade de Conservação, com limites definidos quando de sua criação ou da elaboração do seu Plano de Gestão, onde as atividades humanas estão sujeitas a normas e restrições específicas, com o propósito de minimizar os impactos negativos sobre a Unidade”.



Figura 78. Representação da zona de amortecimento feita por moradores da Resex do Rio Gregório

No caso da Resex do Rio Gregório, como a Unidade de Conservação já é cercada de outras áreas protegidas, foi gerado uma zona de proteção de 10 km a oeste e sudeste da bacia do rio Gregório, abrangendo parte das bacias da Reconquista e do Eiru e considerando somente as áreas não contempladas por outras Unidades de Conservação e Terras Indígenas.

15. REGRAS DE USO DA RESEX DO RIO GREGÓRIO



As regras de uso da Resex do Rio Gregório foram estabelecidas de forma participativa por meio de oficinas e discussões coletivas. Elas levam em consideração aspectos levantados nos diagnósticos biológicos, socioeconômicos, bem como nas potencialidades identificadas para geração de renda e no mapeamento participativo de uso de recursos. Além disso, todas as regras e acordos aqui contidos devem observar a legislação ambiental vigente.

1. Da responsabilidade pela execução das regras

Todos os moradores da Resex são responsáveis pela execução das regras acordadas para o uso de recursos, o acesso e a permanência na Unidade de Conservação. Também a Secretaria de Estado do Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável (SDS) – por intermédio do Centro Estadual de Unidades de Conservação (CEUC), o Instituto de Proteção Ambiental do Estado do Amazonas (IPAAM), a Associação dos Moradores Agroextrativistas da Resex do Rio Gregório (AMARGE) e todas as demais instituições atuantes dentro do limite da Reserva devem observar e executar os referidos acordos.

2. Das finalidades das regras de uso da Resex

As regras de uso tem como objetivo:

- a. Assegurar a sustentabilidade da Unidade de Conservação a partir da regulamentação da utilização dos recursos naturais e dos espaços comuns.
- b. Embasar o compromisso entre comunidades beneficiárias e órgão gestor para assegurar a utilização de práticas sustentáveis, bem como garantir a manutenção das atividades tradicionais.
- c. Respaldar as comunidades, o órgão gestor, o Conselho Deliberativo da Resex, bem como a sociedade civil na função de fiscalizar o cumprimento dos objetivos da Unidade de Conservação.

3. Da criação de animais

A criação de animais é um importante elemento do planejamento e da organização das ações de gestão da Resex na busca pelo cenário idealizado na visão de futuro. Alguns elementos citados como metas a serem alcançadas, a exemplo da saúde, têm relação direta com o atual sistema de criação de animais. Alguns sintomas e doenças comuns nas comunidades, como diarreia e dores estomacais, podem estar ligados à contaminação pelo contato com as fezes de porcos domésticos e de outros animais.

Também para a preservação dos ambientes, a criação de animais de grande porte pode representar um conflito, já que demanda grande extensão de área, tem baixa produtividade e necessita deflorestamento total para formação de pastagens.

As regras apresentadas abaixo foram construídas em conjunto com as comunidades presentes na Oficina de Planejamento Participativo.

a. Da criação de suínos:

- I. O criador/proprietário é responsável pela construção de cercas para que os animais não circulem nos espaços comuns.
- II. Chiqueiro deve ficar afastado das fontes de captação de água, ou a jusante da comunidade, de preferência afastado das casas a fim de evitar mau cheiro e contaminação.
- III. É permitido que seja cercada a comunidade ao invés dos animais.
- IV. O número máximo de porcos permitido por unidade familiar é 50 animais.

b. Da criação de bovinos:

- I. O criador/proprietário é responsável pela construção de cercas e áreas de pastagens para o gado.
- II. Na formação de áreas de pastagem deve-se considerar a proporção máxima de duas cabeças de gado por hectare.
- III. O número máximo de bovinos permitido por unidade familiar é de 30 cabeças para aqueles que já possuíam criação no início de 2010. Ultrapassando este limite o criador deve se adequar.
- IV. Não é permitida a compra ou a entrada de novo gado na área da Reserva.
- V. É permitida a venda do gado existente na Resex para a cidade ou entre criadores da Reserva, desde que não se ultrapasse o limite estipulado neste Plano.
§. Como novo gado entende-se os animais que não estavam na Unidade de Conservação no início de 2010. Animais nascidos de matrizes existentes na área podem permanecer desde que não ultrapassem o número máximo acordado.

c. Da criação de ovelhas e cabras:

- I. O criador/proprietário é responsável pela construção de cercas para que os animais não circulem livremente nos espaços comuns.
- II. O número máximo de ovelhas permitido por unidade familiar é de 30 animais.
- III. O número máximo de caprinos permitido por unidade familiar é de 10 animais.

d. Da criação de patos e galinhas:

Parágrafo único. Cada família é responsável por cuidar da sua criação a fim de que não sejam causados danos a terceiros.

e. Disposições gerais:

- I. Somente os moradores beneficiários da Resex poderão possuir qualquer tipo de criação de animais na área da Unidade de Conservação.
- II. O prazo limite para cercar os animais é julho de 2011, contados 18 meses a partir do estabelecimento dos acordos.

4. Da caça

A caça é um hábito tradicional das comunidades da Resex do Rio Gregório e constitui um importante complemento na alimentação, sobretudo no inverno, quando a pesca se torna mais difícil e não há outra fonte de proteína.

No entanto, mesmo sendo uma atividade essencial ao processo de reprodução social, é necessário que sejam estabelecidas algumas regras, além de reforçar outros pressupostos já previstos em lei.

Constam abaixo as regras pactuadas pelas comunidades da Resex a respeito da caça.

I. Somente os moradores da Resex do Rio Gregório podem caçar no território da Unidade.

II. Fica proibida a caça do uacari (*Cacajau calvus*), do peixe-boi (*Trichechus inunguis*) e do tamanduá (*Cyclopes didactylus*).

III. É permitido uso de cachorro para afugentar e caçar os animais nas intermediações da roça quando estes estiverem prejudicando a atividade agrícola.

IV. Fica proibido o uso de cachorro para caça nos igarapés centrais.

V. Fica permitido o uso de armadilha apenas nos roçados, sendo sua utilização proibida nos demais locais.

VI. O abate de felinos (onça e maracajá) somente será aceitável em caso de ameaça às pessoas ou criações de animais..

VII. Para caça nas áreas de outras comunidades deve-se pedir autorização a elas.

VIII. É proibido armar rede de proteção dos açazeiros para capturar curica.

IX. É proibida a venda de qualquer animal silvestre, vivo ou morto, ou parte dele, para qualquer pessoa, regatão ou mesmo na cidade.

X. Conforme legislação pertinente, é proibido prender e comercializar aves da fauna, a exemplo do curió.

XI. É proibida a caça comercial ou de subsistência da maracanã-de-cabeça-azul, *Primolius couloni*, espécie registrada na Resex do Rio Gregório, considerada ameaçada pela IUCN.

5. Da pesca

I. Somente os moradores são autorizados a pescar nos rios, lagos e igarapés da Unidade de Conservação.

II. Aos visitantes, regatões e professores é permitida a pesca para o consumo durante sua estadia nos limites da Reserva..

III. Fica proibida a comercialização de peixe na Resex.

IV. É permitido levar até 15 kg de peixe para parentes que estejam residindo na cidade.

V. É permitido levar peixe para o rancho em viagens para a cidade.

VI. É permitida a pesca com tarrafa, caçoeira (manga ou malhadeira), flecha, anzol, espinhel e caniço.

VII. É proibida a pesca com spec, veneno natural (timbó, etc.) ou veneno artificial.

VIII. Para pesca em área de outras comunidades é necessário autorização daquela comunidade ou de seu representante.

IX. É proibido fechar o rio ou os igarapés com malhadeira.

X. É proibida a pesca da matrinchã na época da desova, bem como na saída do igarapé do Coatá e do Monte Alegre e na entrada da Resex do Rio Gregório.

XI. É proibida a pesca de todos os bichos de casco, com exceção do jabuti, por dois anos. No fim deste período deve ser realizada uma nova reunião para avaliação da iniciativa.

XII. Ficam decretadas como praias de preservação de tabuleiro:

- 1) Praia Grande da Estação
- 2) Praia Preta (ou praia do morro)
- 3) Praia Chatinha
- 4) Praia do Abel

- 5) Praia e Lago dos Paus (próximo à colocação Avenida, entre o Muxila e o Bacuri)
- 6) Praia do Puca (primeira praia abaixo do São João)
- 7) Praia da Voçoroca (abaixo da comunidade do Bacuri)
- 8) Praia do Macena (acima do Igarapé Preto)
- 9) Praia da Odete
- 10) Praia do Toia
- 11) Praia do Cantagalo (última praia da Reserva - montante)
- 12) Praia Grande (próximo à comunidade do Dalva - Sr. Francisco já faz um trabalho no local).

6. Da agricultura

- I. Somente os moradores beneficiários da Resex podem possuir cultivos no território da Unidade de Conservação.
- II. O máximo de área de roça aberta para plantio por agricultor é de 2 ha/ano
- III. Devem ser priorizadas áreas de capoeira para a abertura de novos roçados.
- IV. Fica instituída como distância mínima dos cursos d'água perenes na terra firme para instalação de agricultura:
 - 1) Igarapés com largura de até 2 metros - respeitar margem de 15 metros.
 - 2) Igarapés centrais com mais de 2 metros largura - distância (margem) de 35 metros.
 - 3) Olhos d'água (nascentes) - um "cinturão verde" de 15 metros de raio livre de agricultura
- V. Devem ser priorizadas áreas para agricultura que não tenham olhos d'água.
- VI. Deve-se fazer aceiro na áreas de capoeira fina e na áreas com capim tipo "rabo de raposa" antes de realizar qualquer uso de fogo (queimada).
- VII. É permitido o plantio de melancia, feijão e culturas de várzea nas praias, com exceção das praias de preservação de tabuleiro.
- VIII. Deve ser incentivado o plantio consorciado para otimização da produção e melhorar a alimentação.

- IX. Deve ser incentivada a formação de sítios com produção diversificada voltada para alimentação e para o comércio.
- X. No caso de um produtor querer abrir um roçado na capoeira aberta por outro morador deve-se antes pedir autorização a ele.
- XI. Deve-se dar preferência para uso de defensivos orgânicos ao invés do agrotóxico atualmente utilizado no combate a formigas.
- XII. Não é permitido utilizar fogo em qualquer tipo de colheita.
- XIII. Para a abertura de áreas de floresta nativa deverá ser pedida anuência do órgão gestor.

7. Dos produtos florestais madeireiros

- I. É proibido a pessoas de fora retirar madeiras da Resex.
- II. Para retirar madeira com fins de auto-abastecimento em área de uso de outra comunidade é necessário autorização desta.
- III. É permitido a todas as família moradoras retirar madeira para construção/reforma de casas, barcos, canoas, móveis e galpões de uso comunitário.
- IV. Somente será feita a comercialização de madeira mediante plano de manejo florestal comunitário e autorização do órgão licenciador.
§ - É proibida a venda de madeira dentro da Resex. No caso de um morador que não tenha prática do trabalho com madeira, somente pode ser pago/cobrado o serviço do serrador e carpinteiro, sendo a madeira um patrimônio de todos.
- V. É permitido beneficiar a madeira para fazer móveis e utensílios para as casas situadas no interior da Resex.
- VI. Fica proibido, conforme legislação vigente, a derrubada da castanheira (*Bertholletia excelsa*), seringueira (*Hevea brasiliensis*), copaibeiras (*Copaifera* sp.) e andirobeiras(*Carapa guianensis*).

8. Dos produtos florestais não-madeireiros

- a. Da andiroba (*Carapa guianensis*).
 - I. Somente moradores da Resex podem coletar sementes.
 - II. É permitido coletar até 80% das sementes de uma mesma árvore, devendo-se observar a prática de deixar sementes para alimentação da fauna e para a dispersão da espécie (mínimo de 20%).

III. É proibido adicionar qualquer tipo de impureza ao óleo.

b. Da copaíba

I. É proibido coletar o óleo da copaíba com motosserra, machado ou qualquer material que comprometa a sobrevivência da árvore.

II. Somente os extratores capacitados podem explorar comercialmente o óleo.

III. É proibido adicionar qualquer tipo de impureza ao óleo.

c. Das palmeiras

I. É proibido derrubar as seguintes espécies: açai (*euterpe precatoria*), abacaba (*oenocarpus bacaba*) e patauí (*oenocarpus bataua*)

II. É proibido coletar as sementes do chão.

III. É proibido coletar as sementes verdes.

IV. Deve-se retirar somente as palhas maduras da jarina.

d. Do mel

I. É permitido capturar abelhas/colméias apenas em árvores ocadas.

II. Não é permitido derrubar arvores para coletar mel

d. Das seringueiras e sorveiras

I. É proibida a derrubada da seringueira e da sorveira.

II. É proibido dar mais de um corte por arriação.

III. Deve-se evitar qualquer mistura no latex (caucho, goma, barro, etc.).

IV. É recomendado fazer limpeza na picada da estrada de seringa.

V. Deve-se evitar cortes profundos na seringueira.

VI. É proibido usar etrel na seringueira.

e. Dos cipós.

I. É proibido derrubar qualquer árvore para retirada de cipó.

II. Deve-se retirar apenas os cipós maduros.

III. Deve-se seguir as Instruções Normativas para a retirada comercial do cipó titica (*Heteropsis flexuosa*).

f. Do muru-muru

I. Somente devem ser coletadas as sementes que estiverem no chão

II. É permitido coletar até 80% das sementes de cada árvore, devendo-se observar a prática de deixar sementes para alimentação da fauna e para a dispersão da espécie (mínimo de 20%).

g. Do Breu

I. É proibida a derrubada da árvore;

II. Somente se deve coletar a resina quando estiver seca.

9. Das normas e regras de convivência da comunidade

I. Novos moradores têm que ser autorizados pela associação, sendo o período de experiência de 2 anos, tal como rege o estatuto.

II. Moradores antigos podem mudar-se livremente, desde que, quando para outra comunidade, haja autorização expressa desta.

III. Os visitantes não podem desrespeitar as regras da Reserva.

IV. Os visitantes são livres para entrar na Reserva, entretanto, cabe a quem os convidou a responsabilidade de informá-los acerca das regras ali vigentes.

V. Os pesquisadores de qualquer área devem ter autorização do governo. É obrigatório o uso de assistentes de campo do local.

VI. Fica proibido o comércio de bebidas alcoólicas dentro da Resex.

VII. Cada comunidade cuidará do seu lixo e terá um depósito para o mesmo. O regatão usará o depósito de lixo da comunidade.

VIII. Pilhas e baterias deverão ser entregues ao IDAM ou ao gestor da Unidade.

IX. Fica proibido jogar lixo na mata.

X. Pesquisas e pesquisadores somente serão permitidos com autorização do Conselho Gestor da Unidade e do Centro Estadual de Unidades de Conservação (CEUC-SDS).

XI. Os barcos com banheiro devem aportar a jusante da comunidade para evitar contaminação da água.

XII. Deve-se manter limpas as áreas de uso comunitário, banheiros e espaços de reunião.

XIII. Somente os moradores da Reserva podem ter acesso aos benefícios do governo.

§. Entende-se como morador da Reserva aquele que vive e convive na Unidade de Conservação e que tem nesta área sua fonte de renda.

10. Da zona de amortecimento.

Parágrafo único. O Instituto de Proteção Ambiental do Estado do Amazonas (IPAAM) e as Secretarias Municipais de Meio Ambiente têm como função licenciar, ouvindo previamente manifestação do Conselho Gestor, e fiscalizar atividades potencial ou efetivamente poluidoras ou degradadoras na Zona de Amortecimento, aplicando as correspondentes sanções administrativas, tal como disposto no Sistema Estadual de Unidades de Conservação.

16. ESTRATÉGIA GERAL DE GESTÃO



Alcançar a visão de futuro e os objetivos da Resex do Rio Gregório, sobretudo aqueles referentes à conservação da natureza aliada à melhoria da qualidade de vida dos moradores, pressupõe, nesse primeiro ciclo de gestão da Unidade, um foco nas atividades de organização social e de geração de renda através do manejo de produtos florestais.

A implementação de tais ações na Resex do Rio Gregório necessitará, indubitavelmente, de parcerias com instituições governamentais, empresas, organizações da sociedade civil e instituições de pesquisa. Sendo assim, a busca e o fortalecimento das parcerias interinstitucionais deverão estar na pauta do órgão gestor e dos técnicos envolvidos na implementação da Unidade.

A Resex do Rio Gregório é umas das UC Estadual do Amazonas que está concorrendo ao financiamento da fase II do programa federal Áreas Protegidas da Amazônia - ARPA, que tem verba disponível até 2014.

Recentemente, a Resex do Rio Gregório foi escolhida para ser contemplada por um projeto de geração de renda a ser implementado em parceria com a grife IODICE. Os benefícios para as famílias residentes na UC serão provenientes do fundo de arrecadação a partir da venda do livro “A Moda no Amazonas”, a ser lançado em 2010, e parte da venda de objetos produzidos com matéria prima local. A renda gerada com essa arrecadação deverá ser aplicada, segundo consulta aos moradores, em bens de uso coletivo e infraestrutura para as comunidades.

Ações desta natureza podem, certamente, beneficiar as comunidades locais. É necessário contudo, que todos os projetos e programas dirigidos à Resex do Rio Gregório sejam acompanhados de ações de fortalecimento da organização social, uma vez que a coesão social é indispensável para que a situação de isolamento geográfico das comunidades, que dificulta o acesso a bens e serviços públicos essenciais, deixe de ser um entrave ao desenvolvimento local.

Por isso, nos próximos cinco anos é fundamental:

- Que a AMARGE, associação que representa os moradores da Resex do Rio Gregório, receba acompanhamento e assessoria técnica especializada. Da mesma forma, é necessário apoiar e estimular a formação de novos grupos, como grupos de mulheres, de artesãos, de jovens, entre outros, e assim aumentar a representatividade dos moradores nos processos decisórios.
- Que as ações de gestão estejam também voltadas para a segurança e a soberania alimentar e nutricional. A diversificação da agricultura e o apoio à produção de alimentos saudáveis devem ser reconhecidos através do Programa de Aquisição de Alimentos (PAA), através do qual a própria comunidade fornece os gêneros para a oferta de merenda escolar.
- Que se busque parcerias para a geração de conhecimento acerca dos produtos existentes no território da Resex, suas formas de manejo e potenciais de comercialização.
- Melhorar a infraestrutura das comunidades, assim como possibilitar, através de parcerias com o poder municipal, o acesso dos moradores da UC a serviços e direitos básicos como educação, saúde, documentação pessoal, aposentadoria e programas de seguridade social.

- Aumentar o efetivo e a capacitação do gestor com a contratação de novos técnicos para atuação exclusiva na Resex do Rio Gregório, bem como estruturar a base operacional em Eirunepé.

O Conselho Gestor deverá ser o principal instrumento para acompanhar, fiscalizar e defender os interesses e objetivos da Unidade de Conservação. Além disso, deverão ser criados mecanismos, condições e meios para que os gestores, conselheiros e representantes das populações locais sejam agentes mobilizadores na implementação e no monitoramento, articulando junto ao poder público e aos diversos segmentos sociais as propostas para resolução e amenização dos problemas existentes, tornando mais viáveis as ações previstas no Plano de Gestão e mais concretos os resultados esperados.

17. PROGRAMA DE GESTÃO



Os programas de gestão são estruturados com o intuito de direcionar as demandas e organizar as ações para o cumprimento da missão e dos objetivos da Resex. Neste plano, cada programa contém subprogramas de acordo com os objetivos da Unidade de Conservação. Em cada subprograma pode, ainda, haver diferentes projetos conforme demandas específicas da Resex do Rio Gregório.

Os subsídios para estes programas e subprogramas foram obtidos nas Oficinas de Planejamento Participativo da Resex, realizadas em fevereiro de 2010, sendo também utilizados os dados obtidos em diagnósticos biológicos, socioeconômicos e de uso e acesso a recursos naturais, frutos de estudos realizados entre dezembro de 2005 e abril de 2009.

Os programas de gestão foram elaborados no intuito de fomentar a pesquisa científica, a geração de renda através do manejo dos recursos naturais, a educação ambiental e a proteção da biodiversidade e a melhoria da qualidade de vida da população residente da Resex.

Desta forma, os programas de gestão estão estruturados em cinco linhas básicas, definidas de acordo com o Roteiro Metodológico do Centro Estadual de Unidades de Conservação:

- 1) Programa de Conhecimento.
- 2) Programa de Uso Público.
- 3) Programa de Manejo do Meio Ambiente.
- 4) Programa de Apoio às Comunidades.
- 5) Programa de Operacionalização.

17.1. Programa de Conhecimento

Este programa tem como objetivo gerar conhecimento através da realização de pesquisas para o desenvolvimento e a difusão de práticas sustentáveis de manejo de recursos, dinâmicas sociais, economia e fluxos, história e micro-história, bem como sobre a biodiversidade existente na UC, conflitos, ameaças e formas de proteção.

Composto dos subprogramas de pesquisa e monitoramento ambiental, o programa de conhecimento tem os objetivos e resultados dispostos na Tabela 3.

Tabela 46. Objetivos gerais do Programa de Conhecimento de acordo com subprogramas e resultados esperados.

Objetivos do Programa de Conhecimento	Subprograma	Resultados
Aprofundar os conhecimentos sobre a ocupação humana e os ciclos econômicos da borracha, da madeira e da agricultura no rio Gregório.	Pesquisa	1. Conhecimentos mais aprofundados sobre os meios abióticos, assim como sobre a biodiversidade local e os fluxos atuais e históricos da economia e das populações, subsidiando a gestão da Unidade e a formulação de novos projetos.
Aumentar o conhecimento sobre as relações entre as espécies da fauna, flora, e delas com as comunidades, gerando informações que subsidiem o manejo e a conservação.		

Aprofundar os conhecimentos sobre a fauna e a flora encontradas na UC, a fim de gerar subsídios para o manejo e para conservação.	Monitoramento	2. Acompanhamento da evolução e desenvolvimento do ambiente físico e dos recursos naturais existentes na Resex do Rio Gregório. Monitoramento dos impactos das atividades desenvolvidas na Unidade e subsídios para as avaliações do Plano de Gestão.
Monitorar pressões e ameaças sobre a biodiversidade, bem como a produção agroextrativista e a efetividade da implementação de projetos de conservação.		

17.1.1. Subprograma de Pesquisa

Tabela 47. Matriz do Programa de Conhecimento – Subprograma de Pesquisa

Subprograma de Pesquisa - Resultado 1								
Ações	Responsável	Instituições Parceiras	Pré-requisitos	Cronograma por ano				
				1	2	3	4	5
Articular centros de pesquisa e fontes de financiamento para viabilizar a pesquisa científica na UC, priorizando instituições regionais.	SDS e CEUC	INPA, UFAM, UEA, FAPEAM e CNPQ	Recursos humanos e técnicos disponíveis para elaboração de propostas de parcerias					
Realizar estudos sobre a população de quelônios e o uso destes na alimentação da população local.	DPMA	INPA, UFAM, UEA e outras universidades	Pesquisadores interessados e/ou recursos humanos, técnicos e financeiros disponíveis					
Fomentar pesquisas sobre as dinâmicas econômicas atuais das populações, considerando sua relação com agentes comerciais, os programas sociais existentes e as formas de comercialização da produção agroextrativista.	DPMA-DPT	UFAM, UEA e outras universidades	Divulgação das demandas de pesquisa, aproximação com centros de pesquisa da área social, bem como recursos financeiros disponíveis					

Realizar pesquisas sobre práticas tradicionais de manejo de recursos.	DPMA	IDAM, SEAFE, ADS, INPA, UFAM, UEA e outras universidades	Pesquisadores interessados e/ou recursos humanos, técnicos e financeiros disponíveis				
Aprofundar conhecimento sobre formas de organização das comunidades.	DPT	DPMA, UFAM, UEA e outras universidades	Pesquisadores interessados e/ou recursos humanos, técnicos e financeiros disponíveis				
Intensificar estudos acerca da fauna presente nas áreas de tabocais, situadas na parte sul da Resex.	DPMA	INPA, UFAM, UEA e outras universidades	Pesquisadores interessados e/ou recursos humanos, técnicos e financeiros disponíveis				
Realizar estudos específicos sobre espécies novas ou endêmicas de mamíferos.							
Realizar novos levantamentos de avifauna durante o período da estiagem.							
Aprofundar as pesquisas sobre a microbacia do Bacuri II para averiguação da alta diversidade de espécies ali existente, sobretudo da herpetofauna.							
Fomentar e estimular a produção de dissertações e teses sobre espécies raras, endêmicas ou ameaçadas, tais como a maracanã-de-cabeça-azul, o quatipuru-mandingueiro, a pacarana e a gatiara.							

Realizar pesquisas sobre técnicas de exploração sustentável do caucho.								
--	--	--	--	--	--	--	--	--

17.1.2. Subprograma de Monitoramento

Tabela 48. Matriz do Programa de Conhecimento - Subprograma de Monitoramento.

Subprograma de Monitoramento - Resultado 2								
Ações	Responsável	Instituições Parceiras	Pré-requisitos	Cronograma por ano				
				1	2	3	4	5
Monitorar o cumprimento dos acordos para criação de gado: tamanho do rebanho, entrada de novo gado na UC e abertura de novos pastos.	CEUC - DPMA	IDAM	Imagens de satélite da região atualizadas e pessoal capacitado.					
Monitorar o desmatamento e as atividades ilegais nas áreas de tabocais.		IMAZON, INPE e SIVAM	Imagens de satélite da região atualizadas e pessoal capacitado.					
Monitorar a população da maracaranã-de-cabeça-azul.		INPA, UFAM, UEA e comunidades	Levantamento de avifauna do período de estiagem realizado. Novos estudos específicos realizados.					
Monitorar aves da fauna cinegética ameaçadas: mutum, jacu e cujubim.								
Monitorar mamíferos com alta pressão de caça, tais como queixada, anta e macaco preto.		INPA, UFAM, UEA, FAPEAM, AMARGE e comunidades	Recursos humanos e técnicos disponíveis					
Monitorar tabuleiros de desova de quelônio nas praias de preservação indicadas neste plano.			Aceitação do programa pelos moradores e realização de estudos sobre quelônios					

17.2. Programa de Uso Público

Este programa tem como objetivo geral desenvolver ações voltadas ao lazer, divulgação e educação ambiental na Unidade de Conservação e na área de entorno. Composto pelos subprogramas de educação ambiental e de divulgação, o programa de uso público visa ainda aproximar as instituições que atuam na UC com as comunidades locais e do entorno.

Os objetivos específicos que norteiam as ações deste programa e os resultados esperados dos subprogramas encontram-se descritos na tabela abaixo.

Tabela 49. Objetivos específicos do Programa de Uso Público de acordo com subprogramas e resultados esperados.

Objetivos do Programa de Uso Público	Subprograma	Resultados
Aproximar os moradores e o poder público das cidades de Eirunepé e Ipixuna, da Resex do Rio Gregório, bem como de suas normas específicas e objetivos.	Educação Ambiental	1a. Adoção de práticas sustentáveis nas comunidades.
Evitar o desperdício de recursos naturais e a extinção de animais importantes que compõem a fauna local.		1b. Realização de eventos com a participação de moradores do entorno.
Promover eventos que estimulem os moradores da UC e do entorno a adotar práticas compatíveis com a conservação da área.		
Divulgar a Unidade de Conservação local e regionalmente	Divulgação	2. Moradores da Resex e do entorno informados e conscientes dos limites, objetivos e das regras de uso na Unidade de Conservação.
Divulgação da reserva em eventos científicos, publicação de trabalhos e artigos		3. Sociedade brasileira e mundial informada sobre a existência e objetivos da Resex rio Gregório, seus produtos e culturas
Promoção do lazer para as populações residentes da reserva	Lazer	4. Identificação de ambientes e valorização dos ambientes e ativos naturais da área

17.2.1. Subprograma de Educação Ambiental

Tabela 50. Matriz do Programa de uso Público – Subprograma de Educação Ambiental.

Subprograma de Educação Ambiental - Resultado 1a								
Ações	Responsável	Instituições Parceiras	Pré-requisitos	Cronograma por ano				
				1	2	3	4	5
Sensibilizar e promover condições aos moradores para cumprimento das regras do Plano de Gestão.	CEUC-DPMA	DPT, AMARGE e Secretarias Municipais de Educação	Ações de EA integradas às pesquisas de quelônios e ao monitoramento de tabuleiros					
Promover oficinas de compostagem nas comunidades.	CEUC	IPAM (Instituto de Permacultura da Amazônia), IDAM, UFAM e UEA	Parcerias formalizadas com ONGs e demais instituições					
Promover sensibilização quanto à importância da preservação dos tabuleiros de desova de quelônios.	CEUC	DPMA - DPT	Acompanhamento do cumprimento das regras iniciado					
Viabilizar cursos para professores para incluir a Educação Ambiental no currículo escolar.	CEUC	SEMED, SEDUC e Prefeituras Municipais	Parcerias formalizadas com as Prefeituras e Secretarias de Educação Municipais e Estadual					
Promover capacitação e acompanhamento para tratamento ou destinação correta do lixo gerado nas comunidades.	CEUC	Secretarias Municipais de Educação, Saúde e Obras.	Parcerias formalizadas com as Prefeituras e Secretarias vinculadas					
Promover campanhas de sensibilização junto aos proprietários e usuários de embarcações quanto à importância da questão do lixo no rio Gregório.	CEUC	Secretarias Municipais de Educação, Saúde e Obras e Colônia de Pescadores.	Parcerias formalizadas com a Colônia de Pescadores, as Prefeituras e Secretarias vinculadas					

Promover a sensibilização dos moradores quanto à importância das serpentes, assim como informá-los sobre as espécies realmente peçonhentas ou potencialmente perigosas, de modo a evitar a matança desnecessária de indivíduos dessas espécies.	CEUC	Secretarias Municipais de Educação, DPMA, INPA e Instituto Butantã	Parcerias instituídas com os citados órgãos de pesquisa					
---	------	--	---	--	--	--	--	--

17.2.2. Subprograma de Divulgação

Tabela 51. Matriz do Programa de Uso Público – Subprograma de Divulgação.

Subprograma de divulgação - Resultado 2								
Ações	Responsável	Instituições Parceiras	Pré-requisitos	Cronograma por ano				
				1	2	3	4	5
Confeccionar a logomarca da Reserva.	SDS-CEUC	ASCOM-SDS	-					
Produzir material de divulgação da UC: cartazes, cartilhas e folders.			Informações sobre a UC e banco de imagens sistematizados					
Divulgar e promover a Resex na mídia e em eventos sobre unidades de conservação.			Materiais de divulgação e de estratégia prontos					
Divulgar a Resex nos meios de comunicação (jornais escritos e rádio), bem como através de cartazes no comércio e em órgãos públicos locais.								

17.3. Programa de Manejo do Meio Ambiente

Este programa tem como objetivo geral garantir o uso e a manutenção dos recursos naturais da Unidade de Conservação mediante a adoção de práticas de baixo impacto na exploração comercial de produtos florestais, bem como assegurar a prevenção e a contenção de ações que possam por em risco a disponibilidade dos recursos naturais na área.

Composto pelos subprogramas de manejo de recursos e de proteção, este programa tem como objetivos específicos e resultados esperados os itens descritos na tabela abaixo.

Tabela 52. Objetivos específicos do Programa de Manejo de Recursos de acordo com subprogramas e resultados esperados

Objetivos do Programa de Manejo e Fiscalização	Subprograma	Resultados
Promover a conservação, e o manejo dos recursos naturais, ambientes e de espécies ameaçados ou de interesse para a conservação.	Manejo de recursos	1a. Atividades de manejo de PFM implementadas e gerando renda para as comunidades
Promover o desenvolvimento de atividades produtivas na Resex através do manejo sustentável dos recursos naturais		1b. Atividades de manejo de PFNM implementadas e gerando renda para as comunidades.
Zelar pela integridade da Unidade de Conservação prevenindo e contendo a realização de ações ilícitas.	Proteção	2. Vigilância e fiscalização contínuas e redução das atividades ilegais na área da UC.

17.3.1. Subprograma de Manejo de Recursos

Tabela 53. Matriz do Programa de Manejo de Recursos – Subprograma de Manejo de Recursos de acordo com resultado 1a

Subprograma de manejo de recursos - Resultado 1a								
Ações	Responsável	Instituições Parceiras	Pré-requisitos	Cronograma por ano				
				1	2	3	4	5
Realizar inventário madeireiro nas áreas indicadas pelo zoneamento.	DMGR	SEAFE	-					
Elaborar e implementar plano de manejo madeireiro de base comunitária nas áreas determinadas no zoneamento da UC.	DMGR	IDAM, IPAAM e SEAFE	Inventário das áreas a serem manejadas e condições de acesso e escoamento					
Capacitar os moradores para produção de móveis e outros objetos que agreguem valor à madeira.	CEUC	FAS	Plano de manejo madeireiro implementado					
Capacitar os beneficiários do programa de manejo para o empreendedorismo comercial e negócios.		FAS e SEBRAE	Plano de manejo madeireiro iniciado					

Iniciar o processo de certificação da madeira.		FAS	Plano de manejo madeireiro implementado			
--	--	-----	---	--	--	--

Tabela 54. Matriz do Programa de Manejo de Recursos - Subprograma de Manejo de Recursos de acordo com resultado 1b.

Subprograma de manejo de recursos - Resultado 1b								
Ações	Responsável	Instituições Parceiras	Pré-requisitos	Cronograma por ano				
				1	2	3	4	5
Inventariar áreas de jarinais durante o período de estiagem.	DMGR	DPMA, ADS, SEAFE, IDAM, INPA e UFAM	-					
Articular as comunidades com o Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) e Política de Garantia de Preços Mínimos (PGPM).	DGR e CEUC	MDA	Produção de alimentos sem agrotóxicos nas comunidades					
Capacitar os seringueiros e apoiar a reabertura de estradas de seringa.	CNS e ADS	CEUC, AMARGE, FAS, IDAM e Prefeituras Municipais	Acesso aos kits sangria para os seringueiros					
Reativar a cadeia produtiva da borracha.	CNS e ADS	CEUC, AMARGE, FAS, IDAM e Prefeituras Municipais	Seringueiros capacitados e cadeia de comércio mapeada					
Implementar o plano de manejo da jarina	DMGR	DPMA, ADS, SEAFE, IDAM, INPA e UFAM	Plano de negócios e cadeia de comercialização mapeada					
Reativar os entrepostos comerciais dos setores.	CNS e ADS	CEUC, AMARGE, FAS, IDAM e Prefeituras Municipais	AMARGE estruturada, processo de escoamento definido					
Iniciar o processo de implementação de um programa de comércio dos óleos vegetais.	DMGR	ADS e SEAFE	Disponibilidade de recursos na UC para uso comercial					

Capacitar os beneficiários do programa de manejo para o empreendedorismo comercial e negócios.	CEUC	FAS e SEBRAE	Plano de manejo de PFNM iniciado				
Implementar sistema <i>Voisin</i> * e outros métodos de menor impacto e maior rendimento no pastoreio de animais.	CEUC	IDAM, ONGs e consultores especializados	Diagnóstico da pecuária e TDR elaborado				
Implementar Unidades Demonstrativas de agroecologia e/ou agrofloresta nas comunidades.	CEUC	IDAM, IPAM, ONGs e EMBRAPA	Moradores sensibilizados e parcerias instituídas				
Estimular o uso de defensivos orgânicos no combate às formigas							
Difundir práticas e conhecimentos a respeito do cultivo e do uso das plantas medicinais.	CEUC	AMARGE e Secretarias Municipais de Saúde					
Iniciar processo de certificação dos produtos.	CEUC	FAS	Plano de manejo de PFNM implementado				
Elaborar e implementar projetos de apoio à diversificação de produção agrícola e à formação de áreas de cultivo permanente.	IDAM e CEUC	IPAM e MDA	Parcerias instituídas				

Capacitar os moradores para melhor uso dos recursos naturais, diversificando a produção de manufaturas de produtos vendáveis e agregando valor.	CEUC e DMGR	SEBRAE	Técnicos capacitados e recursos disponíveis						
Fomentar cursos de melhoria da qualidade da farinha	DMGR	IDAM	Moradores capacitados em diversificação da produção						
Estudar a viabilidade do comércio de plantas ornamentais: família araceae, além de helicônias e marantáceas.	DMGR	FAS, IDAM e DPMA	Inventário de estoque potencial para manejo						

* O sistema *Voisin* é um método de criação de bovinos baseado em técnicas sustentáveis de manejo do pasto por meio da instalação de piquetes e rotacionamento das áreas em uso.

Sobre este subprograma cabe observar certa prioridade na execução das atividades ligadas ao manejo da jarina, uma vez que o uso dos frutos dessa palmeira tem grande potencial para geração de renda para as comunidades do rio Gregório, já que dos 62 municípios amazonenses dos quais se dispõe de informações sabe-se que o maior pólo produtor de jarina encontra-se na mesoregião do Alto Solimões e do rio Gregório.

17.3.2. Subprograma de Proteção

Tabela 55. Matriz do Programa de Manejo de Recursos – Subprograma de proteção de acordo com resultado 2.

Subprograma de Proteção - Resultado 2								
Ações	Responsável	Instituições Parceiras	Pré-requisitos	Cronograma por ano				
				1	2	3	4	5
Sinalizar as praias de tabuleiro.	CEUC	AMARGE	Praias identificadas e mapeadas					
Estabelecer parcerias com outros órgãos de fiscalização.	CEUC	IBAMA, FUNAI e PM	Definição de atribuições das instituições					
Elaborar plano de fiscalização segundo demandas específicas da Resex.	DPV e IPAAM	SIVAM	Conhecimento sobre as pressões e ameaças sistematizado					

Elaborar e implementar estratégias específicas para combate ao desmatamento no setor sul da Resex: tabocais e barreiros.	CEUC	DPV, PMA e IBAMA	Informações sobre as áreas disponíveis					
Implantar um sistema de comunicação eficiente nas comunidades.	CEUC	FAS e empresas do setor de telefonia	Parcerias instituídas e recursos disponíveis					
Providenciar a manutenção ou substituição das placas da Resex.	CEUC	Prefeituras Municipais	Recursos disponíveis					
Realizar atividades de sensibilização sobre o programa de AAVs.	DPV e IPAAM	IBAMA	Treinamento e identificação dos moradores					
Realizar treinamento e prover com equipamentos e estrutura a realização do trabalho dos AAVs.	DPV e IPAAM	IBAMA	Parcerias instituídas e recursos disponíveis					
Elaborar e implementar estratégias para combate ao tráfico de animais silvestres, sobretudo aves vivas.	CEUC	IPAAM, PMA, IBAMA, PF e Secretarias Municipais de Meio Ambiente	Atividades ilícitas mapeadas					

17.4. Programa de Apoio às Comunidades

O programa de apoio às comunidades tem como objetivo geral promover o fortalecimento comunitário, estimulando a organização e a união dos moradores na busca por melhores condições de vida, bem como o combate à pobreza e a reivindicação de direitos.

Composto pelos subprogramas de apoio à organização social e qualidade de vida, o programa de apoio às comunidades tem suas ações direcionadas para o aumento do bem-estar na área da UC.

A tabela abaixo aponta os objetivos específicos e os resultados esperados para este programa.

Tabela 56. Objetivos específicos do Programa de Apoio às Comunidades de acordo com subprogramas e resultados esperados

Objetivos do Programa de apoio às comunidades	Subprograma	Resultados
Promover o fortalecimento da organização social e comunitária na Resex do Rio Gregório, aumentando sua capacidade de apoio à gestão da Unidade.	Apoio à organização social	1. Comunidades organizadas e associações fortalecidas, presentes e atuantes na gestão da Resex.
Promover bem-estar e qualidade de vida aos moradores e usuários da UC, favorecendo o acesso a bens, serviços e benefícios sociais.	Qualidade de vida	2. Condições básicas de saúde, educação, transporte, habitação e saneamento atendendo às demandas da população local.

17.4.1. Subprograma de Apoio à Organização Social

Tabela 57. Matriz do Programa de Apoio às Comunidades- Subprograma Apoio à Organização Social de acordo com o resultado 1.

Subprograma de apoio à organização social - Resultado 1								
Ações	Responsável	Instituições Parceiras	Pré-requisitos	Cronograma por ano				
				1	2	3	4	5
Capacitar a direção da AMARGE e lideranças comunitárias em formas e processos de mobilização social.	DPT	CNS, AMARGE e GTA	Parcerias institucionalizadas					
Apoiar a construção de sede e a aquisição de material de escritório para a associação.	CEUC	AMARGE, comunidades, FAS e Prefeituras Municipais	Associação constituída e formalizada					
Capacitar a direção da AMARGE em associativismo e gestão de projetos.	CEUC	SEBRAE e GTA	Parcerias institucionalizadas					
Envolver as mulheres nos processos de organização.	DPT	CNS, AMARGE e GTA	-					
Acompanhar o funcionamento da AMARGE.	DPT	-	-					
Promover cursos consistentes de formação de liderança.	DPT	CNS, AMARGE e GTA	Parcerias instituídas e cursos elaborados					

Capacitar os professores das escolas rurais para auxiliarem a comunidade no processo de organização.	DPT	SEMED e SEDUC	Parcerias instituídas e cursos elaborados					
Apoiar a formação de um grupo organizado de mulheres.	DPT	CNS, AMARGE e GTA	Mulheres envolvidas no processo de organização					
Apoiar a construção de sedes comunitárias, sendo ao menos uma por setor.	CEUC	AMARGE, comunidades, FAS e Prefeituras Municipais	Parcerias institucionalizadas					

17.4.2. Subprograma de Qualidade de Vida

Tabela 58. Matriz do Programa de Apoio às Comunidades- Subprograma Qualidade de Vida de acordo com o resultado 2.

Subprograma de qualidade de vida - Resultado 2								
Ações	Responsável	Instituições Parceiras	Pré-requisitos	Cronograma por ano				
				1	2	3	4	5
Buscar parcerias para instalação de ao menos um posto de saúde dentro da Unidade de Conservação.	CEUC	Conselho Gestor, Secretarias Municipais de Saúde e Secretaria Estadual de Saúde	Conselho capacitado e parcerias instituídas					
Divulgar formas de captação de água da chuva e de métodos de tratamento da água do rio utilizada no consumo diário.	CEUC	FAS e ProChuva	Disponibilidade de acesso a materiais para armazenamento de água					
Elaborar projetos de saneamento ao modelo de outras Resex.	CEUC	AMARGE, iniciativa privada e instituições de financiamento	Técnicos capacitados					
Articular a reforma de todo sistema educacional na área da Resex.	CEUC	SEDUC e SEMED	Diagnóstico do sistema educacional sistematizado					

Ampliar o atendimento do programa de reforma agrária com crédito para habitação	DPT	INCRA e ITEAM				
Promover campanhas para regularização de documentação pessoal dos moradores.	CEUC	Prefeituras Municipais, CEFAZ e FAS	Levantamento das necessidades e mobilização dos parceiros			
Promover campanhas para atendimento de médicos e dentistas no rio Gregório.	Prefeituras	Ministério da Saúde e Forças Armadas	Parcerias instituídas e solicitações formais da associação e do órgão gestor e Conselho Deliberativo			
Capacitar agentes de saúde e professores para atuarem como orientadores das questões de higiene e prevenção de doenças nas comunidades.	Secretarias Municipais de Saúde	CEUC e Secretaria Estadual de Saúde	-			
Disponibilizar meios de transporte para moradores enfermos até o hospital mais próximo.	Prefeituras	FAS	Reivindicações formais da associação e do Conselho Deliberativo			
Incluir temas de saúde e higiene nas aulas das escolas rurais.	Secretarias Municipais de Saúde	Secretarias Municipais de Educação, Conselho Gestor e CEUC	Iniciativas e reivindicação formal do Conselho Gestor			
Apoiar a construção de locais apropriados para destinação do lixo na comunidade.	CEUC	Prefeituras Municipais	Iniciativas e reivindicação formal da Associação			

Implementar unidades demonstrativas de saneamento em ao menos 1 comunidade	ONGs	CEUC, AMARGE, Iniciativa privada e instituições de financiamento, secretaria estadual de obras	Projeto aprovado e com recurso disponível				
Construir escolas na Resex e disponibilizar transporte escolar	Prefeituras	CEUC, FAS	Solicitações formais da AMARGE e conselho da Resex				
Proporcionar oportunidades de Intercâmbio com outras Reservas de Uso Sustentável	CEUC	ICMBio	Moradores interessados e organizados				
Realizar eventos comemorativos relacionados a natureza (dia do Meio Ambiente, dia da árvore e dia da água).	CEUC	Prefeitura Municipal de Eirunepé	Moradores interessados e organizados				

17.5. Programa de Operacionalização

O programa de operacionalização tem como objetivo geral assegurar aos moradores o direito à terra além de prover meios para viabilizar a implementação deste plano e o trabalho cotidiano do gestor da Unidade e de toda equipe do CEUC. Também estão contidas neste programa ações voltadas à busca e ao fortalecimento de instituições parceiras que possam atuar em cooperação direta com o Centro Estadual de Unidades de Conservação na gestão da Resex do Rio Gregório.

Composto pelos subprogramas de regularização fundiária, infraestrutura e equipamentos, e cooperação e articulação interinstitucionais, este programa tem como objetivos específicos e resultados esperados os itens dispostos na Tabela 16.

Tabela 59. Objetivos específicos do Programa de Operacionalização de acordo com subprogramas e resultados esperados.

Objetivos do Programa de Operacionalização	Subprograma	Resultados
Assegurar aos moradores a posse e o direito à terra.	Regularização fundiária	1. Resex com 100% da área regularizada e moradores contemplados com CDRU
Prover instrumentos e infraestrutura para apoiar e viabilizar o trabalho do gestor e de toda equipe do CEUC, assim como de pesquisadores e instituições parceiras.	Infraestrutura e equipamentos	2. Construção e manutenção do funcionamento de um escritório em Eirunepé e de bases de apoio no interior da Resex
Estabelecer parcerias para a gestão e a implementação dos projetos da Resex do Rio Gregório.	Cooperação e articulação interinstitucionais	3. Parcerias formalizadas e instituições cooperando para a implementação do Plano de Gestão da Resex

17.5.1. Subprograma de Reforma Agrária e Regularização Fundiária

Tabela 60. Matriz do Programa de Operacionalização - Subprograma Regularização Fundiária de acordo com o resultado 1.

Subprograma de regularização fundiária - Resultado 1								
Ações	Responsável	Instituições Parceiras	Pré-requisitos	Cronograma por ano				
				1	2	3	4	5
Repassar crédito de fomento do PNRA.	INCRA	DPT-CEUC e AMARGE	Cadastro das famílias					
Cadastrar famílias para emissão do CDRU.	ITEAM	CEUC e AMARGE	Realização do diagnóstico fundiário					
Construir casas com apoio do PNRA.	INCRA	DPT-CEUC e AMARGE	Famílias cadastradas e licitação realizada					
Emitir o CDRU nas áreas onde já foi realizada a medição da área e o cadastro das famílias.	ITEAM	CEUC e AMARGE	Famílias cadastradas e áreas aferidas					
Realizar permuta ou aquisição das terras particulares situadas na Resex.	ITEAM	CEUC	Áreas identificadas e cadeia dominial das propriedades mapeada					

17.5.2. Subprograma de Infraestrutura e Equipamentos

Tabela 61. Matriz do Programa de Operacionalização – Subprograma Infraestrutura de acordo com o resultado 2.

Subprograma de Infraestrutura e Equipamentos- Resultado 2								
Ações	Responsável	Instituições Parceiras	Pré-requisitos	Cronograma por ano				
				1	2	3	4	5
Construir ou alugar sede em Eirunepé para trabalho do gestor e respectiva equipe.	CEUC	-	Imóveis ou terrenos adequados disponíveis para locação ou venda					
Contratar equipe para dar suporte administrativo e compor a secretaria do Conselho Gestor.		-	-					
Construir base de apoio logístico e fiscalização nas proximidades da comunidade do Coatá.		ARPA	Discussão para escolha do local apropriado com a comunidade do Coatá.					
Equipar sede, base de apoio e comunidades (ou setores) com comunicação via rádio ou telefone via satélite.	CEUC	EMBRATEL	Identificação de locais estratégicos para alocação dos rádios ou telefones					
Contratar agentes ambientais na comunidade para trabalhar no apoio e na vigilância da base do Coatá.		-	Identificação, seleção e capacitação de moradores com potencial para o trabalho					

17.5.3. Subprograma de Cooperação e Articulação Interinstitucionais

Tabela 62. Matriz do Programa de Operacionalização - Subprograma Cooperação e Articulação Interinstitucional de acordo com o resultado 3.

Subprograma de Cooperação e Articulação Interinstitucionais - Resultado 3								
Ações	Responsável	Instituições Parceiras	Pré-requisitos	Cronograma por ano				
				1	2	3	4	5
Identificar possíveis parceiros para a gestão da Resex.	CEUC	GTZ	Levantamento de instituições privadas (empresas ou ONGs) com interesse em atuar com o CEUC na gestão da UC					
Formalizar parcerias com as instituições para gestão compartilhada da UC	CEUC	-	Instituição identificada e interessada na cooperação com o CEUC para implementar o Plano de Gestão					
Apoiar o funcionamento do Conselho Deliberativo da Resex	CEUC- DPT	AMARGE	Formação do Conselho					
Capacitar os membros do Conselho Deliberativo	DPT	AMARGE	Programa de capacitação contínua de conselheiros implementado pelo DPT					
Renovar o Conselho Deliberativo	CEUC- DPT	-	Comunidades e instituições sensibilizadas quanto à importância do Conselho					

18. SISTEMA DE MONITORAMENTO E AVALIAÇÃO



O sistema de Monitoramento e Avaliação aqui apresentado é uma ferramenta cujo objetivo é avaliar o andamento e o progresso obtido na execução do Plano de Gestão e de seus respectivos programas, tendo como referência as ações descritas nos subprogramas.

O monitoramento é entendido como uma medição periódica e sistemática de indicadores, que, no presente estudo, se realiza através do acompanhamento continuado das ações planejadas e sistematizadas neste documento.

Neste caso, optou-se pela construção de uma ferramenta de simples aplicação e acompanhamento, cujo público alvo se constitui no órgão gestor e em todas as instituições públicas, ou da sociedade civil, envolvidas na gestão da Resex do Rio Gregório. Por isso optou-se por utilizar dois espaços ou fóruns para esta avaliação: o próprio Centro Estadual de Unidades de Conservação - CEUC, responsável pela gestão das UCs no Amazonas; e o Conselho Deliberativo da Resex do Rio Gregório.

No caso do CEUC, deverão ser realizadas duas reuniões anuais específicas para este fim. A reunião deverá ser provocada, preferencialmente, pelo gestor ou chefe da Unidade em questão, ou pelos coordenadores do Centro. O conselho gestor da UC, que atualmente se reúne com a frequência de três vezes ao ano, também fará a avaliação periodicamente através das reuniões ordinárias. Tanto para o CEUC quanto para o Conselho Gestor serão aplicados os mesmos métodos.

O monitoramento será feito a partir do preenchimento das tabelas que reúnem as ações planejadas para cada ano em todos os subprogramas, bem como as ações contínuas.

Ao todo, o sistema possui seis tabelas, sendo cinco respectivas às ações previstas para cada ano de validade do Plano, e uma para as ações de cunho contínuo, independentes do ano em que terão início.

As tabelas contém cinco campos, dois deles para preenchimento do avaliador. O primeiro campo traz a descrição das ações planejadas nos subprogramas, o segundo refere-se ao responsável pela execução e o terceiro indica os anos de execução daquela atividade. Os dois últimos campos trazem os títulos: status e encaminhamentos. No primeiro deles, status, o avaliador deverá indicar a situação atual da ação dividindo-as em: iniciada, em andamento, atrasada, concluída ou desnecessária. Esta última categoria poderá ser utilizada quando alguma ação planejada não mais fizer sentido para a realidade daquela UC. Assim poder-se-á avaliar também, a qualidade do planejamento dos programas e subprogramas deste Plano. Para o preenchimento deste campo também poderá ser utilizado um sistema de cores, proporcionando uma melhor e mais rápida visualização do andamento geral das ações na tabela de monitoramento.

Deve se padronizar uma linguagem para preenchimento do campo STATUS, por exemplo: Realizado, Realizado parcialmente, Em andamento, Não iniciado, mas previsto, Não previsto ou sem previsão.

O campo “encaminhamentos” deve ser preenchido a partir de uma discussão daquela ação pelos conselheiros ou pelo corpo técnico do CEUC. O objetivo é que se registre, além dos encaminhamentos técnicos, os responsáveis pelo desdobramento das ações necessárias para atingir a meta daquela ação. Desta forma, estes agente deverão trazer a informação daquele campo corrigida e atualizada na reunião consecutiva.

O sistema aqui proposto não é uma camisa de força, devendo ser modificado e aprimorado na lógica de gestão aplicada no CEUC, o PDCA, onde atividades não previstas no plano de Gestão podem ocorrer nesse caso a atividade seria incluída na próxima vez que irá ser realizado o monitoramento.

Abaixo é apresentado um exemplo de preenchimento da tabela e, na sequência, as tabelas de monitoramento que deverão ser reproduzidas e preenchidas em todas as reuniões.

Tabela 63. Exemplo de preenchimento dos campos de monitoramento das ações

Ação	Responsável	Período	Status	Encaminhamentos
Produção de material de divulgação da UC: cartazes, cartilhas e folders	CEUC	Anos 2 e 4	Em andamento	Layouts em aprovação pelo CEUC – O Labgeo do CEUC fica responsável por fornecer os mapas restantes até 2ª quinzena de abril para conclusão dos folders.

Tabela 64 - DE MONITORAMENTO - ANO 1

Ação	Responsável	Período	Status	Encaminhamentos
Articular centros de pesquisa e fontes de financiamento para viabilizar a pesquisa científica na UC, priorizando instituições regionais.	SDS e CEUC	Ano 1		
Realizar estudos sobre a população de quelônios e o uso destes na alimentação pela população local	DPMA	Ano 1		
Aprofundar o conhecimento acerca das formas de manejo da Jarina	DPMA	Ano 1		
Monitorar o cumprimento dos acordos para criação de gado: tamanho do rebanho, entrada de novo gado na UC e abertura de novos pastos	CEUC e DPMA	Ano 1		
Inventariar áreas de Jarinais durante o período de estiagem	DGR	Ano 1		
Realizar uma primeira experiência de comércio de Jarina	DGR	Ano 1		
Capacitação dos seringueiros e reabertura de estradas de seringa	CEUC	Ano 1		
Reativação da cadeia produtiva da borracha	CEUC	Ano 1		
Reativação dos entrepostos comerciais dos setores	CEUC	Ano 1		
Articulação das comunidades com o Programa	DGR e	Ano 1		

de Aquisição de Alimentos (PAA)	CEUC	
Capacitar a direção da AMARGE e as lideranças comunitárias em formas e processos de mobilização social	DPT	Ano 1
Buscar parcerias para instalação de ao menos um posto de saúde dentro da Unidade de Conservação	CEUC	Ano 1
Divulgação de formas de captação da água da chuva e de tratamento da água do rio utilizada no consumo diário	CEUC	Ano 1
Elaborar projetos de saneamento ao modelo de outras Resex	CEUC	Ano 1
Articular a reforma de todo sistema educacional na área da Resex	CEUC	Ano 1
Realizar o diagnóstico fundiário da UC	ITEAM	Ano 1
Identificar possíveis parceiros para gestão/co-gestão da Resex	CEUC	Ano 1
Emitir CDRU nas áreas onde já foi realizada a medição e o cadastro das famílias	ITEAM	Anos 1 e 2
Formalização de termo de parceria com a instituição indenticada para cooperação na gestão da UC	CEUC	Anos 1 e 2
Apoiar a construção de sede e a aquisição de material de escritório para a Associação	CEUC	Anos 1 e 2
Cadastrar famílias para emissão do CDRU	ITEAM	Anos 1 e 2
Fomentar pesquisas sobre a micro-história das migrações da população local durante o primeiro e o segundo ciclo da borracha	DPMA-DPT	Anos 1, 2 e 3
Fomentar pesquisas sobre as dinâmicas econômicas atuais das populações: relação com agentes comerciais, programas sociais e comercialização de produção agroextrativista	DPMA-DPT	Anos 1, 2 e 3
Implementar programa de fortalecimento comunitário	DPT	Anos 1 e 2 e 4

Tabela 65 - DE MONITORAMENTO - ANO 2

Ação	Responsável	Período	Status	Encaminhamentos
Emitir CDRU nas áreas onde já foi realizada a medição e o cadastro das famílias	ITEAM	Anos 1 e 2		
Formalização de termo de parceria com a instituição indenticada para cooperação na gestão da UC	CEUC	Anos 1 e 2		
Apoiar a construção de sede e a aquisição de material de escritório para a Associação	CEUC	Anos 1 e 2		
Cadastrar as famílias para emissão do CDRU	ITEAM	Anos 1 e 2		

Fomentar pesquisas sobre a micro-história das migrações da população local durante o primeiro e o segundo ciclo da borracha	DPMA-DPT	Anos 1, 2 e 3
Fomentar pesquisas sobre as dinâmicas econômicas atuais das populações: relação com agentes comerciais, programas sociais e comercialização de produção agroextrativista	DPMA-DPT	Anos 1, 2 e 3
Implementar programa de fortalecimento comunitário	DPT	Anos 1 e 2 e 4
Construir ou alugar sede em Eirunepé para possibilitar o trabalho do gestor e respectiva equipe	CEUC	Ano 2
Contratação de equipe para dar suporte administrativo e para compor a secretaria do Conselho Gestor	CEUC	Ano 2
Realizar pesquisas sobre práticas tradicionais de manejo de recursos	DPMA	Ano 2
Aprofundar conhecimento sobre formas de organização das comunidades	DPT	Ano 2
Elaboração e implementação do plano de manejo madeireiro de base comunitária nas áreas determinadas no zoneamento da UC	IPAAM	Ano 2
Implementação de um plano de manejo da Jarina	DGR	Ano 2
Estabelecer parcerias com outros órgãos de fiscalização	CEUC	Ano 2
Elaboração de plano de fiscalização segundo demandas específicas da Resex	CEUC, DPV e IPAAM	Ano 2
Elaboração e implementação de estratégias específicas para combate ao desmatamento no setor sul da Resex: tabocais e barreiros	CEUC	Ano 2
Implantação de um sistema de comunicação eficiente nas comunidades	CEUC	Ano 2
Capacitação de agentes de saúde e professores para atuarem como orientadores das questões de higiene e prevenção de doenças nas comunidades	Secretarias Municipais de Saúde	Ano 2
Disponibilizar meios de transporte até o hospital mais próximo para moradores enfermos	Prefeituras	Ano 2
Intensificar estudos de fauna nas áreas de tabocais, situados na parte sul da Resex	DPMA	Anos 2 e 3
Realizar estudos específicos sobre espécies novas ou endêmicas de mamíferos	DPMA	Anos 2 e 3

Realizar novos levantamentos de avifauna durante o período da estiagem	DPMA	Anos 2 e 3
Aprofundar pesquisas sobre a microbacia do Bacuri II para averiguação da alta diversidade de espécies, sobretudo de herpetofauna	DPMA	Anos 2 e 3
Promover oficinas de compostagem nas comunidades	CEUC	Anos 2 e 3
Capacitação dos moradores para produção de móveis e outros objetos que agreguem valor à madeira	CEUC	Anos 2 e 3
Capacitação dos beneficiários do programa de manejo para o empreendedorismo comercial e negócios	CEUC	Anos 2 e 3
Implementação de sistema <i>voisin</i> e de outros métodos de menor impacto e maior rendimento no pastoreio de animais	CEUC	Anos 2 e 3
Implementar Unidades Demonstrativas de agroecologia e/ou agrofloresta nas comunidades	CEUC	Anos 2 e 3
Estimular o uso de defensivos orgânicos no combate às formigas	CEUC	Anos 2 e 3
Manutenção ou substituição das placas da Resex	CEUC	Anos 2 e 3
Capacitar os professores das escolas rurais para auxiliarem a comunidade no processo de organização	CEUC	Anos 2 e 3
Inclusão de temas de saúde e higiene nas aulas das escolas rurais	Secretarias Municipais de Saúde	Anos 2 e 3
Apoio à construção de locais apropriados para destinação do lixo na comunidade	CEUC	Anos 2 e 3
Implementação de unidades demonstrativas de saneamento em ao menos uma comunidade	ONGs	Anos 2 e 3
Construir escolas na Resex e disponibilizar transporte escolar	Prefeituras	Anos 2 e 3
Equipar sede, base de apoio e comunidades (ou setores) com comunicação via Rádio ou telefone via Satélite	CEUC	Anos 2 e 3
Apoiar a construção de sedes comunitárias: ao menos uma por setor	CEUC	Anos 2, 3 e 4
Cursos para professores para incluir a educação ambiental em Unidades de Conservação no	CEUC	Anos 2 e 4

currículo escolar		
Produção de material de divulgação da UC: cartazes, cartilhas e folders	CEUC	Anos 2 e 4
Difundir práticas e conhecimentos a respeito do cultivo e do uso das plantas medicinais	CEUC	Anos 2 e 4
Promover cursos consistentes de formação de liderança	DPT	Anos 2 e 4
Capacitar os professores das escolas rurais para auxiliarem a comunidade no processo de organização	DPT	Anos 2 e 4
Renovação do Conselho Deliberativo	CEUC- DPT	Anos 2 e 4

Tabela 66 - DE MONITORAMENTO - ANO 3

Ação	Responsável	Período	Status	Encaminhamentos
Fomentar pesquisas sobre a micro-história das migrações da população local durante o primeiro e o segundo ciclo da borracha	DPMA-DPT	Anos 1, 2 e 3		
Fomentar pesquisas sobre as dinâmicas econômicas atuais das populações: relação com agentes comerciais, programas sociais e comercialização de produção agroextrativista	DPMA-DPT	Anos 1, 2 e 3		
Intensificar estudos de fauna nas áreas de tabocais, situados na parte sul da Resex	DPMA	Anos 2 e 3		
Realizar estudos específicos sobre espécies novas ou endêmicas de mamíferos	DPMA	Anos 2 e 3		
Realizar novos levantamentos de avifauna durante o período da estiagem	DPMA	Anos 2 e 3		
Aprofundar pesquisas sobre a microbacia do Bacuri II para averiguação da alta diversidade de espécies, sobretudo de herpetofauna	DPMA	Anos 2 e 3		
Promover oficinas de compostagem nas comunidades	CEUC	Anos 2 e 3		
Capacitação dos moradores para produção de móveis e outros objetos que agreguem valor à madeira	CEUC	Anos 2 e 3		
Capacitação dos beneficiários do programa de manejo para o empreendedorismo comercial e negócios	CEUC	Anos 2 e 3		

Implementação de sistema <i>voisin</i> e de outros métodos de menor impacto e maior rendimento no pastoreio de animais	CEUC	Anos 2 e 3
Implementar Unidades Demonstrativas de agroecologia e/ou agrofloresta nas comunidades	CEUC	Anos 2 e 3
Estimular o uso de defensivos orgânicos no combate às formigas	CEUC	Anos 2 e 3
Manutenção ou substituição das placas da Resex	CEUC	Anos 2 e 3
Capacitar os professores das escolas rurais para auxiliarem a comunidade no processo de organização	CEUC	Anos 2 e 3
Inclusão de temas de saúde e higiene nas aulas das escolas rurais	Secretarias Municipais de Saúde	Anos 2 e 3
Apoio à construção de locais apropriados para destinação do lixo na comunidade	CEUC	Anos 2 e 3
Implementação de unidades demonstrativas de saneamento em ao menos uma comunidade	ONGs	Anos 2 e 3
Construir escolas na Resex e disponibilizar transporte escolar	Prefeituras	Anos 2 e 3
Equipar sede, base de apoio e comunidades (ou setores) com comunicação via Rádio ou telefone via Satélite	CEUC	Anos 2 e 3
Apoiar a construção de sedes comunitárias: ao menos uma por setor	CEUC	Anos 2, 3 e 4
Estudo da viabilidade do comércio de óleos finos: copaiba e andiroba	DGR	Ano 3
Avaliar viabilidade comercial da exploração sustentável do caucho	DGR	Ano 3
Elaboração e implementação de projetos de apoio à diversificação de produção e à formação de áreas de cultivo permanente	IDAM e CEUC	Ano 3
Realizar atividades de sensibilização sobre o programa de AAVs	CEUC, DPV, IPAAM	Ano 3
Construção de base de apoio logístico e fiscalização nas proximidades da comunidade do Coatá	CEUC	Ano 3
Contratação de agentes ambientais na comunidade para trabalhar no apoio e vigilância da base do Coatá	CEUC	Ano 3
Realizar treinamento e prover com equipamentos e estrutura para o trabalho	CEUC, DPV, IPAAM	Anos 3 e 4

dos AAVs

Iniciar processo de certificação dos produtos CEUC Anos 3 e 4

Iniciar processo de certificação da madeira CEUC Anos 3 e 4

Tabela 67 - DE MONITORAMENTO - ANO 4

Ação	Responsável	Período	Status	Encaminhamentos
Implementar programa de fortalecimento comunitário	DPT	Anos 1 e 2 e 4		
Apoiar a construção de sedes comunitárias: ao menos uma por setor	CEUC	Anos 2, 3 e 4		
Cursos para professores para incluir a educação ambiental em Unidades de Conservação no currículo escolar	CEUC	Anos 2 e 4		
Produção de material de divulgação da UC: cartazes, cartilhas e folders	CEUC	Anos 2 e 4		
Difundir práticas e conhecimentos a respeito do cultivo e do uso das plantas medicinais	CEUC	Anos 2 e 4		
Promover cursos consistentes de formação de liderança	DPT	Anos 2 e 4		
Capacitar os professores das escolas rurais para auxiliarem a comunidade no processo de organização	DPT	Anos 2 e 4		
Renovação do Conselho Deliberativo	CEUC- DPT	Anos 2 e 4		
Realizar treinamento e prover com equipamentos e estrutura o trabalho dos AAVs	CEUC, DPV, IPAAM	Anos 3 e 4		
Iniciar processo de certificação dos produtos	CEUC	Anos 3 e 4		
Iniciar processo de certificação da madeira	CEUC	Anos 3 e 4		
Promoção de campanhas para regularização de documentação pessoal dos moradores	CEUC	Anos 4 e 5		

Tabela 68 - DE MONITORAMENTO - ANO 5

Ação	Responsável	Período	Status	Encaminhamentos
Promoção de campanhas para regularização de documentação pessoal dos moradores	CEUC	Anos 4 e 5		
Iniciar a implementação de saneamento em toda a Resex	ONGs e AMARGE	Ano 5		
Estudo da viabilidade do comércio de plantas ornamentais: família araceae, além de helicônias e marantáceas	DGR	Ano 5		
Revisão do Plano de Gestão	CEUC	Ano 5		

Tabela 69 - DE MONITORAMENTO DAS AÇÕES CONTÍNUAS

Ação	Responsável	Período	Status	Encaminhamentos
Fomentar e estimular a produção de dissertações e teses sobre espécies raras, endêmicas ou ameaçadas, tais como a maracanã-de-cabeça-azul, o quatipuru-mandingueiro, a pacarana e a gatiara	DPMA	Contínuo a partir do 1º ano		
Elaboração de um plano de trabalho e de um termo de parceria para as instituições apontadas como possíveis parceiras em ações específicas dos programas de gestão	CEUC	Contínuo a partir do 1º ano		
Sensibilizar e promover condições aos moradores para cumprimento das regras do Plano de Gestão	CEUC	Contínuo a partir do 1º ano		
Realizar visitas regulares de médicos, dentistas e profissionais de enfermagem na Resex	Prefeituras	Contínuo a partir do 1º ano		
Apoio ao funcionamento do Conselho Deliberativo da Resex	CEUC- DPT	Contínuo a partir do 1º ano		
Capacitação dos membros do Conselho Deliberativo	DPT	Contínuo a partir do 1º ano		
Elaborar relatórios periódico acerca da unidade, de modo a informar às instituições parceiras sobre o andamento das atividades na Resex	CEUC	Contínuo a partir do 1º ano		
Envolver as mulheres nos processos de organização	DPT	Contínuo a partir do 1º ano		
Monitorar desmatamentos e atividades ilegais nas áreas de tabocais e barreiros	CEUC - DPMA	Contínuo a partir do 2º ano		

Monitoramento de tabuleiros de desova de quelônio nas praias de preservação	CEUC - DPMA	Contínuo a partir do 2º ano
Promover sensibilização quanto à importância da preservação dos tabuleiros de desova de quelônios	CEUC- DPMA	Contínuo a partir do 2º ano
Apoio à realização dos eventos tradicionais das comunidades da UC	CEUC	Contínuo a partir do 2º ano
Promover atividades culturais ligadas à conservação durante a semana do meio ambiente	CEUC	Contínuo a partir do 2º ano
Divulgar e promover a RESEX na mídia e em eventos sobre Unidades de Conservação.	SDS-CEUC	Contínuo a partir do 2º ano
Divulgar a Resex nos meios de comunicação: jornais escritos, rádio, bem como através de cartazes no comércio e em órgãos públicos locais	SDS-CEUC	Contínuo a partir do 2º ano
Monitoramento de aves da fauna cinegética ameaçadas, tais como o mutum, o jacu e o cujubim	CEUC - DPMA	Contínuo a partir do 3º ano
Monitorar mamíferos com alta pressão de caça: queixada, anta, macaco preto, entre outros	CEUC - DPMA	Contínuo a partir do 3º ano
Capacitação e acompanhamento para tratamento ou destinação correta do lixo gerado nas comunidades.		Contínuo a partir do 3º ano
Promover campanha de sensibilização junto aos proprietários e usuários de embarcações quanto à importância da questão do lixo no rio Gregório.		Contínuo a partir do 3º ano
Promoção de eventos junto às comunidades da UC e entorno para conscientização acerca da importância da preservação de tabuleiros	CEUC- DPMA	Contínuo a partir do 3º ano
Capacitação dos moradores para melhor uso dos recursos naturais, diversificando a produção de manufaturas de produtos vendáveis e agregando valor	CEUC e DGR	Contínuo a partir do 3º ano
Elaboração e implementação de estratégias para combate ao tráfico de animais silvestres, sobretudo aves vivas	CEUC	Contínuo a partir do 3º ano
Monitorar a população da maracarana-de-cabeça-azul	CEUC - DPMA	Contínuo a partir do 4º ano

19. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALLEGRETTI, M.H. (Coord.) 2010. "Projeto Soerguimento Tecnológico e Econômico do Extrativismo na Amazônia Brasileira – Relatório Final". SAE/CGEE (Secretaria de Assuntos Estratégicos da Presidência da República/Centro de Gestão e Estudos Estratégicos). No prelo.
- 1995. *The Amazon and Extracting Activities. Brazilian Perspectives on Sustainable Development of the Amazon Region*. M.C.Godt and I. Sachs. Paris, UNESCO. 15:157-174.
- ALMEIDA, M. W. D. 1992. Populações Tradicionais e o Zoneamento da Amazônia. Disponível na Internet.
- ARRUDA R. S.V. 2000. "Populações Tradicionais" e a Proteção dos Recursos Naturais em Unidades de Conservação. In: Diegues, A. C. (org.). 2000. *Etnoconservação: novos rumos para proteção da natureza nos trópicos*. 2ª edição. HUCITEC. São Paulo.
- AURICCHIO, P. 1995. Primatas do Brasil. São Paulo: Terra Brasilis. 168pp.
- BATISTA, Rômulo Fernandes 2006. Identificação das Classes de Paisagens e Fitofisionomias Associadas para Estudo de Criação de Unidade de Conservação no Rio Gregório – Alto Juruá.
- BERNARDE, P. S., S. ALBUQUERQUE, D. B. MIRANDA, e L. C. B. TURCI. 2009a. Herpetofauna da Floresta do Baixo Rio Moa, Alto Juruá - AC. In: IV Congresso Brasileiro de Herpetologia, Pirenópolis, GO
- BRAGA, P.I.S. 1979. Subdivisão Fitogeográfica, Tipos de Vegetação, Conservação e Inventário Florístico da Floresta Amazônica. Supl Acta Amazonica 9(4):53-80.,
- BROSE, Markus, Metodologia Participativa: Uma introdução a 29 instrumentos. Tomo Editorial, Porto Alegre, 2001.
- CAMPBELL, J. A., e W. W. LAMAR. 2004. The Venomous Reptiles of the Western Hemisphere. Cornell University.
- CANALEZ, Geise de Góes 2009. Diagnóstico Dos Produtos Florestais Não Madeireiros Da Reserva Extrativista Do Rio Gregório, Municípios De Eirunepé E Ipixuna, Am.
- CAPOBIANCO, J. P. R., A. VERÍSSIMO, A. MOREIRA, D. SAWYER, I. SANTOS, e L. P. PINTO. 2001. Biodiversidade na Amazônia Brasileira: Avaliação e Ações Prioritárias para Conservação, Uso Sustentável e Repartição de Benefícios. Estação Liberdade / Instituto Socioambiental, São Paulo, SP.

- CARDOSO, Jarcineide Pinheiro 2006. Levantamento Sócioeconômico Do Rio Gregório.
- CARVALHO, V. T., S. M. NOVELLE, L. SCHNEIDER, E. BRITO, e R. C. VOGT. 2006. Herpetofauna da Reserva Extrativista do Baixo Juruá, Amazonas, Brasil. In: VII Congresso Internacional Sobre Manejo de Fauna Silvestre na Amazônia e América Latina, Ilhéus, BA.
- CASTRO, Edna; PINTON, Florence (org). Faces do trópico úmido: conceitos e nova questão sobre desenvolvimento e meio ambiente. Belém: CEJUP - UFPA - NAEA, 1997.
- CHANDLESS, W. Notes of a Journey up the River Juruá. *Journal of the Royal Geographical Society of London*, Vol. 39. (1869), pp. 296-311. Pags, 304-305.
- CRACRAFT, J. 1985. Historical biogeography and patterns of differentiation within the South American avifauna: areas of endemism. *Ornithological Monographs*, 36:49-84.
- GOVERNO DO ESTADO DO ACRE. 2010. "Complexo de Florestas Estaduais do Rio Gregório-Floresta Estadual do Mogno", Rio Branco, AC.
- GOVERNO DO ESTADO DO AMAZONAS. 2005. "Roteiro para a Elaboração de Planos de Gestão de Unidades de Conservação Estaduais".
- GOVERNO DO ESTADO DO AMAZONAS - Secretaria de Estado de Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável. 2009. "Coletânea de Unidades de Conservação: Leis, Decretos e Portarias". Manaus.
- GOVERNO DO ESTADO DO AMAZONAS. 2007. Lei do SEUC - Sistema Estadual de Unidades de Conservação (Lei Complementar Nº 53, de 5 de junho de 2007).
- GOVERNO DO ESTADO DO AMAZONAS. 2006. Estudo para a Criação de uma Reserva de Uso Sustentável no Rio Gregório - Alto Juruá, Municípios de Eirunepé e Ipixuna/AM. Manaus, março.
- GOVERNO DO ESTADO DO AMAZONAS. 2006. "Estudo para a criação de uma reserva de uso sustentável no rio Gregório - Alto Juruá, municípios de Eirunepé e Ipixuna/AM". Março.
- GOVERNO DO ESTADO DO AMAZONAS. 2007. "Lista de situações diversas como dificuldades, ameaças, conflitos e outros" que apresenta um item denominado "Levantamento Socioeconômico do Rio Gregório", de 2007.
- GOVERNO DO ESTADO DO AMAZONAS. 2007 a "Relatório da expedição da Resex do Rio Gregório. Oficina de mobilização, sensibilização e mapeamento das comunidades/localidades da Resex do Rio Gregório" de dezembro de 2007.

- GOVERNO DO ESTADO DO AMAZONAS. 2009. Diagnóstico Biológico Complementar para Elaboração do Plano de Gestão da Reserva Extrativista do Rio Gregório, Municípios de Eirunepé e Ipixuna. Relatório Técnico. 06 a 19 abril.
- GOVERNO DO ESTADO DO AMAZONAS. 2010. Relatório Oficina de Planejamento Participativo na RESEX Rio Gregório. Subsídios ao volume II do Plano de Gestão. Fevereiro
- GUILHERME, E. 2007. Levantamento preliminar da avifauna do complexo de Florestas Públicas Estaduais do Mogno e dos Rios Liberdade e Gregório, município de Tarauacá, Estado do Acre, como subsídio para elaboração de seus planos de manejo. *Atualidades Ornitológicas*, 136.
- GUIMARÃES, Giuliano Piotto 2009. Potencial Madeireiro Da Reserva Extrativista Do rio Gregório, Municípios de Eirunepé e Ipixuna – AM.
- GYLDENSTOLPE, 1945. The bird fauna of rio Juruá in western Brazil. *Kungl. Svenska Vetenskapsakademiens Handlingar*, 22 (3): 1-338.
- HAFER, J. 1978. Distribution of amazonian forest birds. *Bonner Zool. Beitr.* 29:38-78. Ihering, H. von. 1904. O Rio Juruá, Aves. *Revista do Museu Paulista*, n. 6.
- HIGUCHI, N.; Santos, J. dos; Ribeiro, R. J.; Minette, L. J; Cöic, Y. 1998. Biomassa da parte aérea da vegetação da Floresta Tropical Úmida de Terra firme da Amazônia Brasileira. Manaus. *Acta Amazônica*, 28(2): 153-166.
- LIMA, S.O.F.; Martins, M.B.; Prudente, A.L.C.; Montag, F.A.; Monnerat, M.C.; Cabral, P.R. & Rosário, D.A.P. 2008. Biodiversidade na Província Petrolífera de Urucu. PETROBRAS. CENPES, 194p.
- LIMA, A. P., W. E. MAGNUSSON, M. MENIN, L. K. ERDTMANN, D. J. RODRIGUES, C. KELLER, e W. HÖDL. 2005. Guia de Sapos da Reserva Adolpho Ducke Amazônia Central (Guide to the Frogs of Reserva Adolpho Ducke Central Amazônia). Áttema Design Editorial, Manaus, AM.
- MINISTÉRIO DAS MINAS E ENERGIA. Projeto Radambrasil. 1977. “Levantamento de Recursos Naturais, Vol. 15, Folha SB 19 Juruá”.
- MOSQUEIRA, Filipe. 2006. Mapeamento Participativo Do Uso Dos Recursos Naturais Para Estudo De Criação De Unidade De Conservação No Rio Gregório – Alto Juruá.
- MOULARD, Emerson Magno Nantes Pereira. Floresta Estadual do Rio Gregório (Acre-Brasil): caracterização ambiental e análise de aspectos legais como subsídios à gestão de florestas públicas de produção. 127p. 2005. Dissertação (Mestrado em Ecologia e Manejo de Recursos Naturais) - Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação – Universidade Federal do Acre, Rio Branco.

- NOVAES, F.C. 1957. Contribuição à ornitologia do noroeste do Acre. *Boletim do Museu Paraense Emilio Goeldi, série Zoologia*, 9:1-30
- NOVAES, F.C. 1958. As comunidades bióticas no alto Rio Juruá, território do Acre. *Boletim do Museu Paraense Emilio Goeldi, série Zoologia*, 14:1-13.
- PALLET, D. 2002. Perspectivas de valorização dos frutos amazônicos obtidos por extrativismo. Colóquio SYAL – Montpellier.
- PANTOJA, D. L., C. E. MARINELLI, e F. WALDEZ. 2008. The State System of Protected Areas (SEUC – Amazonas) and its Contribution to the Maintenance of Amphibian and Reptile Diversity in the Brazilian Amazon. *In: 6th World Congress of Herpetology, Manaus, AM, Brazil.*
- PANTOJA, Davi Lima e Rafael de Fraga. 2009. Inventário Preliminar Da Herpetofauna Da Reserva Extrativista Do Rio Gregório, Municípios De Eirunepé E Ipixuna, Am.
- PATTON, J.L.; Silva, M.N.F.; Malcolm, J.R. 1994. Gene genealogy and differentiation among spiny rats (Rodentia: Echimyidae) of the Amazon basin: a test of the riverine barrier hypothesis. *Evolution*, 48(4):1314-1323.
- PINHEIRO, PAULA SOARES 2006. Diagnóstico Da Mastofauna De Médio E Grande Porte Da Área Proposta Para Criação De Uc No Rio Gregório, Municípios De Eirunepé E Ipixuna/Am.
- PNUD. Atlas do Desenvolvimento Humano do Brasil 2000.
<http://www.pnud.org.br/atlas/dl/>
- PRIMACK, R. B., e E. RODRIGUES. 2001. *Biologia da Conservação*, Londrina, PR.
- RAVETTA, André Luis. 2006. *Estudo de Primatas do Rio Gregório*.
- RIBEIRO, J.E.L.S., HOPKINS, M.J.G., VICENTINE, A., SOTHERS, C.A., COSTA, M.A.S., BRITO, J.M., SOUZA, M.A.D., MARTINS, L.H.P., LOHMANN, L.G., ASSUNÇÃO, P.A.C.L., PEREIRA, E.C., SILVA, C.F., MESQUITA, M.R. & PROCÓPIO, L.C. 1999. Flora da Reserva Ducke: guia de identificação das plantas vasculares de uma floresta de terra firme na Amazônia Central. INPA, Manaus.
- RUTTER, A.R. 1990. *Catálogo de plantas úteis de la Amazonía peruana*. ILV. Lima, Perú. 349p.
- SILVA, S. M. *et al.* 1992. Composição florística e fitossociológica do componente arbóreo das florestas ciliares da bacia do rio Tibagi, Paraná: 2. Várzea do rio Bitumirim, Município de Ipiranga, PR. *In: CONGRESSO NACIONAL SOBRE ESSÊNCIAS NATIVAS, 2., São Paulo. Anais... São Paulo: Instituto Florestal, p. 192-198.*

SISTEMA NACIONAL DE UNIDADES DE CONSERVAÇÃO - SNUC/ LEI N° 9.985 DE JULHO DE 2000. Ministério do Meio Ambiente/ MMA.

SOUZA, M. B. 2003. Diversidade de anfíbios nas unidades de conservação ambiental: Reserva Extrativista do Alto Juruá (REAJ) e Parque Nacional da Serra do Divisor (PNSD), Acre-Brasil, p. 152. Vol. Tese de Doutorado. Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, SP.

TASTEVIN, R. P. (1928). Le Riozinho da Liberdade. *La Géographie*, XLIX:205-215.

TASTEVIN, R. P. (1924a). Chez les indiens du Haut-Juruá (Rio Gregório), Missions Catholiques, t. LVI:65-67; 78-80; 90-93; 101-104.

TRINDADE, Silvia Patricia Flores Vásquez et. al. 2009. Inventário Botânico Da Reserva Extrativista Rio Gregório, Municípios De Eirunepé E Ipixuna - AM.

TOBIAS, J.A.; Brightsmith, D.J. 2007. Distribution, ecology and conservation status of the Blue-Headed Macaw *Primolius couloni*. *Biological Conservation*, 139:126-138.

VIEIRA DA COSTA, Thiago Vernaschi et al. 2009. Inventário Diagnóstico De Avifauna Da Reserva Extrativista Do Rio Gregório, Municípios De Eirunepé E Ipixuna, Amazonas.

WHITTAKER, A. & Oren, D.C. 1999. Important ornithological records from the Rio Juruá, western Amazonia, including twelve additions to the Brazilian avifauna. *Bulletin of the British Ornithologists' Club*, 119: 235-260.

WALDEZ, F., e S. M. SOUZA. 2008. Inventário biológico rápido de anfíbios e répteis da RDS de Uacari, Médio Rio Juruá, Caruarí, Amazonas. Secretaria de Estado do Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável do Amazonas - SDS. Relatório Técnico, Manaus, AM.

WILSON, E. O. 1997. A situação atual da diversidade biológica, p. 3-24. In: Biodiversidade. E. O. Wilson e F. M. Peter (eds.). Nova Fronteira, Rio de Janeiro.

ZINGRA, A.F.C. 2006. Levantamento do Potencial Extrativista Comunitário.

ANEXOS

Anexo 1. Lista preliminar (nome vulgar) de espécies arbóreas identificadas na região do rio Gregório em 2005

Nome Vulgar	Onde se encontra	O que utiliza	Para que utiliza	Observações
Orelha de burro	Terra firme Várzea	Madeira	Moveis, forro e tabuas	uma das madeiras mais utilizadas em todo rio gregório
Marupa	Terra firme Várzea	Madeira	Moveis e forro	
Angelim	Terra firme Várzea	Madeira	Móvel, canoa	(madeira superexplorada)
Copaíba	+ Terra firme Várzea	Óleo e casca	Remédio	(desconhecem o valor comercial do óleo)
Cedro	Terra firme Várzea só de igarapé central	Madeira	Pivô, fundo de canoa, tábuas, telhado	Madeira que desperta interesse comercial pelo menos 3 planos de manejos estão sobre julgamento na área. Existe ao menos 6 variedades identificada pelos cablocos)
Miratoa	Terra firme	Madeira	Caverna, batelão, tabua e casco.	
Mata-mata	Terra firme Várzea	Madeira, Envira	Viga, canoa e armações.	O fruto é comido por roedores
Cumarú Ferro	Terra firme Várzea	Madeira e Fruto	Carvão, batelão e alimentação	O fruto é por “aves de bico torto” (psitacideos)
Tarumã	Terra firme	Madeira	Barco	
Ucuuba	Terra firme Várzea	Madeira e óleo	Madeira tábuas, do fruto se extrai um óleo utilizado para sabão e sabonete.	
Jaci	Terra firme Várzea	Palha e fruto	Palha cobertura de casas e batelão. Alimentação	Fruto “todos os animais comem.”
Jarina	+ Terra firme e Várzea	Palha e fruto	Palha cobertura em geral, quando duro o fruto serve para botão.	Produto com potencial extrativista devido a existência de “jarinais” naturais na floresta. (desconhecem o valor comercial da jarina). fruto muito apreciado por roedores,
Açaí	Terra firme e +Várzea	Palha e fruto	Cobertura em geral, alimentação	Muitos bichos comem. Relato de extração do óleo do açaí.
Pataua	Terra firme	Palha e fruto	Cobertura em geral e cestos, do fruto “vinho”.	roedores comem muito.
Bacaba	Terra firme	Palha e fruto	Cobertura e corda, “vinho” do fruto, alimentação	“Bicho de pena comem o fruto”
Joari	Terra firme +Várzea			Roedor e peixe comem o fruto
ucumã	Terra firme	Fruto e palha	Linha e alimentação	Relatam que as “mangas” (rede malhadeiras) eram feitas com essas linhas. Criação e bichos em geral comem

Uricuri	+ Terra firme Várzea	Fruto e palha	Alimentação	Palha pouco utilizado por ser de baixa resistência, roedor comem
Buriti	Várzea	Fruto e “olho”	Alimentação e “vinho”	Criação e roedores comem. Produto com potencial extrativista devido a existência de extensos buritizais naturais na floresta.
Guariuna	+ Terra firme Várzea	Madeira e fruto	Canoas, cascos e alimentação	O fruto roedores comem
Parajuba	Terra firme +Várzea	Madeira	Barco, viga e tabua.	
Andiroba	Terra firme Várzea	Óleo casca e madeira	Óleo e casca medicinal e madeira tabua	
Caranapaua	+Terra firme Várzea	Casca e madeira	Casca faz chá medicinal e madeira para remo, cabo de enxada e lenha.	
Sucupira	Terra firme	Madeira	Batelão	
Arapari	Várzea	Madeira	Esteio e parede de casa	
Bacuri	Terra firme +Várzea	Madeira e fruto	Tábua e alimentação	O fruto comido por “...quando está dando fruto é facinho matar um macaco lá...”
Jacareuba	Terra firme Várzea	Madeira	Casa, tabua e batelão	
Açacu	Terra firme +Várzea	Madeira	Flutuante	
Ingá	Várzea	Fruto	Alimentação	“ Todos os bichos comem”
Cacau	Terra firme Várzea	Fruto e óleo	Alimentação e medicinal	“O óleo é bom para verme”. (Foi relatado a existência de diversas espécies de cacau, havendo muita diferença entre o de terra firme e várzea).
Pisciosa	Terra firme	Madeira e casca	Barco e chá medicinal	
Entaúba	Terra firme	Madeira	Batelão e móvel	
Massaramduba	Terra firme Várzea	Madeira	Madeira de lei	Muito boa a mais resistente
Louro	Terra firme	Madeira	Batelão, tabua e canoa.	Relatam haver dois tipos o louro e o louro preto, cuja a madeira é mais resistente
Castanha de macaco	Terra firme Várzea	Envira	Envira muito resistente	O fruto todos os bichos comem.
Sapucaia	Terra firme +Várzea	Madeira e fruto	Tábua e alimentação	O fruto todos os bichos comem.
Mauba	Terra firme Várzea	Madeira	Canoa	
Tanibuca	Terra firme	Madeira	Tabua e caverna	
Guarapiranga	Terra firme	Madeira	Móvel	
Balso	Várzea	Madeira	Batelão e tábua	Madeira muito utilizada para tábuas, necessita especial atenção.

Pau d'arco	Terra firme	Madeira	Casco	Ribeirinhos relatam que a maioria dos cascos (canoas) são feitos com essa madeira
Embu	Terra firme +Várzea	Madeira e fruto	Caverna	O fruto os bichos comem
Cajazeira	Terra firme Várzea	Fruto e casca	Alimentação e chá medicinal	"Todos os bichos comem"
Caxauba	Terra firme Várzea	Madeira	Tabua e móvel	
Solva	Terra firme	"Leite"	O leite é utilizado para calafetar canoa e se pode fazer a "mesca e o breu".	O fruto bicho comem.
Jaracatiá	Várzea	Fruto e madeira	Tambor	"Todos os bichos comem, anta, veado e até o jabuti". O tambor, "de preferência com couro de veado que o som fica melhor"
Abiurana	Terra firme Várzea	Fruto	Alimentação e "vinho"	Gente e bicho comem, "vinho"
Feijão bravo	Terra firme			Bicho come. Apesar do nome é uma sp arbórea de grande porte.
Goiaba d'anta	Várzea			Todos os bichos comem, " na época que tem fruto é só sentar e espera a caça vir..."
Apuí	Terra firme Várzea			Todos bichos comem de peixe a passarinho
Caxigumba	Terra firme Várzea			Peixe come no inverno
Gameleira	Terra firme Várzea	Fruto		Todos os bichos comem
Sumaúma	Terra firme Várzea	Madeira	Madeira de lei	Madeira muito boa de primeira qualidade pra todas as serventias
Carrapatim	Terra firme Várzea	Madeira	Tábua	e o fruto os peixes comem
Jambe	Terra firme	Fruto	Alimentação	Bicho come
Amarelinha	Terra firme Várzea	Madeira	Tabua e móvel	Madeira muito apreciada devido a sua cor amarelada," as donas adoram móvel de amarelinha".
Acaricoara	Terra firme +Várzea	Madeira	Esteio de casa	

Anexo 2. Lista das espécies de primatas registradas durante a expedição ao rio Gregório em 2005.

Espécie	Nome local	Ambiente	Registro
<i>Saguinus fuscicollis melanoleucus</i>	Souim branco	Várzea e Terra Firme	Avistamento e Cativo
<i>Saguinus imperator subgriscens</i>	Bigodeiro	Várzea e Terra Firme	Avistamento
<i>Callicebus cupreus</i>	Zogue-zogue	Várzea e Terra Firme	Avistamento e Vocalização
<i>Aotus</i> sp.	Macaco da noite		Entrevista
<i>Saimiri boliviensis boliviensis</i>	Macaco de cheiro	Várzea e Terra Firme	Avistamento
<i>Cebus apella</i>	Macaco prego	Várzea e Terra Firme	Avistamento
<i>Cebus albifrons</i>	Cairara	Cativo	Cativo
<i>Pithecia irrorata vanzolini</i>	Parauacu	Várzea e Terra Firme	Avistamento
<i>Cacajao calvus novaesi</i>	Uacari	Terra Firme	Avistamento
<i>Alouatta seniculus</i>	Guariba	Várzea e Terra Firme	Avistamento e Vocalização
<i>Ateles chamek</i>	Coatá	Cativo	Cativo

Anexo 3. Espécies de mamíferos de médio e grande porte registradas no rio Gregório através de observação direta (OD) e indireta (OI), entrevistas (E) e/ou literatura (L) em 2005

Espécie	Entrevista	Observação direta	Observação indireta
Ordem Artiodactyla			
<i>Pecari tajacu</i> caïtiti	x		x
<i>Tayassu pecari</i> queixada	x		
<i>Mazama americana</i> veado vermelho, capoeira	x	x	x
<i>Mazama gouazoubira</i> veado roxo	x		x
Ordem Carnívora			
<i>Cerdocyon</i> sp. cachorro-do-mato	x		
<i>Eira barbara</i> irara	x		
<i>Herpailurus yaguaroundi</i> gato-mourisco, gato maracajá preto	x		
Leopardus pardalis gato maracajá-açu	x	x	x
<i>Leopardus</i> sp. gato maracajá-peludo	x		
lontra			

<i>Nasua nasua</i> quati	x		
<i>Panthera onca</i> * onça pintada, preta	x		
<i>Potos flavus</i> jupará, gogó de sola, gatiara	x		
<i>Pteronura brasiliensis</i> ariranha	x		
<i>Puma concolor</i> suçuarana, onça-vermelha	x		
Ordem Cetacea			
<i>Inia geoffrensis</i> boto rosa, laranja	x	x	
<i>Sotalia fluviatilis</i> boto cinza, tucuxi	x	x	
<i>Ordem Perissodactyla</i>			
<i>Tapirus terrestris</i> anta	x	x	x

Espécie	Entrevista	Observação direta	Observação indireta
Ordem Primates			
<i>Alouatta seniculus</i> guariba, bugio vermelho	x	x	
<i>Aotus cf. nigriceps</i> macaco-da-noite	x		
<i>Ateles chamek</i> macaco aranha, preto	x	x	
<i>Cacajao calvus novaesi</i> uacari vermelho	x	x	
<i>Callicebus cupreus</i> zogue-zogue	x		
<i>Cebus albifrons</i> cairara	x		
<i>Cebus apella</i> macaco-prego	x	x	
<i>Pithecia irrorata vanzolinii</i> parauacu, macaco-velho (branco)	x	x	
<i>Saimiri boliviensis boliviensis</i> mico-de-cheiro, xerife	x	x	
<i>Saguinus imperator subgriseus</i> macaco soim, bigodeiro	x	x	
<i>Saguinus fuscicollis melanoleucus</i> macaco soim	x	x	
Ordem Rodentia			
<i>Agouti paca</i> Paca	x		
<i>Coendou</i> sp. porco-espinho	x		
<i>Dasyprocta</i> sp. cutia vermelha	x	x	

<i>Dasyprocta fuliginosa</i> cutia preta	x	
Hydrochaeris hydrochaeris capivara	x	
<i>Myoprocta pratti</i> cutiara	x	x
<i>Sciurus cf. spadiceus</i> quatipuru-vermelho	x	x
<i>Microsciurus flaviventer</i> quatipuru-anão, mandingueiro	x	
<i>Sciurus</i> sp. quatipuru preto	x	x
Ordem Xenarthra		
<i>Bradypus tridactylus</i> preguiça comum, bentinho	x	
<i>Choloepus didactylus</i> preguiça real	x	

Espécie	Entrevista	Observação direta	Observação indireta
<i>Cyclopes didactylus</i> tamanduáí	x		
<i>Myrmecophaga tridactyla</i> * tamanduá-bandeira	x		
<i>Tamandua tetradactyla</i> tamanduá de colete, mambira	x		
<i>Cabassous unicinctus</i> tatu-paca, rabo-de-couro	x		
<i>Dasypus novemcinctus</i> tatu quinze-quilos	x		
<i>Dasypus</i> sp. tatu-bola, comum	x		x
<i>Priodontes maximus</i> * tatu-canastra	x		

Anexo 4. Lista de espécies de herpetofauna registradas na Resex do Rio Gregório, com respectivos ambientes de ocorrência, métodos de registro e número de espécimes coletados por espécie (N), entre 07 e 21 de abril de 2009

Táxon	Ambiente	Método	N
AMPHIBIA			
ANURA (sapos, rãs, pererecas e jias)			
Família Aromobatidae			
1- <i>Allobates</i> sp.	TF	PT	06
Família Bufonidae			
2- <i>Rhaebo guttatus</i> Schneider, 1799	AA	CT	01
3- <i>Rhinella</i> cf. <i>castaneotica</i> (Caldwell, 1991)	TF	PLT	01
4- <i>Rhinella</i> gr. <i>margaritifera</i> (Laurenti, 1768)	MI / TF / VA	CT / PT	27
5- <i>Rhinella margaritifera</i> (Laurenti, 1768)	AA / VA	CT	03
6- <i>Rhinella marina</i> (Linnaeus, 1758)	AA	CT / PLT / RA	04
7- <i>Rhinella proboscidea</i> (Spix, 1824)	TF / VA	PLT / PT	03
Família Ceratophryidae			
8- <i>Ceratophrys cornuta</i> (Linnaeus, 1758)	TF / VA	CT / PLT	03
Família Dendrobatidae			
9- <i>Ameerega hahneli</i> (Boulenger, 1884)	VA	EO / PT	05
10- <i>Ameerega macero</i> (Rodríguez & Myers, 1993)	TF	CT	-
11- <i>Ameerega trivittata</i> (Spix, 1824)	TF	EO	01
Família Hylidae			
12- <i>Dendropsophus brevifrons</i> (Duellman & Crump, 1974)	VA	PLT	02
13- <i>Dendropsophus leucophyllatus</i> (Beireis, 1783)	AA	PLT / RA	02
14- <i>Dendropsophus parviceps</i> (Boulenger, 1882)	VA	PLT / RA	02
15- <i>Dendropsophus minutus</i> (Peters, 1872)	VA	PLT / RA	05
16- <i>Hypsiboas boans</i> (Linnaeus, 1758)	VA	PLT	02
17- <i>Hypsiboas calcaratus</i> (Troschel, 1848)	VA	PLT / RA	02
18- <i>Hypsiboas cinereascens</i> (Boulenger, 1882)	VA	RA	-
19- <i>Hypsiboas fasciatus</i> (Günther, 1859)	VA	PLT	04
20- <i>Hypsiboas geographicus</i> (Spix, 1824)	VA	PLT / RA	06
21- <i>Hypsiboas lanciformis</i> (Cope, 1871)	AA / BF / CA	PLT / RA	04
22- <i>Hypsiboas punctatus</i> (Schneider, 1799)	AA	PLT / RA	01
23- <i>Hypsiboas wavrini</i> (Parker, 1936)	VA	PLT / RA	04
24- <i>Osteocephalus planiceps</i> Cope, 1874	TF	PLT	01
25- <i>Osteocephalus taurinus</i> Steindachner, 1862	VA	PLT	02
26- <i>Phyllomedusa bicolor</i> (Boddaert, 1772)	TF / VA	RA	-
27- <i>Phyllomedusa palliata</i> Peters, 1873	TF	PLT	01
28- <i>Scarthyla goinorum</i> (Bokermann, 1962)	VA	PLT	03
29- <i>Scinax boesemani</i> (Goin, 1966)	AA	PLT	01
30- <i>Scinax garbei</i> (Miranda-Ribeiro, 1926)	VA	PLT	02
31- <i>Scinax</i> cf. <i>nebulosus</i> (Spix, 1824)	TF	PLT	01
32- <i>Scinax ruber</i> (Laurenti, 1768)	AA	EO / PLT / RA	04
Família Leiuperidae			
33- <i>Edalorhina perezii</i> Jiménez de la Espada, 1871	TF / AA	PT	03
34- <i>Engystomops petersi</i> (Jiménez de la Espada, 1872)	TF / AA	PT	04

Táxon	Ambiente	Método	N
AMPHIBIA			
ANURA (sapos, rãs, pererecas e jias)			
Família Leptodactylidae			
35- <i>Leptodactylus andreae</i> (Müller, 1923)	AA	PLT / PT	03
36- <i>Leptodactylus hylaedactylus</i> (Boulenger, 1882)	TF	PT	01
37- <i>Leptodactylus pentadactylus</i> (Laurenti, 1768)	TF	CT	01
Família Leptodactylidae			
38- <i>Leptodactylus petersii</i> (Steindachner, 1864)	AA / IG	PLT / PT	08
39- <i>Leptodactylus rhodomystax</i> Boulenger, 1884	TF	PLT / PT	07
Família Microhylidae			
40- <i>Chiasmocleis bassleri</i> Dunn, 1949	TF	PT	06
41- <i>Chiasmocleis ventrimaculata</i> (Andersson, 1945)	TF	PT	01
42- <i>Hamptophryne boliviana</i> (Parker, 1927)	TF	PT	02
Família Pipidae			
43- <i>Pipa pipa</i> (Linnaeus, 1758)	VA	PT	01
Família Strabomantidae			
44- <i>Oreobates quixensis</i> (Jiménez de la Espada, 1872)	AA / VA	PLT / PT	04
45- <i>Pristimantis fenestratus</i> (Steindachner, 1864)	MI / VA	EO / PLT	05
46- <i>Pristimantis ockendeni</i> (Boulenger, 1912)	TF	PLT	03
47- <i>Pristimantis</i> sp.	TF	PT	02
48- <i>Pristimantis</i> sp.1	VA	PT	01
GYMNOPHIONA (cecílias, cobras-cegas)			
Família Caeciliidae			
49- <i>Oscacilia</i> sp.	TF	EO	01
REPTILIA			
SQUAMATA – Amphisbaenians (cobras-de-duas-cabeças)			
Família Amphisbaenidae			
50- <i>Amphisbaena fuliginosa</i> Linnaeus, 1758	AA	EO	01
SQUAMATA – Lagartos			
Família Gymnophthalmidae			
51- <i>Alopoglossus angulatus</i> (Linnaeus, 1758)	TF / VA	PT	06
52- <i>Arthrossaura reticulata</i> (O´Shaughnessy, 1881)	TF / VA	PT	02
53- <i>Bachia flavescens</i> (Bonnaterre, 1789)	TF / VA	PT	01
54- <i>Bachia peruana</i> (Werner, 1901)	TF / VA	PT	02
Família Iguanidae			
55- <i>Iguana iguana</i> (Linnaeus, 1758)	MI / AA	EO / PLT	02
Família Polychrotidae			
56- <i>Anolis fuscoauratus</i> D´Orbigny, 1837	VA	PLT	01
57- <i>Anolis nitens nitens</i> (Wagler, 1830)	TF	PLT	01
58- <i>Anolis nitens tandai</i> Avila-Pires, 1995	TF	CT	01
59- <i>Anolis trachyderma</i> Cope, 1876	TF / VA	PLT	08
Família Tropiduridae			
60- <i>Plica umbra</i> (Linnaeus, 1758)	TF	PT	01
Família Sphaerodactylidae			
61- <i>Gonatodes humeralis</i> (Guichenot, 1855)	MI / MR / VA	EO	04
62- <i>Gonatodes hasemani</i> Griffin, 1917	AA	PLT / PT	03
63- <i>Pseudogonatodes</i> cf. <i>gasconi</i> Avila-Pires & Hoogmoed, 2000	VA	PT	
Família Teiidae			
64- <i>Ameiva ameiva</i> (Linnaeus, 1758)	AA	PLT / CT	04
Táxon	Ambiente	Método	

				N
REPTILIA				
SQUAMATA – Lagartos				
Família Teiidae				
65-	<i>Kentropyx altamazonica</i> (Cope, 1876)	AA / MI	PLT / CT	04
SQUAMATA – Serpentes				
Família Boidae				
66-	<i>Boa constrictor</i> (Linnaeus, 1758)	*	CT	01
67-	<i>Corallus hortulanus</i> (Linnaeus, 1758)	AA / VA	CT / EO / PLT	03
68-	<i>Eunectes murinus</i> (Linnaeus, 1758)	*	ENT	-
Família Colubridae				
69-	<i>Chironius multiventris</i> Schmidt & Walker, 1943	BF / TF	CT / PLT	02
70-	<i>Drymoluber dichrous</i> (Peters, 1863)	MI	PLT	01
71-	<i>Xenoxybelis argenteus</i> (Daudin, 1803)	TF	CT	01
Família Dipsadidae				
72-	<i>Dipsas catesbyi</i> (Santzen, 1796)	VA	PLT	01
73-	<i>Helicops angulatus</i> (Linnaeus, 1758)	PR	EO	01
74-	<i>Imantodes cenchoa</i> (Linnaeus, 1758)	VA	CT / PLT	02
75-	<i>Liophis aff. poecilogyrus</i> (Wied, 1825)	AA / VA	CT / PLT	02
76-	<i>Siphlophis compressus</i> (Daudin, 1803)	VA	PLT	01
77-	<i>Thamnodynastes</i> sp.	AA	PLT	01
Família Elapidae				
78-	<i>Micrurus lemniscatus</i> (Linnaeus, 1758)	VA	PLT / PT	02
79-	<i>Micrurus spixii</i> Wagler, 1824	CR	EO	01
80-	<i>Micrurus surinamensis</i> (Cuvier, 1817)	VA	PLT	01
Família Viperidae				
81-	<i>Bothriopsis bilineata</i> (Wied, 1825)	VA	PLT	01
82-	<i>Bothrops atrox</i> (Linnaeus, 1758)	AA	EO / CT	03
83-	<i>Lachesis muta</i> (Linnaeus, 1766)	TF	CT	01
CROCODYLIA (jacarés)				
Família Alligatoridae				
84-	<i>Caiman crocodillus</i> (Linnaeus, 1758)	IG	PLT	-
85-	<i>Melanosuchus niger</i> (Spix, 1825)	CR	ENT	-
TESTUDINES (tartarugas, cágados e jabutis)				
Família Podocnemididae				
86-	<i>Podocnemis unifilis</i> Troschel, 1848	CR	ENT / CT	-
Família Testudinidae				
87-	<i>Chelonoides</i> sp.	*	ENT	-

Legenda:

Ambientes: AA = área antrópica, BF = borda de floresta, CR = calha de rio, IG = igapó, MI = margem de igarapé, MR = margem de rio, PR = praia, TF = terra firme, VA = várzea, * = não observado

Métodos: EO = encontro ocasional, ENT = entrevista, CT = contribuição de terceiros, PLT = procura limitada por tempo, PT = armadilhas de interceptação e queda (*pitfall*), RA = registro auditivo

N: Número de indivíduos coletados

Anexo 5. Lagartos registrados na Resex do Rio Gregório. A) *Anolis nitens tandai*, B) *Kentropyx altamazonica*, C) *Gonatodes humeralis*, D) *Iguana iguana*, E) *Alopoglossus angulatus*, F) *Anolis nitens nitens*, e G) *Bachia peruana*. Créditos: Davi L. Pantoja, 07 a 21 de abril de 2009.



Anexo 6. Serpentes registradas na Resex do Rio Gregório. A) *Bothriopsis bilineata*, B) *Micrurus spixii*, C) *Dipsas catesbyi*, D) *Xenoxybelis argenteus*, E) *Corallus hortulanus*, F) *Micrurus surinamensis*, G) *Liophis* aff. *poecilogyrus*, H) *Helicops angulatus*. Créditos: Davi L. Pantoja, 07 a 21 de abril de 2009.



Anexo 7. Anfíbios registrados na Resex do Rio Gregório. A) *Rhinella* gr. *margaritifera*, B) *Ameerega* *trivittata*, C) *Chiasmocleis* *bassleri*, D) *Hypsiboas* *punctatus*, E) *Rhinella* *margaritifera*, F) *Engystomops* *petersi*, G) *Leptodactylus* *rhodomystax*, H) *Allobates* sp. Créditos: Davi L. Pantoja, 07 a 21 de abril de 2009.



Anexo 8. Lista das espécies de aves registradas na RESEX do Rio Gregório, entre os dias 6 e 24 de abril de 2009.

Nome do Taxon	Nome em Português	Status	Habitat	Evidência	
Tinamiformes Huxley, 1872					
Tinamidae Gray, 1840					
<i>Tinamus guttatus</i> Temminck, 1815	azulona	R	tf	a	
<i>Tinamus major</i> (Gmelin, 1789)	inhambu-de-cabeça-vermelha	R	tf	a,g	
<i>Crypturellus cinereus</i> (Gmelin, 1789)	inhambu-preto	R	v	a,g	
<i>Crypturellus soui</i> (Hermann, 1783)	tururim	R	v,c	a,g	
<i>Crypturellus undulatus</i> (Temminck, 1815)	jaó	R	v	a,g	
<i>Crypturellus variegatus</i> (Gmelin, 1789)	inhambu-anhangá	R	tf	a,g	
Anseriformes Linnaeus, 1758					
Anatinae Leach, 1820					
<i>Cairina moschata</i> (Linnaeus, 1758)	pato-do-mato	R	r	v	
Galliformes Linnaeus, 1758					
Cracidae Rafinesque, 1815					
<i>Ortalis guttata</i> (Spix, 1825)	aracuã	R	v	v,a,g,f	
<i>Penelope jacquacu</i> Spix, 1825	jacu-de-spix	R	v	v	
<i>Mitu tuberosum</i> (Spix, 1825)	mutum-cavalo	R	tf	p	
Odontophoridae Gould, 1844					
<i>Odontophorus stellatus</i> (Gould, 1843)	uru-de-topete	R	tf	v,c	
Podicipediformes Fürbringer, 1888					
Podicipedidae Bonaparte, 1831					
<i>Tachybaptus dominicus</i> (Linnaeus, 1766)	mergulhão-pequeno	R	v	a	
Ciconiiformes Bonaparte, 1854					
Ardeidae Leach, 1820					
1783)	<i>Tigrisoma lineatum</i> (Boddaert,	socó-boi	R	r,v	v
1766)	<i>Cochlearius cochlearius</i> (Linnaeus,	arapapá	R	v	v
1789)	<i>Zebrilus undulatus</i> (Gmelin,	socoi-zigue-zague	R	v	a,g
1758)	<i>Butorides striata</i> (Linnaeus,	socozinho	R	r	v,a
	<i>Ardea cocoi</i> Linnaeus, 1766	garça-moura	R	r,v	v
	<i>Ardea alba</i> Linnaeus, 1758	garça-branca-grande	R	r	v,f

1783)	<i>Pilherodius pileatus</i> (Boddaert,	garça-real	R	r	v,f
	<i>Egretta thula</i> (Molina, 1782)	garça-branca-pequena	R	r	v
	Threskiornithidae Poche, 1904				
(Gmelin, 1789)	<i>Mesembrinibis cayennensis</i>	coró-coró	R	r,v	v
	Ciconiidae Sundevall, 1836				
1758	<i>Mycteria americana</i> Linnaeus,	cabeça-seca	R	r	v,f
<hr/>					
Cathartiformes Seebohm, 1890					
Cathartidae Lafresnaye, 1839					
	<i>Cathartes aura</i> (Linnaeus, 1758)	urubu-de-cabeça-vermelha	R	r,v	v
1845	<i>Cathartes burrovianus</i> Cassin,	urubu-de-cabeça-amarela	R	r	v
1964	<i>Cathartes melambrotus</i> Wetmore,	urubu-da-mata	R	r,v	v
1793)	<i>Coragyps atratus</i> (Bechstein,	urubu-de-cabeça-preta	R	r,v	v
<hr/>					
Falconiformes Bonaparte, 1831					
Accipitridae Vigors, 1824					
(Temminck, 1822)	<i>Chondrohierax uncinatus</i>	caracoleiro	R	v	v
1790)	<i>Harpagus bidentatus</i> (Latham,	gavião-ripina	R	v	v,f
	<i>Ictinia plumbea</i> (Gmelin, 1788)	sovi	R	v	v
(Sundevall, 1851)	<i>Leucopternis schistaceus</i>	gavião-azul	R	v	v
1788)	<i>Buteogallus urubitinga</i> (Gmelin,	gavião-preto	R	v	v
(Latham, 1790)	<i>Heterospizias meridionalis</i>	gavião-caboclo	R	v	v
1790)	<i>Busarellus nigricollis</i> (Latham,	gavião-belo	R	v	v
1788)	<i>Rupornis magnirostris</i> (Gmelin,	gavião-carijó	R	v	v,f
	<i>Harpia harpyja</i> (Linnaeus, 1758)	gavião-real	R	tf	p
	<i>Spizaetus ornatus</i> (Daudin, 1800)	gavião-de-penacho	R	v	a
Falconidae Leach, 1820					
	<i>Daptrius ater</i> Vieillot, 1816	gavião-de-anta	R	r,v	v,a,f
1783)	<i>Ibycter americanus</i> (Boddaert,	gralhão	R	tf	v,a
1816)	<i>Milvago chimachima</i> (Vieillot,	carrapateiro	R	v	v
(Linnaeus, 1758)	<i>Herpetotheres cachinnans</i>	acauã	R	tf	v,a,g,f
1817)	<i>Micrastur ruficollis</i> (Vieillot,	falcão-caburé	R	tf	a,g

	<i>Falco ruficularis</i> Daudin, 1800	cauré	R	v	v,a
Gruiformes Bonaparte, 1854					
Aramidae Bonaparte, 1852					
1766)	<i>Aramus guarauna</i> (Linnaeus,	carão	R	r,v	v,a
Psophiidae Bonaparte, 1831					
	<i>Psophia leucoptera</i> Spix, 1825	jacamim-de-costas-brancas	R	tf	v,a,g
Rallidae Rafinesque, 1815					
	<i>Anurolimnas castaneiceps</i>		R	v	a,g
1776)	<i>Aramides cajanea</i> (Statius Muller,	saracura-três-potes	R	v	v,a
Heliornithidae Gray, 1840					
	<i>Heliornis fulica</i> (Boddaert, 1783)	picaparra	R	v	a
Eurypygidae Selby, 1840					
	<i>Eurypyga helias</i> (Pallas, 1781)	pavãozinho-do-pará	R	v	a,g
Charadriiformes Huxley, 1867					
Charadrii Huxley, 1867					
Charadriidae Leach, 1820					
	<i>Vanellus cayanus</i> (Latham, 1790)	batuíra-de-esporão	R	v	v
	<i>Charadrius collaris</i> Vieillot, 1818	batuíra-de-coleira	R	v	v
Scolopaci Steijneger, 1885					
Scolopacidae Rafinesque, 1815					
	<i>Tringa solitaria</i> Wilson, 1813	maçarico-solitário	VN	v	v,a
Jacanidae Chenu & Des Murs, 1854					
	<i>Jacana jacana</i> (Linnaeus, 1766)	jaçanã	R	v	v
Lari Sharpe, 1891					
Sternidae Vigors, 1825					
1819)	<i>Sternula superciliaris</i> (Vieillot,	trinta-réis-anão	R	r,v	v
Nome do Táxon	Nome em Português	Status	Habitat	Evidência	
<i>Phaetusa simplex</i> (Gmelin, 1789)	trinta-réis-grande	R	r,v	v	
Rhynchopidae Bonaparte 1838					
	<i>Rhynchops niger</i> Linnaeus, 1758	talha-mar	R	r,v	v
Columbiformes Latham, 1790					
Columbidae Leach, 1820					

1758)	<i>Columbina passerina</i> (Linnaeus,	rolinha-cinzeira	R	c	v
1811)	<i>Columbina talpacoti</i> (Temminck,	rolinha-roxa	R	c	v,a,g
(Bonnaterre, 1792)	<i>Patagioenas cayennensis</i>	pomba-galega	R	v	a
1818)	<i>Patagioenas plumbea</i> (Vieillot,	pomba-amargosa	R	tf	a,g
(Lawrence, 1868)	<i>Patagioenas subvinacea</i>	pomba-botafogo	R	tf	a,g
1855	<i>Leptotila verreauxi</i> Bonaparte,	juriti-pupu	R	c	a,g
1758)	<i>Geotrygon montana</i> (Linnaeus,	pariri	R	tf	a,g,f,r

Psittaciformes Wagler, 1830

Psittacidae Rafinesque, 1815

	<i>Ara ararauna</i> (Linnaeus, 1758)	arara-canindé	R	tf,v	v,a
	<i>Ara macao</i> (Linnaeus, 1758)	araracanga	R	v	v,a
	<i>Ara chloropterus</i> Gray, 1859	arara-vermelha-grande	R	v	v,a
	<i>Ara severus</i> (Linnaeus, 1758)	maracanã-guaçu	R	v	v,a
(Boddaert, 1783)	<i>Orthopsittaca manilata</i>	maracanã-do-buriti	R	v	v,a,g
	<i>Primolius couloni</i> (Sclater, 1876)	maracanã-de-cabeça-azul	R	tf	a,g
Muller, 1776)	<i>Aratinga leucophthalma</i> (Statius	periquitão-maracanã	R	v	v,a
	<i>Aratinga weddellii</i> (Deville, 1851)	periquito-de-cabeça-suja	R	v	v,a,g,f,c
	<i>Pyrrhura</i> sp.	tiriba	R	tf	a,g
Muller, 1776)	<i>Brotogeris versicolurus</i> (Statius	periquito-de-asa-branca	R	v	v
	<i>Brotogeris sanctithomae</i>	periquito-testinha	R	v	v,a,g,f
<i>sanctithomae</i> (Statius Muller, 1776)					
	<i>Pionites leucogaster</i> (Kuhl, 1820)	marianinha-de-cabeça-amarela	R	v	v,a,g
1820)	<i>Gypopsitta barrabandi</i> (Kuhl,	curica-de-bochecha-laranja	R	v,tf	v,a,g,f
1766)	<i>Pionus menstruus</i> (Linnaeus,	maitaca-de-cabeça-azul	R	v,tf	v,a,f
1758)	<i>Amazona festiva</i> (Linnaeus,	papagaio-da-várzea	R	v	v,a
1788)	<i>Amazona ochrocephala</i> (Gmelin,	papagaio-campeiro	R	v	v,a
Camargo, 1989	<i>Amazona kawalli</i> Grantsau &	papagaio-dos-garbes	R	v,tf	v,a,g
1783)	<i>Amazona farinosa</i> (Boddaert,	papagaio-moleiro	R	tf	v,a,g
1758)	<i>Deropterus accipitrinus</i> (Linnaeus,	anacã	R	tf	a

Cuculiformes Wagler, 1830

Cuculidae Leach, 1820					
Cuculinae Leach, 1820					
1817)	<i>Piaya cayana</i> (Linnaeus, 1766)	alma-de-gato	R	v	v,a
	<i>Piaya melanogaster</i> (Vieillot,	chincoã-de-bico-vermelho	R	tf	v,a
Crotophaginae Swainson, 1837					
	<i>Crotophaga major</i> Gmelin, 1788	anu-coroca	R	v	v,a
	<i>Crotophaga ani</i> Linnaeus, 1758	anu-preto	R	v,c	v,a
Neomorphinae Shelley, 1891					
	<i>Tapera naevia</i> (Linnaeus, 1766)	saci	R	v	a
<hr/>					
Strigiformes Wagler, 1830					
Strigidae Leach, 1820					
1817)	<i>Megascops choliba</i> (Vieillot,	corujinha-do-mato	R	tf	a,g
	<i>Megascops usta</i> (Sclater, 1858)	corujinha-relógio	R	tf	a,g
	<i>Strix huhula</i> Daudin, 1800	coruja-preta	R	tf	a
1990	<i>Glaucidium hardyi</i> Vielliard,	caburé-da-amazônia	R	tf	v,a,g
1788)	<i>Glaucidium brasilianum</i> (Gmelin,	caburé	R	v	v,a,g
<hr/>					
Caprimulgiformes Ridgway, 1881					
Nyctibiidae Chenu & Des Murs,					
1851					
	<i>Nyctibius grandis</i> (Gmelin, 1789)	mãe-da-lua-gigante	R	c	a
	<i>Nyctibius griseus</i> (Gmelin, 1789)	mãe-da-lua	R	v	a
Caprimulgidae Vigors, 1825					
	<i>Lurocalis semitorquatus</i> (Gmelin, 1789)	tuju	R	v	v,a
	<i>Chordeiles rupestris</i> (Spix, 1825)	bacurau-da-praia	R	v	v
	<i>Nyctidromus albicollis</i> (Gmelin, 1789)	curiango	R	v	v,a,c
	<i>Caprimulgus nigrescens</i> Cabanis, 1848	bacurau-de-lajeado	R	tf	a
	<i>Hydropsalis climacocerca</i> (Tschudi, 1844)	acurana	R	v	v,c
<hr/>					
Apodiformes Peters, 1940					
Apodidae Olphe-Galliard, 1887					
	<i>Chaetura brachyura</i> (Jardine, 1846)	andorinhão-de-rabo-curto	R	v	v
	<i>Tachornis squamata</i> (Cassin, 1853)	tesourinha	R	v	v
Trochilidae Vigors, 1825					

Phaethornithinae Jardine, 1833					
	<i>Threnetes leucurus</i> (Linnaeus, 1766)	balança-rabo-de-garganta-preta	R	tf	v,f
	<i>Phaethornis ruber</i> (Linnaeus, 1758)	rabo-branco-rubro	R	tf	v
1832)	<i>Phaethornis bourcierii</i> (Lesson,	rabo-branco-de-bico-reto	R	tf	v,f
1835)	<i>Phaethornis malaris</i> (Nordmann,	besourão-de-bico-grande	R	tf	v,f,r
Trochilinae Vigors, 1825					
1788)	<i>Thalurania furcata</i> (Gmelin,	beija-flor-tesoura-verde	R	tf	v,c,r
Trogoniformes A. O. U., 1886					
Trogonidae Lesson, 1828					
	<i>Trogon viridis</i> Linnaeus, 1766	surucuá-grande-de-barriga-amarela	R	tf	v,a,g
	<i>Trogon curucui</i> Linnaeus, 1766	surucuá-de-barriga-vermelha	R	v	v,a,c
	<i>Trogon violaceus</i> Gmelin, 1788	surucuá-pequeno	R	tf	a
	<i>Trogon collaris</i> Vieillot, 1817	surucuá-de-coleira	R	v	v,a,g
	<i>Trogon rufus</i> Gmelin, 1788	surucuá-de-barriga-amarela	R	tf	a
1838	<i>Trogon melanurus</i> Swainson,	surucuá-de-cauda-preta	R	tf	a
Coraciiformes Forbes, 1844					
Alcedinidae Rafinesque, 1815					
1766)	<i>Ceryle torquatus</i> (Linnaeus,	martim-pescador-grande	R	v,r	v,a
1790)	<i>Chloroceryle amazona</i> (Latham,	martim-pescador-verde	R	v,r	v,a,f,g
1788)	<i>Chloroceryle americana</i> (Gmelin,	martim-pescador-pequeno	R	v,r	v,a
1766)	<i>Chloroceryle inda</i> (Linnaeus,	martim-pescador-da-mata	R	v,r	v,a,f
	<i>Chloroceryle aenea</i> (Pallas, 1764)	martinho	R	v,r	v
Momotidae Gray, 1840					
(Leadbeater, 1829)	<i>Electron platyrhynchum</i>	udu-de-bico-largo	R	v,tf	v,a,g,c
	<i>Baryphengus martii</i> (Spix, 1824)	juruva-ruiua	R	tf	v,a
1766)	<i>Momotus momota</i> (Linnaeus,	udu-de-coroa-azul	R	tf	v,a,g
Galbuliformes Fürbringer, 1888					
Galbulidae Vigors, 1825					
Goeldi, 1904	<i>Galbacyrhynchus purusianus</i>	sovela-vermelha	R	v	v,a,g,c
1824)	<i>Brachygalba albogularis</i> (Spix,	agulha-de-garganta-branca	R	v	v,f

1838)	<i>Brachygalba lugubris</i> (Swainson,	ariramba-preta	R	v	v
	<i>Galbula cyanescens</i> Deville, 1849	ariramba-da-capoeira	R	v	v,a,g
Bucconidae Horsfield, 1821					
	<i>Bucco tamatia</i> Gmelin, 1788	rapazinho-carijó	R	tf	a,g
	<i>Bucco macrodactylus</i> (Spix, 1824)	rapazinho-de-boné-vermelho	R	v	a,g
	<i>Nystalus striolatus</i> (Pelzeln, 1856)	rapazinho-estriado	R	v	a,g
	<i>Monasa nigrifrons</i> (Spix, 1824)	chora-chuva-preto	R	v	v,a,g
	<i>Nonnula sclateri</i> Hellmayr, 1907	freirinha-amarelada	R	tf	a,g
Küster, 1823)	<i>Monasa morphoeus</i> (Hahn &	chora-chuva-de-cara-branca	R	tf	v
1782)	<i>Chelidoptera tenebrosa</i> (Pallas,	urubuzinho	R	v,c	v
Piciformes Meyer & Wolf, 1810					
Capitonidae Bonaparte, 1838					
	<i>Capito auratus</i> (Dumont, 1816)	capitão-de-fronte-dourada	R	tf	v,a,g
	<i>Eubucco richardsoni</i> (Gray, 1846)	capitão-de-bigode-limão	R	v,tf	v,a,g
Ramphastidae Vigors, 1825					
1776	<i>Ramphastos toco</i> Stadius Muller,	tucano-açu	R	v	v
1758	<i>Ramphastos tucanus</i> Linnaeus,	tucano-grande-de-papo-branco	R	tf	v,a
Lichtenstein, 1823	<i>Ramphastos vitellinus</i>	tucano-de-bico-preto	R	tf	v,a
1827)	<i>Selenidera reinwardtii</i> (Wagler,	saripoca-de-coleira	R	tf	v,a,g,c
1758)	<i>Pteroglossus aracari</i> (Linnaeus,	araçari-de-bico-branco	R	tf,v	v,a,g
1832	<i>Pteroglossus beauharnaesii</i> Wagler,	araçari-mulato	R	tf	v
Picidae Leach, 1820					
	<i>Picumnus aurifrons</i> Pelzeln, 1870	pica-pau-anão-dourado	R	tf	v, a
1783)	<i>Melanerpes cruentatus</i> (Boddaert,	benedito-de-testa-vermelha	R	v,tf	v,a
1766)	<i>Veniliornis passerinus</i> (Linnaeus,	picapauzinho-anão	R	v	v,a,g
1783)	<i>Piculus flavigula</i> (Boddaert,	pica-pau-bufador	R	tf	a
1818)	<i>Piculus chrysochloros</i> (Vieillot,	pica-pau-dourado-escuro	R	tf	a
1783)	<i>Colaptes punctigula</i> (Boddaert,	pica-pau-de-peito-pontilhado	R	v	v,a
Malherbe, 1845)	<i>Celeus grammicus</i> (Natterer &	picapauzinho-chocolate	R	tf	a,g
1776)	<i>Celeus elegans</i> (Stadius Muller,	pica-pau-chocolate	R	tf	v,a

1776)	<i>Celeus flavus</i> (Statius Muller,	pica-pau-amarelo	R	tf	v,a,c
1766)	<i>Dryocopus lineatus</i> (Linnaeus,	pica-pau-de-banda-branca	R	tf,v	v,a,f
(Boddaert, 1783)	<i>Campephilus rubricollis</i>	pica-pau-de-barriga-vermelha	R	tf	v,a
(Gmelin, 1788)	<i>Campephilus melanoleucos</i>	pica-pau-de-topete-vermelho	R	v	v

Passeriformes Linné, 1758

Tyranni Wetmore & Miller, 1926

Furnariida Sibley, Ahlquist & Monroe,
1988

Thamnophiloidea Swainson, 1824

Thamnophilidae Swainson, 1824

1814)	<i>Cymbilaimus lineatus</i> (Leach,	papa-formiga-barrado	R	tf	a,g
Gyldenstolpe, 1941	<i>Cymbilaimus sanctamariae</i>	choca-do-bambu	R	tf	a,g
	<i>Taraba major</i> (Vieillot, 1816)	choró-boi	R	tf,c	v,a,g,f
1764)	<i>Thamnophilus doliatus</i> (Linnaeus,	choca-barrada	R	c	a,g
d'Orbigny, 1835	<i>Thamnophilus schistaceus</i>	choca-de-olho-vermelho	R	v	a,g
Salvin, 1868	<i>Thamnophilus murinus</i> Sclater & & Salvin, 1867)	choca-murina	R	tf	a,g
	<i>Thamnomanes ardesiacus</i> (Sclater & Salvin, 1867)	uirapuru-de-garganta-preta	R	tf	a,g,f,r
(Temminck, 1820)	<i>Thamnomanes caesius</i>	ipeçuá	R	tf	v, a,g,f,c
Hellmayr, 1911	<i>Thamnomanes schistogynus</i>	uirapuru-azul	R	tf	v, a,g,f,c,r
	<i>Pygiptila stellaris</i> (Spix, 1825)	choca-cantadora	R	v,tf	v,a,g,f
(Sclater, 1857)	<i>Epinecrophylla haematonota</i>	choquinha-de-garganta-carijó	R	tf	a,g
(Hermann, 1783)	<i>Myrmotherula brachyura</i>	choquinha-miúda	R	tf	a,g
Sclater, 1858	<i>Myrmotherula multostriata</i>	choquinha-estriada-da- amazônia	R	v	v,a,g
1925 *	<i>Myrmotherula sunensis</i> Chapman,	choquinha-do-oeste	R#	v?	a,g
1857)	<i>Myrmotherula hauxwelli</i> (Sclater,	choquinha-de-garganta-clara	R	tf	v,a,g,c,r
1817)	<i>Myrmotherula axillaris</i> (Vieillot,	choquinha-de-flanco-branco	R	tf	v,a,r
1868	<i>Myrmotherula longipennis</i> Pelzeln,	choquinha-de-asa-comprida	R	tf	v,a
(d'Orbigny, 1837)	<i>Myrmotherula menetriesii</i>	choquinha-de-garganta-cinza	R	tf	v,a,c
1857)	<i>Cercomacra cinerascens</i> (Sclater,	chororó-pocuá	R	tf	a,g
(Cabanis & Heine, 1859)	<i>Cercomacra nigrescens fuscicauda</i>	chororó-negro	R	v	v,a,g,c

1844)	<i>Myrmoborus leucophrys</i> (Tschudi,	papa-formiga-de-sobrancelha	R	v	v,a,g,r
1825)	<i>Myrmoborus myotherinus</i> (Spix,	formigueiro-de-cara-preta	R	tf	v,a,g,f
Taczanowski, 1884	<i>Hypocnemis peruviana</i>	papa-formiga-cantador	R	tf,v	v,a,g,c,r
1869	<i>Hypocnemis hypoxantha</i> Sclater,	cantador-sinaleiro	R	tf	v,a,g,c,r
1868)	<i>Schystocichla leucostigma</i> (Pelzeln,	formigueiro-de-asa-pintada	R	tf	a,g
(Gmelin, 1788)	<i>Sclateria naevia argentata</i>	papa-formiga-do-igarapé	R	v	v,a,g
1857	<i>Myrmeciza hemimelaena</i> Sclater,	formigueiro-de-cauda-castanha	R	c	v,a,g,c
1783)	<i>Myrmeciza atrothorax</i> (Boddaert,	formigueiro-de-peito-preto	R	c	v,a,g
1908)	<i>Myrmeciza goeldii</i> (Snethlage,	formigueiro-de-goeldi	R	v,c	v,a,g,c
1855)	<i>Myrmeciza hyperythra</i> (Sclater,	formigueiro-chumbo	R	v	v,a,g
1901)	<i>Gymnopathys salvini</i> (Berlepsch,	mãe-de-taoca-de-cauda-barrada	R	tf	v,a
(Sclater & Salvin, 1880)	<i>Rhegmatohina melanosticta</i>	mãe-de-taoca-cabeçuda	R	tf	v,c,r
1789)	<i>Hylophylax naevius</i> (Gmelin,	guarda-floresta	R	v	v,a,g
1847)	<i>Willisornis poecilinotus</i> (Cabanis,	rendadinho	R	tf	v,a,g,r
1855)	<i>Phlegopsis erythroptera</i> (Gould,	mãe-de-taoca-avermelhada	R	tf	v,f
(d'Orbigny & Lafresnaye, 1837)	<i>Phlegopsis nigromaculata</i>	mãe-de-taoca	R	tf	v,a,g,r
1873	Conopophagidae Sclater & Salvin,				
1789)	<i>Conopophaga aurita</i> (Gmelin,	chupa-dente-de-cinta	R	tf	V
	Rhynocryptidae				
1865)	<i>Liosceles thoracicus</i> (Sclater,	corneteiro-da-mata	R	tf	a,g
	Furnarioidea Gray, 1840				
	Grallariidae Sclater & Salvin, 1873				
1903)	<i>Hylopezus berlepschi</i> (Hellmayr,	torom-torom	R	tf	a,g
(Hermann, 1783)	<i>Myrmothera campanisona</i>	tovaca-patinho	R	tf	v,a,g
	Formicariidae Gray, 1840				
1783	<i>Formicarius colma</i> Boddaert,	galinha-do-mato	R	tf	a,g
	<i>Formicarius analis</i> (d'Orbigny & Lafresnaye, 1837)	pinto-do-mato-de-cara-preta	R	v,tf	v,a,g,c,r
*	<i>Formicarius rufifrons</i> Blake, 1957	pinto-do-mato-de-fronte-ruiva	R	tf	a,g

	<i>Chamaeza nobilis</i> Gould, 1855	tovaca-estriada	R	tf	a,g
Dendrocolaptidae Gray, 1840					
1818)	<i>Dendrocincla fuliginosa</i> (Vieillot,	arapaçu-pardo	R	tf	v,a,g
(Lichtenstein, 1829)	<i>Dendrocincla menula</i>	arapaçu-da-taoca	R	tf	v,a,r
1868)	<i>Deconychura longicauda</i> (Pelzeln,	arapaçu-rabudo	R	tf	v,a,g,c
1868)	<i>Deconychura stictolaema</i> (Pelzeln,	arapaçu-de-garganta-pintada	R	tf	v,a,g,c,r
1818)	<i>Sittasomus griseicapillus</i> (Vieillot,	arapaçu-verde	R	tf	v,a,g
1819)	<i>Glyphorhynchus spirurus</i> (Vieillot,	arapaçu-de-bico-de-cunha	R	tf	v,f,r
1818)	<i>Nasica longirostris</i> (Vieillot,	arapaçu-de-bico-comprido	R	v	a
1844)	<i>Dendrexetastes rufigula</i> (Lesson,	arapaçu-galinha	R	v,tf	a,g
(Lesson, 1840)	<i>Xiphocolaptes promeropirhynchus</i>	arapaçu-vermelho	R	v	a,g
(Pelzeln, 1868)	<i>Xiphorhynchus elegans juruanus</i>	arapaçu-elegante	R	tf	a,g,c,r
1788)	<i>Xiphorhynchus picus</i> (Gmelin,	arapaçu-de-bico-branco	R	v,c	v,a,g
1824)	<i>Xiphorhynchus ocellatus</i> (Spix,	arapaçu-ocelado	R	t	tf
(Lichtenstein, 1820)	<i>Xiphorhynchus obsoletus</i>	arapaçu-riscado	R	v	v,a
(Lichtenstein, 1820)	<i>Xiphorhynchus guttatus</i>	arapaçu-de-garganta-amarela	R	v,tf	v,a,g,c,r
Furnariidae Gray, 1840					
Swainson, 1838	<i>Furnarius leucopus tricolor</i>	casaca-de-couro-amarelo	R	v	v,a,g
1859	<i>Synallaxis albigularis</i> Pelzeln,	joão-de-barriga-branca	R	c	a,g
& Lafresnaye, 1838)	<i>Cranioleuca gutturata</i> (d'Orbigny	joão-pintado	R	v	a,g
1856)	<i>Cranioleuca vulpina</i> (Pelzeln,	arredio-do-rio	R	v	a
& Lafresnaye, 1838)	<i>Philydor ruficaudatum</i> (d'Orbigny	limpa-folha-de-cauda-ruiva	R	tf	v
1848)	<i>Philydor pyrrhodes</i> (Cabanis,	limpa-folha-vermelho	R	tf	v,a,g
1844)	<i>Automolus ochrolaemus</i> (Tschudi,	barranqueiro-camurça	R	tf	v,a,g,f,r
	<i>Automolus rubiginosus</i>		R	tf	a,g,r
1856)	<i>Automolus infuscatus</i> (Sclater,	barranqueiro-pardo	R	tf	v,a,g,f
1788)	<i>Xenops minutus</i> (Sparrman,	bico-virado-miúdo	R	tf	v,a,g
Tyrannida Wetmore & Miller, 1926					

Tyrannidae Vigors, 1825

Pipromorphinae Bonaparte, 1853

(Lichtenstein, 1823)	<i>Mionectes oleagineus</i>	abre-asa	R	tf	v,f
1919)	<i>Mionectes macconnelli</i> (Chubb,	abre-asa-da-mata	R	tf	v,f
1844)	<i>Corythopis torquatus</i> (Tschudi,	estalador-do-norte	R	tf	v,a,f
Penard, 1921)	<i>Lophotriccus vitiosus</i> (Bangs &	maria-fiteira	R	tf	a,g
1868)	<i>Poecilotriccus latirostris</i> (Pelzeln,	ferreirinho-de-cara-parda	R	v	g
(Desmarest, 1806)	<i>Todirostrum maculatum</i>	ferreirinho-estriado	R	v	a
1856	Elaeniinae Cabanis & Heine,				
	<i>Tyrannulus elatus</i> (Latham, 1790)	maria-te-viu	R	v	a
1839)	<i>Myiopagis gaimardii</i> (d'Orbigny,	maria-pechim	R	tf	a
1835)	<i>Myiopagis caniceps</i> (Swainson,	guaracava-cinzenta	R	tf	a,g
	<i>Ornithion inerme</i> Hartlaub, 1853	poiaeiro-de-sobrancelha	R	tf	a
	<i>Phaeomyias murina</i> (Spix, 1825)	bagageiro	R	v	a
1868)	<i>Tolmomyias assimilis</i> (Pelzeln,	bico-chato-da-copa	R	v	v,a,g,c
(Taczanowski, 1884)	<i>Tolmomyias poliocephalus</i>	bico-chato-de-cabeça-cinza	R	c	v,a,g,c
1858	<i>Platyrinchus coronatus</i> Sclater,	patinho-de-coroa-dourada	R	tf	a,g
(Gmelin, 1788)	<i>Platyrinchus platyrhynchos</i>	patinho-de-coroa-branca	R	tf	v,a,g,f
1823)	<i>Capsiempis flaveola</i> (Lichtenstein,	marianinha-amarela	R	v	a,g
	Fluvicolinae Swainson, 1832				
1789)	<i>Myiobius barbatus</i> (Gmelin,	assanhadinho	R	tf	v
1847)	<i>Terenotriccus erythnurus</i> (Cabanis,	papa-moscas-uirapuru	R	tf	v
1868)	<i>Ochthornis littoralis</i> (Pelzeln,	maria-da-praia	R	v	v,a,g
	<i>Colonia colonus</i> (Vieillot, 1818)	viuvinha	R	v	v,f
	Tyranninae Vigors, 1825				
1766)	<i>Myiozetetes cayanensis</i> (Linnaeus,	bentevizinho-de-asa-ferrugínea	R	v,c	v,a
	<i>Myiozetetes similis</i> (Spix, 1825)	bentevizinho-de-penacho-vermelho	R	v,c	v,a
1862	<i>Myiozetetes granadensis</i> Lawrence,	bem-te-vi-de-cabeça-cinza	R	v	v,a,g,c
1766)	<i>Pitangus sulphuratus</i> (Linnaeus,	bem-te-vi	R	v,c	v,a

Muller, 1776)	<i>Myiodynastes maculatus</i> (Statius	bem-te-vi-rajado	R	c	v,a,g,c
1766)	<i>Megarynchus pitangua</i> (Linnaeus,	neinei	R	v,c	v,a
1825)	<i>Tyrannopsis sulphurea</i> (Spix,	suiriri-de-garganta-rajada	R	v	a
1819	<i>Tyrannus melancholicus</i> Vieillot,	suiriri	R	v,c	v,a
	<i>Tyrannus savana</i> Vieillot, 1808	tesourinha	R	v	v
1823)	<i>Rhytipterna simplex</i> (Lichtenstein,	vissia	R	tf	a,g
	<i>Myiarchus ferox</i> (Gmelin, 1789)	maria-cavaleira	R	c	a,g
1789)	<i>Attila cinnamomeus</i> (Gmelin,	tinguaçu-ferrugem	R	v	a
	<i>Attila citriniventris</i> Sclater, 1859	tinguaçu-de-barriga-amarela	R	v	a,g
1848	<i>Attila bolivianus</i> Lafresnaye,	bate-pára	R	v	a,g
	<i>Attila spadiceus</i> (Gmelin, 1789)	capitão-de-saira-amarelo	R	tf	a,g
	Oxyruncidae Ridgway, 1906				
	Cotingidae Bonaparte, 1849				
	Rupicolinae Bonaparte, 1853				
1832	<i>Phoenicircus nigricollis</i> Swainson,	saurá-de-pescoço-preto	R	tf	a
	Cotinginae Bonaparte, 1849				
1766)	<i>Cotinga maynana</i> (Linnaeus,	cotinga-azul	R	v	v
	<i>Lipaugus vociferans</i> (Wied, 1820)	cricrió	R	tf	v,a,g,f
1758)	<i>Gymnoderus foetidus</i> (Linnaeus,	anambé-pombo	R	v	v
Muller, 1776)	<i>Querula purpurata</i> (Statius	anambé-uma	R	v,tf	v,a,g
	Pipridae Rafinesque, 1815				
(Hellmayr, 1906)	<i>Tyranneutes stolzmanni</i>	uirapuruzinho	R	tf	v,a,g
	<i>Lepidothrix coronata</i> (Spix, 1825)	uirapuru-de-chapéu-azul	R	tf	v,f,c,r
1766)	<i>Chiroxiphia pareola</i> (Linnaeus,	tangará-falso	R	tf	a,g
	<i>Dixiphia pipra</i> (Linnaeus, 1758)	cabeça-branca	R	tf	v,f
	<i>Pipra filicauda</i> Hellmayr, 1906	rabo-de-aramé	R	tf	v,f,r
1821	<i>Pipra rubrocapilla</i> Temminck,	cabeça-encarnada	R	tf	a,g
	Tityridae Gray, 1840				
	<i>Schiffornis major</i> Des Murs, 1856	flautim-ruivo	R	v	v,a,g
	<i>Schiffornis turdina</i> (Wied, 1831)	flautim-marrom	R	tf	a

	<i>Tityra cayana</i> (Linnaeus, 1766)	anambé-branco-de-rabo-preto	R	v	v
	<i>Tityra semifasciata</i> (Spix, 1825)	anambé-branco-de-máscara-negra	R	c	v,f
	<i>Pachyramphus marginatus</i> (Lichtenstein, 1823)	caneleiro-bordado	R	v	a,g
	Passeri Linné, 1758				
	Corvida Sibley, Ahlquist & Monroe, 1988				
	Vireonidae Swainson, 1837				
	<i>Vireo olivaceus</i> (Linnaeus, 1766)	juruviana	R	v	a
1868	<i>Hylophilus hypoxanthus</i> Pelzeln,	vite-vite-de-barriga-marela	R	tf	a,g
	Corvidae Leach, 1820				
1847	<i>Cyanocorax violaceus</i> Du Bus,	gralha-violácea	R	v	v,a,g,c
	Passerida Linné, 1758				
	Hirundinidae Rafinesque, 1815				
1783)	<i>Tachycineta albiventer</i> (Boddaert,	andorinha-do-rio	R	r	v,a,f
	<i>Progne tapera</i> (Vieillot, 1817)	andorinha-do-campo	R	r	v
1820)	<i>Atticora melanoleuca</i> (Wied,	andorinha-de-coleira	R	r	v,a,f
1817)	<i>Stelgidopteryx ruficollis</i> (Vieillot,	andorinha-serradora	R	r	v
	<i>Hirundo rustica</i> Linnaeus, 1758	andorinha-de-bando	VN	r	v
	Troglodytidae Swainson, 1831				
1855)	<i>Microcerculus marginatus</i> (Sclater,	uirapuru-veado	R	tf	a,g
1823	<i>Troglodytes musculus</i> Naumann,	corruíra	R	c	a,g
1831)	<i>Campylorhynchus turdinus</i> (Wied,	catatau	R	v	a,g
	<i>Cantorchilus griseus</i> (Todd, 1925)	garrincha-cinza	R	v	a,g
1845)	<i>Cantorchilus leucotis</i> (Lafresnaye,	garrinção-de-barriga-vermelha	R	v	a,g
1838	<i>Cantorchilus genibarbis</i> Swainson,	garrinção-pai-avô	R	v	a,g,c
2006	Donacobiidae Aleixo & Pacheco,				
1766)	<i>Donacobius atricapilla</i> (Linnaeus,	japacanim	R	v	v,a,g,f
	Poliophtilidae Baird, 1858				
1819	<i>Ramphocaenus melanurus</i> Vieillot,	bico-assoavelado	R	tf	v,a,g
	Turdidae Rafinesque, 1815				
	<i>Turdus laurencii</i> Coues, 1880	caraxué-de-bico-amarelo	R	tf	a,g

1838	<i>Turdus albicollis</i> Vieillot, 1818	sabiá-coleira	R	tf	a,g
	Coerebidae d'Orbigny & Lafresnaye,				
1758)	<i>Coereba flaveola</i> (Linnaeus,	cambacica	R	v	a
	Thraupidae Cabanis, 1847				
1788)	<i>Cissopis leverianus</i> (Gmelin,	tietinga	R	v,c	v
(Vieillot, 1817)	<i>Lamprospiza melanoleuca</i>	pipira-de-bico-vermelho	R	tf	a
1766)	<i>Tachyphonus cristatus</i> (Linnaeus,	tiê-galo	R	tf	v
1825)	<i>Ramphocelus nigrogularis</i> (Spix,	pipira-de-máscara	R	v,c	v,a,g
	<i>Ramphocelus carbo</i> (Pallas, 1764)	pipira-vermelha	R	v,c	v,a
	<i>Habia rubica</i> (Vieillot, 1817)	tiê-do-mato-grosso	R	tf	a,g
1766)	<i>Thraupis episcopus</i> (Linnaeus,	sanhaçu-da-amazônia	R	v,c	v,a
	<i>Thraupis palmarum</i> (Wied, 1823)	sanhaçu-do-coqueiro	R	v,c	v,a
	<i>Tangara chilensis</i> (Vigors, 1832)	sete-cores-da-amazônia	R	v,tf	v
	<i>Tangara schrankii</i> (Spix, 1825)	saira-ouro	R	tf	v
1766)	<i>Tangara punctata</i> (Linnaeus,	saira-negaça	R	tf	v
	<i>Tangara velia</i> (Linnaeus, 1758)	saira-diamante	R	tf	v
1849)	<i>Tangara callophrys</i> (Cabanis,	saira-opala	R	tf	v
	<i>Dacnis cayana</i> (Linnaeus, 1766)	sai-azul	R	tf	v
1847)	<i>Cyanerpes nitidus</i> (Hartlaub,	sai-de-bico-curto	R	tf	v
1758)	<i>Cyanerpes caeruleus</i> (Linnaeus,	sai-de-perna-amarela	R	tf	v
1766)	<i>Cyanerpes cyaneus</i> (Linnaeus,	saira-beija-flor	R	tf	v
1758)	<i>Chlorophanes spiza</i> (Linnaeus,	sai-verde	R	tf	v
1818)	<i>Hemithraupis flavicollis</i> (Vieillot,	saira-galega	R	tf	v
(Latham, 1790)	<i>Schistochlamys melanopsis</i>	sanhaçu-de-coleira	R	v	v
1809)	<i>Conirostrum bicolor</i> (Vieillot,	figuinha-do-mangue	R	v	v
	Emberizidae Vigors, 1825				
1825)	<i>Ammodramus aurifrons</i> (Spix,	cigarrinha-do-campo	R	c	v
1766)	<i>Sporophila angolensis</i> (Linnaeus,	curió	R	c	v,a,g
	<i>Paroaria gularis</i> (Linnaeus, 1766)	cardeal-da-amazônia	R	v	v

Cardinalidae Ridgway, 1901					
1776)	<i>Saltator maximus</i> (Statius Muller,	tempera-viola	R	v	a,g
	<i>Saltator grossus</i> (Linnaeus, 1766)	bico-encarnado	R	tf	a
1817	<i>Saltator coenulescens</i> Vieillot,	sabiá-gongá	R	v	v,a,g
(Lafresnaye, 1847)	<i>Cyanocopsa cyanooides</i>	azulão-da-amazônia	R	tf	a,g
Icteridae Vigors, 1825					
1769)	<i>Psarocolius decumanus</i> (Pallas,	japu	R	v	v,a,g
1824)	<i>Psarocolius bifasciatus</i> (Spix,	japuaçu	R	v	v,a,g
1816)	<i>Procacicus solitarius</i> (Vieillot,	iraúna-de-bico-branco	R	v	v,a,g
1766)	<i>Cacicus haemorrhous</i> (Linnaeus,	guaxe	R	tf	v,a,g
,1838)	<i>Cacicus latirostris</i> (Swainson	japu-de-rabo-verde	R#	v	v,f
	<i>Cacicus cela</i> (Linnaeus, 1758)	xexéu	R	v,c	v,a,g
1824)	<i>Lampropsar tanagrinus</i> (Spix,	iraúna-velada	R	v	v,a,g
(Linnaeus, 1766)	<i>Chrysomus icterocephalus</i>	iratauí-pequeno	R	r	v
1788)	<i>Molothrus oryzivorus</i> (Gmelin,	iraúna-grande	R	v	v
1789)	<i>Molothrus bonariensis</i> (Gmelin,	vira-bosta	R	v	v
	<i>Icterus croconotus</i> (Wagler, 1829)	joão-pinto	R	v	a,g
Fringillidae Leach, 1820					
Salvin, 1869	<i>Euphonia chrysopasta</i> Sclater &	gaturamo-verde	R	tf	v,a
1819)	<i>Euphonia rufiventris</i> (Vieillot,	gaturamo-do-norte	R	tf	a

LEGENDA

Status: *R*- Residente; *R#*- Presumidamente Residente; *VN*- Migrante do norte

Habitat: *c*- capoeira; *r*- rio; *tf*- terra firme; *v*- várzea

Evidência/tipo de registro: *v*- visual; *a*- auditivo; *g*- gravado; *f*- fotografado ou filmado; *c*- coletado; *r*- capturado em rede.

* Registro necessitando de confirmação

Anexo 9. Relação das espécies botânicas identificadas nas parcelas de 20 x 125 metros na Reserva Extrativista Rio Gregório, Amazonas e seus respectivos nomes vulgares.

Família	Nome Científico	Nome vulgar
Anacardiaceae	<i>Anacardium parvifolium</i> Ducke	cajuí
	<i>Spondias mombim</i> L.	cajá
	<i>Tapirira guianensis</i> Aubl.	pau-pombo
	<i>Thrysodium spruceanum</i> Benth.	breu-de-leite
Família	Nome Científico	Nome vulgar
Annonaceae	<i>Anaxagorea brevipes</i> Benth.	envira-dura
	<i>Annona amazonica</i> R.E. Fr.	envira-branca
	<i>Annona ambotay</i> Aubl.	envira-taia
	<i>Annona excellens</i> R.E. Fr.	graviolinha
	<i>Annona sericea</i> Dunal	ata-brava
	<i>Bocageopsis multiflora</i> (Mart.) R.E. Fr.	envira-surucucu
	<i>Duguetia surinamensis</i> R.E. Fr.	envira-amarela
	<i>Ephedranthus amazonicus</i> R.E. Fr.	envira-da-folha-fina
	<i>Guatteria megalophylla</i> Diels	envira-preta
	<i>Rollinia cuspidata</i> Mart.	envira-fofa
	<i>Rollinia exsucca</i> (DC. ex Dunal) A. DC.	envira-biriba-bravo
	<i>Rollinia insignis</i> R.E. Fr.	biriba-bravo
	<i>Tetrameranthus duckei</i> R.E. Fr.	envireira
	<i>Unonopsis duckei</i> R.E. Fr.	envira-preta
	<i>Unonopsis guatterioides</i> (A. DC.) R.E. Fr.	envira-preta
	<i>Xylopia benthamii</i> R.E. Fr.	envira-vermelha
	<i>Xylopia crinita</i> R.E. Fr.	envira-verdadeira
<i>Xylopia</i> sp.	envira-vermelha	
Apocynaceae	<i>Aspidosperma nitidum</i> Benth.	carapanauba
	<i>Couma guianensis</i> Aubl.	sorba-da-mata
	<i>Himatanthus sucuuba</i> (Spruce) Woodson	sucuúba
	<i>Macoubea sprucei</i> (Müll. Arg.) Markgr.	ovo-de-bode
	<i>Parahancornia fasciculata</i> (Poir.) Benoist	amapá-roxo
	<i>Tabernaemontana siphilitica</i> (L. f.) Leeuwenb	sucubinha
Araliaceae	<i>Schefflera morototoni</i> (Aubl.) Frodin	morototoni
Arecaceae	<i>Astrocaryum murumuru</i> Mart.	murumuru
	<i>Astrocaryum tucuma</i> Mart.	tucumã
	<i>Attalea phalerata</i> Mart. Spreng.	urucuri

Família	Nome Científico	Nome vulgar
Areaceae	<i>Euterpe precatoria</i> Mart.	açaí-da-mata
	<i>Iryartella setigera</i> (Mart.) H. Wendl.	paxiubinha
	<i>Mauritia flexuosa</i> L. f.	buriti
	<i>Maximiliana martiana</i> Karsten	inajá
	<i>Oenocarpus bataua</i> Mart.	pataua
	<i>Oenocarpus minor</i> Mart.	bacabinha
	<i>Socratea exorrhiza</i> (Mart.) H. Wendl.	paxiuba
	<i>Socratea</i> sp.	paxiuba-barriguda
	<i>Socratea</i> sp.	paxiubão
Bignoniaceae	<i>Jacaranda copaia</i> (Aubl.) D. Don	caroba
	<i>Jacaranda</i> sp.	tamanqueira
	<i>Tabebuia barbata</i> (E. Mey.) Sandwith	pau-de-arco-da-várzea
	<i>Tabebuia incana</i> A.H. Gentry	pau-de-arco
Bixaceae	<i>Bixa arborea</i> Huber	barriguda
Boraginaceae	<i>Cordia nodosa</i> Lam.	grão-de-galo
Bursaceae	<i>Crepidospermum rhoifolium</i> (Benth.) Triana & Planch.	breu-branco
	<i>Eschweilera bracteosa</i> (Poepp. ex O. Berg) Miers	mata-mata-amarelo
	<i>Protium apiculatum</i> Swart	breu-vermelho
	<i>Protium giganteum</i> Engl.	breu
	<i>Protium hebetatum</i> Daly	breu-vermelho
	<i>Protium heptaphyllum</i> (Aubl.) March	breu-branco
	<i>Protium nitidifolium</i> Cuatrec.	breu
	<i>Protium spruceanum</i> (Benth.) Engl.	breu-branco-verdadeiro
	<i>Protium strumosum</i> Daly	breu-branco
	<i>Tetragastris panamensis</i> (Engl.) Kuntze	breu-preto
	<i>Trattinnickia rhoifolia</i> Willd.	breu-vermelho
Caricaceae	<i>Jacatiara spinosa</i> (Aubl.) A. DC.	mamão-bravo
Caryocaraceae	<i>Caryocar glabrum</i> (Aubl.) Pers.	piquiarana
	<i>Caryocar</i> sp.	piquiarana-da-várzea
Família	Nome Científico	Nome vulgar
Chrysobalanaceae	<i>Licania apetala</i> (E. Mey.) Fritsch	caraiperana
	<i>Licania guianensis</i> (Aubl.) Griseb.	caraipé
	<i>Licania heteromorpha</i> Benth.	pajurazinho
	<i>Licania hypoleuca</i> Benth.	caraipé
	<i>Licania impressa</i> Prance	-

	<i>Licania oblongifolia</i> Standl.	macucu-chiador
	<i>Parinari excelsa</i> Sabin	pajurá-da-mata
Clusiaceae	<i>Calophyllum</i> aff. <i>brasiliense</i> Cambess	jacareuba
	<i>Garcinia</i> sp.	bacuri-bravo
	<i>Moronobea coccinea</i> Aubl.	bacuri-de-paca
	<i>Tovomita macrophylla</i> (Poepp.) Walp.	sapateiro
Cochlospermaceae	<i>Cochlospermum orinosense</i> (Kunth) Steud.	periquiteira
Combretaceae	<i>Buchenavia tomentosa</i> Eichler	tanimbuca
	<i>Terminalia</i> sp.	tanimbuca
Dichapetalaceae	<i>Tapura guianensis</i> Aubl.	pau-de-bicho
Ebenaceae	<i>Diospyros guianensis</i> (Aubl.) Gürke	pau-de-bicho
Elaeocarpaceae	<i>Sloanea excelsa</i> Ducke	urucurana
	<i>Sloanea floribunda</i> Spruce ex Benth.	urucurana
	<i>Sloanea macrantha</i> Ducke	urucurana
Euphorbiaceae	<i>Alchornea discolor</i> Klotzsch	supiarana
	<i>Conceveiba guianensis</i> Aubl.	seringarana
	<i>Conceveiba martiana</i> Baill.	arraieira
	<i>Ficus insipida</i> Willd.	apuí
	<i>Glycydendron amazonicum</i> Ducke	castanha-de-porco
	<i>Hevea brasiliensis</i> (Willd. ex A. Juss.) Müll. Arg.	seringa-verdadeira
	<i>Hevea guianensis</i> Aubl.	seringa-itauba
	<i>Hevea spruceana</i> (Benth.) Müll. Arg.	seringa-itauba
	<i>Hura crepitans</i> L.	açacu
	<i>Mabea caudata</i> Pax & K. Hoffm.	seringa-preta
	<i>Mabea subsessilis</i> Pax & K. Hoffm.	taquari

Família	Nome Científico	Nome vulgar
Euphorbiaceae	<i>Sapium glandulatum</i> Pax.	leitero
	<i>Sorocea duckei</i> W.C. Burger	jaca-brava
Fabaceae	<i>Abarema laeta</i> (Poepp. & Endl.) Barneby	fava-pombo
	<i>Andira parviflora</i> Ducke	sucupira-preta
	<i>Andira unifoliolata</i> Ducke	sucupira-chorona
	<i>Copaifera officinalis</i> (Jacq.) L.	copaiba
	<i>Cynometra</i> sp.	jutirana
	<i>Diplotropis martiusii</i> Benth.	sucupira-preta
	<i>Dipteryx odorata</i> (Aubl.) Willd.	cumarú
	<i>Dipteryx polyphylla</i> Huber	cumarurana

<i>Dipteryx punctata</i> (Blake) Amshoff	cumarú-amarelo
<i>Dipteryx</i> sp.	cumarú-cetim
<i>Enterolobium maximum</i> Ducke	fava-bolacha
<i>Hymenaea parvifolia</i> Huber	jatobá
<i>Hymenolobium sericeum</i> Ducke	angelim-da-mata
<i>Inga alba</i> (Sw.) Willd.	ingá-vermelha
<i>Inga edulis</i> Mart.	ingá-verdadeiro
<i>Inga gracilifolia</i> Ducke	ingá
<i>Inga laurina</i> Willd.	ingá-de-macaco
<i>Inga obtusa</i> Spruce ex Benth.	ingá-peluda
<i>Inga paraensis</i> Ducke	ingá-chichica
<i>Inga stipularis</i> DC.	ingá-branca
<i>Machaerium multifoliolatum</i> Ducke	sangue-de-galo
<i>Macrolobium bifolium</i> (Aubl.) Pers	fava-bolacha
<i>Macrolobium microcalyx</i> Ducke	copaibarana
<i>Ormosia grandiflora</i> (Tiel.) Rudd.	mulungu
<i>Parkia nitida</i> Miq.	faveira-bengüê
<i>Parkia pendula</i> (Willd.) Walp.	visgueiro
<i>Pterocarpus rohrii</i> Vahl.	mututi
<i>Pterocarpus</i> sp.	jutai

Família	Nome Científico	Nome vulgar
Fabaceae	<i>Schizolobium amazonicum</i> Huber ex Ducke	angico
	<i>Sclerolobium paniculatum</i> Vogel	tachi-branco
	<i>Swartzia ingifolia</i> Ducke	ingá-ferro
	<i>Swartzia macrocarpa</i> Spruce ex Benth.	muiira-jiboia-amarela
	<i>Swartzia polyphylla</i> DC.	paracutaca
	<i>Swartzia recurva</i> Poepp.	muiira-jiboia-vermelha
	<i>Swartzia reticulata</i> Ducke	sucupira-vermelha
	<i>Swartzia tessmannii</i> Harms	muiira-jiboia-preta
	<i>Swartzia</i> sp.	sucupirinha
	<i>Tachigali micropetala</i> (Ducke) Zarucchi & Pipoly	tachi-branco
	<i>Tachigali paniculata</i> Aubl.	tachi-preto
	<i>Tachigali venusta</i> Dwyer	tachi-vermelho
	<i>Taralea oppositifolia</i> Aubl.	faveira-amarela
	<i>Vatairea sericea</i> Ducke	sucupira-amarela
	<i>Votareopsis iglesiasii</i> Ducke	faveira-amarela

	<i>Vouacapoua pallidor</i> Ducke	acapú
Humiriaceae	<i>Sacoglottis guianensis</i> Benth.	uchi
	<i>Sacoglottis mattogrossensis</i> Malme	uchirana
	<i>Vantanea macrocarpa</i> Ducke	uchi-quebra-machado
Hypericaceae	<i>Vismia angusta</i> Miq.	lacre-da-mata
	<i>Vismia ferruginea</i> Kunth	lacre-vermelho
Lamiaceae	<i>Vitex triflora</i> Vahl	tarumã
Lauraceae	<i>Aniba affinis</i> (Meisn.) Mez	louro-amarelo
	<i>Aniba ferrea</i> Kubitzki	louro-ferro
	<i>Aniba permollis</i> (Nees) Mez	louro-rosa
	<i>Dicypellium manausensis</i> W.A. Rodrigues	louro-preto
	<i>Endlicheria formosa</i> A.C. Sm.	louro-preto
	<i>Endlicheria sericea</i> Nees	louro-chumbo
	<i>Licaria guianensis</i> Aubl.	louro-capitiu
	<i>Ocotea canaliculata</i> (Rich.) Mez	louro-branco

Família	Nome Científico	Nome vulgar
Lauraceae	<i>Ocotea cymbarum</i> Kunth	louro-inhamui
	<i>Ocotea tabacifolia</i> (Meiss.) Roher	louro-abacate
	<i>Sextonia rubra</i> (Mez) van der Werff	louro-vermelho
Lecythidaceae	<i>Cariniana decandra</i> Ducke	tauari-vermelho
	<i>Cariniana integrifolia</i> Ducke	corrimboque
	<i>Cariniana micrantha</i> Ducke	castanha-de-macaco
	<i>Couratari stellata</i> A.C.Sm.	tauari-branco
	<i>Eschweilera amazonica</i> R. Knuth	ripeiro-vermelho
	<i>Eschweilera amazoniciformis</i> S.A.Mori	ripeiro-preto
	<i>Eschweilera atropetiolata</i> S.A.Mori	castanha
	<i>Eschweilera bracteosa</i> (Poepp. ex O. Berg) Miers	mata-mata-amarelo
	<i>Eschweilera laevicarpa</i> S.A.Mori	castanha-vermelha
	<i>Eschweilera</i> sp.	castanha-de-cutia
	<i>Eschweilera</i> sp.	mata-mata-preto
	<i>Eschweilera</i> sp.	ripeiro-amarelo
	<i>Gustavia hexapetala</i> (Aubl.) Sm.	mucurão
	<i>Lecythis pisonis</i> Cambess.	castanha-sapucaí
	<i>Lecythis prancei</i> S.A.Mori	castanharana
Malvaceae	<i>Apeiba aspera</i> Aubl.	piuba
	<i>Apeiba echinata</i> Gaertner	pente-de-macaco

	<i>Ceiba pentandra</i> (L.) Gaertn.	samaúma
	<i>Eriotheca globosa</i> (Aubl.) Robyns	mungubarana
	<i>Lueheopsis duckeana</i> Burret	pente-de-macaco
	<i>Ochroma lagopus</i> Sw.	pau-de-balsa
	<i>Pachira insignis</i> (Sw.) Sw. ex Savigny	munguba
	<i>Quararibea cordata</i> (Bonpl.) Vischer	sapota
	<i>Sloanea floribunda</i> Spruce ex Benth.	urucurana
	<i>Sterculia alata</i> Roxb.	achichá
	<i>Sterculia frondosa</i> Rich.	achichá
	<i>Theobroma cacao</i> L.	cacao-verdadeiro
Família	Nome Científico	Nome vulgar
Malvaceae	<i>Theobroma subincanum</i> Mart.	cupuí
	<i>Theobroma sylvestre</i> Mart.	cacauí
	<i>Theobroma</i> sp.	cacaurana
Melastomataceae	<i>Miconia argyrophylla</i> DC.	buchuchu-canela-de-velho
	<i>Mouriri grandiflora</i> DC.	mamaozinho
Meliaceae	<i>Carapa guianensis</i> Aubl.	andiroba
	<i>Cedrela odorata</i> L.	cedro-verdadeiro
	<i>Cedrelinga cataeniformis</i> (Ducke) Ducke	cedroarana
	<i>Guarea scabra</i> A. Juss.	gitó-vermelho
	<i>Guarea</i> sp.	-
	<i>Trichilia micrantha</i> T.D. Penn.	gitó-branco
Moraceae	<i>Bagassa guianensis</i> Aubl.	cachaceira
	<i>Brosimum guianense</i> (Aubl.) Huber	pama
	<i>Brosimum lactescens</i> (S.Moore) C.C.Berg.	pama
	<i>Brosimum rubescens</i> Taub.	pau-rainha
	<i>Brosimum utile</i> (H.B.K) Pittier	mururé
	<i>Castilla ulei</i> Warb.	caucho
	<i>Clarisia racemosa</i> Ruiz & Pav.	guariuba
	<i>Ficus anthelmintica</i> Mart.	cachinguba
	<i>Ficus insipida</i> Willd.	apuí
	<i>Helianthostylis sprucei</i> Baill.	inharé-da-folha-peluda
	<i>Helicostylis scabra</i> (Macbr.) C.C.Berg	inharé
	<i>Helicostylis tomentosa</i> (Poepp. & Endl.) Rubby	inharé
	<i>Maquira sclerophylla</i> (Ducke) C.C.Berg.	pau-tanino
	<i>Naucleopsis temstroemiiflora</i> (Hildbr.) C.C.Berg.	muiratinga

	<i>Pseudolmedia laevis</i> (Ruiz & Pav.) J.F.Macbr.	inharé-da-folha-miuda
	<i>Sorocea duckei</i> W.C. Burger	jaca-brava
Musaceae	<i>Phenakospermum</i> sp.	bananeira-brava
Myristicaceae	<i>Iryanthera juruensis</i> Warb.	ucuúba-punã
Família	Nome Científico	Nome vulgar
Myristicaceae	<i>Iryanthera laevis</i> Markgr.	ucuúba-vermelha
	<i>Iryanthera lancifolia</i> Ducke	ucuúba-punã
	<i>Iryanthera ulei</i> Warb.	ucuúba-punã
	<i>Iryanthera</i> sp.	ucuúba-peluda
	<i>Viola calophylla</i> (Spruce) Warb.	ucuúba-vermelha
	<i>Viola michelii</i> Heckel	ucuúba-preta
	<i>Viola minutiflora</i> Ducke	ucuúba-branca
	<i>Viola multinervia</i> Ducke	ucuúba-da-folha-peluda
	<i>Viola pavonis</i> (A.DC.) A.C.Sm.	ucuúba-do-baixio
	<i>Viola surinamensis</i> (Rol. ex Rottb.) Warb.	ucuúba-verdadeira
	<i>Viola venosa</i> (Benth.) Warb.	ucuúba-branca
	<i>Viola</i> sp.	ucuúba-sangue
Myrtaceae	<i>Calyptranthes creba</i> Mc Vaugh	pitanga-da-mata
	<i>Calyptranthes cuspidata</i> DC.	cuminharana
	<i>Myrcia fallax</i> (Rich.) DC.	murtão
	<i>Myrcia</i> sp.	araça
Nyctaginaceae	<i>Neea oppositifolia</i> Ruiz & Pav.	joão-mole
Olacaceae	<i>Aptandra tubicina</i> (Poepp.) Benth. ex Miers	castanha-de-cutia
	<i>Heisteria densifrons</i> Engl.	itabaurana
	<i>Minquartia guianensis</i> Aubl.	acariquara-roxo
	<i>Phychoptalum olacoides</i> Benth.	muirapuama
Opiliaceae	<i>Agonandra sylvatica</i> Ducke	pau-marfim
Proteaceae	<i>Roupala montana</i> Aubl.	faveira-branca
Rubiaceae	<i>Amaioua guianensis</i> Aubl.	cabeça-de-urubu
	<i>Capirona decorticans</i> Spruce	pau-mulato
	<i>Coussarea ampla</i> Müll.Arg.	café-bravo
	<i>Duroia saccifera</i> (Mart. ex Roem. & Schult.) K. Schum.	puruí
	<i>Isertia hypoleuca</i> Benth.	-
	<i>Palicourea guianensis</i> Aubl.	erva-de-rato
Família	Nome Científico	Nome vulgar
Rubiaceae	<i>Palicourea nitidella</i> (Müll. Arg.) Standl.	tabaco-bravo

	<i>Psychotria deflexa</i> DC.	fumo-bravo
Rutaceae	<i>Hortia superba</i> Ducke	hostia
Salicaceae	<i>Laetia procera</i> (Poepp.) Eichler	piriquiteira-roxa
Sapindaceae	<i>Allophyllus</i> aff. <i>latifolius</i> Huber	imbú
	<i>Talisia cupularis</i> Radlk	pitomba-da-mata
	<i>Talisia mollis</i> Kunth	pitombarana
Sapotaceae	<i>Ecclinusa guianensis</i> Eyma	abiurana-bacuri
	<i>Manilkara amazonica</i> (Huber) A. Chev.	maparajuba
	<i>Micropholis casiquiarensis</i> Aubrév.	abiurana-amarela
	<i>Micropholis guyanensis</i> (A. DC.) Pierre	rosadinha
	<i>Micropholis venulosa</i> (Mart. & Eichler) Pierre	abiurana-branca
	<i>Pouteria cuspidata</i> (A.DC.) Baehni	jará
	<i>Pouteria elegans</i> (A.DC.) Baehni	abiurana-roxa
	<i>Pouteria guianensis</i> Aubl.	abiurana-da-casca-fina
	<i>Pouteria hispida</i> Eyma	abiurana-da-folha-peluda
	<i>Pouteria laevigata</i> (Mart.) Radlk.	abiurana-abiu
	<i>Pouteria peruviana</i> (Aubrév.) Bernardi	abiurana-roxa
	<i>Pouteria platyphylla</i> (A.C.Smith) Baehni	abiurana-vermelha
	<i>Pouteria procera</i> (Mart.) K. Hammer	abiurana-vermelha
Simaroubaceae	<i>Simaba multiflora</i> A. Juss.	maruparana
	<i>Simaba polyphylla</i> (Cavalcante) W.Thomas	maruparana
	<i>Simarouba amara</i> Aubl.	marupá
Siparunaceae	<i>Siparuna guianensis</i> Aubl.	capitiú
Urticaceae	<i>Cecropia latiloba</i> Miq.	imbaúba-branca
	<i>Cecropia leucocoma</i> Miq.	imbaúba-branca
	<i>Cecropia purpurascens</i> C.C.Berg	imbaúba-roxa
	<i>Cecropia sciadophylla</i> Mart.	imbaúba-da-mata
	<i>Pourouma cuspidata</i> Mildbr.	imbaubarana

Família

	Nome Científico	Nome vulgar
Urticaceae	<i>Pourouma guianensis</i> Aubl.	imbaubarana
	<i>Pourouma villosa</i> Trécul	imbaúba-bengüie
Violaceae	<i>Leonia glycyarpa</i> Ruiz & Pav.	-
	<i>Paypayrola grandiflora</i> Tul.	branquinha
	<i>Rinorea amapensis</i> Heikking	branquinha
	<i>Rinorea guianensis</i> Aubl.	-
	<i>Rinorea racemosa</i> (Mart.) Kuntze	branquinha
J cWngUWY	9f ga UVW'cf'8i WY	a U YfU
	9f ga Ugd	cfY\UXM ffc

Anexo 10. Relação das espécies botânicas identificadas nas parcelas de 10 x 10 metros na Reserva Extrativista do Rio Gregório, Amazonas, e seus respectivos nomes vulgares.

Família	Nome científico	Nome vulgar
Anacardiaceae	<i>Spondias mombim</i> L.	cajá
Annonaceae	<i>Anaxagorea brevipes</i> Benth	envira-dura
	<i>Annona ambotay</i> Aubl.	envira-taia
	<i>Annona excellens</i> R.E. Fr.	graviolinha
	<i>Dicypellium manausensis</i> W.A. Rodrigues	louro-preto
	<i>Rollinia cuspidata</i> Mart.	envira-fofa
	<i>Rollinia insignis</i> R. E. Fr.	envira-biriba-bravo
	<i>Unonopsis guatterioides</i> (A. DC.) R.E. Fr.	envira-preta
Apocynaceae	<i>Aspidosperma nitidum</i> Benth.	carapanauba
Arecaceae	<i>Euterpe precatória</i> Mart.	açaí-da-mata
	<i>Oenocarpus minor</i> Mart.	bacabinha
	<i>Socratea exorrhiza</i> (Mart.) H. Wendl.	paxiuba
Boraginaceae	<i>Cordia naidophylla</i> Johnston	-
Burseraceae	<i>Trattinnickia burserifolia</i> Mart.	breu-branco
Chrysobalanaceae	<i>Licania heteromorpha</i> Benth.	pajurazinho
Chrysobalanaceae	<i>Parinari excelsa</i> Sabine	pajurá-da-mata
Combretaceae	<i>Terminalia dichotoma</i> G.Mey	tanimbuca
Elaeocarpaceae	<i>Sloanea excelsa</i> Ducke	urucurana
	<i>Sloanea laxiflora</i> Spruce ex Benth.	urucurana
	<i>Sloanea rufa</i> Planch. ex Benth.	urucurana
Euphorbiaceae	<i>Conceveiba guianensis</i> Aubl.	seringarana
	<i>Hevea spruceana</i> (Benth.) Müll. Arg.	seringa-itauba
	<i>Mabea subsessilis</i> Pax & K. Hoffm.	taquari
	<i>Sapium glandulatum</i> Pax.	leitero
Fabaceae	<i>Abarema laeta</i> (Poepp. & Endl.) Barneby	fava-pombo
	<i>Inga alba</i> (Sw.) Willd.	ingá-vermelha
	<i>Inga cauliflora</i> Willd.	ingá
	<i>Inga macrophylla</i> Humb. & Bonpl. Ex Willd.	ingá-de-macaco
	<i>Inga paraensis</i> Ducke	ingá-chichica
	<i>Machaerium multifoliolatum</i> Ducke	sangue-de-galo
	<i>Pterocarpus rohrii</i> Vahl.	mututi
	<i>Swartzia polyphylla</i> DC.	paracutaca
	<i>Tachigali myrmecophila</i> Ducke	tachi-de-formiga

<i>Tachigali paniculata</i> Aubl.	tachi-preto
<i>Tachigali venusta</i> Dwyer	tachi-vermelho

Família	Nome científico	Nome vulgar
Hypericaceae	<i>Vismia cauliflora</i> A.C.Sm.	lacre
Lauraceae	<i>Aniba guianensis</i> Aubl.	louro-rosa
	<i>Dicypellium manausensis</i> W.A. Rodrigues	louro-preto
	<i>Endlicheria sericea</i> Nees	louro-chumbo
	<i>Licaria guianensis</i> Aubl.	louro-capitiu
	<i>Ocotea canaliculata</i> (Rich.) Mez	louro-branco
	<i>Ocotea guianensis</i> Aubl.	louro-branco
Lecythidaceae	<i>Allantoma lineata</i> (Mart. Ex Berg) Miers	tauari
	<i>Eschweilera amazonica</i> R. Knuth	ripeiro-vermelho
Lecythidaceae	<i>Eschweilera bracteosa</i> (Poepp. ex O. Berg) Miers	mata-mata-amarelo
	<i>Eschweilera truncata</i> A.C.Sm.	-
Malvaceae	<i>Apeiba echinata</i> Gaertner	penete-de-macaco
	<i>Sterculia alata</i> Roxb.	achichá
	<i>Sterculia frondosa</i> Rich.	achichá
	<i>Theobroma cacao</i> L.	cacao-verdadeiro
	<i>Theobroma sylvestre</i> Mart.	cacauí
	<i>Theobroma</i> sp.	cacaurana
Melastomataceae	<i>Miconia affinis</i> DC.	-
	<i>Miconia argyrophylla</i> DC.	buchuchu-canela-de-velho
	<i>Miconia glandulosa</i> (Sw.) Naudin	-
	<i>Mouriri grandiflora</i> DC.	mamaozinho
Meliaceae	<i>Carapa guianensis</i> Aubl.	andiroba
	<i>Guarea scabra</i> A. Juss.	gitó-vermelho
Moraceae	<i>Brosimum guianense</i> (Aubl.) Huber	pama
	<i>Brosimum lactescens</i> (S.Moore) C.C.Berg.	pama
	<i>Brosimum rubescens</i> Taub.	pau-rainha
	<i>Castilla ulei</i> Warb.	caucho
	<i>Clarisia racemosa</i> Ruiz & Pav.	guariuba
	<i>Helicostylis scabra</i> (Macbr.) C.C.Berg	inharé
	<i>Naucleopsis ternstroemiiflora</i> (Hildbr.) C.C.Berg.	muiratinga
	<i>Sorocea duckei</i> W.C. Burger	jaca-brava
Myristicaceae	<i>Iryanthera juruensis</i> Warb.	ucuúba-puná

	<i>Iryanthera laevis</i> Markgr.	ucuúba-vermelha
	<i>Iryanthera lancifolia</i> Ducke	ucuúba-puná
	<i>Iryanthera ulei</i> Warb.	ucuúba-puná
	<i>Viola calophylla</i> Warb. var. <i>calophylla</i>	ucuúba-branca
	<i>Viola multinervia</i> Ducke	ucuúba-folha-peluda
Myristicaceae	<i>Viola surinamensis</i> (Rol. ex Rottb.) Warb.	ucuúba-verdadeira
	<i>Viola venosa</i> (Benth.) Warb.	ucuúba-branca
Myrtaceae	<i>Calyptranthes cuspidata</i> DC.	cuminharana
Nyctaginaceae	<i>Neea oppositifolia</i> Ruiz & Pav.	joão-mole
Olacaceae	<i>Phychopetalum olacoides</i> Benth.	muirapuama
Piperaceae	<i>Piper aduncum</i> L.	pimenta-longa
	<i>Piper peltatum</i> L.	capeba
Rubiaceae	<i>Capirona decorticans</i> Spruce	pau-mulato
	<i>Duroia saccifera</i> (Mart. ex Roem & Schult.) K. Schum.	puruí
	<i>Kotchubaea semisericea</i> Ducke	-
	<i>Palicourea amapensis</i> Steyerl.	cafezinho
Salicaceae	<i>Laetia procera</i> (Poepp.) Eichler	pau-jacaré
Sapindaceae	<i>Matayba opaca</i> Radlk.	breu-de-tucano
	<i>Porocystis toulicoides</i> Radlk.	pitombarana
	<i>Talisia mollis</i> Kunth	pitombarana
Sapotaceae	<i>Micropholis guyanensis</i> (A. DC.) Pierre	rosadinha
	<i>Pouteria brevipes</i> (Baker) Baehni	-
	<i>Pouteria elegans</i> (A. DC.) Baehni	abiurana-roxa
	<i>Pouteria guianensis</i> Aubl.	abiurana-da-casca-fina
	<i>Pouteria hispida</i> Eyma	abiurana-da-folha-peluda
	<i>Pouteria petiolata</i> T.D.Penn.	abiurana-branca
Simaroubaceae	<i>Simarouba amara</i> Aubl.	marupá
Siparunaceae	<i>Siparuna guianensis</i> Aubl.	capitiu
Urticaceae	<i>Cecropia sciadophylla</i> Mart.	imbaúba-da-mata
	<i>Pourouma guianensis</i> Aubl.	imbaubarana
	<i>Pourouma ovata</i> Trécul	imbaúba-toré
	<i>Pourouma villosa</i> Trécul	imbaúba-bengüe
Violaceae	<i>Leonia cymosa</i> Mart.	-
	<i>Leonia glycyarpa</i> Ruiz & Pav.	-
	<i>Paypayrola grandiflora</i> Tul.	branquinha
	<i>Rinorea amapensis</i> Hekking	branquinha
.....F]bcfYU[i]Uybgg5i V".....!		
.....F]bcfYUfUWw cgJf5"8 7"l6UXb].....!		

Anexo 11. Relação das espécies botânicas identificadas nas parcelas de 2 x 2 metros na Reserva Extrativista do Rio Gregório, Amazonas, e seus respectivos nomes vulgares.

Família	Nome Científico	Nome vulgar
Annonaceae	<i>Annona amazonica</i> R.E. Fr.	envira-branca
	<i>Annona ambotay</i> Aubl.	envira-taia
	<i>Annona tenuipes</i> R.E. Fr.	-
	<i>Duguetia surinamensis</i> R.E. Fr.	envira-amarela
	<i>Guatteria olivacea</i> R.E. Fr.	envira-bobo
	<i>Rollinia cuspidata</i> Mart.	envira-fofa
	<i>Rollinia insignis</i> R.E. Fr.	-
Família	Nome Científico	Nome vulgar
Annonaceae	<i>Unonopsis stipitata</i> Diels	-
	<i>Xylopia nitida</i> Duval	-
Apocynaceae	<i>Himatanthus suciuba</i> (Spruce) Woodson	sucúba
	<i>Tabernaemontana muricata</i> (Miers) Markgr.	-
	<i>Tabernaemontana siphilitica</i> (L. f.) Leeuwenb	sucubinha
Araceae	<i>Calathea</i> sp.	-
	<i>Dieffenbachia</i> sp.	aninga
Arecaceae	<i>Astrocaryum murumuru</i> Mart.	murumuru
	<i>Attalea phalerata</i> Mart. Spreng.	urucuri
	<i>Bactris maraja</i> Mart.	marajá
	<i>Euterpe precatoria</i> L.	açai-da-mata
	<i>Geonoma deversa</i> (Poit.) Kunth	-
	<i>Geonoma maxima</i> (Poit.) Kunth	ubim
Boraginaceae	<i>Cordia nodosa</i> Lam.	grão-de-galo
Burseraceae	<i>Protium amazonicum</i> (Cuatrec.) Daly	-
	<i>Protium spruceanum</i> (Benth.) Engl.	breu-branco-verdadeiro
Chrysobalanaceae	<i>Licania apetala</i> (E.Mey.) Fritsch	caraiperana
	<i>Licania heteromorpha</i> Benth.	pajurazinho
	<i>Licania oblongifolia</i> Standl.	macucu-chiador
	<i>Licania sprucei</i> (Hook.f.) Fritsch	-
	<i>Parinari</i> sp.	-
Clusiaceae	<i>Tovomita guianensis</i> Aubl.	-
Cochlospermaceae	<i>Cochlospermum orinosense</i> (Kunth) Steud.	periquiteira
Costaceae	<i>Costus arabicus</i> L.	-
Cyatheaceae	<i>Trichipteris</i> sp.	-

Dichapetalaceae	<i>Tapura guianensis</i> Aubl.	pau-de-bicho
Elaeocarpaceae	<i>Sloanea floribunda</i> Spruce ex Benth.	urucurana
	<i>Sloanea guianensis</i> (Aubl.) Benth.	urucurana
Eriocaulaceae	<i>Tonina</i> sp.	-
Família	Nome Científico	Nome vulgar
Erythroxilaceae	<i>Erythroxylum</i> sp.	pimenta-de-nambú
Euphorbiaceae	<i>Alchornea discolor</i> Klotzsch	supiarana
	<i>Conceveiba guianensis</i> Aubl.	seringarana
	<i>Hevea spruceana</i> (Benth.) Müll. Arg.	seringa-barriguda
	<i>Mabea subsessilis</i> Pax & K. Hoffm.	taquari
	<i>Sapium glandulatum</i> Pax.	leitero
Fabaceae	<i>Copaifera guyanensis</i> Desf.	-
	<i>Diploptropis triloba</i> Gleason	-
	<i>Hymenolobium sericeum</i> Ducke	angelim-da-mata
	<i>Inga alba</i> (Sw.) Willd.	ingá-vermelha
	<i>Inga obidensis</i> Ducke	ingá
	<i>Inga paraensis</i> Ducke	ingá-chichica
	<i>Macrolobium bijugum</i> Colebr.	-
	<i>Pterocarpus rohrii</i> Vahl.	mututi
	<i>Sclerolobium paniculatum</i> Vogel	tachi-branco
	<i>Swartzia lamellata</i> Ducke	ingá-ferro
	<i>Swartzia longistipitata</i> Ducke	-
	<i>Swartzia oblanceolata</i> Sandwith	-
	<i>Swartzia recurva</i> Poepp. in Poepp. & Endl.	maira-jiboia-vermelha
	<i>Swartzia tessmannii</i> Harms	maira-jiboia-preta
Heliconiaceae	<i>Heliconia acuminata</i> Rich.	-
	<i>Heliconia chartaceae</i> Lane ex Barreiros	-
	<i>Heliconia psittacorum</i> L.f.	-
	<i>Trichomanes</i> sp.	-
Lauraceae	<i>Aniba affinis</i> (Meisn.) Mez	louro-amarelo
	<i>Dicypellium manausensis</i> W.A. Rodrigues	louro-preto
	<i>Endlicheria anomala</i> (Nees) Mez	-
Família	Nome científico	Nome vulgar
Lecythidaceae	<i>Mezilaurus duckei</i> van der Werff	-

	<i>Ocotea minor</i> Vicentini	-
	<i>Ocotea olivacea</i> A.C.Sm.	-
Lecythidaceae	<i>Corythophora alta</i> Knuth	-
	<i>Couratari stellata</i> A.C.Sm.	tauari-branco
Malvaceae	<i>Apeiba echinata</i> Gaertner	pente-de-macaco
	<i>Pachira</i> sp.	-
	<i>Sterculia frondosa</i> Rich.	achichá
	<i>Theobroma cacao</i> L.	cacao-verdadeiro
	<i>Theobroma subincanum</i> Mart.	cupuí
	<i>Theobroma sylvestre</i> Mart.	cacauí
	<i>Theobroma</i> sp.	cacaurana
Marantaceae	<i>Ischnosiphon</i> sp.	-
Melastomataceae	<i>Clidemia hirta</i> (L.) D.Don	-
	<i>Miconia argyrophylla</i> DC.	buchuchu-canela-de-velho
	<i>Miconia dispar</i> Benth.	-
	<i>Miconia tetraspermoides</i> Wurdack	-
	<i>Mouriri grandiflora</i> DC.	mamaozinho
Meliaceae	<i>Carapa guianensis</i> Aubl.	andiroba
	<i>Trichilia micrantha</i> T.D. Penn.	gitó-branco
	<i>Trichilia</i> sp.	-
Moraceae	<i>Brosimum lactescens</i> (S.Moore) C.C.Berg.	pama
	<i>Brosimum ovatifolium</i> Ducke	-
	<i>Brosimum rubescens</i> Taub.	pau-rainha
	<i>Brosimum utile</i> (H.B.K.) Pittier	mururé
	<i>Castilla ulei</i> Warb.	caucho
	<i>Clarisia racemosa</i> Ruiz & Pav.	guariuba
	<i>Ficus anthelmintica</i> Mart.	cachinguba
Família	Nome científico	Nome vulgar
	<i>Helianthostylis sprucei</i> Baill.	inharé-da-folha-peluda
	<i>Helicostylis scabra</i> (Macbr.) C.C.Berg	inharé
	<i>Maquira guianensis</i> Aubl.	-
	<i>Naucleopsis caloneura</i> (Huber) Ducke	-
	<i>Naucleopsis temstroemiiflora</i> (Hildbr.) C.C.Berg.	muiratinga
	<i>Naucleopsis ulei</i> (Warburg) Ducke ssp. <i>amara</i> (Ducke) C.C.Berg	-

	<i>Sorocea duckei</i> W.C. Burger	jaca-brava
	<i>Sorocea guilleminiana</i> Gaudich.	-
Myristicaceae	<i>Compsonera ulei</i> Warb.	-
	<i>Virola caducifolia</i> W.A.Rodrigues	-
	<i>Virola michelii</i> Heckel	ucuúba-preta
	<i>Virola multinervia</i> Ducke	ucuúba-da-folha-peluda
	<i>Virola surinamensis</i> (Rol. ex Rottb.) Warb.	ucuúba-verdadeira
	<i>Virola venosa</i> (Benth.) Warb.	ucuúba-branca
Myrsinaceae	<i>Cybianthus guyanensis</i> (A.DC.) Miq.	-
Myrtaceae	<i>Calyptanthes creba</i> Mc Vaugh	pitanga-da-mata
	<i>Calyptanthes cuspidata</i> DC.	cuminharana
	<i>Eugenia florida</i> DC.	-
	<i>Myrcia fallax</i> (Rich.) DC.	-
	<i>Myrcia sylvatica</i> (G.Mey) DC.	-
Nyctaginaceae	<i>Neea oppositifolia</i> Ruiz & Pav.	joão-mole
	<i>Neea ovalifolia</i> Spruce ex J.A.Sm.	-
Opiliaceae	<i>Agonandra sylvatica</i> Ducke	pau-marfim
Peridiscaceae	<i>Peridiscus</i> sp.	-
Piperaceae	<i>Piper aduncum</i> L.	pimenta-longa
	<i>Piper demeraranum</i> (Miq.) C.DC.	-
	<i>Piper duckei</i> C.DC.	-
Família	Nome científico	Nome vulgar
	<i>Piper</i> sp.	-
Rubiaceae	<i>Alibertia myrciifolia</i> K.Schum.	-
	<i>Coussarea ampla</i> Müll.Arg.	café-bravo
	<i>Duroia macrophylla</i> Huber	-
	<i>Palicourea amapensis</i> Steyerem.	cafezinho
	<i>Palicourea corymbifera</i> Müll.Arg.	erva de rato
	<i>Psychotria poeppigiana</i> Müll.Arg.	-
	<i>Psychotria prancei</i> Steyerem.	-
	<i>Remijia ulei</i> K.Krause	mandioca-brava
Rutaceae	<i>Hortia superba</i> Ducke	-
Salicaceae	<i>Casearia javitensis</i> H.B.K.	-
	<i>Casearia pitumba</i> Sleumer	-
	<i>Ryania speciosa</i> Vahl	-
Sapindaceae	<i>Cupania hispida</i> Radlk.	pitombarana

	<i>Matayba inelegans</i> Radlk.	-
	<i>Matayba opaca</i> Radlk.	breu de tucano
	<i>Paullinia stipularis</i> Radlk.	cajuzinho
	<i>Talisia mollis</i> Kunth	pitombarana
	<i>Talisia praealta</i> Radlk.	-
Sapotaceae	<i>Chrysophyllum guianense</i> (Eyma) Baehni	-
	<i>Micropholis splendens</i> Gilly ex Aubrév.	-
	<i>Micropholis venulosa</i> (Mart. & Eichler) Pierre	abiurana-branca
	<i>Pouteria hispida</i> Eyma	abiurana-da-folha-peluda
	<i>Pouteria laevigata</i> (Mart.) Radlk.	abiurana-abiu
Simaroubaceae	<i>Simaruba amara</i> Aubl.	marupá
Siparunaceae	<i>Siparuna guianensis</i> Aubl.	capitiu
Urticaceae	<i>Cecropia leucocoma</i> Miq.	imbaúba-branca
	<i>Cecropia sciadophylla</i> Mart.	imbaúba-da-mata
	<i>Pourouma cuspidata</i> Mildbr.	imbaumbarana
Família	Nome científico	Nome vulgar
	<i>Pourouma minor</i> Benoist	-
Violaceae	<i>Paypayrola grandiflora</i> Tul.	branquinha
	<i>Rinorea amapensis</i> Heikking	branquinha
	<i>Rinorea guianensis</i> Aubl.	-
Violaceae	<i>Rinorea racemosa</i> (Mart.) Kuntze	branquinha
Vochysiaceae	<i>Erisma bicolor</i> Ducke	maueira

Anexo 12. Família botânica, gênero, nome científico e nome vulgar das espécies de produtos florestais não madeireiros encontradas na Resex do Rio Gregório.

Família	Gênero	Nome Científico	Nome vulgar
Anacardiaceae	Spondias	<i>Spondias mombim</i> L.	Cajá
Araceae	Alloschemone	<i>Alloschemone accidentalis</i> (Poeppig) Engler & K. Krause	-
	Anthurium	<i>Anthurium cf. eminens</i> Schott	Antúrio
	Anthurium	<i>Anthurium cf. pentaphyllum</i> (Aubl.) G. Don	Antúrio
	Anthurium	<i>Anthurium clavigerum</i> Poepp	Antúrio
	Anthurium	<i>Anthurium eminens</i> Schott	Antúrio
	Anthurium	<i>Anthurium gracile</i> (Rudge) Schott	Antúrio
	Anthurium	<i>Anthurium sp. 1</i>	Antúrio
	Anthurium	<i>Anthurium sp. 2</i>	Antúrio
	Calathea	<i>Calathea sp. 1</i>	-
	Dieffenbachia	<i>Dieffenbachia sp.</i>	Aninga
	Heteropsis	<i>Heteropsis cf. oblongata</i> (Kunth) Croat	Cipó-titica
	Heteropsis	<i>Heteropsis sp. 1</i>	Cipó-titica
	Monstera	<i>Monstera adansoni</i> Schott	Costela-de-adão
	Monstera	<i>Monstera obliqua</i> Miq.	Costela-de-adão
	Família	Gênero	Nome Científico
Araceae	Monstera	<i>Monstera spruceanum</i> Schott	Costela-de-adão
	Monstera	<i>Monstera cf. dilacerata</i> (K. Koch and Sello) K. Koch	Costela-de-adão
	Philodendron	<i>Philodendron billietae</i> Croat	Filodendro
	Philodendron	<i>Philodendron cf. barrosoanum</i> G.S. Bunting	Filodendro
	Philodendron	<i>Philodendron cf. maximum</i> K. Krause	Filodendro
	Philodendron	<i>Philodendron elaphoglossoide</i> Schott	Filodendro
	Philodendron	<i>Philodendron hopkinsianum</i> M.L. Soares	Filodendro
	Philodendron	<i>Philodendron hylae</i> Bunting.	Filodendro
	Philodendron	<i>Philodendron maximum</i> K. Krause	Filodendro
	Philodendron	<i>Philodendron pedatum</i> (Hook.) Kunth	Filodendro
	Philodendron	<i>Philodendron pulchrum</i> G.M. Barroso	Filodendro
	Philodendron	<i>Philodendron rudgeanum</i> Schott	Filodendro
	Philodendron	<i>Philodendron sp. 1</i> (NOVA)	Filodendro
	Philodendron	<i>Philodendron sp. 2</i>	Filodendro
	Philodendron	<i>Philodendron sp. 3</i>	Filodendro
	Philodendron	<i>Philodendron sp. 4</i>	Filodendro
	Philodendron	<i>Philodendron sp. 5</i> (NOVA)	Filodendro
	Philodendron	<i>Philodendron sp. 6</i>	Filodendro
	Philodendron	<i>Philodendron subg. Pteromischum</i> (Schott) Mayo	Filodendro
	Philodendron	<i>Philodendron surinamense</i> (Schott) Engl.	Filodendro
Philodendron	<i>Philodendron toshibai</i> M.L. Soares	Filodendro	

	Philodendron	<i>Philodendron venezuelense</i> G.S. Bunting	Filodendro
	Rhodospatha	<i>Rhodospatha oblongata</i> Poepp.	Rodospata
	Rhodospatha	<i>Rhodospatha</i> sp. 1	Rodospata
	Singonium	<i>Singonium</i> sp. 1	Singonio
	Sterospermatation	<i>Stenospermatation multiovulatum</i> (Engl.) N. E.	-
Arecaceae	Astrocaryum	<i>Astrocaryum murumuru</i> Mart.	Muru-muru
	Astrocaryum	<i>Astrocaryum tucuma</i> Mart.	Tucumã
	Attalea	<i>Attalea phalerata</i> Mart. Spreng.	Urucuri
	Bactris	<i>Bactris maraja</i> Mart.	Marajá
	Euterpe	<i>Euterpe precatória</i> Mart.	Açaí-da-mata
	Geonoma	<i>Geonoma deversa</i> (Poit.) Kunth	Ubim
	Geonoma	<i>Geonoma maxima</i> (Poit.) Kunth	Ubim
	Iryartella	<i>Iryartella setigera</i> (Mart.) H. Wendl.	Paxiubinha
	Mauritia	<i>Mauritia flexuosa</i> L. f.	Buriti
	Maximiliana	<i>Maximiliana martiana</i> Karsten	Inajá
	Oenocarpus	<i>Oenocarpus bataua</i> Mart.	Patauá
	Oenocarpus	<i>Oenocarpus minor</i> Mart.	Bacabinha
	Socratea	<i>Socratea exorrhiza</i> (Mart.) H. Wendl.	Paxiuba
	Phytelephas	<i>Phytelephas</i> sp. 1	Jarina
	Socratea	<i>Socratea</i> sp. 1	Paxiuba-barriguda
Socratea	<i>Socratea</i> sp. 2	Paxiubão	
Bursaceae	Copaifera	<i>Copaifera officinalis</i> (Jacq.) L.	Copaiba
	Crepidospermum	<i>Crepidospermum rhoifolium</i> (Benth.) Triana & Planch.	Breu-branco
	Eschweilera	<i>Eschweilera atropetiolata</i> S.A.Mori	Castanha
	Protium	<i>Protium amazonicum</i> (Cuatrec.) Daly	Breu
	Protium	<i>Protium apiculatum</i> Swart	Breu-vermelho
	Protium	<i>Protium giganteum</i> Engl.	Breu
	Protium	<i>Protium hebetatum</i> Daly	Breu-vermelho
	Protium	<i>Protium heptaphyllum</i> (Aubl.) March	Breu-branco
	Protium	<i>Protium nitidifolium</i> Cuatrec.	Breu
Família	Gênero	Nome Científico	Nome vulgar
	Protium	<i>Protium spruceanum</i> (Benth.) Engl.	Breu-branco-verdadeiro
	Protium	<i>Protium strumosum</i> Daly	Breu-vermelho
	Tetragastris	<i>Tetragastris panamensis</i> (Engl.) Kuntze	Breu-preto
	Theobroma	<i>Theobroma cacao</i> L.	Cacao-verdadeiro
	Trattinnickia	<i>Trattinnickia burserifolia</i> Mart.	Breu-branco
	Trattinnickia	<i>Trattinnickia rhoifolia</i> Willd.	-
Chrysobalanaceae	Licania	<i>Licania apetala</i> (E. Mey.) Fritsch	-
	Licania	<i>Licania guianensis</i> (Aubl.) Griseb.	-
	Licania	<i>Licania heteromorpha</i> Benth.	-
	Licania	<i>Licania hypoleuca</i> Benth.	-

	Licania	<i>Licania impressa</i> Prance	-
	Licania	<i>Licania oblongifolia</i> Standl.	-
Euphorbiaceae	Hevea	<i>Hevea brasiliensis</i> (Willd. ex A. Juss.) Müll. Arg.	Seringa-verdadeira
	Hevea	<i>Hevea guianensis</i> Aubl.	Seringa-verdadeira
	Hevea	<i>Hevea spruceana</i> (Benth.) Müll. Arg.	Seringueira
	Sapium	<i>Sapium glandulatum</i> Pax.	-
Fabaceae	Copaifera	<i>Copaifera guyanensis</i> Desf.	Copaiba
	Copaifera	<i>Copaifera officinalis</i> (Jacq.) L.	Copaiba
Heliconiaceae	Heliconia	<i>Heliconia acuminata</i> Rich.	Heliconia
	Heliconia	<i>Heliconia chartaceae</i> Lane ex Barreiros	Heliconia
Heliconiaceae	Heliconia	<i>Heliconia psittacorum</i> L.f.	Heliconia
Lauraceae	Aniba	<i>Aniba guianensis</i> Aubl.	Louro-rosa
Malvaceae	Quararibea	<i>Quararibea cordata</i> (Bonpl.) Vischer	-
	Theobroma	<i>Theobroma cacao</i> L.	Cacao-verdadeiro
Marantaceae	Ischnosiphon	<i>Ischnosiphon</i> sp. 1	Arumã
Meliaceae	Carapa	<i>Carapa guianensis</i> Aubl.	Andiroba
Musaceae	Phenakospermum	<i>Phenakospermum</i> sp.	Bananeira-brava
Myrtaceae	Myrcia	<i>Myrcia</i> sp. 1	Mircia
Sapindaceae	Matayba	<i>Matayba opaca</i> Radlk.	Mataiba

Anexo 13. Número de espécies de palmeiras por hectare na Resex do Rio Gregório.

Nome vulgar	Nome Científico	Total/ha
Murumuru	<i>Astrocaryum murumuru</i> Mart.	22,00
Açaí-da-mata	<i>Euterpe precatoria</i> Mart.	20,75
Paxiubinha	<i>Iryartella setigera</i> (Mart.) H. Wendl.	12,50
Paxiubão	<i>Socratea</i> sp. 2	9,75
Urucuri	<i>Attalea phalerata</i> Mart. Spreng.	6,75
Patauí	<i>Oenocarpus bataua</i> Mart.	4,25
Paxiuba	<i>Socratea exorrhiza</i> (Mart.) H. Wendl.	4,00
Bacabinha	<i>Oenocarpus minor</i> Mart.	3,25
Marajá	<i>Bactris maraja</i> Mart.	2,00
Buriti	<i>Mauritia flexuosa</i> L. f.	1,50
Inajá	<i>Maximiliana martiana</i> Karsten	1,50
Urucuri	<i>Attalea phalerata</i> Mart. Spreng.	1,25
Tucumã	<i>Astrocaryum tucuma</i> Mart.	1,00
Ubim	<i>Geonoma deversa</i> (Poit.) Kunth	1,00
Paxiuba	<i>Socratea exorrhiza</i> (Mart.) H. Wendl.	1,00
Paxiuba-barriguda	<i>Socratea</i> sp. 1	0,75
Jarina	<i>Phytelephas</i> sp.1	0,50
Ubim	<i>Geonoma maxima</i> (Poit.) Kunth	0,25

Anexo 14. Ocorrência das espécies, espécies exclusivas e espécies comuns para áreas de terra firme e de várzea na Resex do Rio Gregório.

Família	Gênero	Nome Científico	Nome vulgar	Terra Firme	Várzea
Anacardiaceae	Spondias	<i>Spondias mombim</i> L.	Cajá	X	
Araceae	Alloschemone	<i>Alloschemone accidentalis</i> (Poeppig) Engler & K. Krause	-	X	X
	Anthurium	<i>Anthurium cf. eminens</i> Schott	Anturio	X	
	Anthurium	<i>Anthurium cf. pentaphyllum</i> (Aubl.) G. Don	Anturio	X	
	Anthurium	<i>Anthurium clavigerum</i> Poepp	Anturio	X	X
	Anthurium	<i>Anthurium eminens</i> Schott	Anturio	X	
Anthurium	<i>Anthurium gracile</i> (Rudge) Schott	Anturio	X		
Família	Gênero	Nome Científico	Nome vulgar	Terra Firme	Várzea
Araceae	Anthurium	<i>Anthurium</i> sp. 1	Anturio	X	X
	Anthurium	<i>Anthurium</i> sp. 2	Anturio		X
	Dieffenbachia	<i>Dieffenbachia</i> sp.	Aninga	X	
	Heteropsis	<i>Heteropsis cf. oblongata</i> (Kunth) Croat	Titica	X	
	Heteropsis	<i>Heteropsis</i> sp. 1	Titica	X	
	Monstera	<i>Monstera adansoni</i> Schott	Costela-de-adão	X	X
	Monstera	<i>Monstera obliqua</i> Miq.	Costela-de-adão	X	
	Monstera	<i>Monstera spruceanum</i> Schott	Costela-de-adão	X	
	Monstera	<i>Monstera cf. dilacerata</i> (K. Koch and Sello) K. Koch	Costela-de-adão	X	X
	Philodendron	<i>Philodendron billietiae</i> Croat	Filodendro	X	
	Philodendron	<i>Philodendron cf. barrosoanum</i> G.S. Bunting	Filodendro	X	
	Philodendron	<i>Philodendron cf. maximum</i> K. Krause	Filodendro	X	
	Philodendron	<i>Philodendron elaphoglossoide</i> Schott	Filodendro	X	
	Philodendron	<i>Philodendron hopkinsianum</i> M.L. Soares	Filodendro	X	
	Philodendron	<i>Philodendron hylae</i> Bunting.	Filodendro		X
	Philodendron	<i>Philodendron maximum</i> K. Krause	Filodendro	X	
	Philodendron	<i>Philodendron pedatum</i> (Hook.) Kunth	Filodendro	X	
	Philodendron	<i>Philodendron pulchrum</i> G.M. Barroso	Filodendro	X	
	Philodendron	<i>Philodendron rudgeanum</i> Schott	Filodendro	X	
	Philodendron	<i>Philodendron</i> sp 1. (NOVA)	Filodendro		X
	Philodendron	<i>Philodendron</i> sp. 2	Filodendro	X	
	Philodendron	<i>Philodendron</i> sp. 3	Filodendro	X	
	Philodendron	<i>Philodendron</i> sp. 4	Filodendro	X	X
	Philodendron	<i>Philodendron</i> sp. 5 (NOVA)	Filodendro	X	X
	Philodendron	<i>Philodendron</i> sp. 6	Filodendro	X	
	Philodendron	<i>Philodendron</i> subg. Pteromischum (Schott) Mayo	Filodendro	X	
	Philodendron	<i>Philodendron surinamense</i> (Schott) Engl.	Filodendro	X	
	Philodendron	<i>Philodendron toshibai</i> M.L. Soares	Filodendro	X	
	Philodendron	<i>Philodendron venezuelense</i> G.S. Bunting	Filodendro	X	X
	Rhodospata	<i>Rhodospata oblongata</i> Poepp.	Rodospata		X
	Rhodospata	<i>Rhodospata</i> sp. 1	Rodospata	X	X
	Singonium	<i>Singonium</i> sp. 1	Singonio	X	X
Sterospermaton	<i>Stenospermaton multiovulatum</i> (Engl.) N. E.	-		X	
Arecaceae	Astrocaryum	<i>Astrocaryum murumuru</i> Mart.	Murumuru		X
	Astrocaryum	<i>Astrocaryum tucuma</i> Mart.	Tucumã	X	X
	Attalea	<i>Attalea phalerata</i> Mart. Spreng.	Urucuri	X	

	Bactris	<i>Bactris maraja</i> Mart.	Marajá	X	X
	Euterpe	<i>Euterpe precatoria</i> Mart.	Açai-da-mata	X	
	Geonoma	<i>Geonoma deversa</i> (Poit.) Kunth	Ubim	X	X
	Geonoma	<i>Geonoma maxima</i> (Poit.) Kunth	Ubim	X	X
	Iryartella	<i>Iryartella setigera</i> (Mart.) H. Wendl.	Paxiubinha	X	
	Mauritia	<i>Mauritia flexuosa</i> L. f.	Buriti		X
	Maximiliana	<i>Maximiliana martiana</i> Karsten	Inajá	X	
	Oenocarpus	<i>Oenocarpus bataua</i> Mart.	Patauá	X	
	Oenocarpus	<i>Oenocarpus minor</i> Mart.	Bacabinha	X	
	Phytelephas	<i>Phytelephas</i> sp. 1	Jarina		X
	Socratea	<i>Socratea exorniza</i> (Mart.) H. Wendl.	Paxiuba	X	
	Socratea	<i>Socratea</i> sp. 1	Paxiuba-barriguda	X	
	Socratea	<i>Socratea</i> sp. 2	Paxiubão	X	
Burseraceae	Crepidospermum	<i>Crepidospermum rhoifolium</i> (Benth.) Triana & Planch.	Breu-branco	X	
	Eschweilera	<i>Eschweilera atropetiolata</i> S.A.Mori	Castanha	X	
Família	Gênero	Nome Científico	Nome vulgar	Terra Firme	Várzea
Burseraceae	Protium	<i>Protium amazonicum</i> (Cuatrec.) Daly	Breu	X	
	Protium	<i>Protium apiculatum</i> Swart	Breu-vermelho	X	
	Protium	<i>Protium giganteum</i> Engl.	Breu	X	
	Protium	<i>Protium hebetatum</i> Daly	Breu-vermelho	X	
	Protium	<i>Protium heptaphyllum</i> (Aubl.) March	Breu-branco	X	
	Protium	<i>Protium nitidifolium</i> Cuatrec.	Breu	X	
	Protium	<i>Protium spruceanum</i> (Benth.) Engl.	Breu-branco-verdadeiro	X	
	Protium	<i>Protium strumosum</i> Daly	Breu-vermelho	X	
	Tetragastris	<i>Tetragastris panamensis</i> (Engl.) Kuntze	Breu-preto	X	
	Trattinnickia	<i>Trattinnickia burserifolia</i> Mart.	Breu-branco	X	
	Trattinnickia	<i>Trattinnickia rhoifolia</i> Willd.	-	X	
Chrysobalanaceae	Licania	<i>Licania apetala</i> (E. Mey.) Fritsch	-	X	
	Licania	<i>Licania guianensis</i> (Aubl.) Griseb.	-	X	
	Licania	<i>Licania heteromorpha</i> Benth.	-	X	
	Licania	<i>Licania hypoleuca</i> Benth.	-	X	
	Licania	<i>Licania impressa</i> Prance	-	X	
	Licania	<i>Licania oblongifolia</i> Standl.	-	X	
Euphorbiaceae	Hevea	<i>Hevea brasiliensis</i> (Willd. ex A. Juss.) Müll. Arg.	Seringa-verdadeira	X	X
	Hevea	<i>Hevea guianensis</i> Aubl.	Seringa-verdadeira	X	X
	Hevea	<i>Hevea spruceana</i> (Benth.) Müll. Arg.	Seringueira	X	X
	Sapium	<i>Sapium glandulatum</i> Pax.	-	X	X
Fabaceae	Copaifera	<i>Copaifera guyanensis</i> Desf.	Copaiba		X
	Copaifera	<i>Copaifera officinalis</i> (Jacq.) L.	Copaiba	X	
Heliconiaceae	Heliconia	<i>Heliconia acuminata</i> Rich.	Heliconia	X	
	Heliconia	<i>Heliconia chartaceae</i> Lane ex Barreiros	Heliconia	X	X
	Heliconia	<i>Heliconia psittacorum</i> L.f.	Heliconia	X	X
Lauraceae	Aniba	<i>Aniba guianensis</i> Aubl.	Louro-rosa	X	
Malvaceae	Theobroma	<i>Theobroma cacao</i> L.	Cacao-verdadeiro	X	X
	Quararibea	<i>Quararibea cordata</i> (Bonpl.) Vischer	-	X	X

Marantaceae	Ischnosiphon	<i>Ischnosiphon</i> sp. 1	Arumã	X	X
	Calathea	<i>Calathea</i> sp. 1	-	X	
Meliaceae	Carapa	<i>Carapa guianensis</i> Aubl.	Andiroba	X	
Musaceae	Phenakospermum	<i>Phenakospermum</i> sp.	Bananeira-brava	X	
Myrtaceae	Myrcia	<i>Myrcia</i> sp. 1	Mircia		X
Sapindaceae	Matayba	<i>Matayba opaca</i> Radlk.	Mataiba	X	

NOTA: De todas as espécies listadas nesta tabela, foram coletadas amostras botânicas para confirmação e identificação. As amostras foram depositadas nas coleções Botânicas do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia, e quando de interesse da instituição, devido às condições do material herborizado, depositadas no Herbário. Desse modo, as amostras de espécies da família Araceae foram depositadas junto ao Laboratório de estudos de Monocotiledôneas sob coordenação da especialista Dra. M.L. Soares, para aprofundamento dos estudos de distribuição dessas espécies.

Anexo 15. Espécies de produtos florestais não madeireiros inventariadas na Reserva Extrativista do Rio Gregório.

Uso	Família	Nome Científico	Nome Vulgar	Total
PFNM	Anacardiaceae	<i>Spondias mombim</i> L.	Cajá	5
PFNM	Anacardiaceae	<i>Spondias mombim</i> L.	Cajá	1
PFNM	Araceae	<i>Alloschemone accidentalis</i> (Poeppig) Engler & K. Krause	Indeterminado	1
PFNM	Araceae	<i>Anthurium cf. eminens</i> Schott	Antúrio	1
PFNM	Araceae	<i>Anthurium cf. pentaphyllum</i> (Aubl.) G. Don	Antúrio	1
PFNM	Araceae	<i>Anthurium clavigerum</i> Poepp	Antúrio	1
PFNM	Araceae	<i>Anthurium eminens</i> Schott	Antúrio	2
PFNM	Araceae	<i>Anthurium gracile</i> (Rudge) Schott	Antúrio	1
PFNM	Araceae	<i>Anthurium</i> sp. 1	Antúrio	1
PFNM	Araceae	<i>Anthurium</i> sp. 2	Antúrio	1
PFNM	Araceae	<i>Dieffenbachia</i> sp.	Aninga	6
PFNM	Araceae	<i>Heteropsis cf. oblongata</i> (Kunth) Croat	Cipó-títica	3
PFNM	Araceae	<i>Heteropsis</i> sp. 1	Cipó-títica	1
PFNM	Araceae	<i>Monstera adansoni</i> Schott	Costea-de-adão	1
PFNM	Araceae	<i>Monstera obliqua</i> Miq.	Costea-de-adão	1
PFNM	Araceae	<i>Monstera spruceanum</i> Schott	Costea-de-adão	2
PFNM	Araceae	<i>Monstera cf. dilacerata</i> (K. Koch and Sello) K. Koch	Costea-de-adão	1
PFNM	Araceae	<i>Philodendron billietae</i> Croat	Filodendro	1
PFNM	Araceae	<i>Philodendron cf. barrosoanum</i> G.S. Bunting	Filodendro	1
PFNM	Araceae	<i>Philodendron cf. maximum</i> K. Krause	Filodendro	3
PFNM	Araceae	<i>Philodendron elaphoglossoide</i> Schott	Filodendro	2
PFNM	Araceae	<i>Philodendron hopkinsianum</i> M.L. Soares	Filodendro	2
PFNM	Araceae	<i>Philodendron hylae</i> Bunting.	Filodendro	1
PFNM	Araceae	<i>Philodendron maximum</i> K. Krause	Filodendro	1
PFNM	Araceae	<i>Philodendron pedatum</i> (Hook.) Kunth	Filodendro	2
PFNM	Araceae	<i>Philodendron pulchrum</i> G.M. Barroso	Filodendro	1
PFNM	Araceae	<i>Philodendron rudgeanum</i> Schott	Filodendro	1
PFNM	Araceae	<i>Philodendron</i> sp 1. (NOVA)	Filodendro	3
PFNM	Araceae	<i>Philodendron</i> sp. 2	Filodendro	1
PFNM	Araceae	<i>Philodendron</i> sp. 3	Filodendro	1
PFNM	Araceae	<i>Philodendron</i> sp. 4	Filodendro	1
PFNM	Araceae	<i>Philodendron</i> sp. 5 (NOVA)	Filodendro	2
PFNM	Araceae	<i>Philodendron</i> sp. 6	Filodendro	1

PFNM	Araceae	<i>Philodendron</i> subg. <i>Pteromischum</i> (Schott) Mayo	Filodendro	1
PFNM	Araceae	<i>Philodendron surinamense</i> (Schott) Engl.	Filodendro	2
PFNM	Araceae	<i>Philodendron toshibai</i> M.L. Soares	Filodendro	2
PFNM	Araceae	<i>Philodendron venezuelense</i> G.S. Bunting	Filodendro	1
PFNM	Araceae	<i>Rhodospatha oblongata</i> Poepp.	Rodospata	1
PFNM	Araceae	<i>Rhodospatha</i> sp. 1	Rodospata	1
PFNM	Araceae	<i>Singonium</i> sp. 1	Singonio	1
PFNM	Araceae	<i>Stenospermatum multiovulatum</i> (Engl.) N. E.	Indeterminado	2
PFNM	Arecaceae	<i>Astrocaryum murumuru</i> Mart.	Murumuru	88
PFNM	Arecaceae	<i>Astrocaryum murumuru</i> Mart.	Murumuru	7
PFNM	Arecaceae	<i>Astrocaryum tucuma</i> Mart.	Tucumã	4
PFNM	Arecaceae	<i>Attalea phalerata</i> Mart. Spreng.	Urucuri	27
PFNM	Arecaceae	<i>Attalea phalerata</i> Mart. Spreng.	Urucuri	5
PFNM	Arecaceae	<i>Bactris maraja</i> Mart.	Marajá	8
PFNM	Arecaceae	<i>Euterpe precatoria</i> L.	Açaí-da-mata	4
PFNM	Arecaceae	<i>Euterpe precatoria</i> Mart.	Açaí-da-mata	83
PFNM	Arecaceae	<i>Euterpe precatoria</i> Mart.	Açaí-da-mata	3
PFNM	Arecaceae	<i>Geonoma deversa</i> (Poit.) Kunth	Ubim	4
PFNM	Arecaceae	<i>Geonoma maxima</i> (Poit.) Kunth	Ubim	1
PFNM	Arecaceae	<i>Iryartella setigera</i> (Mart.) H. Wendl.	Paxiubinha	46
PFNM	Arecaceae	<i>Mauritia flexuosa</i> L. f.	Buriti	6
PFNM	Arecaceae	<i>Maximiliana martiana</i> Karsten	Inajá	6
PFNM	Arecaceae	<i>Oenocarpus bataua</i> Mart.	Patauá	17
PFNM	Arecaceae	<i>Oenocarpus minor</i> Mart.	Bacabinha	2
PFNM	Arecaceae	<i>Oenocarpus minor</i> Mart.	Bacabinha	13
PFNM	Arecaceae	<i>Phytelephas</i> sp.1	Jarina	2
PFNM	Arecaceae	<i>Socratea exorrhiza</i> (Mart.) H. Wendl.	Paxiuba	16
PFNM	Arecaceae	<i>Socratea exorrhiza</i> (Mart.) H. Wendl.	Paxiuba	4
PFNM	Arecaceae	<i>Socratea</i> sp. 1	Paxiuba-barriguda	3
PFNM	Arecaceae	<i>Socratea</i> sp. 2	Paxiubão	37
PFNM	Burseraceae	<i>Crepidospermum rhoifolium</i> (Benth.) Triana & Planch.	Breu-branco	6
PFNM	Burseraceae	<i>Protium amazonicum</i> (Cuatrec.) Daly	Breu	1
PFNM	Burseraceae	<i>Protium apiculatum</i> Swart	Breu-vermelho	7
PFNM	Burseraceae	<i>Protium giganteum</i> Engl.	Breu	4
PFNM	Burseraceae	<i>Protium hebetatum</i> Daly	Breu-vermelho	5

PFNM	Burseraceae	<i>Protium heptaphyllum</i> (Aubl.) March	Breu-branco	2
PFNM	Burseraceae	<i>Protium nitidifolium</i> Cuatrec.	Breu	1
PFNM	Burseraceae	<i>Protium spruceanum</i> (Benth.) Engl.	Breu-branco-verdadeiro	2
PFNM	Burseraceae	<i>Protium spruceanum</i> (Benth.) Engl.	Breu-branco-verdadeiro	1
PFNM	Burseraceae	<i>Protium strumosum</i> Daly	Breu-branco	8
PFNM	Burseraceae	<i>Tetragastris panamensis</i> (Engl.) Kuntze	Breu-preto	2
PFNM	Burseraceae	<i>Trattinnickia burserifolia</i> Mart.	Breu-branco	1
PFNM	Burseraceae	<i>Trattinnickia rhoifolia</i> Willd.	Breu-vermelho	2
Medicinal	Chrysobalanaceae	<i>Licania apetalata</i> (E. Mey.) Fritsch	Caraiperana	3
Medicinal	Chrysobalanaceae	<i>Licania guianensis</i> (Aubl.) Griseb.	Caraipé	1
Medicinal	Chrysobalanaceae	<i>Licania heteromorpha</i> Benth.	Pajurazinho	23
Medicinal	Chrysobalanaceae	<i>Licania hypoleuca</i> Benth.	Caraipé	27
Medicinal	Chrysobalanaceae	<i>Licania impressa</i> Prance	Indeterminado	1
Medicinal	Chrysobalanaceae	<i>Licania oblongifolia</i> Standl.	Macucu-chiador	10
PFNM	Euphorbiaceae	<i>Hevea brasiliensis</i> (Willd. ex A. Juss.) Müll. Arg.	Seringa-verdadeira	6
PFNM	Euphorbiaceae	<i>Hevea guianensis</i> Aubl.	Seringa-itauba	11
PFNM	Euphorbiaceae	<i>Hevea spruceana</i> (Benth.) Müll. Arg.	Seringa-itauba	1
PFNM	Euphorbiaceae	<i>Hevea spruceana</i> (Benth.) Müll. Arg.	Seringa-itauba	3
Medicinal	Euphorbiaceae	<i>Sapium glandulatum</i> Pax.	Leitero	52
PFNM	Fabaceae	<i>Copaifera guyanensis</i> Desf.	Copaíba	1
PFNM	Fabaceae	<i>Copaifera officinalis</i> (Jacq.) L.	Copaíba	2
PFNM	Heliconiaceae	<i>Heliconia acuminata</i> Rich.	Helicônia	1
PFNM	Heliconiaceae	<i>Heliconia chartaceae</i> Lane ex Barreiros	Helicônia	17
PFNM	Heliconiaceae	<i>Heliconia psittacorum</i> L.f.	Helicônia	2
PFNM	Malvaceae	<i>Quararibea cordata</i> (Bonpl.) Vischer	Sapota	5
PFNM	Malvaceae	<i>Theobroma cacao</i> L.	Cacao-verdadeiro	5
PFNM	Marantaceae	<i>Ischnosiphon</i> sp.	Arumã	87
PFNM	Marantaceae	<i>Calathea</i> sp.	Indeterminado	12
PFNM	Meliaceae	<i>Carapa guianensis</i> Aubl.	Andiroba	8
PFNM	Meliaceae	<i>Carapa guianensis</i> Aubl.	Andiroba	1
PFNM	Meliaceae	<i>Carapa guianensis</i> Aubl.	Andiroba	3
PFNM	Myrtaceae	<i>Myrcia</i> sp.	Araçá	1
PFNM	Sapindaceae	<i>Matayba opaca</i> Radlk.	Breu-de-tucano	5

PFNM	Sapindaceae	<i>Matayba opaca</i> Radlk.	Breu-de-tucano	1
Total				783

NOTA: De todas as espécies listadas no anexo acima foram coletadas amostras botânicas para confirmação e identificação. As amostras foram depositadas nas coleções Botânicas do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia, e quando de interesse da instituição, devido às condições do material herborizado, depositadas no Herbário. Desse modo, as amostras de espécies da família Araceae foram depositadas junto ao Laboratório de estudos de Monocotiledôneas sob coordenação da especialista Dra. M.L. Soares, para aprofundamento dos estudos de distribuição dessas espécies.

Anexo 16. Listas de espécies madeireiras inventariadas na Resex do Rio Gregório em 2009.

Nome vulgar	Nome científico	Família	Uso madeireiro
abiurana	<i>Chrysophyllum</i> sp.	Sapotaceae	
abiurana abiu	<i>Pouteria guianensis</i>	Sapotaceae	X
abiurana bacuri	<i>Ecclinusa guianensis</i>	Sapotaceae	
abiurana branca	<i>Micropholis venulosa</i> (Mart. & Eichler) Pierre	Sapotaceae	
abiurana casca fina	<i>Pouteria durlandii</i> (Standl.) Baehni	Sapotaceae	
abiurana roxa	<i>Pouteria peruwensis</i> (Aubrév.) Bernardi	Sapotaceae	
abiurana vermelha	<i>Pouteria freitasii</i> T.D.Penn.	Sapotaceae	
açai	<i>Euterpe precatória</i> Mart.	Arecaceae	
acapu	<i>Campsiandra angustifolia</i>	Caesalpinaceae	
acariquara roxa	<i>Minquartia guianensis</i> Aubl.	Olacaceae	
achicha	<i>Sterculia</i> sp.	Sterculiaceae	
amapa roxo	<i>Brosimum utile</i> (Kunth) Pittier	Moraceae	
andiroba	<i>Carapa guianensis</i> Aubl.	Meliaceae	X
angelim	<i>Hymenolobium</i> sp.	Fabaceae	X
arraieira	<i>Conceveiba martiana</i>	Euphorbiaceae	
bacaba	<i>Oenocarpus bacaba</i> Mart.	Arecaceae	
bacuri bravo	<i>Platonia insignis</i>	Arecaceae	
branquinha	<i>Rinorea racemosa</i> (Mart.) Kuntze	Violaceae	
breu	<i>Protium</i> sp.	Burseraceae	
breu branco	<i>Protium divaricatum</i> Engl.	Burseraceae	

breu de leite	<i>Protium paniculatum</i> Engl.	Burseraceae	
breu preto	<i>Protium hebetatum</i>	Burseraceae	
breu vermelho	<i>Protium apiculatum</i> Swart	Burseraceae	
buchuchu canela de velho	<i>Miconia lepidota</i> Schrank & Mart. ex DC.	Melastomataceae	
cacauí	<i>Theobroma sylvestre</i> Mart.	Sterculiaceae	
café bravo	<i>Pagamea macrophylla</i>	Rubiaceae	
cajui	<i>Anacardium</i> sp.	Anacardiaceae	
capitiu	<i>Siparuna decipiens</i> (Tul.) A.DC.	Siparunaceae	
caraipe	<i>Couepia bracteosa</i> Benth.	Chrysobalanaceae	
caraiperana	<i>Couepia</i> sp.	Chrysobalanaceae	
carapanauba	<i>Aspidosperma nitidum</i> Benth. ex Müll.Arg.	Apocynaceae	
cardeiro	<i>Scleronema micranthum</i> Ducke	Bombacaceae	X
caroba	<i>Jacaranda copaia</i> (Aubl.) D.Don	Bignoniaceae	
castanha de cutia	<i>Caesaria</i> sp.	Flacourtiaceae	
castanha de macaco	<i>Cariniana micrantha</i> Ducke	Lecythidaceae	
castanha jarana	<i>Lecythis</i> sp.	Lecythidaceae	
castanha sapucaia	<i>Lecythis pisonis</i> Cambess.	Lecythidaceae	
castanha vermelha	<i>Eschweilera atropetiolata</i> S.A.Mori	Lecythidaceae	
cedrorana	<i>Cedrelinga catenaeformis</i> (Ducke) Ducke	Meliaceae	X
copaiba	<i>Copaifera multijuga</i>	Caesalpiniaceae	
copaibarana	<i>Macrolobium microcalyx</i>	Caesalpiniaceae	
cumarú	<i>Dipteryx punctata</i> (Blake) Amshoff	Fabaceae	X
cumarú amarelo	<i>Platymiscium</i> sp.	Fabaceae	
cumarú cetim	<i>Dipteryx</i> sp.	Fabaceae	
cumarurana	<i>Platymiscium duckei</i> Huber	Fabaceae	X
cupui	<i>Theobroma subincanum</i> Mart.	Sterculiaceae	
embauba bengue	<i>Pourouma villosa</i> Trécul.	Cecropiaceae	

embaubarana	<i>Cecropia</i> sp.	Cecropiaceae	
envira amarela	<i>Duguetia pycnastera</i> Sandwith	Annonaceae	
envira chorona	<i>Duguetia</i> sp.	Annonaceae	
envira fofa	<i>Diclinona calycina</i> Benoist	Annonaceae	
envira folha fina	<i>Unonopsis duckei</i>	Annonaceae	
envira preta	<i>Anaxagorea brevipes</i> Benth.	Annonaceae	
envira surucucu	<i>Bocageopsis multiflora</i> (Mart.) R.E.Fr.	Annonaceae	
envira vermelha	<i>Xylopia amazonica</i>	Annonaceae	
fava	<i>Macrolobium</i> sp.	Caesalpinaceae	
fava amarela	<i>Abarema jupunba</i> var. <i>jupunba</i>	Mimosaceae	
fava arara tucupi	<i>Dimorphandra decusata</i>	Mimosaceae	
fava bengue	<i>Parkia nitida</i>	Mimosaceae	
fava branca	<i>Parkia multijuga</i> Benth.	Mimosaceae	
fava vermelha	<i>Elizabethe speciosa</i>	Caesalpinaceae	
gito branco	<i>Trichilia micropetala</i> T.D.Penn.	Meliaceae	X
gito vermelho	<i>Guarea pubescens</i> (Rich.) A.Juss. ssp. <i>pubescens</i>	Meliaceae	X
guariuba	<i>Clarisia racemosa</i> Ruiz & Pav.	Moraceae	X
inaja	<i>Attalea maripa</i>	Arecaceae	
inga	<i>Inga</i> sp.	Mimosaceae	
inga branca	<i>Inga alba</i> (Sw.) Willd.	Mimosaceae	
inga chichica	<i>Inga panurensis</i> Spruce ex Benth.	Mimosaceae	
inga ferro	<i>Inga gracilifolia</i> Ducke	Mimosaceae	
inga peluda	<i>Inga melinonis</i> Sagot.	Mimosaceae	
inga vermelha	<i>Inga laurina</i> Willd.	Mimosaceae	
ingarana	<i>Macrolobium limbatum</i>	Caesalpinaceae	
inhare	<i>Brosimum guianense</i> (Aubl.) Huber	Moraceae	
itaubarana	<i>Heisteria</i> sp.	Olacaceae	X

jacareuba	<i>Calophyllum brasiliense</i> Camb.	Clusiaceae	X
jarai	<i>Slycoxylon pedicellatum</i>	Sapotaceae	
jatoba	<i>Hymenaea courbaril</i> L.	Caesalpinaceae	X
joao mole	<i>Neea floribunda</i> Poepp. & Endl.	Nyctaginaceae	

Nome vulgar	Nome científico	Família	Uso madeireiro
lacre	<i>Vismia guianensis</i> (Aubl.) Choisy	Clusiaceae	
leiteira	<i>Lacmellea gracilis</i> (Müll.Arg.) Markgr.	Apocynaceae	
louro	<i>Aiouea</i> sp.	Lauraceae	X
louro amarelo	<i>Aniba riparia</i> (Nees) Mez	Lauraceae	X
louro branco	<i>Aiouea cf. grandifolia</i> van der Werff	Lauraceae	X
louro chumbo	<i>Aniba ferrea</i> Kubitzki	Lauraceae	X
louro gamela	<i>Sextonia rubra</i> (Mez) van der Werff.	Lauraceae	X
louro nhamui	<i>Ocotea cymbarum</i> H.B.K.	Lauraceae	X
louro preto	<i>Licaria martiniana</i> (Mez) Kosterm	Lauraceae	X
louro rosa	<i>Aniba parviflora</i> (Meissn.) Mez	Lauraceae	X
louro vermelho	<i>Ocotea guianensis</i>	Lauraceae	X
macucu chiador	<i>Chrysobalanus venezuelanus</i> Prance	Chrysobalanaceae	X
mamaozinho	<i>Mouriri</i> sp.	Memecylaceae	
marupa	<i>Simarouba amara</i> Aubl.	Simaroubaceae	X
matamata amarelo	<i>Eschweilera wachenheimii</i> (Benoist) Sandwith	Lecythydaceae	
mauba	<i>Erismia</i> sp.	Vochysiaceae	X
mucurao	<i>Gustavia hexapetala</i> (Aubl.) Sm.	Lecythydaceae	
muirajiboia	<i>Swartzia</i> sp.	Fabaceae	
muirajiboia amarela	<i>Bocoa viridiflora</i> (Ducke) R.S.Cowan	Fabaceae	
muirajiboia preta	<i>Chamaecrista negrensis</i> (H.S.Irwin) H.S.Irwin & Barneby	Caesalpinaceae	
muirapiranga	<i>Eperua</i> sp.	Caesalpinaceae	

muiratinga	<i>Naucleopsis caloneura</i> (Huber) Ducke	Moraceae
munguba	<i>Rhodognaphalopsis duckei</i> A.Robyns	Bombacaceae
murumuru	<i>Astrocaryum murumuru</i> Mart.	Areceaceae
murure	<i>Brosimum obovata</i> L.	Moraceae

Nome vulgar	Nome científico	Família	Uso madeireiro
mututi	<i>Pterocarpus santalinoides</i>	Fabaceae	
pajura	<i>Couepia guianensis</i> Aubl. ssp <i>guianensis</i> (Miq.) Prance	Chrysobalanaceae	
pajurazinho	<i>Couepia canomensis</i> (Mart.) Benth. ex Hook.f.	Chrysobalanaceae	
pama	<i>Brosimum</i> sp.	Moraceae	
parica	<i>Schizolobium amazonicum</i> (Huber) Ducke	Caesalpiniaceae	
pau darco	<i>Tabebuia serratifolia</i> (Vahl) Nichols	Bignoniaceae	X
pau marfim	<i>Aspidosperma desmanthum</i> Benth. ex Müll.Arg.	Apocynaceae	X
pau pombo	<i>Tapirira guianensis</i> Aubl.	Anacardiaceae	
pau rainha	<i>Brosimum lactescens</i> (S.Morre) C.C.Berg.	Moraceae	X
periquiteira amarela	<i>Laetia procera</i> (Poepp.) Eichler	Flacourtiaceae	
piquia	<i>Caryocar villosum</i>	Caryocaraceae	
piquiarana	<i>Caryocar glabrum</i> (Aubl.) Pers. ssp <i>glabrum</i>	Caryocaraceae	
pitomba da mata	<i>Cupania</i> sp.	Sapindaceae	
purui	<i>Chimarrhis barbata</i> (Ducke) Bremek.	Rubiaceae	
quaruba branca	<i>Erismia bicolor</i> Ducke	Vochysiaceae	
ripeiro preto	<i>Eschweilera</i> sp.	Lecythidaceae	
ripeiro amarelo	<i>Eschweilera rankini</i> S.A.Mori	Lecythidaceae	
ripeiro branco	<i>Eschweilera carinata</i> S.A.Mori	Lecythidaceae	
ripeiro vermelho	<i>Eschweilera tessmannii</i> R.Kunth	Lecythidaceae	
rosadinha	<i>Micropholis</i> sp.	Sapotaceae	
sapateiro	<i>Tovomita caloneura</i> A.C.Sm.	Clusiaceae	

seringa verdadeira	<i>Hevea guianensis</i>	Euphorbiaceae	
seringarana	<i>Anomalocalyx uleanus</i> (Pax & K.Hoffm.) Ducke	Euphorbiaceae	
Nome vulgar	Nome científico	Família	Uso madeireiro
sorva da mata	<i>Couma macrocarpa</i> Barb.Rodr.	Apocynaceae	
sucubinha	<i>Himatanthus bracteatus</i> (A.DC.) Woodson	Apocynaceae	
sucupira amarela	<i>Vatairea paraensis</i> Ducke	Fabaceae	X
sucupira chorona	<i>Andira unifoliolata</i> Ducke	Fabaceae	
sucupira preta	<i>Andira parviflora</i> Ducke	Fabaceae	
sucupira vermelha	<i>Hymenolobium heterocarpum</i> Ducke	Fabaceae	X
supiarana	<i>Conceveiba</i> sp.	Euphorbiaceae	
tachi preto	<i>Tachigali myrmecophila</i> (Ducke) Ducke	Caesalpiniaceae	
tachi vermelho	<i>Tachigali chrysophylla</i> (Poepp.) Zarucchi & Herend.	Caesalpiniaceae	
tanimbuca	<i>Buchenavia macrophylla</i> Eichler	Combretaceae	
taquari	<i>Mabea piri</i> Aubl.	Euphorbiaceae	
taruma	<i>Vitex sprucei</i> Briq.	Verbenaceae	X
tauari	<i>Couratari stellata</i> A.C.Sm.	Lecythidaceae	X
tauari branco	<i>Cariniana decandra</i> Ducke	Lecythidaceae	X
tauari vermelho	<i>Couratari</i> sp.	Lecythidaceae	X
tucuma	<i>Astrocaryum aculeatum</i>	Arecaceae	
ucuuba	<i>Osteophloeum platyspermum</i> (Spruce ex A.DC.) Warb.	Myrysticaceae	
ucuuba branca	<i>Viola pavonis</i> (A.DC.) A.C.Sm.	Myrysticaceae	
ucuuba preta	<i>Iryanthera sagotiana</i>	Myrysticaceae	
ucuuba puna	<i>Iryanthera elliptica</i>	Myrysticaceae	X
ucuuba vermelha	<i>Iryanthera macrophylla</i>	Myrysticaceae	
urucurana	<i>Sloanea floribunda</i>	Elaeocarpaceae	
urucurana cacau	<i>Lueheopsis rosea</i>	Tiliaceae	
j lgi Yfc	Df UdYbX U	A ja cgWUY	